

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Bibiana de Moraes Dias

**O ARCAICO É ATUAL: O PAPEL DAS MÍDIAS NA DINAMIZAÇÃO DO
IMAGINÁRIO SOBRE A DANÇA EM AMBIENTES VIRTUAIS**

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Bibiana de Moraes Dias

**O ARCAICO É ATUAL: O PAPEL DAS MÍDIAS NA DINAMIZAÇÃO DO
IMAGINÁRIO SOBRE A DANÇA EM AMBIENTES VIRTUAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS) como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Taís Martins

PORTO ALEGRE

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Dias, Bibiana de Moraes

O arcaico é atual: O papel das mídias na
dinamização do imaginário sobre a dança em ambientes
virtuais / Bibiana de Moraes Dias. -- 2022.

193 f.

Orientadora: Ana Taís Martins.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação
e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. imaginário. 2. comunicação. 3. dança. 4. mídias.
5. sagrado. I. Martins, Ana Taís, orient. II. Título.

Bibiana de Moraes Dias

**O ARCAICO É ATUAL: O PAPEL DAS MÍDIAS NA DINAMIZAÇÃO DO
IMAGINÁRIO SOBRE A DANÇA EM AMBIENTES VIRTUAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS) como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Ana Taís Martins (PPGCOM/UFRGS) - Presidente/Orientadora

Prof^o Dr^o Cláudio Baptista Carle (PPGANT/UFPEL) - Examinador

Prof^o Dr^o Francisco dos Santos (UNIRITTER) - Examinador

Prof^o Dr^o Jorge Miklos (PPGCOM/UNIP) – Examinador

Prof^o Dr^o Fabrício Silveira (PPGCOM/UFRGS) - Suplente

AGRADECIMENTOS

A escrita deste trabalho, ao longo de dois anos marcados pela pandemia de COVID-19, só foi possível graças ao apoio de pessoas e instituições que estiveram ao meu lado durante o processo.

Começo agradecendo à minha família, especialmente aos meus pais, pois sem eles e o apoio incondicional fornecido desde sempre, não teria sido possível nem o início deste sonho. Agradeço aos amigos que sempre estiveram aqui e aos que chegaram ao longo desta caminhada, deram apoio e amparo emocional e foram o ouvido amigo mesmo quando eu falava de questões muito distantes de sua área de atuação.

À orientadora deste trabalho, Prof^a Dr^a Ana Taís Martins, pelos conselhos precisos, escuta amorosa e acolhimento grandioso ao longo destes dois anos. A todos os colegas do Imaginalis, em especial a Rayane Lacerda e Anelise de Carli, que ouviram meus anseios de pesquisa, compartilharam conhecimentos e forneceram grande apoio.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela formação exemplar que me foi oportunizada, de forma gratuita e impecável. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio concedido através da bolsa de mestrado, que me oportunizou dedicação exclusiva a esta pesquisa. Ao Grupo Imaginalis, pela honra de poder fazer parte do que um dia foi um sonho. À Associação de Pesquisas e Práticas em Humanidades (APPH) pelas incontáveis oportunidades de reflexão, aprendizado e debate que me abriram novos horizontes ao longo da pesquisa.

No jogo rigidamente regulamentado, do qual ele desenvolve forças mágicas, na livre manifestação de sentimentos, pendulando entre êxtase, movimento e calma, entre visão e meditação, o homem que dança, liberto pela vontade, sente o hálito da respiração universal (WOSIEN, 2000, p. 26).

RESUMO

Esta dissertação tem por problema geral a dinamização do imaginário manifesto nas experiências de dança em ambientes virtuais midiáticos. Partindo da heurística da Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand, estuda o simbolismo da relação entre os indivíduos e a dança em ambientes virtuais, especificamente no contexto pandêmico gerado pelo novo coronavírus. Para isso, realiza entrevistas em profundidade com sujeitos que tiveram experiências de dança através de diferentes mídias durante o isolamento social motivado pela pandemia que assolou o mundo a partir de março de 2020. Os relatos dos sujeitos de pesquisa são interpretados através do método mitocrítico durandiano, que mapeia as metáforas obsessivas que surgem nas falas e infere resultados a partir delas. Conclui que: (a) as imagens da água e do ritmo são dominantes entre os indivíduos que dançam; (b) mesmo na atualidade, o sagrado enquanto simbólico está intimamente ligado à dança.

Palavras-chave: imaginário; comunicação; dança; mídias; sagrado.

ABSTRACT

This dissertation has as a general problem the dynamization of the imaginary manifested in dance experiences in virtual media environments. Starting from the heuristics of Gilbert Durand's General Theory of the Imaginary, it studies the symbolism of the relationship between individuals and dance in virtual environments, specifically in the pandemic context generated by the new coronavirus. For this, it conducts in-depth interviews with subjects who had dance experiences through different media during the social isolation caused by the pandemic that swept the world from March 2020. The research subjects' reports are interpreted through the Durandian mythocritical method, that maps the obsessive metaphors that appear in the speeches and infers results from them. It concludes that: (a) images of water and rhythm are dominant among individuals who dance; (b) even today, the sacred as symbolic is closely linked to dance.

Keywords: imaginary; communication; dance; media; sacred.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	<u>11</u>
1.1 Apresentação e delimitação do tema	<u>11</u>
1.2 Problema de pesquisa	<u>13</u>
1.3 Objetivo geral	<u>13</u>
1.4 Objetivos específicos.....	<u>13</u>
1.5 Metodologia e corpus	<u>14</u>
1.5.1 Coleta de dados.....	<u>15</u>
1.5.2 Metodologia de análise.....	<u>17</u>
1.6 Estado da arte/justificativa	<u>18</u>
1.6.1 Dança X Sagrado.....	<u>19</u>
1.6.2 Dança X Imaginário.....	<u>20</u>
1.6.3 Sagrado X Comunicação	<u>20</u>
1.6.4 Considerações gerais.....	<u>21</u>
2 QUEM DANÇA O MUNDO DESENCANTADO?.....	<u>23</u>
2.1 Mundo desencantado? Para onde foram os símbolos?.....	<u>24</u>
2.2 Cibercultura? Novas mídias? A presença da internet como fator possível	<u>31</u>
2.3 Pandemia, ficar em casa e a relação com as mídias	<u>38</u>
3 A DANÇA É SAGRADA POIS FAZ PARTE DO SER HUMANO.....	<u>41</u>
3.1 Vida intensificada	<u>41</u>
3.2 Imaginário e sagrado.....	<u>51</u>
4 A ÁGUA.....	<u>58</u>
4.1 Reflexo e contemplação	<u>59</u>
4.2 Água maternal.....	<u>64</u>
5 O RITMO	<u>66</u>
6 O SAGRADO ENQUANTO EXPERIÊNCIA.....	<u>70</u>
6.1 A experiência hierofânica.....	<u>71</u>
6.2 Os regimes da imagem.....	<u>75</u>
7 AS MÍDIAS COMO SUPORTE À DANÇA.....	<u>79</u>
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	<u>88</u>
REFERÊNCIAS.....	<u>90</u>
APÊNDICE A – PERGUNTAS PRESENTES NO FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA	<u>93</u>
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	<u>99</u>
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	<u>101</u>
APÊNDICE D – Código de Cores.....	<u>102</u>

APÊNDICE E – Transcrição da Entrevista 01	<u>103</u>
APÊNDICE F – Transcrição da Entrevista 02	<u>112</u>
APÊNDICE G – Transcrição de Entrevista 03	<u>121</u>
APÊNDICE H – Transcrição de Entrevista 04	<u>133</u>
APÊNDICE I – Transcrição de Entrevista 05	<u>141</u>
APÊNDICE J – Transcrição de Entrevista 06.....	<u>145</u>
APÊNDICE K – Transcrição de Entrevista 07	<u>154</u>
APÊNDICE L – Transcrição de Entrevista 08	<u>158</u>
APÊNDICE M – Transcrição de Entrevista 09.....	<u>164</u>
APÊNDICE N – Transcrição de Entrevista 10	<u>173</u>
APÊNDICE O – Transcrição de Entrevista 11	<u>181</u>
APÊNDICE P – Transcrição de Entrevista 12	<u>188</u>

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação e delimitação do tema

Falar sobre dança, comunicação, sagrado e imaginário, é falar também sobre o ser humano enquanto espécie. É trazer à tona não apenas questões culturais como também psicológicas, aportando então, em um viés que Gilbert Durand (2012) irá chamar de antropológico. Ao desenvolver uma pesquisa, seja ela no âmbito que for, não apenas damos a ela nossas perspectivas e a conduzimos a partir do lugar em que estamos inseridos (afinal, até que ponto, pode o pesquisador “estar presente” na pesquisa?) como também somos profundamente impactados por ela. Trata-se de uma via de mão dupla, onde pesquisa e pesquisador entrelaçam-se e se constroem conjuntamente.

Trabalhar sob a heurística da Teoria Geral do Imaginário é aceitar e valorizar o processo iniciático que a pesquisa de modo geral e nossas temáticas de pesquisa, específica e principalmente, nos exigem. Pois, conforme elucidam Barros e Contrera (2018, p. 26):

Operar com noções e metáforas no lugar de conceitos pode ser libertador, mas também pode ser estratégia de neutralização de ideias que incomodam. Acertar a dose e a situação adequada ao uso da metáfora é tarefa difícil e, se mal utilizada, pode resvalar no contrário do que se desejava, como, por exemplo, em certa neutralização do incômodo que o imaginário pode e deve causar. Assumido como um conceito complexo, que se coloca ontologicamente, o imaginário traz consequências desestabilizadoras para nossa visão da ciência. Como metáfora, no entanto, no ambiente das ideias, o imaginário pode deixar de lado tudo o que incomoda e assumir a parcela inofensiva de sua definição, aquela que de quebra ainda dará poesia ao discurso, permitindo que a pesquisa tenha a dose certa de rebeldia para ser vista como politicamente correta.

Conforme as autoras explicitam, há uma linha que pode tornar-se tênue quando nos propomos à abertura das fronteiras de pesquisa e ao pensamento científico, e por isso a atenção à metodologia deve ser redobrada. Não pretendemos abandonar o rigor científico ao valorizarmos a experiência iniciática com nosso tema de pesquisa; ao contrário, através dele somos capazes de nos aprofundar naquilo que estudamos, fugindo das suposições e generalizações que por vezes nos interpelam no processo de pesquisa.

A dança está presente na minha vida há tanto tempo que mensurar uma data se torna arriscado. Assim como todas as situações, não posso dizer que houve apenas momentos positivos quando falo sobre a presença da dança na minha vida, mas posso, com certeza, dizer que ela foi, e é essencial e me conduziu até este momento. Apesar disso, a contagem do tempo pelo qual nos dedicamos à dança não quer dizer muito. Ao dançar o tempo passa diferente, pois deixa de ser profano e se torna sagrado (ELIADE, 2008).

A relação com o sagrado é outro ponto importante à nossa pesquisa. Dança e sagrado são experiências milenares, que hoje mesmo interpeladas pelas mais diversas barreiras, seguem presentes na vivência dos indivíduos. As mídias não estão fora disso. É possível sustentar a ideia, ao estudar sobre a história da comunicação, de que as mídias surgiram com a escrita, ou com a eletricidade, ou com a internet; compreendemos que é bem verdade que muitas mídias apareceram possibilitadas com todas estas “invenções”, a tecnologia é parte importante deste trajeto, apesar disso, já outras mídias existiam há bem mais tempo.

Ousamos dizer que nosso trabalho lida com temáticas arcaicas: dança, sagrado e mídia são conceitos bem anteriores a nós e às nossas referências bibliográficas. Apesar de tudo, não há nada mais atual do que falar sobre isso: inseridos em um contexto pandêmico onde fica explícita e acordada a necessidade do isolamento social esses temas vêm à tona quando observamos os indivíduos buscando a dança, o sagrado, através das mídias digitais.

A partir deste ponto as especulações são muitas: podemos defender a ideia de que a dança e qualquer outra manifestação realizada no online se trata de uma distorção que impossibilita qualquer experiência simbólica; há, por outro lado, a possibilidade de ver, nas mídias digitais, especialmente na internet, a crença de realização completa dos indivíduos através da tecnologia. Para além disso, diversos outros posicionamentos podem surgir a partir destes, balanceando-os e os colocando em xeque.

Entendemos que qualquer das posições acima explicitadas, ao polarizarem a discussão, reduzem e limitam o fenômeno que nos dispomos a analisar, tendo em vista que, para a manifestação do simbólico não existem regras e estruturas rígidas, mas depende-se da disposição do indivíduo que a experencia (o fator psicológico, de que falamos anteriormente) e do contexto geral da sociedade em que ele se insere (o fator cultural, também abordado anteriormente). Os aspectos psicológico e cultural, como dito (DURAND, 2012), se coadunam para que seja possível observarmos os fenômenos a partir de um viés alinhado à Teoria Geral do Imaginário.

Quando falamos da manifestação do simbólico nos referimos às possíveis imagens simbólicas, assimilamos obrigatoriamente um dos grandes postulados dos Estudos do Imaginário: aquele que fala que o imaginário, o fator da imaginação, vem antes da razão e dos sentidos convocados por ela (BARROS, 2014). Por esse motivo, justamente, é que não há como afirmarmos que determinada imagem é uma imagem simbólica, pois ela apenas o é caso o sujeito esteja disposto a vivenciá-la, do contrário, será outra coisa que não mais interessa ao nosso estudo. As imagens simbólicas, de acordo com Durand (2012), advém da gestualidade

do corpo, especificamente a partir de três reflexos principais que serão especificados mais a frente: postural, rítmico e digestivo; que de acordo com Durand (2012), quando agenciados, inibem os demais reflexos do corpo, possibilitando a manifestação do simbólico. Assim é que se pode, ao observar um fenômeno e identificar nele aquelas imagens e símbolos que mais se manifestam (chamadas de metáforas obsessivas), entender o que de mais profundo está sendo manifestado pelos indivíduos em relação àquele acontecimento. As imagens simbólicas e os símbolos não podem ser manipulados e/ou forjados para que aparentem ser algo que não são, ou criar sentidos que não existem em verdade. Justamente pelo fato de o imaginário vir antes da razão é que não há como se ter esse controle.

Dessa forma, aproximando o arcaico do atual e buscando entender a expressão do simbólico nessa relação, é que realizamos a presente pesquisa.

1.2 Problema de pesquisa

Com base nas ideias expostas no tópico anterior, entendendo que as diferentes experiências impactam na relação dos indivíduos com o simbólico, chegamos ao nosso problema de pesquisa, que pergunta: “Como se dinamiza o imaginário manifesto nas experiências de dança em ambientes virtuais midiáticos?”.

1.3 Objetivo geral

Compreender a dinamização do imaginário manifesto nas experiências de dança em ambientes virtuais midiáticos.

1.4 Objetivos específicos

- Revisar a literatura sobre nossas principais temáticas de estudo
- Construir o estado da arte sobre o tema na área da Comunicação
- Elaborar a história da dança, levando em conta as margens e imbricações envolvidas no processo
- Entender e refletir sobre como se dá o uso das mídias pelos indivíduos ao longo do tempo
- Cartografar imagens simbólicas manifestas por praticantes da dança intermediada por plataformas digitais
- Cruzar os dados obtidos, buscando-se inferências possíveis sobre as particularidades e o que é manifestado pela dança através de plataformas digitais e o peso da presença das mídias nessa relação

1.5 Metodologia e corpus

Na presente pesquisa adotamos como heurística a Teoria Geral do Imaginário, que tem como seu principal autor o francês Gilbert Durand. Ao nos filiar-mos a essa escola teórica alguns pressupostos nos são importantes: entendemos, primeiramente, que o imaginário vem antes dos fenômenos sociais, de forma que é manifestado nestes fenômenos de diferentes formas, mas que não podem os indivíduos, intencionalmente, utilizarem-se dos artifícios do imaginário; compreendemos que “mito” não é sinônimo de inverdade, mas sim que os mitos permanecem vivos mesmo na atualidade, podendo estar presentes nas atividades mais corriqueiras; algumas pulsões são inerentes à espécie humana independentemente do contexto sociocultural ao qual nos referimos (DURAND, 2012).

Os pressupostos supracitados não são os únicos norteadores do trabalho com a Teoria Geral do Imaginário, mas dão conta de situar o leitor inicialmente a respeito de como esta pesquisa se orienta cientificamente. No mesmo sentido, são também indicadores da necessidade de que, para que esta pesquisa possa atingir seus objetivos de forma satisfatória, é necessário que adotemos preponderantemente métodos qualitativos.

A fim de atender o objetivo geral “Compreender o papel das mídias na dinamização do imaginário manifesto nas experiências de dança em ambientes virtuais”, desenvolvemos seis objetivos específicos principais. O primeiro objetivo específico (“Revisar a literatura sobre nossas principais temáticas de estudo”) é buscado através de leitura e exploração bibliográfica sobre história da dança, mídias e Teoria Geral do Imaginário, buscando realizar entrelaçamentos entre as três temáticas. Para atingir o segundo objetivo específico (“Construir o estado da arte sobre o tema na área da Comunicação”) realizamos uma busca direcionada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, onde analisamos os dados encontrados a fim de entender como nossa pesquisa se insere no contexto geral. Atingimos o terceiro objetivo específico (“Elaborar a história da dança, levando em conta as margens e imbricações envolvidas no processo”) não apenas através de uma revisão de literatura, mas da reflexão a respeito da temática da história da dança, e dessa forma, da construção de uma história possível, buscando aproximar a dança da mídia e da comunicação e utilizando parâmetros da ordem do pensamento arqueológico para tal. No quarto objetivo específico (“Entender e refletir sobre como se dá o uso das mídias pelos indivíduos ao longo do tempo”) realizamos uma reflexão teórico-epistemológica a respeito das diferentes mídias, a fim de situar o contexto em que nossa pesquisa se insere e a perspectiva que adotamos frente à problemática de nosso estudo.

O quinto e sexto objetivos específicos (“Cartografar imagens simbólicas manifestas por

praticantes da dança intermediada por plataformas digitais” e “Cruzar os dados obtidos, buscando-se inferências possíveis sobre as particularidades e o que é manifestado pela dança através de plataformas digitais e o peso da presença das mídias nessa relação”, respectivamente) dizem respeito ao entendimento de como os indivíduos que dançam em ambientes virtuais vivenciam essa prática. Nesse sentido, optamos pela realização de entrevistas em profundidade com 12 pessoas que tiveram contato com a dança, em ambientes virtuais, durante a pandemia. Para definição dos entrevistados, construímos um formulário de pesquisa que coletou dados de diversos indivíduos ao redor de todo o Brasil (detalhamos no ponto 1.5.1). Para realizar a análise das entrevistas e entender o que está sendo manifestado e qual o papel das mídias sociais e da internet, realizamos uma mitocrítica (a qual especificamos no ponto 1.5.2).

1.5.1 Coleta de dados

Como já posto anteriormente, nossa pesquisa tem caráter essencialmente qualitativo, no sentido de que o que nos importa para atingir os objetivos de pesquisa é compreender o que os indivíduos têm a dizer sobre o tema e sobre como o experenciam, e não necessariamente atingir um caráter de maioria ou unanimidade frente à temática proposta. Mesmo assim, para chegar aos possíveis entrevistados, foi necessário realizar uma coleta de dados quantitativos, através de questionário. As perguntas (Apêndice A) dividiram-se entre gerais, que buscavam entender o perfil socioeconômico dos respondentes e seu comportamento em relação ao acesso à internet, e específicas, abordando diretamente a dança e a relação dos respondentes com ela.

A distribuição do questionário se deu através de técnica simples de divulgação em rede social e em listas de e-mails, no intuito de criar uma rede de compartilhamentos. Nomeadamente, foi feita uma publicação na página pessoal da pesquisadora no Facebook, postagens em três grupos de universitários na mesma rede social e divulgações em dias variados na ferramenta Stories, do Instagram, também no perfil da pesquisadora; as listas de e-mails em que o formulário foi compartilhado foram a da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). O formulário ficou disponível para preenchimento e foi divulgado durante um mês (de 08 de março a 08 de abril de 2021), ele foi encerrado quando observamos as respostas tendendo à repetição, o que entendemos como uma saturação da amostra. Dessa forma, ao todo obtivemos 419 respostas ao formulário nesta primeira etapa.

Ao universo de respostas, foram aplicados os critérios abaixo a fim de definir os possíveis entrevistados na etapa seguinte:

Quadro 1 – Critérios de seleção dos possíveis entrevistados

Critério	Valor
Ter assinalado a opção “Não praticava e/ou me interessava anteriormente e continuo sem interesse”	Eliminatório
Não ter marcado nenhuma das opções nas perguntas com caixa de seleção	Eliminatório
Ser menor de 18 anos	Eliminatório
Respostas incongruentes (que se contradizem entre si)	Eliminatório
Marcação em pergunta de caixa de seleção 1, sobre “vivências”	Mais relevante
Marcação em pergunta de caixa de seleção 2, sobre “relação”	Mais relevante
Resposta na pergunta R, opcional sobre a relação com a dança	Mais relevante

Fonte: Autoria própria

A fim de obter uma margem segura para as possíveis respostas negativas que obtivéssemos ao convidar os indivíduos para a etapa da entrevista, elaboramos uma lista com 60 nomes, organizada por aqueles que mais se encaixavam no perfil pretendido (de engajamento com a dança em ambientes virtuais).

Para trabalhar com critérios que nos ajudassem e tornassem o trabalho mais fácil, ao invés de engessá-lo em suas próprias regras, buscamos criar tópicos que traduzem aquilo que esperávamos obter do entrevistado. Em suma, conforme apresentado na tabela acima, retiramos de imediato todos aqueles que nunca haviam se relacionado com a dança nem tinham interesse por ela; os menores de idade, por questões éticas; as respostas que se mostravam contraditórias, pois não é possível compreender qual o posicionamento do respondente através delas; e aqueles que não marcaram nenhuma opção nas perguntas em formato de caixa de seleção (nomeadas P e Q), pois a não marcação pode ser traduzida como pouco ou nenhum contato com a temática.

Feita a seleção dos sujeitos de pesquisa possivelmente mais próximos do tema, disparamos o e-mail aos 20 primeiros nomes da lista, convidando a participar da próxima etapa da pesquisa, concedendo uma entrevista por videoconferência, solicitando resposta dentro de uma semana. Ao receber uma resposta negativa, já se enviava o convite para o próximo da lista. Finalizado o primeiro prazo de resposta, realizamos um novo disparo de e-mails buscando chegar ao número de 20 entrevistados confirmados. O e-mail enviado aos possíveis entrevistados contava com o link para preenchimento de um novo formulário, onde o sujeito assinava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) e informava quais dias e horários tinha disponíveis para a realização da entrevista.

As entrevistas foram agendadas tão logo os indivíduos responderam positivamente ao e-mail convite, realizando-se entre os meses de maio e julho através da plataforma de

videoconferência Google Meet¹. Entendemos que para a realização de entrevistas em profundidade através de plataforma de videoconferência é necessário que todo o planejamento da entrevista seja pensado e definido pensando especificamente nesse contexto, a fim de adequar e propor métodos que façam sentido e contribuam para que a entrevista seja o mais proveitosa possível.

Para isso, definimos algumas perguntas-chave (Apêndice C) que nos guiam não como um roteiro engessado de pesquisa, mas sim como auxiliares para orientar a conversa e propor temáticas a serem desenvolvidas e comentadas pelos entrevistados. Nesse sentido, as perguntas constantes no documento supracitado não são feitas a todos os entrevistados, e novas perguntas também surgem ao longo de cada conversa; mantém-se o tema principal, mas valorizamos especialmente a narrativa de cada entrevistado e os pontos que ele ou ela ressalta e disserta mais.

Além das perguntas-chave outra estratégia também foi utilizada e auxilia na aproximação entre entrevistadora e entrevistados, que muitas vezes pode ser mais difícil de ser conquistada no meio virtual. Nos referimos à postura utilizada pela entrevistadora ao longo das entrevistas: logo no início do encontro é falado que se tem como objetivo que a entrevista seja realizada como uma conversa, que não existem respostas certas, erradas ou mais adequadas à cada questão e que o entrevistado está livre e é estimulado a trazer todas as contribuições e relatos que considera pertinentes ao assunto abordado na entrevista. Também em relação à postura adotada durante a entrevista, optamos pela utilização de linguagem coloquial, não utilização de fundos falsos (possibilidade ofertada pela plataforma) e o relato de histórias e comentários pessoais por parte da entrevistadora, contando episódios engraçados, dificuldades e particularidades da vivência, a fim de trazer ainda mais o caráter de conversa e diálogo à experiência da entrevista e deixar os entrevistados mais à vontade para que também relatem suas experiências e vivências pessoais.

1.5.2 Metodologia de análise

A fim de atingir o objetivo principal, (“compreender o papel das mídias na dinamização do imaginário em relação às experiências de dança em ambientes virtuais, analisando como elas impactam na relação entre os indivíduos e a dança”) iniciamos a análise das entrevistas com o intuito de observar as imagens simbólicas e metáforas obsessivas presentes no discurso dos

¹ Pesquisa submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/UFRGS), sob parecer de número 4.573.760.

entrevistados, compreendendo suas repetições, tensionamentos e redundâncias.

Barros (2020, p. 47) entende que a observação das redundâncias ao realizar um trabalho a partir da heurística do imaginário é necessária pois

Parte-se do pressuposto que toda narrativa é aparentada do mito, possuindo a mesma estrutura que ele, apoiada em redundâncias. O jogo de redundâncias é importantíssimo quando se trabalha com imagens simbólicas porque num símbolo, como explica Durand (2000, p. 16), tanto significado quanto significante são infinitamente abertos. A redundância serve para corrigir a inadequação da encarnação concreta do símbolo.

Ora, compreendemos que quando o sujeito relata algo que aconteceu em outro momento, este relato já não conta com a mesma potência simbólica que tinha quando ocorreu, pois, é impossível simular ou plastificar uma experiência simbólica. Ao buscarmos transformar a imagem em texto, já perdemos grande parte de sua essência. Apesar disso, procuramos nos aproximar ao máximo do relato profundo, que transparece aquilo que o sujeito entrevistado sentiu no momento ao qual se refere, através das estratégias de entrevista elencadas no tópico anterior.

Dessa forma, o primeiro passo para a realização da mitocrítica durandiana é de fato o que define tal metodologia: mapear, nas entrevistas, as metáforas obsessivas que permeiam a fala de cada um dos indivíduos; para isso, formulamos um código de cores (Apêndice D) que estabelece uma cor para cada metáfora obsessiva observadas nas falas dos entrevistados, e posteriormente aplicamos este código às transcrições das entrevistas (Apêndices E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O e P). O segundo passo é verificar as constelações de imagens simbólicas que se aproximam através do que Durand (2012) chama de “convergência simbólica” e que Barros (2010, p. 216) explica como sendo “[...] o agrupamento de imagens homólogas, como variações sobre um mesmo tema.”, para isso, refletimos a respeito dos trechos destacados nas etapas anteriores com base na Teoria Geral do Imaginário, a fim de chegar aos resultados de pesquisa. Com estes dois passos, as metáforas obsessivas são ao mesmo tempo integradas às particularidades da experiência de cada entrevistado e a uma narrativa mítica geral dos entrevistados pela aproximação das imagens recorrentes nos discursos.

1.6 Estado da arte/justificativa

A fim de conhecer o lugar de pesquisa que estamos adentrando, realizamos buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações² baseadas em palavras-chave importantes

² <https://bdtd.ibict.br/vufind/>

ao nosso trabalho. Com isso, foi possível conhecer o que está sendo produzido dentro da área e orientar a pesquisa para um caminho que faça dois esforços principalmente: o de agregar à área que se pesquisa, buscando uma contribuição científica dentro de nossos temas centrais, embasada em nossos pilares de estudo; e a de mostrar-se como uma possibilidade a essa área, que como foi possível perceber através da pesquisa de Estado da Arte, não é muito explorada a partir do viés que propomos.

As quatro palavras-chave definidas para a busca foram “dança”, “sagrado”, “comunicação” e “imaginário” combinadas da seguinte forma: “dança X sagrado”, “dança X comunicação”³, “dança X imaginário”, “sagrado X comunicação”.

1.6.1 Dança X Sagrado

A primeira busca, “dança” e “sagrado”, obteve 82 resultados, sendo que destes apenas três eram de Programas de Pós-Graduação da área da Comunicação, dado que não nos surpreendeu, pois nenhuma destas palavras-chave indica o viés comunicacional. As três pesquisas resultantes foram “Visungo e Catopês: a comunicação local e seu relacionamento com a comunidade de Milho Verde, Minas Gerais” (dissertação de mestrado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no ano de 2011); “A nova Comunicação do corpo Cristão: a transformação da imagem do corpo sagrado na mídia” (dissertação de mestrado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no ano de 2014); e “Do disco à roda: a construção do pertencimento afrobrasileiro pela experiência na festa Negra Noite” (tese de doutorado defendida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no ano de 2014).

O primeiro trabalho estuda o sagrado e o profano e tem como objeto de estudo uma festa religiosa típica da cidade de Serro/MG, traçando as relações e percepções analíticas a partir do viés da semiótica. O segundo, da mesma instituição que o anterior, traz perspectivas que se aproximam das que utilizamos em nosso trabalho. A pesquisa trata da dança e de seu papel na formação de um novo corpo para os religiosos evangélicos, utilizando para isso, principalmente, a teoria do corpo-mídia. Já o terceiro trabalho acima elencado, apesar de tratar de um tema diferente do nosso, pois fala especificamente da dança e da música em festas de Black Music,

³ Utilizando as palavras-chave “dança” e “comunicação” no buscador, encontramos um número bem maior de trabalhos, um total de 280. Como já era esperado, tendo em vista a inserção da palavra-chave “comunicação”, um grande número deles, 110, pertence a Programas de Pós-graduação em Comunicação, Mídia, Jornalismo ou áreas afins. Destacamos também que 89 destes 110 trabalhos são vinculados à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). É importante destacar que o grande número de resultados mostra que a dança tem sido tema bastante debatido entre os trabalhos da área da Comunicação, partindo de diferentes perspectivas e com objetivos muito distintos entre si.

tem também uma motivação que em parte se assemelha à nossa: pretende entender como se dá a relação dessa população com sua música em um novo contexto, o midiático.

1.6.2 Dança X Imaginário

Ao pesquisarmos as palavras-chave “dança” e “imaginário”, também obtivemos 82 resultados, sendo que destes apenas dois trabalhos foram produzidos em Programa de Pós-graduação em Comunicação. Eles se chamam “As políticas do corpo contemporâneo: Lia Rodrigues e Xavier Le Roy” (tese de doutorado defendida em 2006) e “Processos criativos na televisão brasileira: a importância da proposta de Luiz Fernando Carvalho em suas minisséries” (dissertação de mestrado apresentada em 2008), ambos vinculados ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O primeiro trabalho tem enfoque no corpo, mídia e violência, utilizando-se de trabalhos coreográficos para investigar essas relações com o corpo. Já o segundo tem foco na televisão, especificamente em determinado diretor de minisséries e em sua obra, buscando analisar a obra do diretor em questão e a influência que a literatura, arte, dança, folclore e mitos têm nela.

1.6.3 Sagrado X Comunicação

Na busca com as palavras-chave “sagrado” e “comunicação” encontramos 203 trabalhos que utilizam as duas palavras, deste total, 38 são pesquisas realizadas em programas de pós-graduação em comunicação ou estudos de mídia, destes 38, três já haviam aparecido em buscas anteriores, restando assim 35 trabalhos. Analisamos os resumos de todos os 35 trabalhos restantes e selecionamos 9 deles que tem relação com nossa pesquisa. Dentre eles estão “Folkcomunicação e os estudos da devoção religiosa como manifestação comunicacional com o sagrado” (dissertação de mestrado apresentada na Universidade Metodista de São Paulo em 2013) pesquisa que analisa a devoção popular como forma comunicacional que liga os indivíduos ao sagrado, parte de uma visão ampla de comunicação para entender essa relação e a estuda a fundo. Em “A sacralidade digital: a mística tecnológica e a presença do sagrado na rede” (dissertação de mestrado apresentada na Universidade de São Paulo, em 2010) o autor estuda três tipos de manifestação religiosa na internet, aprofundando-se em como se dá a relação com o sagrado nos ambientes virtuais. A pesquisa “As Folias de Reis: uma leitura da cultura mineira mediada pela Comunicação” (tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2012) tem como objeto uma festa específica e adentra em suas

particularidades ritualísticas para compreender a permanência da festa na sociedade atual. “A Comunicação publicitária como reencantamento: a relação entre publicidade e religião no Brasil e na América Latina” (tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2008) é uma pesquisa que estuda publicidade e religião buscando entender se o fenômeno de reencantamento do mundo poderia acontecer a partir dessa relação. Em “Festa Religiosa, sujeito e imagem: a construção de um imaginário” (dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal de Goiás, em 2014) vemos uma pesquisa que tem como principal referência Gaston Bachelard, autor que também é parte importante de nosso trabalho, nessa pesquisa o autor analisa as imagens de duas festas religiosas. “E o verbo se fez bit’: uma análise de sites católicos brasileiros como ambiente para a experiência religiosa” (dissertação de mestrado apresentada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em 2011) se trata de uma pesquisa que busca entender como se dão os rituais online e a experiência religiosa em ambientes virtuais. A pesquisa “Reencantamento Digital? a Internet como ferramenta de poder da igreja” (dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Espírito Santo, em 2017) também traz à tona a questão de uma possibilidade (ou não) de ter-se um reencantamento do mundo a partir da apropriação dos meios digitais pelas igrejas. “A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião” (tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2010) é a tese de doutorado de Jorge Miklos, autor que é referência para nossa pesquisa através de seu livro (originado da tese em questão) “Ciber-religião: A construção de vínculos religiosos na cibercultura”. E, por fim, “New Catholic Communities: genesis, clashes and communicative challenges in contemporary Society” (dissertação de mestrado apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 2014) estuda o comportamento religioso, especificamente o católico, na contemporaneidade, buscando entender suas possibilidades de retorno.

1.6.4 Considerações gerais

A partir dos resultados obtidos nas pesquisas supracitadas observamos que: 1) o tema do desencantamento do mundo é bastante debatido nos trabalhos que lidam com a temática do sagrado, às vezes como ponto central, outras vezes como tema auxiliar; 2) a questão dos ambientes virtuais e a presença do sagrado nestes ambientes é bastante estudada; 3) nos trabalhos que estudam dança e comunicação a questão da tecnologia também é bastante recorrente. Por fim, entendemos que nossas temáticas de estudo abrangem e possibilitam diversas formas de abordagem, como podemos ver através dos resultados obtidos nas buscas

realizadas. No entanto, não observamos nenhum trabalho que se debruce sobre as questões referentes ao simbólico e a forma pela qual ele se manifesta nos ambientes virtuais (e em nosso caso, através da dança), as nossas temáticas (dança, comunicação, sagrado e imaginário) são muito pouco observadas todas juntas. Assim, compreendemos que estudar nossa temática pelo mesmo viés escolhido é um esforço que ainda não foi amplamente realizado, mas que se mostra imanente em diversos outros trabalhos já desenvolvidos.

2 QUEM DANÇA O MUNDO DESENCANTADO?

“A fé tá na manhã
A fé tá no anoitecer
Ôô, no calor do verão
A fé tá viva e sã
A fé também tá pra morrer
Ôô, triste na solidão”⁴

Sabemos que cada época, no decorrer do percurso da história que conhecemos hoje, é marcada por uma série de elementos e características que, por mais que não representem a totalidade das culturas, têm grande peso pela ampla disseminação que ganham, formando, assim, o que poderíamos chamar de “espírito do tempo”, tradução livre para o termo alemão “*zeitgeist*”, proposto por Hegel⁵. O *zeitgeist* trata, basicamente, da lembrança mais geral que nos vem à mente quando falamos de uma determinada época, seja uma década ou até mesmo um século. Um exemplo claro disso é a memória que imediatamente nos surge quando pensamos em “anos 60”: salvas exceções, em virtude de nossa inserção sociológica, nos lembramos de vestidos e roupas com estampa poá e músicas de Elvis Presley ou Bob Dylan. Ou então quando lembramos automaticamente de calças de cintura baixa e Britney Spears quando alguém se refere à década de 2000.

Sabemos que os exemplos citados acima podem parecer até mesmo simplórios, tendo em vista que essas são apenas uma ínfima parte de todo o universo de coisas até mesmo mais relevantes que aconteceram nessas décadas. De toda forma, eles servem para mostrar que algumas características sociais e culturais de determinado tempo acabam por ilustrá-lo, constituindo o *zeitgeist*. O fenômeno acontece muitas vezes mesmo com alguém que não viveu a época em questão, pois esses são dados de senso comum, que se alastram dentre as gerações de forma histórica e sociológica, constituindo uma espécie de memória social.

Nos utilizamos brevemente desse conceito alemão para introduzir um tema que é de grande valia ao nosso trabalho, o da presença do sagrado enquanto estrutura importante e constituidora das sociedades. Ora, talvez não seja possível mapear com precisão até que momento temas como “encantamento” ou “sagrado” fizeram parte do *zeitgeist* de diferentes

⁴ Trecho da música “Andar com fé”, composta por Gilberto Gil e interpretada pela primeira vez por Gilberto Gil, no álbum “Um Banda Um”, lançado em 1982.

⁵ O filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel foi o responsável pela fundamentação do conceito de *zeitgeist*, que foi popularizado a partir de então. Com base em Hegel “O *Zeitgeist* é o momento, o contexto em que o espírito está inserido; é uma crítica direta que Hegel faz a todos os sistemas filosóficos anteriores ao seu, que estabeleciam critérios imutáveis para o estudo da filosofia e o que o homem pode conhecer, sem levar em consideração o momento em que isso ocorreria. O *Zeitgeist* é, em outros termos, o espírito que paira sobre determinada época; é como um espectro que se sustenta em determinado período.” (SOUZA et. al., 2010).

épocas, mas podemos afirmar que a partir de 1900 temos sofrido um processo que os estudiosos e pensadores, como Weber, do assunto chamam de “desencantamento do mundo”: entendem que o sagrado enquanto potência tem deixado de ser presente na vida dos indivíduos para dar lugar a outras estruturas, estruturas essas mais rígidas e politicamente engajadas. Este fenômeno, evidentemente, não permaneceu estático durante todo este tempo, mas moldou-se e impactou as sociedades de diferentes formas, sendo em alguns momentos mais evidente e em outros encoberto por outras lógicas.

Para evidenciar empiricamente o que foi anunciado acima, basta pensarmos que quando falamos de épocas antigas, principalmente em relação à pré-história, não temos dificuldade em entender que tais tempos eram povoados por rituais de diversos tipos, que buscavam a relação com o sagrado e o contato próximo com as divindades do povo, seja ele qual fosse. Isso é aprendido desde que ingressamos na escola e não gera grandes debates e discordâncias, se trata de um fato socialmente aceito de forma geral. No entanto, é verdade também que, mesmo que não saibamos pontuar em que momento exato da história aconteceu o rompimento com o sagrado, a maior parte de nós (cidadãos ocidentais globalizados) ao sermos questionados se o sagrado é parte de nossa rotina como era na pré-história, responderemos que não.

2.1 Mundo desencantado? Para onde foram os símbolos?

Desde meados da transição entre o século XIX e o XX que o vínculo real com o sagrado tem tangenciado e se tornado uma perspectiva marginal em nossa sociedade, não desaparecendo completamente (pois tal fenômeno seria impossível, tendo em vista que o sagrado é uma pulsão antropológica inerente ao ser humano, como nos diz Mircea Eliade, 2008), mas sendo parte real da vivência cotidiana de apenas uma pequena parcela de indivíduos, afastando-se, dessa forma, do espírito do nosso tempo, que acabou por situar outras lógicas no lugar que antes era habitado pelo sagrado, gerando dessa forma diversas consequências sobre as quais trataremos mais adiante.

Ora, não apenas o sagrado foi escamoteado de nossa sociedade como também sofreram esse impacto todas as outras lógicas e perspectivas que de alguma forma iam em um sentido diferente daquele amplamente conhecido e hegemônico, que preza pela racionalização extrema e pelo apagamento das culturas e perspectivas que vão contra os ideais da dominação: foram e são, constantemente, retirados da equação todas as vivências das hoje consideradas culturas marginais, numa espécie de limpeza do campo para a chegada da nova cultura global. De forma

geral, isso ilustra e faz parte do que entendemos por desencantamento do mundo: o cenário que passamos a vivenciar com o surgimento do positivismo é povoado por diversas estratégias de racionalização que buscam promover um contexto em que tudo aquilo que não é do universo hegemônico acaba sofrendo um processo de marginalização e apagamento.

Max Weber foi um dos primeiros e mais referenciados autores a utilizar esse termo em seus trabalhos, apontando o desencantamento do mundo como um processo que é iniciado pelo judaísmo e concretizado pelo protestantismo (WEBER, 2004; CARVALHO FILHO, 2014), pois tais perspectivas religiosas e políticas buscam excluir totalmente a materialidade, a ponto de negarem o corpo e o situarem em posição de inferioridade. Ao longo da obra do autor, é possível que percebamos que ele faz um grande estudo acerca das religiões, tratando-as a partir do viés sociológico que é seu lugar de estudo. Em nosso caso, se faz necessário compreender a situação não apenas a partir da perspectiva sociológica e política, mas também (e principalmente) reconhecer as questões antropológicas que se vinculam às situações. Dessa forma, trabalhamos em uma via de mão dupla, compreendendo que, por um lado: a) conforme disse Weber em meados de 1905, nosso mundo foi sendo moldado pelas religiões institucionalmente mais poderosas que buscavam não a relação real com o sagrado mas a venda de seus efeitos e o anseio político, até se concretizar em um mundo desencantado; e b) que mesmo levando em conta tal evidência sociopolítica é necessário observar o fenômeno a partir de evidências de outro cunho, voltadas ao simbólico e ao imaginário, como discorreremos a seguir.

O ponto “b” citado acima é importante para que entendamos que mesmo sendo a obra de Max Weber essencial para a compreensão do conceito de desencantamento do mundo, em alguns pontos iremos acrescentar desdobramentos às suas proposições, tendo em vista que nossos principais parâmetros são da ordem do imaginário: para nós, importa a ocorrência da conexão com o sagrado, independente se através de religiões institucionais (hegemônicas ou não), da vivência cotidiana ou de qualquer outra imagem que possa ocasionar uma hierofania. Conforme explicita Contrera (2017, p. 15) falando a respeito da perspectiva a partir da qual olhamos para o fenômeno do desencantamento do mundo, entendemos que esse processo “requer o deslocamento da questão da esfera das grandes motivações históricas para outras motivações menos evidentes, para a ação dos conteúdos imaginários desse processo”. Por consequência, como já foi dito, consideramos viável que um indivíduo se conecte com o sagrado através de um ritual ou vivência de uma religião institucional hegemônica com interesses políticos amplamente divulgados e mesmo sendo ela apontada por Weber como

responsável pela configuração do desencantamento do mundo; pois entendemos que (mesmo que com maior dificuldade, pois os interesses não estão centrados no sagrado e sim em outros aspectos) a forma como determinada imagem impacta um indivíduo independe da imagem em si, e sim da relação que o indivíduo constrói com ela.

Dessa forma, mesmo com todos os desenrolares e problemáticas de ordem política inegáveis que tais instituições trazem consigo, se para o indivíduo as imagens manifestadas por elas são ponte para uma conexão real com o simbólico, naquele momento, para aquele sujeito que é tocado pelo sagrado, pouco importa o contexto em que isso se dá, e é por essa motivação que ainda hoje observamos tantos fiéis testemunharem hierofanias por eles próprios relatadas dentro de templos de religiões que contribuíram para o processo de desencantamento. Por outro lado, não há como nos mantermos na ingenuidade de acreditar que as possibilidades de conexão com o sagrado hoje são as mesmas que se tinha em um mundo encantado, tanto pela quantidade de imagens quanto pelo seu caráter gerador. Conforme nos diz Belting (1990), atualmente somos abordados por três tipos de imagens: imagem de culto, imagem artística e imagem mediática; de forma que nem todas as imagens que chegarão até nós propiciarão uma relação simbólica, pois muitas delas não serão, nas palavras do autor, imagens endógenas, ou seja, que se relacionam e advém de nosso interior, mas ao contrário, serão apenas exógenas, produzidas e relacionadas apenas com o mundo externo. Essas imagens que entendemos por exógenas são aquelas pelas quais somos abordados a todo tempo pelo excesso de publicidade, por exemplo, também típico de nosso contexto social: não nos relacionamos com elas, em sua maioria elas passam despercebidas ou mesmo nos afogam por sua grande quantidade.

Evidentemente, e isso comprova a ideia central desse capítulo, que na atualidade temos muito mais imagens técnicas sendo produzidas a todo o momento e, nesse sentido, por estarmos imersos em novas imagens a todos o tempo, as possibilidades de relação que teremos com a imagem também se amplificam e se torna mais difícil que tenhamos uma relação simbólica com a imensidão de imagens técnicas pelas quais somos interpelados todos os dias. A esse fenômeno de sermos cotidianamente “atacados” por imagens, Baitello Jr (2014, p. 45) dá o nome de iconofagia que, em verdade, não podemos nos atrever a definir em apenas um parágrafo o que o autor dedica toda uma obra, mas destacamos, conforme ele diz: “Nossa era contemporânea pratica a iconofagia: ou nós devoramos as imagens, ou são as imagens que nos devoram”. Em outras palavras, Baitello pretende nos dizer que as imagens, principalmente na atualidade, estão presentes a todo o momento em nosso entorno, seja sendo devoradas por nós, no sentido de que

somos afetados por e estabelecemos uma relação com elas; seja no sentido de sermos devorados pelas imagens técnicas que nos atordoam por sua presença incessante.

Ao pensarmos nesses aspectos que se mostram complexos e até mesmo paradoxais, entendemos o desencantamento do mundo como um fenômeno que surge não apenas da ordem do social e cultural, mas que também dinamiza pulsões do imaginário, movimentando dois pontos principalmente: desmágicação e perda do sentido (PIERUCCI, 2003 apud CONTRERA, 2017, p. 27). A grande movimentação de imagens técnicas e os interesses hegemônicos fortemente reforçados fazem com que as possibilidades de relação com o sagrado sejam escanteadas e que, dessa forma, a desmágicação possa tomar conta de nosso cotidiano.

Ora, conforme já pontuamos anteriormente, não é que não consideremos possível que aconteça uma conexão com o sagrado nos tempos atuais, mesmo porque muitos de nós talvez já tenham vivenciado situações que consideram ter sido sagradas para si. Apesar disso, o contexto em que essa hierofania acontece é muito diferente daquele de outrora. Ao sermos, já há muitos anos, arrebatados pelo progressismo que tomou o Ocidente e trouxe à tona um forte iconoclasmo potencializado por interesses econômicos e políticos, os rituais de conexão com o sagrado foram jogados para as margens, tornando-se secundários e desvalorizados. Como já dissemos em outro momento: “Nossa sociedade, de forma geral, ao passar pelas grandes descobertas tecnológicas passa a acreditar que não precisa mais do sagrado” (DIAS, 2021, p. 74). De toda forma também não devemos nos prender aos engessamentos da crítica ao positivismo e ao cartesianismo, pois estas também são lógicas que já não condizem com nosso contexto (BARROS e CONTRERA, 2018).

Como também já foi pontuado por nós algumas páginas atrás, no processo de construção de um mundo novo e dessacralizado muitos sistemas de saber foram apagados (SHIVA, 2003), sistemas estes que não só detinham um contato de forte conexão com o sagrado, mas que se organizavam internamente relacionando-se com o tempo, com a natureza e com os demais indivíduos de forma única, construindo saberes populares que não resistiram à pressão do progressismo. Podemos observar que essa gradativa perda de particularidade e da essência das culturas não é apenas efeito natural da globalização, mas que foi construída e planejada a fim de que as propostas hegemônicas ganhassem ainda mais espaço em nossa sociedade. Esses esforços, como já indica Weber (2004) não são fenômenos que começaram a surgir nos últimos tempos, mas que vêm sendo construídos e trabalhados ao longo de muitos anos.

Se estamos falando de desencantamento do mundo é impossível, principalmente levando em conta a perspectiva de nosso trabalho, que não citemos Gilbert Durand (1994)

quando dedica boa parte de sua discussão em “A imaginação simbólica” para realizar uma reflexão crítica a respeito da depreciação dos símbolos observada em nossa civilização, que, para o autor, são fruto das perspectivas que foram se fazendo conhecidas e ganhando popularidade. Durand propõe então o que chama de três estados da extinção simbólica, pontuando aspectos que considera pontos-chave para o apagamento do símbolo:

[...] à presença epifânica da transcendência as Igrejas irão opor dogmas e clericalismos; ao “pensamento indirecto” os pragmatismos irão opor o pensamento directo, o “conceito” – quando não o “preceito” – e, finalmente, face à imaginação compreensiva, “mestra do erro e da falsidade”, a Ciência lógica levantará longas sucessões de razões da explicação semiológica, assimilando aliás estas últimas às longas sucessões de “factos” da explicação positivista (p. 20).

O trecho supracitado resume com clareza as forças antagônicas que passam a atuar em nossa sociedade e que, com um trabalho dedicado que começou há décadas, desestabilizam culturas menores e tornam a relação com o sagrado muito mais distante dos indivíduos. Durand (1994) considera que tal processo iconoclasta foi iniciado pelo cartesianismo, mas que este não teve exclusividade sobre isso pois o iconoclasmo seguiu sendo pauta importante mesmo quando o empirismo, no século XVIII, se opôs ao cartesianismo que dominava a sociedade ocidental na época.

Durand nos traz, assim como Weber, a demonstração, através de fatos históricos, de que o processo de apagamento do simbólico e, conseqüentemente, desencantamento do mundo, não é exclusividade de um mundo tecnológico, globalizado e computadorizado, como podemos tender a acreditar em um primeiro momento, mas que esse processo vem sendo construído há muitas décadas em nossa sociedade, muito antes de termos contato com tais tecnologias, de forma que não podemos considerá-lo como fenômeno exclusivo de nosso tempo tecnológico mediatizado, mas sim como um esforço que já dura muito tempo e apenas foi adaptado a esses meios. Além disso, na atualidade não são mais as forças do cartesianismo e do positivismo que impactam na relação com o sagrado, mas outras forças hegemônicas que exercem seu papel; e, além disso, já podemos observar esforços no sentido contrário: forças contra hegemônicas ganhando visibilidade ao buscar a reconexão com o sagrado.

Por estarmos falando de um fenômeno que faz parte de nossa sociedade há mais de um século, sabemos que todos nós já nascemos em um contexto desencantado. Mesmo assim, é possível que percebamos as conseqüências desse processo em nossas vivências, mesmo sem nunca ter vivenciado um universo onde as pautas do sagrado fossem prioritárias. Acreditamos que isso se dá pelo fato de que o sagrado não é apenas construção social, mas que ele faz parte do ser humano enquanto característica antropológica, sendo inerente à sua existência (ELIADE,

2008) independentemente de onde o sujeito está inserido. É por esse motivo também que não acreditamos no apagamento completo do sagrado nem em sua impossibilidade total, pois ele permanece atuante em nosso inconsciente e necessário enquanto pulsão. Nesse sentido, Unger (1991) afirma que se pode perceber uma tentativa de reconexão com o sagrado por parte dos indivíduos da sociedade ocidental. Apesar disso, ressalta que essa tentativa muitas vezes se mostra dicotômica:

Ir buscar no Oriente uma alternativa para o imperialismo da razão, se por um lado significa um questionamento do etnocentrismo, por outro significa atribuir esta dimensão a um Outro e nunca a si mesmo. A exotização da dimensão mítica pode ser também uma maneira de negar-lhe a cidadania: é bem mais tranquilizador pôr a diferença fora do que dentro (p. 27).

A autora pontua de forma direta como muitas vezes se dá essa busca por reconexão: para ela, frequentemente, os indivíduos de nossa sociedade não sabem mais como fazer para relacionar-se com o sagrado, de maneira que buscam tal relação pela imitação: mimetizar uma atividade que para outros leva à hierofania, o que não é nenhuma garantia que vá acontecer da mesma forma consigo. Se acreditamos que a relação com o sagrado depende da nossa relação com a imagem e não da imagem em si, não é através da replicação da imagem que alcançaremos tal relação, mas pela disposição de nós enquanto indivíduos para nos deixarmos ser tocados pelo apelo simbólico da imagem. No entanto, retomamos: o esforço para tal conexão permanece iminente no ser humano e a luta para lidar com o desencantamento do mundo, mesmo que inconsciente, é constante, como diz Contrera (2017, p. 13):

[...] alguns lidam com o desencantamento do mundo de forma cínica, outros buscam reencantar o mundo ao seu redor por meio de ações conscientes e regeneradoras, alguns admitem que as promessas do capital não mais os encantam, e alguns agem de acordo com o que dizem.

Assim, a relação com o sagrado, por vir de vias mais profundas, inconscientes e antropológicas do que outros tipos de atividade, não pode se dar apenas através de um passo a passo ou do seguimento correto de uma cartilha, mas surge da disposição do indivíduo frente à imagem que se apresenta para ele. O que Unger nos traz na reflexão citada acima nos abre caminhos para pensar a respeito de um ponto muito importante quando falamos de contexto, seja ele qual for: como iniciamos dizendo nos primeiros parágrafos desse capítulo, toda a época tem o “espírito de seu tempo”, no entanto, não podemos tomá-lo como única perspectiva e simplesmente ignorar todos os outros esforços marginais que estavam acontecendo nesse mesmo tempo, pois desse modo estaríamos justamente tomando a perspectiva historicista pela qual nos comprometemos a não reforçar neste trabalho.

Ora, dessa forma é importante que depois de compreender como se deu o processo de desencantamento do mundo e as influências inegáveis que tal fenômeno tem sobre nossa sociedade, pontuemos também os esforços que, mesmo marginalizados e diminuídos pelo discurso dominante, estiveram nadando contra essa corrente, afirmando a ideia de que uma história, fenômeno ou acontecimento nunca tem apenas uma força atuante, mas que é justamente pela multiplicidade de forças que o fenômeno se constitui como tal. É assim que, em um esforço que chamaremos de benjaminiano (com o perdão do anacronismo), Durand (1995) vai falar com propriedade:

[...] a alegada “mentalidade científica e técnica” contemporânea não passa de uma ilusão supersticiosa mantida pela pedagogia escolar e universitária do Ocidente, mas que não corresponde ao balanço profundo da alma ocidental e contemporânea média (p. 26).

A fala do autor suporta que realizemos reflexões mais aprofundadas a respeito da situação que vivenciamos, pois ao, de forma direta, postular que a dita “mentalidade científica e técnica” não é a única presente em nossa sociedade, faz com que necessitemos desconstruir ou reelaborar o teor com que tratamos o desencantamento do mundo, tomando-o não como fenômeno totalizante e único e sim como força dominante que também é passível de embates e da atuação de forças contra hegemônicas. Ao pensarmos dessa forma é que se torna possível e necessário que realizemos a pesquisa em questão, pois entendemos que mesmo imersos em um mundo desencantado as possibilidades de conexão com o sagrado ainda permanecem viáveis e presentes em nós antropologicamente. Entendemos que o desencantamento do mundo é uma tendência que busca minimizar e marginalizar os símbolos e as imagens, mas que, assim como qualquer outro fenômeno social não tem capacidade nem força para dizimar ou acabar com o imaginário e os símbolos; ela os escamoteia e desestabiliza, mas não os tira do jogo permanentemente.

Para ilustrar sobre o que está se referindo, Durand (1995) cita o pensamento hermenêutico, a nova iconofilia e a busca da moderna simbologia como a “tríplice clandestinidade” (p. 29) que atua frente aos agentes do mundo desencantado, nomeadamente a ortodoxia romana, o racionalismo conceitual dos filósofos e teólogos e o positivismo universitário. Durand, nesse capítulo, reafirma algo que já estava presente também em outros escritos seus e permeia todo o pensamento acerca do Imaginário: este nunca deixará de manifestar-se e estar presente no ser humano sendo retroalimentado por nossas vivências, não importa o quanto o iconoclasmo e as tendências positivistas estejam agindo hegemonicamente em nossa civilização:

Porque, sob a pressão iconoclasta, a imaginação humana – libido inalienável das configurações do sentido – nunca desaparece, mas se oculta ou se disfarça em alegorias superficiais, franjas sistemáticas toleradas pelo iconoclasmo, ou então se solta em sua exuberância inconsciente e ilimitada [...] (DURAND, 1995, p. 31).

Como o autor afirma, as manifestações simbólicas do imaginário vão estar presentes, mesmo que não as percebamos como tal. O mesmo acontece com relação ao sagrado, que é esfera incontestável do ser humano: mesmo que abalado pelo iconoclasmo, retorna aos indivíduos através de práticas do dia a dia, como a dança, que é nosso objeto de estudo. Retorna também muitas vezes e principalmente agora, durante os anos 10 e 20, com o suporte da internet e das novas mídias, fenômeno que discutiremos no tópico a seguir.

2.2 Cibercultura? Novas mídias? A presença da internet como fator possível

Enquanto seres humanos, estamos a todo o tempo adaptando ferramentas para nossa utilização e satisfação de nossas necessidades e desejos. E, conforme vimos anteriormente, pulsões do imaginário (mesmo que não se mostrem abertamente à consciência como necessidades, ao ponto de muitas vezes negarmos que elas existam) também entram nesse jogo, de forma que se fazem presentes em nosso dia a dia e nos influenciam mais do que podemos conscientemente perceber. Se o imaginário e as forças do inconsciente estão em todos os momentos afetando e sendo afetadas por nossas vivências, não há como negar que também se fazem presentes na forma como nos relacionamos com as mídias, especificamente, em nosso caso, com as de suporte interativo e de ambiente virtual.

É importante que digamos que a escolha do termo que designa as mídias as quais estamos nos referindo no presente trabalho é bastante delicada, ao passo de que, no campo da Comunicação, as terminologias são carregadas de significados, de forma que escolher a palavra pela qual vamos nos referir ao objeto aqui estudado não é uma decisão apenas de vocabulário, mas sim, mais profundamente, significa uma tomada de decisão epistemológica e metodológica. Por esse motivo, dedicaremos este tópico a refletir um pouco sobre essas nomenclaturas e o que significam, a fim de posicionar nossa pesquisa dentro deste meio.

Com base em pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) observamos que muitos trabalhos de nossa área seguem optando pela utilização do termo “cibercultura”; no entanto, essa não nos parece a palavra mais adequada para identificar a mídia a que nos referimos aqui, pois, apesar de termos interesse justamente em investigar como se dá a mediação tecnológica em nosso objeto de estudo, entendemos em acordo com Felinto (2011) que o termo “cibercultura” “[...] marcou, em momento determinado da história cultural-

tecnológica do Ocidente, um período fortemente dominado pelo tema da ‘automação’” (p. 3). E, de fato, os trabalhos que buscam se deter à cibercultura estudam-na por um viés que acreditamos distanciar-se daquele que pretendemos aqui. Na presente pesquisa, a automação dos meios não é nosso foco de estudo; aqui buscamos entender a forma como os sujeitos interagem com esses meios, produzindo sentidos em conjunto com eles, em uma via de mão dupla. Nesse sentido, concordamos com Simondon (apud FELINTO, 2011) quando se posiciona de forma firme “contra a noção da máquina que trabalha autonomicamente sem a necessidade de intervenção humana” (p. 5). Dessa forma, buscamos outras denominações possíveis para que possamos nos situar dentro de nosso campo de estudo, a Comunicação, de forma condizente.

O termo “novas mídias” também vem sendo utilizado, mesmo que ainda de maneira menos abundante, pois mais recente; mas também se mostra como alternativa possível para nomear as mídias as quase nos referimos. Observamos também que o segundo termo ainda tem menos popularidade que o primeiro, tendo em vista que enquanto o termo “cibercultura” encontra 783 resultados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o termo “novas mídias”, por sua vez, faz referência a apenas 324 trabalhos no portal⁶ ⁷. Entretanto, apesar de trazer uma abordagem diferente do termo anterior, acreditamos que “novas mídias” transparece um engessamento da perspectiva pela qual observa-se as mídias, remetendo à linearidade e evolução destas; algo que já nos deparamos anteriormente no trabalho e que optamos por desviar, como já comentado.

Assim, nos vemos tensionados a não utilizar nenhuma das denominações supracitadas, não apenas por uma criação da identidade pela diferença, como bem explica Stuart Hall (2000), mas também, e principalmente, por acreditarmos que qualquer vocábulo que escolhamos que tenha por objetivo designar apenas um tipo de mídia recairá no problema que encontramos nos dois supracitados: traz uma carga tanto epistemológica quanto hierárquica que não estamos convictos de sustentar em nossa pesquisa. É por esse motivo que optamos por utilizar apenas o termo “mídia”, sem nenhum adjetivo ligado a ele. Pois ora, se epistemologicamente defendemos, que não há diferença hierárquica entre os diferentes tipos de mídia presentes ou que já se fizeram presentes, ou mesmo imaginados em nossa sociedade, não faz sentido que já na denominação do termo recaíamos nessa tendência.

⁶ Pesquisa realizada em 23 de março de 2021, pelo endereço <http://bdtd.ibict.br>.

⁷ A mesma pesquisa também foi realizada, seguindo os mesmos parâmetros, mas utilizando os termos em inglês, e resultou em 522 trabalhos no termo “cyberculture” e 408 para “new media”.

Desenrolados os fios das nomenclaturas, voltamos ao que estava sendo tratado no fim do tópico anterior: os indivíduos, inseridos em um mundo que passou e passa pelo desencantamento, buscam, consciente ou inconscientemente, a relação com o sagrado. Muitas são as formas pelas quais isso pode se dar, desde processos individuais a rituais de grupo, passando também pelo contato com as mídias. Miklos (2012), pensando em como a religião institucional está presente nas mídias que ele chama de “meios de comunicação eletrônicos interativos (mais precisamente os computadores e outras tecnologias capazes de rede)”, reforça o que comentamos acima a respeito da permanência do sagrado mesmo em um novo contexto:

Desapareceu a religião? O religare foi destruído? De forma alguma. Eles permanecem e, frequentemente, exibem uma vitalidade que se julgava extinta. Porém, no mundo desencantado, os fenômenos religiosos se alteraram. [...] Na modernidade desencantada, fruto do capitalismo e impulsionada pelo pensamento iluminista, o mundo religioso foi sendo fragmentado, afastando o homem da natureza e da realidade cósmica, em que tudo passou a ser explicado, medido, cotejado, relegando o homem ao desamparo, em sua eterna busca pela realização mítica (MIKLOS, 2012, p. 26).

A citação de Miklos somada às demais reflexões aqui já expostas nos confirma a ideia de que o ser humano permanece o mesmo de outrora no que tange sua essência antropológica. Somos ainda influenciados pelas mesmas pulsões e temos as mesmas necessidades do simbólico, no entanto, o que difere de uma época para a outra são as coerções sociais que agenciam nossas vivências e acabam por, de diferentes formas, impactar nossa relação com o que Durand (2012) irá caracterizar como “O conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do Homo Sapiens [e] aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano” (p.18), ou seja, o imaginário.

Com isso, é relevante pensarmos que, se o imaginário, conforme Durand (2012), é capital pensado de toda a raça humana, independente de cultura ou época em que se insere, não é possível que este seja modificado ou alterado por questões externas. O que pode acontecer, e é o que observamos no mundo desencantado, é uma manifestação de imagens simbólicas condizentes com o contexto em que nos inserimos e uma busca (consciente ou inconsciente) pelo “outro lado da moeda”, ou seja, pelas imagens que não se alinham ao regime preponderante na atualidade.

Dessa forma, compreendendo como se comportam as pulsões do imaginário e coerções sociais em nossas vivências, é possível que concordemos que essas irão também estar presentes em nossa relação com as mídias. Se por mídia entendemos, em acordo com Pross (apud BAITELLO JR, 2001) desde

[...] as infinitas e ricas possibilidades comunicativas da mídia primária, lembrando a expressividade de olhos, testa, boca, nariz, postura da cabeça e movimentos dos ombros, andar, postura corporal, tórax e abdômen, mãos e pés, sons articulados e inarticulados, odores, cerimoniais, ritmos e repetições, rituais e, por fim, as línguas naturais (p. 2),

passando pela comunicação que necessita apenas de aparatos como

[...] máscaras, pinturas e adereços corporais, roupas, a utilização do fogo e da fumaça (incluindo os fogos de artifício e fogos cerimoniais, velas, etc.), os bastões, a antiga telegrafia ótica, bandeiras, brasões e logotipos, imagens, pinturas e quadros, a escrita, o cartaz, o bilhete, o calendário (p. 3),

e também por aquela em que os aparatos necessitam da eletricidade, a exemplo da “[...] telegrafia, a telefonia, o cinema, a radiofonia, a televisão, a indústria fonovideográfica e seus produtos, discos, fitas magnéticas, cd’s, fitas de vídeos, dvd’s, etc” (p. 4) e, mais recentemente do computador, laptop, smartphone, tablet e demais meios, poderemos ter uma visão mais ampla do que de fato é mídia, e dessa forma começar a compreender que não é porque determinada mídia não existe mais que é ultrapassada ou menos qualificada do que as que temos hoje. É importante que não nos iludamos com a ideia de que a internet surge como uma nova possibilidade grandiosa e revolucionária, deixando todas as demais formas de comunicação e aparelhos midiáticos desvalorizados.

Sem dúvida, a internet é sim uma ferramenta essencial na atualidade, mas a vemos tão essencial e revolucionária como o rádio, a televisão, a prensa tipográfica e a postura corporal, por exemplo. Não há como realizar uma hierarquia entre as formas de mídia que surgiram ao longo da história, nem como dizer que aquelas que surgiram antes são menos eficazes do que as que temos hoje. Sobre isso, Baitello Jr (2001) considera que ao falarmos da comunicação humana, levando em conta toda sua complexidade, é possível que percebamos que a cumulatividade é essencial para ela, permitindo a constituição de uma memória. E é justamente por esse motivo que não há como dizermos que a constituição da mídia secundária ultrapassa a primária e que a terciária elimina a secundária, pois nas palavras do autor “[a mídia anterior] continua existindo enquanto núcleo inicial e germinador. [E a nova mídia que surge] apenas acrescenta uma etapa à anterior.” (p. 4).

No mesmo sentido, cada mídia tem características e qualidades distintas, diferenciando-se não apenas em relação à técnica, mas também pela forma com que possibilita que os indivíduos interajam com ela. A internet, acessada a partir dos smartphones e computadores, tem características bastante definidas, que apesar de não ser intuito de nosso trabalho aprofundar-nos nesse tópico, pensamos, em acordo com Recuero (2008) que a mídia social, especificamente,

[...] é social porque permite a apropriação para a sociabilidade, a partir da construção do espaço social e da interação com outros atores. Ela é diferente porque permite essas ações de forma individual e numa escala enorme. Ela é diretamente relacionada à Internet por conta da expressiva mudança que a rede proporcionou (n.p.).

De fato, nossa pesquisa não investiga o comportamento na Internet de forma geral, mas sim, especificamente, na relação das pessoas com ela e com outras pessoas principalmente. Por isso, nosso foco está justamente na relação com as mídias sociais e as possibilidades trazidas por ela. Compreendemos que cada mídia tem suas particularidades, como é o caso da mídia social, que de acordo com Recuero (2008) é caracterizada por elementos como: apropriação criativa (no sentido de que o indivíduo pode utilizá-la da forma como quiser), conversação, diversidade de fluxos e informações (pois podem diferentes informações circularem dentro da mídia), emergência de redes sociais (pois podem surgir grupos reunidos por interesses em comum) e emergência de capital social mediado.

Além dos elementos trazidos por Recuero, que caracterizam as mídias sociais a partir de uma análise sobre suas possibilidades e diferenciais frente a outras mídias, consideramos que um outro fator é também muito importante e destaca-se dos demais quando estamos tratando da experiência simbólica, esse fator é a descorporificação. Por possibilitar relações todos-todos e abrir possibilidades para diversos tipos de envolvimento, as mídias sociais tomam para si também características que já vinham iminentes em nossa sociedade, como é o caso do desprezo pelo material e pelo corpo, objetivando uma espécie de limpeza e plenitude que é reforçada pelo hiperfoco no virtual, oportunizado pelas mídias sociais. Esse tipo de relação que objetiva a perda de vínculo com o corpóreo é muito típica dos primeiros momentos das mídias sociais, quando ainda não tínhamos certeza do quanto esta impactaria em nossas vidas, dividindo-nos, assim como acontece em relação à todas as demais mídias entre os que creem no paradigma do usuário isolado, e por isso são incapazes de observar os efeitos das mídias sobre nós; e aqueles que defendem um certo determinismo tecnológico, tendo uma visão apocalíptica sobre os meios tecnológicos, ignorando totalmente a possibilidade de os indivíduos agirem, se posicionarem e adaptarem as mídias de acordo com seus interesses e objetivos. Optamos por seguir o caminho do meio, compreendendo que essa é uma via de mão dupla e que, naturalmente, ao nos relacionarmos com determinada mídia, independente de qual seja ela, tanto seremos afetados quanto a afetaremos também.

Ao refletir sobre o início das mídias sociais, Felinto (2011, p. 6) considera que esse início/surgimento das mídias sociais e, principalmente, das pesquisas sobre tal temática, foi muito marcado por uma perspectiva da cibercultura (e é também por esse motivo que o autor

julga ser este um termo ultrapassado) que acredita “No mundo antisséptico das fantasias descorporificantes, o corpo e a realidade material eram identificados como ‘sujeira’ da qual o ciberespaço iria nos libertar”.

Felinto (2011) pontua ainda que essa “fantasia descorporificante” não estava mais tão presente na sociedade da qual ele falava cerca de dez anos atrás, já vislumbrando que novas tecnologias passariam a necessitar e incorporar o corpo em seus processos (videogames, principalmente). Falando sobre o mesmo tema e na mesma época, porém com foco específico na religião, Miklos (2012) não tem uma visão tão otimista quando a do primeiro autor, acredita que vivemos a “[...] passagem da comunicação gestual, corpórea, para a imagem plana e bidimensional. Na ciber-religião, o corpo é sacrificado, abolido da experiência religiosa” (p. 11).

Os dois autores mostram preocupar-se com a questão da presença do corpo na relação com as mídias digitais, que se mostra um tema muito discutido. Contrera (2017, p. 30), falando sobre Hillman, comenta que o autor também entende a necessidade de reestabelecer “a relação entre o sentido (semiótico, semântico) e os sentidos corporais”, e prossegue, evidenciando que o apagamento do corpo não é simples acaso, mas que estamos vivendo um “projeto moderno de apagamento corpo”, o que se justifica tendo em vista que, como já debatido no tópico anterior o desencantamento do mundo ocasiona um distanciamento do simbólico e, de acordo com Durand (2012) o corpo é parte fundamental da experiência simbólica.

Nesse sentido, não há como negarmos que estamos inseridos em um contexto em que a forte presença do virtual acaba de alguma forma afetando a presença do corpo em nossas atividades. Desde a relação com a religião, como aponta Miklos, até outras atividades que passamos a também realizar através do virtual. No entanto, lembrando do que Felinto (2011) aponta como um possível ressurgimento do corpo mesmo no ambiente virtual, refletimos acerca da necessidade, já citada anteriormente, de não irmos aos extremos quando falamos sobre a relação ser humano X mídia ou sobre o desencantamento do mundo. De certa forma, acreditar que a presença do corpo estaria completamente perdida na situação atual, é desvalorizar os sentidos construídos pelos indivíduos dentro destas plataformas. De fato, os contextos se modificam e nossa relação com os meios também é reflexo disso, mas optamos por observar mais a fundo essa relação do corpo e do sagrado com as mídias sociais, através da presente pesquisa, para que só então possamos compreender essa questão de maneira mais aprofundada.

A preocupação dos autores a respeito da presença do corpo na relação com as mídias é justificada e importante, pois sem corpo ou distanciados e desligados dele não é possível que

tenhamos nenhum tipo de conexão com o simbólico, por ser justamente através dele que essa relação se dá. Durand (2012) ao situar os três grandes reflexos do ser humano deixa isso claro. Os reflexos postural, digestivo e rítmico, propostos pelo autor, se mostram dominantes frente a outros reflexos e originam regimes de imagens específicos: enquanto o reflexo postural origina o regime heróico, ou diurno, os outros dois são base para o regime noturno. Mais adiante, no decorrer dos capítulos, nos aprofundaremos em cada um dos regimes e reflexos a fim de entender melhor como se relacionam conosco e estão presentes em nós a todo o tempo.

Dando prosseguimento à reflexão que vínhamos realizando a respeito da utilização das mídias, consideramos que um fator também se mostra muito importante frente à forma como se dá a utilização dessas ferramentas na atualidade: o contexto de pandemia que vivenciamos desde o início do ano de 2020. Com a chegada do novo coronavírus e, conseqüentemente, da necessidade de que fosse realizado o distanciamento social, os indivíduos passaram a demandar muito mais das mídias de forma geral, pois com o aumento considerável da quantidade de tempo que as pessoas ficam em casa, aumenta também a necessidade de realizarem tudo aquilo (ou pelo menos alguma parte daquilo) que faziam em outros ambientes, em casa.

Observamos muitos exemplos de atividades que até já eram realizadas em formato remoto, mas que tiveram um salto enorme de adesão com a chegada da pandemia. Este é um fator que não pode ser simplesmente ignorado por nós, tendo em vista que a relação com as mídias, principalmente àquelas de acesso à internet, aumentou e sofreu grandes remodelações ao longo desse processo inesperado. Não houve tempo nem para os indivíduos nem para as mídias enquanto sistema se prepararem para esta mudança de perfil de utilização, de forma que em questão de dias estávamos mergulhados em um contexto não apenas de saúde pública, mas de relação com as mídias, completamente novo.

Trabalho, estudo, atividade física, lazer, religiosidade, serviços públicos e até mesmo saúde passaram para a esfera do virtual com a chegada da pandemia. O tempo que passamos frente às telas cresceu muito, pois todas as atividades passaram a, de alguma forma, serem mediadas pelo virtual. Apesar de levarmos em conta todos os fatores prejudiciais que o grande tempo de imersão nas redes nos causa e que refletiremos mais a frente, também consideramos o lado positivo que as mídias representam no contexto pandêmico. Para compreender melhor as características e peculiaridades deste tempo que se mostra tão incerto para todos os indivíduos, dedicamos um tópico para falar sobre ele à luz de alguns conceitos caros à nossa pesquisa.

2.3 Pandemia, ficar em casa e a relação com as mídias

Com a chegada inesperada do que se passou a chamar de “novo normal”, as atividades diárias, conforme pontuamos acima, migraram para o ambiente virtual na tentativa de seguir as recomendações de distanciamento social e, ao mesmo tempo, manter os compromissos da população em funcionamento. Desde o início da pandemia do novo coronavírus, em março de 2020, ouvimos a recomendação de “fique em casa”, justificada cientificamente pela necessidade de controlar a velocidade com que o vírus se espalha e infecta os indivíduos⁸; nesse sentido, a casa passou a não mais ser apenas lugar de descanso e refúgio, mas também tornou-se escritório, sala de aula, ateliê, academia, consultório e diversos outros ambientes que se mostraram necessários aos indivíduos que passaram a vivenciar o distanciamento social.

De toda forma, não é nosso objetivo, neste tópico, debater aspectos organizacionais e ergonômicos que a modificação da forma como nos relacionamos com a casa pode gerar; em outro sentido, pretendemos refletir sobre como o maior tempo de permanência em casa afeta nossas relações simbólicas com ela, nos levando a vivenciá-la de formas diferentes. O filósofo francês Gaston Bachelard, amplamente conhecido por seus livros sobre epistemologia da ciência (que chamamos de “obra diurna”) dedicou um livro (de sua “obra noturna”) para refletir sobre os aspectos simbólicos da casa. Ao falarmos sobre imagem simbólica, entendemos que a casa ao qual o autor se refere não precisa necessariamente ser nosso lugar de residência, ou não apenas ele, no sentido de que todo aquele lugar que nos possibilitar a sensação de abrigo e proteção traz consigo a imagem da casa (BACHELARD, 1993).

Na mesma direção, entendemos que com a forte ameaça de um vírus mortífero espalhado por todos os ambientes públicos do planeta, o lugar onde moramos torna-se não apenas simbolicamente, mas cientificamente, o lugar mais seguro e protegido em que podemos estar. Bachelard (1993) ilustra como a casa remete às memórias mais profundas de acolhimento e proteção, que inseridos nela somos levados aos lugares de nossa infância, banhados pelas boas lembranças. No contexto pandêmico, ao passarmos se não todo o dia, a maior parte dele dentro de nossas casas, se mostra evidente que não seremos a todo o tempo interpelados pela imagem simbólica da casa, mas ela está imanente a manifestar-se quando somos abordados por notícias e reportagens que mostram o agravamento e a seriedade da situação em que nos encontramos e a nossa casa se situa, novamente, como o único lugar seguro e protegido para se estar. O “estar em casa” nesse sentido, assume a posição de lugar de conforto e proteção, assemelhado ao útero

⁸ Informações baseadas nas orientações da Organização Mundial da Saúde, disponíveis no site oficial da Organização Pan-Americana da Saúde: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em 01 de abril de 2021.

materno; somos tomados pela imagem simbólica da casa e por outras imagens que constelam com ela.

Muitas são as diferenças que podemos elencar ao pensar sobre a mudança repentina de todas as nossas atividades que antes eram realizadas em ambientes físicos diversificados para dentro de nossa própria casa, através apenas da conexão com a internet. Um ponto muito relevante, indubitavelmente, é o aumento do tempo que passamos em frente às telas dos aparatos tecnológicos. Apesar de termos tido dificuldade em encontrar pesquisas e artigos científicos brasileiros que refletissem sobre o aumento do tempo de tela durante o período de pandemia e seus efeitos e impactos sobre nossa saúde física e mental⁹, podemos constatar a partir de uma observação pessoal que o tempo que temos ficado conectados às mídias sociais (seja para trabalho e estudo, seja para lazer) acaba por impactar-nos.

Fato é que não apenas a mudança na rotina causa impactos para a saúde dos indivíduos como também, e primeiramente, a própria vivência de um contexto pandêmico impacta diretamente nossa saúde física e mental, mesmo que não contraíamos o vírus. É o que Ornell et. al. (2020, p. 3) apresenta:

Além de um medo concreto da morte, a pandemia do COVID-19 tem implicações para outras esferas: organização familiar, fechamento de escolas, empresas e locais públicos, mudanças nas rotinas de trabalho, isolamento, levando a sentimentos de desamparo e abandono. Além disso, pode aumentar a insegurança devido às repercussões econômicas e sociais dessa tragédia em larga escala.

Os autores supracitados tocam em um ponto importante: o medo concreto da morte. Entendemos a morte como uma propulsora do imaginário, pois é ao refletir sobre ela, suas possibilidades e o que viria após sua chegada que as sociedades desenvolvem suas mitologias e que passamos a simbolizar através das possibilidades que temos de lidar com ela. Nesse sentido, ressaltamos, conforme nos diz Eliade (2016), a importância dos mitos escatológicos nas mais diversas mitologias: “[...] os mitos de cataclismos cósmicos são extremamente difundidos. Eles contam como o mundo foi destruído e a humanidade aniquilada [...]” (p. 53), ou seja, mostra-se através da forte presença desses mitos que a preocupação com a morte é parte do ser humano, que através da mitologia dinamiza formas de lidar com ela. Morin (1970, p. 25) endossa tal ideia quando fala:

Efectivamente, a morte, nos vocabulários mais arcaicos, não existe ainda como conceito: fala-se dela como de um sono, de uma viagem, de um nascimento, de uma doença, de um acidente, de um malefício, de uma entrada

⁹ Realizamos buscas nos principais repositórios de artigos do país, onde encontramos diversas pesquisas refletindo sobre os impactos da pandemia, mas em maioria os estudos levavam o aumento de tempo de tela como uma característica já dada, partindo para a análise de outros pontos decorrentes desta.

para a morada dos antepassados, e, o mais das vezes, de tudo isto ao mesmo tempo.

Ora, apesar de o ser humano ter a todo o tempo dinamizado a morte através do imaginário, quando nos deparamos fortemente com a imagem da morte e ela passa a nos assombrar mais do que costuma acontecer em períodos normais, como acontece na situação de pandemia que presenciamos, observamos que novos apelos e manifestações do imaginário passam a povoar nossas vivências como forma de, inconscientemente, lidarmos com toda a enxurrada de uma única e forte imagem que estamos vivenciando. Para fazer um paralelo com Jung (1998), ousamos dizer que, frente a essa grande exposição à imagem da morte, enquanto sociedade, constelamos um complexo cultural com tal imagem; e na tentativa de fuga somos apresentados, pelo inconsciente, à imagem da casa, também tão em voga na atualidade, que tenta, no sentido contrário, lidar com a morte através da proteção e do retorno à infância.

Também nesse sentido Contrera e Torres (2019) refletem acerca da figura do zumbi permeando o imaginário na atualidade e como isso se mostra como uma forte presença da pulsão de morte em nossa sociedade. Ao pensarem sobre a forma como os indivíduos se relacionam com as mídias, afirmam: “esse estado de ‘viver sem corpo’ ou, ao menos, de estarmos onde não está o nosso corpo tem gerado o oposto da apregoada vida plena; estamos vivendo a ação de uma intensa pulsão de morte” (p. 3). Assim, a relação entre o zumbi e o indivíduo contemporâneo, na visão dos autores, se dá pelo distanciamento entre o corpo e a alma/consciência e pela letargia iminente a ambos. Os autores desenvolveram tal pensamento quando ainda nem cogitávamos vivenciar um contexto de pandemia e distanciamento social prolongado, no entanto, inseridos nesse contexto podemos ver que as proposições por eles enunciadas se afluam ainda mais, tanto em virtude do distanciamento entre alma e corpo que se dá pelo aumento do tempo em que ficamos imersos nas novas tecnologias, tanto pela pulsão de morte que, conforme explicita Ornell et. al (2020) passa a se fazer muito mais presente (este capítulo será melhor desenvolvido posteriormente, ao decorrer da pesquisa).

3 A DANÇA É SAGRADA POIS FAZ PARTE DO SER HUMANO

[...] a dança é simplesmente vida intensificada e, com isto, delimitada contra outros movimentos rítmicos atribuídos às áreas de esporte e ginástica, assim como a todos os ‘trabalhos’. A dança se comunica do ponto onde a respiração, a representação, a imagem e a vivência onírica afloram e se tornam criativas, desprendidas do plano da realidade prosaica e dos grilhões terrestres. (WOSIEN, 2000, p. 26).

3.1 Vida intensificada

Dançar é parte do ser humano, é vivência ancestral que, de diversas e novas formas, permanece presente na rotina dos indivíduos contemporâneos. A dança muitas vezes é vista apenas como expressão artística ou parte do folclore e da cultura das mais diversas regiões e nacionalidades; tais afirmações, ressaltamos, se mostram verdadeiras e realmente caracterizam a dança, no entanto, esta pode ser compreendida e analisada a partir de um viés mais aprofundado, antropológico, que entende a dança como uma manifestação inerente ao ser humano (STEWART, 2016), e é a partir desta perspectiva que pretendemos realizar nosso trabalho.

A dança acompanha nossa espécie desde muito tempo; de fato, não há um momento histórico que possa ser identificada a ausência da dança na vida humana. Mesmo antes da escrita e da fala, os indivíduos já utilizavam a dança para comunicação e expressão de seus sentimentos, intenções e crenças (BOURCIER, 2001). Por esse motivo, entendemos, em acordo com Pross (apud BAITELLO JUNIOR, 1998), que em virtude do poder de transmitir e expressar sentidos de um indivíduo ou grupo de indivíduos para outro indivíduo ou grupo de indivíduos a dança se mostra como “mídia primária”, ou seja, forma de comunicação original de nossa espécie e que permanece conosco, sendo forma de comunicação, até a atualidade. No mesmo sentido, Bourcier (2001) dedica-se a pesquisar a história da dança, comprovando, desta forma, que ela nos acompanha ao longo dos séculos e milênios: mesmo antes de estar presente dentro dos palácios (local onde teve início a dança clássica), os seres humanos dançavam para seus deuses, para os fenômenos da natureza, para celebrar e para enlutar-se (STEWART, 2012).

Conforme abordamos no capítulo anterior, o contexto de pandemia e o isolamento social fazem com que nossa rotina seja completamente reformulada, e isso inclui o dançar. A dança que antes era realizada em salões, academias, ao ar livre e em templos, com pessoas reunidas e que celebravam algo, passa a ocupar quase que exclusivamente o espaço do virtual, as telas e câmeras dos computadores e celulares e as salas de reunião virtual. Muitos indivíduos e mesmo grupos de dança frente à impossibilidade de dançar no lugar físico onde sempre se encontraram

passam agora a utilizar-se das mídias sociais para manter o contato com a dança. No entanto, apesar desse grande aumento do contato da dança com o meio virtual ter acontecido agora, durante o isolamento social, é ingênuo acreditar que a dança só atingiu o espaço do online quando a pandemia começou a assolar nosso planeta. Acreditamos que, por acompanhar o ser humano há tanto tempo, não há nada mais natural do que a dança estar onde os seres humanos estão, neste caso, na internet (desde que sua utilização foi popularizada, em meados dos anos 2010), ou seja, a dança, assim como todas as outras atividades que fazem parte do dia-a-dia dos indivíduos, já era realizada também de forma virtual, mas com a chegada da pandemia sofreu um grande aumento nestas plataformas. No mesmo sentido, ressaltamos que tal presença no virtual não quer dizer que a dança irá deixar de estar nos outros lugares onde sempre esteve; o virtual surge como mais uma possibilidade de interação humana e por isso também passa a ser povoado pela dança. Dessa forma, o cenário que se apresenta para nós é o seguinte: a dança por ter sempre acompanhado o ser humano, também passou a estar presente na internet quando esta começou a se popularizar, mas foi com a chegada da pandemia que a relação entre a dança e as mídias sociais tomou um lugar central na vivência dos indivíduos e tornou-se necessário estudar tal relação.

Reconhecemos a importância dos grandes acontecimentos históricos para a presença da dança na atualidade, mas também buscamos compreender que, sendo a dança uma manifestação ancestral, torna-se difícil desenvolver um encadeamento direto entre os fatos históricos e uma suposta “evolução” da dança. Considerando que motivações arcaicas estejam presentes ainda hoje nas danças que são vistas simplesmente como contemporâneas, não podemos ignorar o que acontece nas margens dos acontecimentos tomados como centrais. Assim, nosso intento neste capítulo não é realizar um apanhado historiográfico; em verdade, é o contrário disso. Buscamos elencar alguns pontos importantes da história da dança não para posicioná-los em hierarquia e evolução, mas para compreender as diferentes formas que o dançar apresenta ao longo do tempo, não se modificando ou evoluindo necessariamente, mas mostrando diferentes faces de tudo aquilo que ele pode ser. Assim, tendo como base a pesquisa de Bourcier (2001), refletimos a respeito de acontecimentos importantes à história da dança.

Desde os mais remotos tempos, no período Paleolítico (estende-se de 200.000 a.C até 18.000 a.C), principalmente na cultura madaleniana, já é possível identificar alguns pontos que indicam a presença da dança entre os seres humanos (BOURCIER, 2001). E neste caso específico, entendemos, as danças eram feitas para relação com o sagrado, sendo parte de rituais de morte, por exemplo. Porém, afirmar isso de forma historiográfica é um risco e uma posição

a ser tomada, pois: (a) estamos tratando de uma época muito distante na qual os elementos necessários à historiografia são esparsos; e (b) os especialistas da pré-história, de acordo com Bourcier (2001), muito pouco se importam em estudar e entender a história do movimento, tornando esse campo de estudo ainda nebuloso. Ainda assim, Bourcier (2001, p. 4) afirma:

As grutas são santuários, pois existe o sentimento religioso. Comprova-o o uso da sepultura ritual, com os crânios salpicados de tintura ocre. As sepulturas de crânios de animais, também tingidos de ocre, levam a supor que os homens pré-históricos cultuavam os animais. Portanto, não se deve excluir a priori a idéia de uma dança religiosa que nenhum documento atesta expressamente.

No período neolítico (de 8.000 a 5.000 a.C.), com a descoberta da agricultura e da criação de animais, o surgimento das cidades e com isso a definição de personalidades e culturas específicas de cada região, os ritos religiosos (e com eles a dança) vão criando sua identidade e assim cada grupo de indivíduos vai fundando danças próprias; ou seja, a sedentarização dos povos auxilia na amplificação de novos tipos de dança, que caracterizam a personalidade do povo onde estão inseridas (BOURCIER, 2001). Bourcier (2001) nos fala também que nos antigos impérios, como no Oriente Médio, Egito, e entre os Hebreus, a dança estava muito presente, chegando a constar em livros sagrados, por exemplo. Na Grécia a presença da dança também é incontestável, se mostrando presente nos mais diversos ambientes; o mesmo acontece com os etruscos e os romanos.

Neste primeiro período, bastante extenso e marcado por diversas mudanças, observamos não apenas o surgimento da dança como também o surgimento do ser humano e de algo que já podemos considerar como mídia. Bourcier (2001) traz como exemplo da presença da dança na pré-história alguns documentos orquésticos: o primeiro data de 12.000 a.C., no período neolítico, na gruta de Gabillou, onde foi gravada uma silhueta que aparenta estar dançando; em 10.000 a.C., um semicírculo de ossos na gruta de Mas-d’Azil; em 8.000 a.C. um conjunto de nove personagens na gruta número dois de Addaura. Tais documentos são muito importantes não apenas para que possamos afirmar, com base em artefatos históricos, que a dança já estava presente nesta época, como também para que reafirmemos algo que já foi dito anteriormente neste texto: a mídia, mesmo que diferente da que conhecemos hoje, começa a surgir ainda na pré-história. Pinturas rupestres, gravações e esculturas são formas de o ser humano exteriorizar, de comunicar e divulgar sua mensagem, como afirma Baitello Junior (1998, p. 13):

O uso de materiais, ferramentas e instrumentos os mais diversos – com a intenção de criar mensagens – permitiu o surgimento das inscrições e pinturas rupestres e, finalmente, abriu as portas para a escrita e seus desenvolvimentos posteriores, o livro, o jornal, os cartazes, etc.

Ora, por ser parte importante e essencial do cotidiano paleolítico, nada mais natural do

que a dança seja representada e veiculada nessa mídia arcaica que é a arte rupestre, que já continha, em potência, a necessidade do ser humano em comunicar e expressar-se, mesmo que muito distante de todas as tecnologias, técnicas e ferramentas disponíveis na atualidade. A arte rupestre, considerada aqui como primeira mídia, é essencial não apenas para o desenvolvimento e perpetuação da dança na época como também para que hoje possamos voltar nessa época e ter acesso a, pelo menos em parte, como se dava essa relação milênios atrás.

Com o advento da escrita, a criação das cidades e a agricultura por volta de 4.000 a.C., as mídias puderam se aperfeiçoar e novas mídias foram sendo inventadas, como indica Baitello Junior (1998). Das pinturas simples na parede das grutas passa-se a esculturas e pinturas com maior riqueza de detalhes, mais técnica de produção e materiais escolhidos com cautela, como Stewart (2016) nos mostra ao revelar esculturas e pinturas que aparentam ter sido cuidadosamente produzidas, já pensando no quesito estético, mas mantendo o tema da dança, das deusas e dançarinas, como foco central. Observamos que as mídias dessa época convergiam para um tema em comum: o sagrado; e como a dança estava intimamente ligada ao culto do sagrado, como nos mostraram Stewart (2016) e Bourcier (2001), este era também ponto central das mídias em questão.

Conforme falamos acima, a escrita já estava presente nesse tempo, de forma que uma grande e nova possibilidade em relação à mídia surgia com isso: a escrita como materialidade possível à expressão e perpetuidade da valorização da dança. E de fato foi o que aconteceu: muitos hinos da Grécia Antiga têm a dança como temática ou a mencionam quando falam de suas divindades; Stewart (2016) traz o exemplo do “Hino a Apolo Pítio” e de um Hino a Hathor, que revelam danças divinas. A Bíblia Sagrada, escrita também nessa época, traz ao longo de suas páginas diversos versículos que se referem à dança no cotidiano, em sua maior parte marcando momentos felizes, de comemoração e louvor. Como exemplo, o capítulo 6 do Segundo Livro de Samuel ou Segundo Livro dos Reis, no Antigo Testamento, onde no versículo 5 “Davi e toda a casa de Israel dançavam com todo o entusiasmo diante do Senhor e cantavam acompanhados de harpa, cítaras, tamborins, sistros e címbalos”, no versículo 14 “Davi dançava com todas as suas forças diante do Senhor, cingido com um efod de linho”, e ao fim do capítulo em questão, no versículo 21 Davi fala: “Foi diante do Senhor que dancei”.

Tais mídias muitas vezes até mesmo não são consideradas como tal, pois não se encaixam nas teorias da comunicação que conhecemos amplamente, por exemplo. São muito anteriores à criação da imprensa, mas já contém o mesmo objetivo que ela: o de comunicar. Aqui estamos falando do que Baitello Junior (1998) chama de “mídias secundárias”: contam

com o uso de ferramentas comunicativas para amplificar e dar mais visibilidade às mídias primárias, à comunicação do corpo.

Quando é chegada a Idade Média (século V ao século XV), a relação com a dança começa a ser vista também de outra forma. É nesta época que a sociedade começa a rumar para a dança-espetáculo. Na França dos séculos XIV e X, o balé de corte começa a surgir e a dança começa a envolver muitos aspectos técnicos e políticos. Passam a existir profissionais da dança, e a dança clássica é inventada e propagada por Charles-Louis-Pierre Beauchamps. Já na Idade Moderna, no final dos anos 1700 e durante os anos 1800, são criados e apresentados grande parte dos ballets de repertório até hoje conhecidos (BOURCIER, 2001). Ao chegar ao século XX, é o neoclassicismo que vigora e os balés russos fazem muito sucesso, a exemplo de Balanchine, grande coreógrafo que fundou sua própria “escola”, e dos balés suecos que, mesmo com menor popularidade, também marcaram sua presença nesta época.

Com o passar do tempo, surge também o que conhecemos hoje por dança moderna, tendo como seu principal expoente François Delsarte. François teve uma história turbulenta, mas marca um ponto importante para a dança moderna: o descobrimento da relação “entre a voz, o gesto e a emoção interior” e assim constatando o “[...] corolário-chave da dança moderna: a intensidade do sentimento comanda a intensidade do gesto” (BOURCIER, 2001, p. 244). A estadunidense Isadora Duncan também é grande marca da dança moderna que começava a se mostrar e adquirir seu espaço. Com essa nova escola sendo fundada, muito do que era valorizado anteriormente, como a técnica perfeita e movimentos precisos, dá lugar a uma dança que tem como principal guia as emoções do dançarino (BOURCIER, 2001).

A queda do império romano marca a passagem da Idade Antiga para a Idade Média e a mudança para o segundo período estabelecido por nós. A dança não foi completa e automaticamente excluída da vivência cotidiana da Idade Média. Como evidência disso tem-se o fato de que, justamente por estar intrinsecamente ligada ao culto do sagrado e fazer parte do cotidiano e da vivência das pessoas, a Igreja Católica, dominante na época, teve de fazer diversos esforços para barrar a entrada da dança em sua liturgia, como interditos e proibições (BOURCIER, 2001).

Essa conclusão citada acima, de que a dança não tem relação com o sagrado na Idade Média não é endossada por nós. Apesar disso, esta ideia poderia sim ser defendida, pois de fato, no período da pré-história e da Idade Antiga a dança era componente de grande parte, senão de todos, os rituais religiosos: o sagrado era manifestado abertamente pela religiosidade. Com a sua proibição no âmbito da religião institucional, no período que inicia com a Idade Média, a

dança passou a não estar mais presente, pelo menos não institucionalmente: ela surge como expressão artística e adquire características como a técnica e a profissionalização, e então o sagrado é manifestado de forma diferente através dela, é marginalizado, mas nem por isso deixa de estar presente.

Neste ponto começa nosso esforço de entender a história de uma outra forma. Compreendemos que as coisas não se deram de forma tão dicotômica quanto o posto por Amaral (2009, p. 1) ao falar sobre a proibição da dança pela igreja: “Assim, a dança percorreu outro caminho, perdeu o sentido religioso e passou a ser dança de comemorações festivas, simplesmente.”. Também entendemos que Bourcier (2001, p. 51), de certa forma, vai no mesmo sentido de Amaral ao citar que: “[...] a dança na Idade Média cristã é apenas divertimento”. No sentido contrário ao dos autores, compreendemos que o sagrado não deixou de estar presente na dança durante este período, apenas a dança seguiu outro caminho e encontrou o sagrado de outras formas que não a da religião institucional.

Assim, ao imaginarmos um caminho possível para a mídia e a dança, diferente do que aconteceu, entendemos que caso não tivesse acontecido a insistência na proibição da dança por parte da igreja, tal manifestação poderia ter ganhado outro papel frente às mídias da época, que não o de expressão artística e espetáculo apenas.

Ora, quando escorraçada do ambiente religioso institucional, a dança não sai do cotidiano, mas adquire novas características e se torna arte. Nem por isso, é claro, que a vivência dos dançarinos com a sua dança irá mudar. É ilógico pensar, considerando nosso viés de pesquisa, na “superação” de algo. Seja de uma mídia, seja da dança, seja do sagrado. O poder catártico da dança permanece para aquele que dança, mas aos olhos gerais a dança se torna apenas uma manifestação artística, sem ligação nenhuma com o sagrado.

Assim, ao tentarmos recuperar mídias que retratem a dança durante a Idade Média, o que encontramos são pinturas que retratam bailes e apresentações de ballet da época. No entanto, é claro que, apesar de não terem sido registradas por tantas mídias, e por isso não entrarem na conta da história da dança neste período, danças folclóricas, danças de tribos indígenas e de religiões de matriz africana, por exemplo, também aconteciam nessa época.

As mídias e o viés sagrado da dança se afastam consideravelmente nesse momento, e o motivo, acreditamos, é o de que a dança agora não é mais considerada peça essencial da humanidade, e sim vista como distração e entretenimento. Nesse ponto é possível que compreendamos a importância que se faz uma abordagem ampla frente a esse fenômeno, afinal, se não estivéssemos estudando a fundo a relação entre as mídias e a dança, possivelmente

acreditaríamos no discurso vigente de que o sagrado “desapareceu” na Idade Média, enquanto na verdade ele apenas não estava presente aparentemente na maior parte dessas mídias.

Assim, para fins de trabalho dividimos a história da dança em três períodos principais: o primeiro que vai do período paleolítico até o final da idade antiga, o segundo que vai do início da idade média até o final da idade moderna, e o terceiro que começa pouco depois do início da contemporaneidade e é o que vivemos atualmente.

A situação descrita acima acontece até o início da Idade Contemporânea, quando outros gêneros de dança começam a ganhar força. Ora, como vimos através da pesquisa de Bourcier (2001), a dança contemporânea é fortemente marcada pela quebra dos padrões da dança clássica, tem grande apelo ao sentimental e ao profundo, e assim, por ter esse apelo visível, e por ganhar espaço nas grandes potências (principalmente nos Estados Unidos) ela marca uma virada na história da dança como um todo.

O sagrado, de certa forma, passa a ficar mais aparente no contexto da dança, mesmo quando se fala de uma dança de espetáculo, como é o caso também da dança contemporânea. Essa dança ganha força no final dos anos 1800 e ao longo dos anos 1900, momento em que o mundo como um todo ganha novos ares e o progresso começa a se dar de forma mais acelerada. Nessa época as monarquias começam a perder espaço, revoluções e a fortificação do capitalismo acontecem e a imprensa também começa a alçar seus primeiros voos.

Algo que também ganhamos nesse tempo e que está mais evidente ainda nas últimas décadas é a abertura (ou reabertura, melhor dizendo) das mídias para a população em geral. É nesse período que alcançamos o que Baitello Junior (1998) chama de “mídias terciárias”, ou seja, aquelas que têm suporte da eletricidade para sua existência.

Se no início de nossa análise tínhamos mídias que estavam disponíveis para qualquer um que desejasse ter acesso a elas (como é o caso das pinturas rupestres), em dado momento, com a estruturação das cidades e das monarquias, tal direito é tirado e volta-se principalmente para as mãos dos mais poderosos. Hoje, com o advento da tecnologia, impulsionada pelas revoluções industriais, o que temos são mídias que necessitam de ferramentas e equipamentos mais complexos para seu funcionamento, mas que em contrapartida se abrem novamente para a população em geral.

Com isso, podemos ver mais uma vez a dança e a mídia se aproximando, mais especificamente no contexto da internet. Outro ponto também é o de que não mais temos um único gênero de dança em vigor, mas que abrimos as portas para os mais diversos tipos de dança, de forma que o sagrado voltou a ser visto também com mais frequência no contexto da

dança. De forma geral percebemos o seguinte: na pré-história a dança e a mídia eram intimamente ligadas, afinal, o sagrado era muito presente no cotidiano dos seres humanos, a dança servia de ligação com este sagrado e dessa forma nasceram as primeiras mídias, eternizando os costumes dançantes da época; com o passar dos anos e a chegada da Idade Média, esse contexto mudou bastante, a dança deixou de ser considerada pela religião institucional hegemônica, de forma que principalmente seu caráter sagrado acabou sendo excluído das mídias, que estavam sob poder desta religião, assim, a face predominante que se conhece da dança dessa época é a face artística; quando chegamos à Idade Contemporânea a variedade de mídias e o acesso a elas aumenta, dessa forma, podemos observar uma volta da relação entre mídia e dança, em semelhança à pré-história e a Idade Antiga, atualmente temos a sociedade no geral com mais acesso às mídias, e é possível ver a dança e sua relação com o sagrado voltando ao grande debate.

Entendemos, assim, a forma como a dança e a mídia estiveram relacionadas ao longo do tempo e como o sagrado foi manifestado nesse contexto e como se deu o percurso das mídias através dos anos. Sobre a internet, mídia muito atual, e o ambiente chamado de “cibercultura”, percebemos uma grande semelhança entre essas mídias com aquelas primeiras, arcaicas.

Tem-se em ambas grande envolvimento e participação da comunidade, o controle sobre elas é menor do que em outras mídias, e a possibilidade de interação e comunicação de mão dupla é muito presente. Ora, assim vamos ao encontro daquilo que Felinto (2010) fala sobre a cibercultura: não é que queiramos minimizá-la ou negar suas qualidades, trata-se de entender que o que ela faz nada mais é que um esforço que já vinha sendo realizado milênios antes, mas desta vez contando com o suporte da tecnologia.

Entendemos assim, que aquelas primeiras mídias, consideradas “ultrapassadas” por muitos, são hoje rerepresentadas, mesmo que com nova roupagem, em nossa sociedade. Tal conclusão se assemelha ao que Telles (2017, p. 6) irá comentar sobre o pensamento: "Zielinski prega por um tempo paleontológico da mídia, insistindo que o desenvolvimento da mídia não é progressivo, indo do mais primitivo ao mais complexo, mas cíclico."

Dessa forma, cientes de que a dança alcança os ambientes virtuais não apenas com a chegada da pandemia e da necessidade do isolamento social, mas ainda quando as mídias sociais começavam a se popularizar, conforme elucidamos no capítulo anterior, é natural que observemos diversas formas de se relacionar com a dança através da internet. O que conhecemos como videodança é um exemplo importante: se trata de danças pensadas exclusivamente para serem registradas e assistidas através de vídeo, ou seja, uma adaptação da

dança para se encaixar nas características exigidas e disponibilizadas pela mídia em questão, ou, conforme explica Schulze (2010, p. 1)

Videodança é um termo genérico, utilizado para descrever uma forma artística relativamente nova, que freqüentemente realiza a fusão de tendências vanguardistas em dança com inovações em vídeo-arte, cinema e práticas televisivas.

O autor comenta também que ainda existem poucas pesquisas direcionadas a entender e refletir a respeito da videodança comparado à grande quantidade de vídeos produzidos nesse sentido, ou seja, desde que surgiu como possibilidade, por volta de 1960 com Merce Cunningham (SCHULZE, 2010), a videodança se expandiu e popularizou, mas não teve grande exploração científica e de pesquisa acerca de seu fazer. Observamos também que a videodança surgiu muito antes da popularização da internet, pois depende apenas do vídeo enquanto mídia principal; porém, com a chegada da internet ao grande público vemos uma nova possibilidade ser acrescida à videodança: a mesma pode ser realizada da mesma forma como era antes, mas sua distribuição e compartilhamento torna-se muito mais facilitada, viabilizando sua disseminação entre um público maior.

Com base na crescente relação que a dança vem tendo com as mídias e a tecnologia, como citamos anteriormente, Wolff (2013, p. 9 e 10) reflete acerca das novas possibilidades de quebra do regime linear e textual de pensamento que foi configurado nos últimos séculos em nossa sociedade:

[...] mesmo que o movimento tecnológico seja um movimento de caráter universal e global, é possível perceber a quebra que a relação com a dança realiza sobre o pensamento cartesiano. Por outro lado as representações e metáforas criadas por esta relação devem ser pensadas em toda opção por incluir a tecnologia na obra de dança.

Sabemos que o entendimento de que estamos vivenciando um novo tempo em que o pensamento textual dá lugar a um possível retorno do pensamento regido pela imagem não é exclusividade de Wolff (2013), ao contrário, esta teoria é proposta e endossada por diversos autores anteriores, como Vilém Flusser e Marshall McLuhan¹⁰.

Outro momento em que a relação entre dança e mídia, através da tecnologia, toma nova

¹⁰ Os dois autores citados, dedicam partes de sua obra a refletir sobre a sociedade como um todo e o contexto e rumo que a mesma toma ao longo do tempo. Utilizando referências diferentes, de forma geral, tanto Flusser quanto McLuhan entendem que a sociedade arcaica, que não contava com a escrita, era regida e coordenada pelas imagens, sendo estas imprescindíveis a tais sociedades. Com o surgimento e consolidação da escrita, entendem que a sociedade passa a centralizar-se e orientar-se muito mais pelos textos escritos, abandonando a imagem e todas as suas possibilidades. Os autores sugerem ainda, que quando somos abordados pela televisão (e, mais recentemente, pelas mídias sociais e pela internet), temos uma espécie de retorno à sociedade da imagem, que não se dá, é claro, da mesma forma que nas sociedades arcaicas, mas que muito se difere da sociedade escrita que se tinha anteriormente.

forma e cria, baseado nas possibilidades na mídia, uma nova maneira de fazer dança, é através do que é chamado de “computer-dance”. Se trata de uma tentativa de sistematização da dança através de um algoritmo para computador, proposto pela pioneira da videodança no Brasil, Analivia Cordeiro, em 1977. A autora, ao dizer que

A dança é a arte da expressão corporal intencional. Sendo considerada a primeira forma artística do homem, a dança existe há milênios, sob múltiplas formas de expressão: das conscientes e planejadas até as espontâneas e inconscientes. Essa riqueza se consolidou porque a dança sempre refletiu a sociedade da época em que era criada. No século 20, com a revolução de conhecimento e comportamento provocada pela tecnologia, a dança também respondeu a essa mudança social (CORDEIRO, 2020, p. 27).

Endossa o que nos referimos anteriormente no presente texto: a dança acompanhando o ser humano e a forma como ele se relaciona com as mídias. Nesse sentido, entendemos que quando surgem novas mídias em nosso horizonte, elas não atuam realizando uma quebra de padrões e inovação imediata, mas são adaptadas aos fatores relevantes aos indivíduos naquele momento. O momento em que Cordeiro propôs a “computer-dance” era de grande encantamento pelas novas tecnologias que surgiam, e mostra de forma clara como, em acordo com Gonçalves (2020) entendemos a relação entre indivíduos e tecnologia: não há determinismo tecnológico, pois o que é pautado pela nova tecnologia é uma temática não só muito antiga, mas ancestral, inerente ao ser humano, servindo a tecnologia para refletir sobre o que já se tinha; e também não há como defendermos o paradigma do usuário isolado, pois, mesmo se tratando de uma temática pré-existente, a tecnologia está sendo inserida no jogo, como uma nova proposta.

Mesmo vivenciando um mundo desencantado os indivíduos ainda são interpelados pela experiência do sagrado; a dança ainda comove, pois a modificação se deu no campo do social, afetando os sujeitos não apenas culturalmente como também em aspectos psicológicos e de convivência, mas aquilo que é parte inerente de nossa espécie não tem como ser deixado de lado.

É entendendo essa relação que podemos compreender como muitas atividades se mostram sagradas e terapêuticas para os indivíduos. Dando atenção especial à dança, nosso objeto de estudo, entendemos que esta, acompanhando os indivíduos há milênios, conectando corpo e mente e movimentando sentidos, é vista, por quem dança, como muito mais do que atividade física, é integração, entrega e comoção. Bernhard Wosien, reconhecido artista e bailarino polonês, vivenciou a experiência da religião institucional diariamente durante sua infância e adolescência; por pressão de seu pai estudou teologia, foi também integrante ativo

da igreja em que fazia parte. No entanto, relata que foi quando encontrou a dança que vivenciou a real conexão com o sagrado:

A musa da dança fez brilhar em mim uma base religiosa mais nova e profunda. A arte, enquanto anunciação e profética indicação de um caminho, não mais me deixou. Assim, eu segui meu caminho, como diz o poeta: “o homem em seu impulso obscuro, está plenamente consciente do caminho correto” (WOSIEN, 2000, p. 20).

Wosien, movido pelo encantamento com a dança e por sua profunda conexão com o sagrado a partir dela, desenvolveu sua carreira ensinando dança e criou o que hoje conhecemos por “sacred dance”, ou dança sagrada: uma dança que não tem vinculação com nenhuma religião institucional, mas que busca a profunda relação dos dançarinos com o sagrado. Nosso intuito não é aprofundar nos conceitos específicos da sacred-dance, mas sim entender como a vivência de Wosien e suas reflexões acerca da dança nos mostram todas as possibilidades do dançar.

3.2 Imaginário e sagrado

Observamos que a vivência e a experimentação do corpo se coadunam. As relações com as diferentes mídias, o isolamento social provocado pela pandemia, a dessacralização do mundo, e por fim, a própria dança. De certa forma, o corpo estará presente em todas as temáticas que optemos por debater no âmbito das ciências humanas, justamente porque sem corpo não há ser humano.

Nesse sentido, vemos hoje muitas abordagens e reflexões a respeito do corpo e de sua presença no contexto social. Reflexões importantes que trazem à tona temáticas políticas e sociais que até pouco tempo atrás eram desconsideradas, e que justamente por esse motivo, passaram a ser deturpadas por preconceitos e estereótipos. No entanto, pensamos aqui também em outra face do corpo, que está intimamente ligada com esta primeira: a da experiência corpórea através do movimento. Wosien (2020, p. 64) explica:

Vida é movimento. Onde as funções do movimento estão perturbadas, evidenciar-se-ão consequências nos comportamentos de vida e vice-versa. É um fato: em quase todos os casos clínicos-psiquiátricos, quer se trate de perturbações de comportamento psicógenas ou condicionadas pelo meio, ou sejam prejuízos somaticamente condicionados, pode-se comprovar perturbações mais ou menos fortes das funções do movimento e do transcurso do movimento.

O que o autor expõe o fato de que, trabalhando em clínicas e departamentos de pedagogia, pode observar os benefícios do movimento e da integração corpo x mente para casos psiquiátricos e de aprendizado. É importante também salientar que o que se fala no trecho supracitado não é dos efeitos do movimento diretamente em relação à saúde física (os quais a

eficácia já é amplamente reconhecida e faz parte do senso comum), mas sim o impacto positivo que o movimento traz diretamente à saúde psíquica.

Dessa forma, entendemos que a integração corpo x mente é essencial, e que através de práticas como a dança, onde muito se exige de ambos e alguns limites construídos de pensamento podem ser ultrapassados, é possível reencontrar essa relação e nos observarmos e sentirmos enquanto seres humanos completos e complexos, envolvidos no todo. A vivência do corpo através da dança reativa a conexão essencial que temos enquanto seres humanos; mesmo com a presença forte das máquinas e da tecnologia em nosso cotidiano, não imaginamos que um ciborguismo, para usar as palavras de Haraway et. al. (2009), possa nos dominar tanto a ponto de apagar ou impedir as experiências corpóreas. Ao contrário, entendemos a vivência do corpo como um ato de resistência frente aos desmontes e ataques que sofre não só o próprio corpo em nossa sociedade, como já comentamos anteriormente, como também a subjetividade.

O corpo é forma essencial e ponte para a subjetividade, afinal, como nos diz Durand (1993) é através de três grandes gestos reflexos, associados aos regimes de imagem propostos pelo autor que as imagens simbólicas se organizam e nos interpelam. Ao refletirmos a priori sobre cada um destes gestos já é possível que percebamos o quanto eles estão, a todo o tempo, agindo em nosso corpo, seja pelas claras motivações fisiológicas, de funcionamento do nosso corpo, para o qual tais gestos se mostram essenciais; mas também, justamente por sua forte e crucial importância para o funcionamento do corpo, é que tais gestos influenciam muito mais do que a parte fisiológica do ser humano. Como dissemos acima, pela indissociável relação entre corpo e mente (e por ser justamente essa relação que nos constitui enquanto seres humanos) é que os gestos elencados por Durand (1993; 2012) influenciam tão fortemente também a nossa experiência simbólica.

Para começar a desenrolar a discussão acerca das Teorias do Imaginário é preciso que escolhamos um ponto inicial, e devido ao caráter próprio da teoria não há uma ponta no novelo pela qual devamos obrigatoriamente começar a fiar. Optamos então por encontrar uma parte deste todo que faça sentido iniciar para nossa pesquisa, e aqui, escolhemos começar o debate pelos gestos reflexos, por estes estarem intimamente ligados ao corpo, e o corpo, por sua vez, diretamente ligado à dança, nosso objeto de pesquisa. Apesar disso, inicialmente é necessário que evidenciemos que a Teoria Geral do Imaginário não surge para nós meramente enquanto ferramenta de análise ou aporte teórico adequado aos objetivos do trabalho, e sim, assim como pede a teoria, enquanto hermenêutica guiadora de todo o nosso pensamento aqui proposto, desde a estruturação dos objetivos e justificativa, às reflexões teóricas e por fim às análises

realizadas.

Escolhemos expor a Teoria Geral do Imaginário somente agora para antes observá-la sendo posta em prática enquanto viés de pesquisa, com a hermenêutica sendo movimentada. Dessa forma, tentamos nos proteger da forte tendência de cair na mecanização do pensamento durandiano e da teoria do imaginário como um todo, que já sofrem tantos processos de redução e apagamento, sendo muitas vezes utilizadas como meio para chegar a um final, ou como simples ferramenta para análise.

Ora, não se trata aqui de ser purista ao extremo ou de apaixonar-se cegamente pela teoria a ponto de não ver além dela, mas sim de um comprometimento teórico sério que assumimos ao optar por fazer uso de determinada hermenêutica. Se não nos dedicarmos a fazer uso da teoria, ao menos buscando pela maior compreensão possível dela para nós no momento, estaremos sendo injustos por três vezes: com a teoria, com a nossa pesquisa e conosco mesmos enquanto pesquisadores.

Nesse sentido, os estudos do imaginário e a dança tem uma semelhança importante: a iniciação. O processo iniciático, se procurarmos a definição no dicionário, quer dizer:

1 Ato ou efeito de iniciar(-se). 2 Ato de começar ou iniciar algo. 3 Cerimônia ou processo pelo qual se inicia alguém nos mistérios e na prática de alguma religião, seita etc., para ser aceito como membro: “[...] pretendia conciliar todas as religiões através da gnose, um mistério transmitido aos fiéis através de complexos ritos de iniciação” (JR). 4 Ação de receber ou dar os primeiros ensinamentos relativos a determinada área do conhecimento (INICIAÇÃO, 2021).

Passar pelo processo de iniciação é, de certa forma, receber os ensinamentos e normas necessários para que se faça determinada coisa com comprometimento e dedicação, é como uma passagem e uma responsabilidade que se passa a arcar. A dança, para Wosien (2020, p. 80) se vivenciada a partir da entrega e da dedicação plenas, é processo iniciático:

A dança nascida do fogo primevo da paixão, das profundezas do inconsciente, este sonho, de movimento selvagem, reconfortante, que não tem início nem fim, foi conjurada e exorcizada. Foi dissecada em inúmeras fases do espaço-tempo. O número e a mediada, a ordem, o início e o fim, o ritmo, a melodia e o compasso foram, cada um, descobertos, compreendidos e vivenciados, separadamente, como fatores criadores da forma. Quem se submeteu a esta iniciação, pode afirmar que caminhou, passo a passo, sem piedade, e, em muitos aspectos, dolorosamente.

No mesmo sentido, Barros e Contrera (2018, p. 22) explicitam logo no início de seu artigo a respeito da iniciação como método às teorias do imaginário:

Por não constituir uma propriedade empírica e estável, o simbólico não pode ser apreendido pelas metodologias centradas no trabalho racional sobre os

dados. Conclui-se pela necessária submissão iniciática do iniciador ao simbolismo como requisito para realizar pesquisas sobre o imaginário, partindo de uma concepção de ciência que rompe com o pensamento disjuntivo cartesiano e propõe uma visão complexa dos fenômenos do imaginário.

A iniciação, sabemos, não se dá de forma pacífica e leve, mas é marcada por avanços, surpresas, choques e tensões. De toda forma não é nossa intenção aqui, nem seria possível, promover um processo iniciático ao leitor, seja na dança, seja no trabalho com a teoria do imaginário.

Voltando ao que se falava, a respeito das terminologias e postulados que a Teoria Geral do Imaginário nos apresenta, consideramos importante refletir sobre os gestos reflexos, pelos quais começamos a presente discussão. Como já dito, são três os gestos reflexos que nos impactam profundamente; o postural, segundo Durand (2012, p. 48)

[...] coordena ou inibe todos os outros reflexos quando, por exemplo, se põe o corpo da criança na vertical. [...] pode-se dizer que numa tal dominante reflexa se acumulam o *analogon* afetivo e o *analogon* cinestésico da imagem.

Nesse trecho destacado por nós da obra de Durand podemos perceber como o autor entende não só a relevância que os gestos e reflexos dominantes assumem frente aos demais como também a íntima relação que trazem entre corpo e mente, assunto do qual já vínhamos abordando anteriormente. O reflexo postural pelo qual, desde bebês, nos erguemos instintivamente frente ao mundo e ao universo tanto em sua forma simbólica quanto tangível, é compreendido não apenas pelo corpo (*analogon* cinestésico) como também pela mente (*analogon* afetivo) (DURAND, 2012).

Compreender essa íntima relação por muitas vezes pode parecer difícil, tendo em vista a concepção dualista e materialista que temos de observar o mundo e seus acontecimentos. Nesse caso não se trata de isolar um fenômeno para compreendê-lo melhor, mas sim de, através de uma análise e pensamento do indivíduo como um todo, entender que, naturalmente, os aspectos e motivações do corpo e da mente estão estreitamente ligados; ou seja, por mais que para fins de estudo e aprofundamento seja necessário separá-los para melhor entender suas particularidades, quando em funcionamento, corpo e mente, realidade tangível e realidade simbólica agem e interagem em conjunto a todo o tempo.

Nesse sentido, a dominante digestiva, ou de nutrição, pode também ser percebida pela tão próxima ligação entre os gestos do corpo e a experiência simbólica. Sabemos que no humano recém-nascido também já podem ser observados os reflexos inatos de sucção e deglutição, os quais o novo ser nunca havia experienciado dentro do útero de sua mãe, mas que,

de forma natural passa a fazer assim que nasce (considerando um bebê saudável); a experiência da alimentação e da proximidade com a mãe, sabemos, é essencial ao desenvolvimento do bebê não apenas pela sua nutrição, mas também pela proximidade, pelo toque e pela interação que passa a ter com a mãe. Os impactos citados não são apenas da ordem fisiológica, mas compreendem e afetam também e com grande força as construções simbólicas do indivíduo.

Já o terceiro reflexo dominante é o rítmico ou copulativo, e, não enganados pelo nome que pode nos levar a entender esse gesto da mesma forma como a proposta pela psicanálise, que “habitou-nos a ver na pulsão sexual uma dominante todo-poderosa da conduta animal” (DURAND, 2012, p. 49), entendemos este reflexo como o que rege o ritmo presente corporalmente nos indivíduos como um todo e faz com que estes se relacionem de forma interligada não apenas uns com os outros mas com o universo de maneira geral, que também mantém seu ritmo constante.

Ora, muito do que falamos aqui a respeito da interdependência entre corpo e mente, apesar da necessidade de ser citado, pois é postulado da Teoria Geral do Imaginário, já é ponto pacífico para aqueles que estudam a psicologia na atualidade, como nos diz Durand (2012, p. 51):

[...] podemos dizer que admitimos as três dominantes reflexas, “malhas intermediárias entre os reflexos simples e os reflexos associados”, como matrizes sensorio-motoras nas quais as representações vão naturalmente integrar-se, sobretudo se certos esquemas (*schémas*) perceptivos vêm enquadrar e assimilar-se aos esquemas (*schémas*) motores primitivos, se as dominantes posturais, de engolimento ou rítmicas se encontram em concordância com os dados de certas experiências perceptivas. É a este nível que os grandes símbolos vão se formar, por uma dupla motivação que lhes vai dar esse aspecto imperativo de sobredeterminação tão característico.

Entender que os gestos dominantes são inerentes aos indivíduos e os constituem enquanto seres humanos não é algo que precise de muitos reforços e convencimentos para a ciência atual, como já dito, muitas são as pesquisas e reflexões tanto da área das ciências naturais e biológicas como também das humanas que situam esses reflexos como ponto pacífico para o desenvolvimento do par mente e corpo dos sujeitos. Ora, seguindo a mesma linha de raciocínio, se já a predominância dos gestos e reflexos dominantes foi incorporada por grande parte da ciência, podemos compreender também que no mesmo roldão entra a compreensão do simbólico como parte pertencente ao ser humano, por isso também se consolida a psicologia e os estudos da mente enquanto ciências não apenas sérias como também essenciais ao entendimento do ser humano.

É importante que digamos, não é pelo supracitado referente à integração do simbólico

às pautas da ciência, que temos um cenário propício e aberto a receber os debates que tratam do simbólico. Pelo contrário, mesmo dentro da pesquisa na área das ciências humanas, que mais fortemente vê a questão do simbólico interpelando seus objetos de pesquisa, ainda observamos uma forte resistência às temáticas e às pesquisas que tratam do simbólico.

Voltando aos reflexos dominantes do ser humano, Durand (2012) entende também que os reflexos se relacionam intimamente com o que ele chama de regimes da imagem: formas de organização das imagens simbólicas, que se assemelham sempre por homologia, ou seja, pela semelhança morfológica, estrutural, mais do que pela semelhança funcional, que seria o caso da analogia. Nesse sentido, podemos ver proximidade por homologia entre as asas do anjo e a coroa de ouro, mas não entre asas de anjo e asas de morcego, por exemplo, pois estas últimas se assemelham apenas em função (DURAND, 2012). Assim, as imagens simbólicas e os símbolos se aproximam, como dito, através da homologia, e os núcleos pelos quais são atraídas e se assemelham, Durand chama de regimes da imagem, sendo eles: o regime diurno da imagem, também conhecido como regime heróico, que, vinculado aos schèmes ascensional, especular e diairético, reúne símbolos de subida, imposição, virilidade, guerra às trevas, transcendência, clareza, separação, simplificação, etc.; e o regime noturno da imagem, que se subdivide em: regime dramático, que vinculado ao schème da descida, organiza símbolos de inversão e intimidade, como a noite, o repouso, a morada, o túmulo; e regime místico, que se aproxima dos schèmes rítmico e progressivo, reunindo respectivamente, símbolos cíclicos, como a lua, o zodíaco, a serpente e a iniciação, e símbolos progressivos, como a árvore da vida, o ritmo musical e os tambores (DURAND, 2012).

Todos os aspectos supracitados, que dizem respeito às formas de organização dos símbolos dentro do imaginário¹¹ não devem ser vistos como normas rígidas e estruturalizações, mas justamente como tentativas desprendidas de entender o tão complexo funcionamento do pensamento simbólico humano, que para Durand é reflexo do somatório entre cultura e psicologia, resultando em uma abordagem antropológica que valoriza as duas influências e entende que é através do somatório de ambas que se constitui a essência do ser humano (DURAND, 2012). Dessa forma também, entendendo que os símbolos, dentro da Teoria Geral do Imaginário são não apenas indicadores ou representações de outra coisa, mas sim tem seu significado em si mesmos, é que podemos compreender sua potência e relevância frente aos

¹¹ Reforçamos aqui nosso entendimento acerca da palavra imaginário citando Durand (2012, p. 18): “[O imaginário é] o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do Homo sapiens [e] aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano”.

mais diversos acontecimentos de nossa experiência; é por compreendermos que, mesmo que nos esforcemos, não temos controle sobre os efeitos e as manifestações do imaginário que se torna tão rica e necessária a pesquisa desse ponto. No mesmo sentido, entendemos como relevante o estudo da dança e do sagrado a partir deste viés, compreendendo o potencial simbólico destas manifestações e a necessária compreensão delas em sua relação com as mídias.

4 A ÁGUA

Amar é um deserto e seus temores
Vida que vai na sela dessas dores
Não sabe voltar, me dá teu calor
Vem me fazer feliz, porque eu te amo
Você deságua em mim, e eu, oceano
E esqueço que amar é quase uma dor¹²

Neste e nos capítulos seguintes nos dedicaremos a realizar reflexões a respeito das metáforas obsessivas observadas por meio da análise das transcrições das falas dos entrevistados. Destacamos a imagem da água, do ritmo e do sagrado como as mais recorrentes no material analisado, além do tópico que diz respeito às mídias, que também permeia as falas em questão.

Ao ouvirmos os relatos dos entrevistados de pesquisa, percebemos uma forte presença da água em grande parte das falas (conforme os grifos em azul-petróleo, presentes nas transcrições das entrevistas, em apêndice). A água que vem do choro de emoção, a fluidez que remete à água, a liberdade que se assemelha à liberdade das águas, dentre outras manifestações as quais abordaremos ao longo deste tópico. Bachelard (1997) nos diz que as imagens da água, assim como ela, são fluídas, nos escapam por entre os dedos e precisam de atenção para que sejam percebidas, não são como algumas imagens de outros elementos que se se posicionam de forma forte e estática. A água, assim como a dança, é delicada e poderosa, demonstra sua força através da constância e da maleabilidade. Assim, dividimos a manifestação da imagem da água pelas três metáforas obsessivas principais que observamos nas entrevistas realizadas: o reflexo, o acolhimento e a liberdade.

Percebemos também que as metáforas obsessivas observadas nas falas dos entrevistados convergem para a imagem da água clara e corrente, aquela que propicia o surgimento do mito narcísico, o frescor da primavera e o ritmo das correntezas. Reforçamos isso pois a água, assim como os demais elementos, pode se apresentar de variadas formas à imaginação (BACHELARD, 1997), as águas claras (as quais percebemos manifestarem-se nos relatos dos entrevistados) são apenas uma das formas da imagem da água se manifestar à nossa consciência.

Nesse sentido Bachelard (1997) evidencia que não é apenas por percebermos indícios de que a imagem da água surge em determinados discursos e ocasiões que esta é a única imagem que é manifestada pela vivência do fenômeno em questão, pelo contrário, o autor elucida que:

¹² Trecho da música “Oceano”, composta por Djavan e interpretada pela primeira vez por Djavan, no álbum “Djavan”, lançado em 1989.

A imaginação material, a imaginação dos quatro elementos, ainda que favoreça um elemento, gosta de jogar com as imagens de suas combinações. Quer que seu elemento favorito impregne tudo, quer que ele seja a substância de todo um mundo, Mas, apesar dessa unidade fundamental, a imaginação material quer guardar a variedade do universo. A noção de combinação serve para esse fim. A imaginação formal tem necessidade da idéia de composição. A imaginação material tem necessidade da idéia de combinação (p. 97).

Assim, trazemos reflexões preliminares a respeito do que foi analisado até o momento e o que se pode perceber a respeito disso.

4.1 Reflexo e contemplação

A água, mesmo que tomada pela fluidez que lhe é inerente, pode também ser profunda, as formas da água se apresentam a nós de diferentes maneiras, todas elas mantendo as características primeiras do elemento. Ao falarmos de água somos interpelados pela questão do reflexo, importante ponto que nos leva a lembrar do mito narcísico, como evidencia Bachelard (1997). O reflexo, ou espelhamento, é muito presente na vivência daqueles que dançam: muitas das salas dedicadas à prática da dança, assim como salões onde são realizadas festas e pistas de dança, contam com a presença de grandes espelhos, que permitem aos dançarinos que observem seus passos e os passos daqueles que dançam consigo¹³.

A entrevistada L ao ser questionada sobre como era vivenciar a dança em casa, através de plataformas digitais, trouxe a questão da ausência do espelho no momento da prática da dança, relatando que, ao mudar das aulas de dança presenciais para dançar assistindo e acompanhando vídeos canais de dança no YouTube (mudança que para ela aconteceu antes mesmo da pandemia) a mudança que mais a impactou foi a falta do espelho; comentou que na sala de aula da academia onde fazia aulas tinham grandes espelhos por toda a parede, enquanto em sua casa, especificamente dentro do quarto, ela não contava com a presença de nenhum espelho; para L, isso dificultou a realização dos passos e a noção de espaço, mas relatou que hoje (quase dois anos depois da mudança) já se acostumou a dançar e acompanhar as coreografias sem necessitar do espelho. Para ela, que havia vivenciado a dança em sala com espelhos durante algum tempo, a mudança para um ambiente onde não se tinha esse artefato, de início, foi impactante, pois novos sentidos tinham de ser aprendidos, e a questão da

¹³ A relação entre a presença do espelho nas salas de dança e a ausência deste no ambiente da casa, onde geralmente é praticada a dança em ambientes virtuais, surgiu na fala de alguns entrevistados. Para melhor especificar a utilização do espelho em salas de dança, Monteiro (2018) realizou uma pesquisa com alunas de dança e concluiu que “o trabalho na ausência do espelho pode melhorar a forma da percepção do corpo, no entanto o uso do espelho também traz os seus benefícios tendo sempre em mente que a consciência corporal deve ser ativada, devido ao fato de esta ferramenta não existir em palco.” (MONTEIRO, 2018, p. 81 e 82).

consciência corporal, apontada por Monteiro (2018) como ponto a ser desenvolvido na dança sem espelhos, foi citada pela entrevistada como ainda mais necessária quando se dança em casa, sem a companhia do duplo proporcionado pelo reflexo do espelho.

Aquele sujeito que se acostuma a dançar na companhia do espelho, de fato precisa reaprender a dançar quando o espelho é retirado de seu horizonte; Bachelard (1997, p. 30), ao falar da água e do reflexo que ela proporciona traz à tona a questão da contemplação:

O homem quer ver. Ver é uma necessidade direta. A curiosidade dinamiza a mente humana. Mas na própria natureza parece que forças de visão estão ativas. Entre a natureza contemplada e a natureza contemplativa, as relações são estreitas e recíprocas.

O que o espelho faz, seja na sala de dança, seja em outro lugar qualquer em que se insira, é possibilitar e facilitar o “ver”. Não o mesmo *ver* propiciado pelo reflexo das águas, que normalmente é difuso, amplo e enevoado, mas um ver limpo, claro e egoísta, que retira a complexidade do mito de Narciso¹⁴ e o transforma na simplificação deste, que muitas vezes acaba por ser difundida como sendo o mito em si.

Ora, não negamos aqui a importância didática que a utilização do espelho tem no ensino da dança, nem este é nosso campo de estudo; o que colocamos é que os dançarinos, por muitas vezes encantam-se pelo reflexo (*ou seria pelo duplo?*) propiciado pelo espelho, recaindo assim como Narciso em um aprisionamento apaixonado pela imagem de si. Não uma paixão de todo egoísta, mas uma paixão que prende pela imagem do belo, nesse caso, propiciada pela

¹⁴ Sobre o mito de Narciso, fizemos alguns recortes de Brandão (2015) a fim de situar o leitor: “[...] Liríope foi vítima da insaciável energia sexual de Cefiso, em cujas margens tranquilas ninfa alguma poderia passear incólume. Um dia, foi a vez de Liríope. Uma gravidez penosa e indesejável, mas um parto jubiloso e, ao mesmo tempo, de apreensão. Não era concebível um menino tão belo! Na cultura grega, de modo particular, beleza fora do comum sempre assustava.” (p. 182) “Quantos anos viveria o mais belo dos mortais? O temor levou a mãe preocupada a consultar o velho cego Tirésias [...] Tirésias, porque era cego, possuía o dom da manteia, da adivinhação.” (p. 183) “Foi ao profeta grego, ao mais celebre mántis, que Liríope consultou: Narciso viveria muitos anos? A resposta do adivinho foi lacônica e direta: *si non se uiderit, ‘se ele não se vir’...*” (p. 184) “Entre as grandes apaixonadas do jovem da Beócia estava a ninfa Eco, que após um grave acontecimento, acabara de regressar do Olimpo. [Eco havia sido amaldiçoada por Hera] repetiria tão somente os últimos sons das palavras que ouvisse. [...] Era verão, e Narciso partira para uma caçada, com alguns companheiros. Eco o seguia, sem se deixar ver. Acontece que, tendo-se afastado em demasia dos amigos, o jovem começou a gritar por eles...” (p. 185) Ao ouvir o chamado de Narciso pelos amigos, Eco ressoa as últimas palavras de suas frases, e quando enfim se encontram Narciso diz “Antes [...] morrerei que o amor nos una.” e Eco responde “Amor nos una” (p. 186). “Tão friamente repelida, mas ardendo em paixão por Narciso, Eco se isolou e se fechou numa imensa solidão. Por fim, deixou de se alimentar e definiu, transformando-se num rochedo, capaz apenas de repetir os derradeiros sons do que se diz. As demais ninfas, irritadas com a insensibilidade e frieza do filho de Liríope, pediram vingança a Nêmesis, que, prontamente, condenou Narciso a amar um amor impossível” (p. 186). “Estava-se novamente no verão. O jovem Narciso, sedento, aproximou-se da límpida fonte de Téspias para mitigar a sede. [...] Debruçou-se sobre o espelho imaculado das águas e viu-se. Viu a própria imago (imagem, a própria umbra (sombra) refletida no espelho da fonte de Téspias. *Si non se uiderit, ‘se ele não se vir’*, profetizara Tirésias. Viu-se e não mais pôde sair dali: apaixonara-se pela própria imagem. Nêmesis cumprira a maldição.” (p. 188 e 189).

contemplação (BACHELARD, 1997) da dança. Isso porque o belo é parte importante da dança, seja ela qual for, e seja a perspectiva de belo que tomemos enquanto referência, vemos a dança como uma beleza cósmica, não individual, que toca coletivamente aqueles que dançam. Talvez por isso os professores de dança, preocupados que os alunos recaiam, assim como Narciso, no encantamento do reflexo, pedem que estes não detenham o olhar para o reflexo da sua imagem a todo o tempo durante a dança, mas que usem do artefato como um apoio à execução dos passos.

Outra questão que surge quando se fala de reflexo e da manifestação da imagem da água na fala dos entrevistados é o reflexo que não surge pelo espelho, mas um reflexo típico da água: o do sonho. Bachelard (1997) irá dizer que a água que reflete possibilita o sonho, e lembramos, este sonho ao qual se refere o autor não se trata do sonho que temos enquanto dormimos (por mais que este também seja passível de diversos estudos acerca da imagem simbólica), mas sim do sonho que sonhamos enquanto estamos acordados, o devaneio. A entrevistada O relatou que, ao assistir vídeos de grandes grupos de dança, no YouTube, passa a sonhar acordada imaginando-se parte do elenco e vivenciando aquele momento de dança com aquelas pessoas, esse sonho alimenta sua imaginação e a faz sentir alegre, contagiada pelo que está assistindo. No mesmo sentido, a entrevistada F, comenta que em certos momentos, quando está sem fazer nenhuma atividade ou quando está realizando uma atividade puramente mecânica (como lavar louça, ela cita) gosta de ouvir música e quando percebe, mesmo que não intencionalmente, está dançando; comenta ainda que é como se não estivesse mais em um cômodo de sua casa, mas que de fato se sente e se vê transportada a outro lugar, que faça sentido com a música que está ouvindo:

Se tiver tocando...sei lá o BTS da vida lá, uma música que eu to viciada e eu tiver lavando vasilha...eu não to mais lavando vasilha ..eu to em outro lugar, eu to em outro espaço mental. Então o que eu to fazendo mecanicamente não importa e aí to lá aqui esfregando e a bundinha pro lado, passa a bucha no cabelo sem perceber. Terrível, não recomendo. (risos) É...se e tem dia que eu boto umas música dramaticona, sei lá pensa em qualquer artista loco aí..desses contemporâneo e cismo que vou dançar e aí é só mover o corpo não necessariamente acertar ou não...é talvez um alongar e sei lá...Pra mim, sair do meu estado mental atual. Entrar em um outro espaço. É conseguir calar um monte de pensamento invasivo que tá lá tipo..."você não vai dar conta do mestrado. Você não vai conseguir fazer isso. Você não tá dormindo direito, você não tá comendo direito, você é uma merda. Pandemia, presidente..."Tudo isso cala a boca, cala...acabou...assim ...é um outro espaço mental. Então, liberdade, eu acho que tranquilidade, organização. Eu sei que as coisas estão se organizando no meu corpo, não sei nem explicar (APÊNDICE F).

A entrevistada F ainda relata que muitas vezes o mesmo acontece sem que a mesma se movimente, seja sentada à beira do computador trabalhando ou mesmo no sofá, ouve a música e entra em devaneio, não estando mais, de fato, na cadeira de trabalho ou no sofá, mas sim viajando para qualquer outro lugar que a música e a dança repassada em sua cabeça a levem.

Aqueles que dançam, em sua maioria, também apreciam o ato de assistir a outras pessoas dançando, seja em espetáculos e festivais de dança, seja em locais informais, como ensaios e outros lugares. A isso atribuímos a ideia de contemplar, proposta por Bachelard (1997, p. 32) quando se refere à necessidade de ver: “Contemplar não é opor-se à vontade, é seguir um outro ramo da vontade, é participar da vontade do belo, que é um elemento da vontade geral”. Ora, não podemos negar que o belo sempre foi uma característica muito presente na dança, por mais que essa, muitas vezes (e na maior parte delas) não seja feita exclusivamente com o intuito estético, como já dissemos anteriormente, sabe-se que a preocupação com o belo estava mesmo assim presente.

É este belo manifestado através da dança que atrai e motiva a contemplação, este foi um dos pontos bastante levantados pelos entrevistados até o momento: o prazer não apenas no ato de dançar, mas também em assistir à dança. Os entrevistados Y e W esclareceram ainda que o envolvimento com a dança, quando se estabelece, faz não só com que os indivíduos se sintam cada vez mais motivados e interessados em dançar como também em assistir outras pessoas dançando. São capturados pela imagem da dança e a contemplação se torna irresistível, como disse Bachelard (1997, p. 33) se trata de uma “[...] troca sem fim da visão para o visível. Tudo o que faz ver, vê”. A dança age nesse sentido também como espelho, que não apenas é vista como também empresta seus olhos para aqueles que, imersos em seu encantamento, vejam a partir dela e a contemplem a partir de suas lentes. Como nos disse a entrevistada N, aplicando este conceito na prática e na vivência do dia a dia, conforme os sujeitos vão se aprofundando na dança e entendendo melhor cada um dos passos e as formas como eles são colocados em prática, vai também observando cada vez mais detalhes nos passos das danças que observa, encantando-se cada vez mais e imergindo mais ainda na contemplação, não mais tão somente pela observação do belo mas também, agora, por ter experienciado na pele como é participar daquele momento e executar o movimento que se está observando. Passa-se, assim, de uma contemplação que era feita apenas com os olhos (a menos sensual das sensações, como diz Bachelard, 1997) dada pela observação de algo que não se tinha experiência, para uma contemplação que atinge e movimenta o corpo todo, típica daquele que já foi iniciado no tema:

[...] certas formas nascidas das águas têm mais atrativos, mais insistência, mais consistência; é que intervém devaneios mais materiais e mais profundos, e

nosso ser íntimo se envolve mais a fundo, e nossa imaginação sonha, mais de perto, com os atos criadores (BACHELARD, 1997, p. 22).

Entendemos, assim, que a dança, como já dissemos, não só está intimamente ligada ao sentido do belo (e este belo que não fala apenas da questão estética, mas de uma beleza natural e profunda) quanto por movimentar e possibilitar vivências diferentes e experiências profundas, tendo grande pregnância simbólica tanto àqueles que dançam quanto àqueles que presenciam e convivem com a dança através da contemplação. Sobre o sentido da contemplação a entrevistada 01 comenta sobre como se sente imersa e profundamente emocionada quando, mesmo através do computador, assiste vídeos de danças tradicionais, em especial de culturas africanas. Relata não apenas observar a dança enquanto manifestação cultural ou artística, mas sim se sentir integrada e tocada pelos movimentos, pela música e por todo o contexto do dançado:

É..eu tava vendo, assistindo o filme do Davi Kopenawa esse que foi lançado agora, acho que foi anteontem pelo Instituto Socio Ambiental que eles me convidaram neh. A gente entrava ali, conseguia o convite e assim tem todo, tem alguns momentos que mostram assim as danças deles neh. Eu acho isso assim fascinante. E bom as danças deles são, todas elas são danças espirituais neh..também...são um contato com os deuses, com os espíritos diversos da floresta. Eu acho isso maravilhoso. [...] A gente dança junto e...não fisicamente mas assim na emoção, no pensamento. Acho que isso é assim. Porque a gente fica fazendo movimentos com o corpo, batendo com o pé, com a mão...é muito contagiante sempre. (APÊNDICE E).

Nesse mesmo sentido, outros indivíduos que preencheram o formulário de coleta de dados mas não participaram da entrevista também relataram ter grande interesse por assistir vídeos de dança através de plataformas virtuais, motivados não apenas pela beleza artística do dançar como também por sentirem-se tocados e imersos no contexto dançado.

Entendemos, dessa forma, que a contemplação da dança pode se dar tanto por aqueles que são iniciados na temática, como nos relataram os entrevistados M e N, quanto por aqueles indivíduos que nunca dançaram ou até mesmo muitas vezes já experienciaram a dança, mas não a tem como parte de seu dia a dia, como é o caso da entrevistada E, daqueles que preencheram o formulário mas não dançam e da entrevistada F que relatou conviver com muitos amigos que nunca dançaram ou que se afastaram da vivência da dança há muito tempo, mas ainda assim interessam-se fortemente e acompanham de perto a dança, seja pessoalmente, em espetáculos antes da pandemia, seja através de transmissões ao vivo de festivais, que a entrevistada também comentou gostar muito. Ora, tal constatação vem comprovar aquilo que entendemos a partir do colocado por Pross apud Baitello Jr (1998) a respeito da dança enquanto mídia primária: a dança é forma de comunicação milenar, como já exaustivamente afirmamos neste trabalho, e neste

sentido é natural que mesmo aqueles indivíduos que não são iniciados nela sejam capazes de serem tocados simbolicamente por suas manifestações¹⁵.

4.2 Água maternal

Quando questionados sobre o porquê de dançarem, todos os entrevistados até o momento, sem exceção, não souberam citar pontos específicos que os motivem a dançar, apesar de terem certeza de que algo os move profundamente. Surgiram, é claro, questões sobre a movimentação do corpo e da saúde física e mental, principalmente considerando os tempos pandêmicos vivenciados pela humanidade, porém todos também foram unânimes em dizer que este não era o motivo principal que os levava à dança, ele tinha sim importância, mas poderia ser alcançado de outras formas. A escolha da dança e a permanência nela se davam, para os entrevistados, por motivos difíceis de situar na consciência, que diziam respeito ao sentimento de estar em casa, de ser acolhido e se sentir confortável realizando algo e em determinado lugar.

Os entrevistados em questão sabiam de todos os benefícios que a prática da dança enquanto atividade física traz à saúde de forma geral e, é claro, levavam isso em conta, mas conforme diz Bonaparte apud Bachelard (1997, p. 120)

Não é porque a montanha é verde ou o mar azul que nós os amamos, ainda que demos essas razões para nossa atração; é porque algo de nós, de nossas lembranças inconscientes, no mar azul ou na montanha verde, encontra um sentimento de se reencarnar.

Em nosso caso, os próprios entrevistados sabiam que o motivo da atração não era, parafraseando Bonaparte, a cor da montanha ou do mar, mas o sentimento de se reencarnar, que se faz presente, mas é quase impossível de ser traduzido em palavras sem que recaíamos em sua diminuição e simplificação. Grande parte deles, como dissemos, sentiam-se reconfortados ao dançar, mesmo sem saber explicar as motivações disso ou o momento em que começaram a sentir-se dessa forma. A entrevistada N chegou a comentar que a dança surgiu para ela desde muito pequena como um sonho que, na época da primeira infância, não pode ser realizado e se consolidou posteriormente, quando esta já estava entrando na fase da adolescência; mesmo com isso, afirma que ainda na infância, quando não tinha contato direto com a dança já se sentia intimamente tocada e reconfortada pela dança e pelo dançar.

A este acolhimento e proteção citado pelos entrevistados sempre está associada também a ideia de fluidez e liberdade, de sentir-se ao mesmo tempo abrigado e liberto. Se trata de uma

¹⁵ Em menor ou maior grau, evidentemente, pois como afirma Bachelard (1997, p. 30) é preciso que simpatizemos com os espetáculos da água, e uma vez que simpatizemos e estejamos abertos a eles “estamos sempre prontos para gozar de sua função narcísica”.

proteção que não prende, que é voluntária, que se pode desprender-se quando bem entender, uma espécie de escolta amorosa. A união desses dois fatores que a priori podem parecer antagônicos no faz ver a imagem da água maternal se manifestar, aquela que acolhe, mas que ao mesmo tempo não prende; castiga, se necessário, mas é libertadora, não sufocante.

Ao refletir a respeito da imagem da água maternal, que acolhe e protege em liberdade, Bachelard (1997, p. 121) aproxima a água do leite no que chama de “metáforas lácteas”, fala ainda que “essas metáforas insensatas ilustram um amor inolvidável” pois “O sonho tem uma raiz pivotante que desce no grande inconsciente simples da vida infantil primitiva”. Este amor inolvidável, o autor vai dizer, se refere ao primeiro amor que o indivíduo tem contato, o amor maternal. Pensando a respeito do imaginário, ou seja, de forma coletiva e antropológica, podemos observar que um dos primeiros relacionamentos amorosos que a espécie humana teve foi com a dança.

5 O RITMO

Oh oh oh oh tente
Levante sua mão sedenta e recomece a andar
Não pense que a cabeça aguenta se você parar
Não não não não não não
Há uma voz que canta, uma voz que dança
Uma voz que gira (gira)
Bailando no ar¹⁶

Com base na análise das falas dos entrevistados, podemos perceber como o ritmo se manifesta fortemente na experiência com a dança e como ele é fator decisório e essencial na relação dos indivíduos com a dança, seja ela presencial ou através de ambientes virtuais. Esta importância pode ser observada com base na recorrência em que o tema aparece nos relatos e no tempo dedicado pelos entrevistados a falar sobre ele.

À priori, pode-se pensar que isso se deve justamente pelo tema da entrevista, pois a dança e, conseqüentemente, a música, são intimamente ligadas ao ritmo e dependem deste para existir. De fato, tal premissa não pode ser negada: não há como falar de dança sem se remeter ao ritmo em algum momento. Apesar disso, o que é possível observar é que o ritmo ganha outro papel para os entrevistados que se referem a ele e não é apenas visto como “Sucessão de tempos fortes e fracos que ocorrem alternadamente, com intervalos regulares, em uma frase musical, um verso etc.”¹⁷, mas sim como uma imagem de outro âmbito de importância, que não atua apenas guiando os passos da dança e a cadência da música, mas que age simbólica e profundamente nos indivíduos que o vivenciam, atuando no corpo e na mente, ou seja, no imaginário, através de sua pregnância simbólica.

O ritmo é, de acordo com a Teoria Geral do Imaginário, um gesto reflexo (DURAND, 2012). Ou seja, conjuntamente com outras duas dominantes reflexas que se constituem

[...] como matrizes sensório-motoras nas quais as representações vão naturalmente integrar-se, sobretudo se certos esquemas (schémas) perceptivos vêm enquadrar e assimilar-se aos esquemas (schémas) motores primitivos, se as dominantes posturais, de engolimento ou rítmicas se encontram em concordância com os dados de certas experiências perceptivas. É a este nível que os grandes símbolos vão se formar, por uma dupla motivação que lhes vai dar esse aspecto imperativo de sobredeterminação tão característico (DURAND, 2012, p. 51).

Nesse sentido, compreendemos que o ritmo não é apenas uma imagem simbólica que se

¹⁶ Trecho da música “Tente Outra Vez”, composta por Marcelo Ramos Motta, Paulo Coelho De Souza e Raul Santos Seixas e interpretada pela primeira vez por Raul Seixas, no álbum “Novo Aeon”, lançado em 1975.

¹⁷ Definição de “ritmo” no Dicionário Michaelis Online.

manifesta aos indivíduos quando estes se relacionam com a dança, mas sim que, ao dançarem, os sujeitos têm contato com uma dominante antropológica, inerente a todos os seres humanos e que agencia profundamente o imaginário. O ritmo, pelas suas características simbólicas, contagia e motiva através da repetição sequenciada, e isso se comprova quando observamos os relatos dos entrevistados ao falarem sobre as experiências simbólicas que vêm à tona quando se relacionam com o ritmo.

O ritmo chega aos sujeitos de pesquisa de forma muito forte através da experiência do dançar e esta relação com o ritmo se apresenta a eles de forma clara, sendo reconhecida nas falas: “*Bem eu sempre gostei muito de dança, neh...a história do ritmo, isso aí é uma coisa que faz muito bem pra mim*” (APÊNDICE E). E, além de ser reconhecido como relevante pelos sujeitos de pesquisa, os efeitos do ritmo são também indicados como forma de ligação e conexão com a ancestralidade, através da música:

E também isso tem danças indígenas, de antigas tradições neh...de diversos lugares do mundo...e elas me lembram certas coisas que elas trabalham muito bem...com aquele...com a nossa batida do nosso coração é o pulsar da terra...Até, assim a posição que os indígenas dançam, eles dançam sempre meio curvados com o coração...assim em direção a terra pra poder fazer toda essa...até essa relação, essa troca com terra, com a pulsação dela que é uma pulsação da vida. Eu nunca me esqueci disso (APÊNDICE E).

Observamos acima a conexão profunda com o restante da natureza, em uma relação de comunhão e proximidade com o todo a partir do ritmo, que está presente não apenas nos seres humanos como constante antropológica, mas na natureza de forma geral, no ciclo das plantas, das estações, do plantio e da colheita, na água, nas formações rochosas etc. A natureza se unifica a partir do ritmo e a dança propicia que os sujeitos vivenciem essa unidade:

Existe uma conexão entre você tá ali cantando aquela música que você gosta e fazendo movimentos e entrando em comunhão assim...eu acho que é uma catarse, é uma coisa que muda muito a nossa relação com o ambiente como o que a gente consome de música (APÊNDICE F).

A entrevistada G reforça como a relação com o ritmo e a motivação propiciada por ele não são algo a ser aprendido, mas fazem parte do ser humano:

E isso que tu fala de não ter o preparo, vamo dizer, que é ao natural que até eu acho que tá nos nossos ancestrais assim, comunidades ancestrais mas as vezes eu to na pia da cozinha e fica "tã tã tã tã tã" faço pra recordar do passo ou não sei o que vem do passo mas aí no banheiro, as vezes no banho faço um pouquinho ou as vezes na fila do supermercado também faço ali um pouquinho sabe...quando tava na parada de ônibus eu também fazia isso, fazia ali um pouquinho pra pegar neh...e...tem a ver com ritmo mesmo neh que ta no meu dia a dia isso neh... (APÊNDICE G).

Neste caso, a entrevistada relata como o ritmo, presente nas atividades diárias de sua vida, está conectado ao todo, em uma relação de comunhão e totalidade. Para a entrevistada H, através do ritmo não apenas é possível conectar-se com a natureza e com o todo, como já foi indicado, como também consigo mesma e com seu interior, que também é constituído pelo ritmo:

[...] é uma coisa que até, eu acho que eu comentei isso no formulário que eu comecei a pensar em fazer uma graduação, uma nova graduação em dança porque pra mim ainda é uma mágica, eu não entendo como é que isso funciona mas como é que a gente se movimenta e através do movimento a gente se conhece, a gente se descobre (APÊNDICE H).

Ela também comenta como o ritmo está presente dentro do ser humano, intimamente conectado com a experiência de “estar vivo”: “[...] eu acho que é esse sentimento assim de estar vivo também, de estar pulsando, da gente poder fazer alguma coisa é...pela gente neh, por nós mesmos” (APÊNDICE H). Este reconhecer-se comentado pela entrevistada H, o contato consigo mesma, também é indicado pela entrevistada L, mas em um sentido diferente: para ela, a vivência do ritmo, principalmente em virtude da ancestralidade, propicia uma mudança de estado interior:

[...] esses ritmos latinos eles me provocam uma coisa assim é...não sei como explicar...é sensorial assim, eu sinto o meu batimento cardíaco diferente, eu sinto que o meu corpo responde de um jeito diferente a isso mas eu...mas não sei...é mais, é mais do que só isso assim...é uma emoção é um negócio que me puxa, sei lá...é um negócio muito diferente que eu não consigo nem definir direito e aí eu me apaixonei desde criança neh esse fascínio, essa coisa com a cultura latina assim (APÊNDICE L).

Como pode-se observar, L comenta sobre os ritmos latinos, gênero de música e dança que tem preferência, e sobre como ao ouvir as músicas sente-se envolvida e conectada por ela através do ritmo. No mesmo sentido a entrevistada E comenta sobre o que sente ao assistir vídeos de danças africanas:

Tantos diferentes países, tribos e regiões e são umas danças muito marcantes, muito fortes assim neh. E tem tipo uma batucada que é uma coisa que a gente, nós temos isso também...nossa herança dos africanos que vieram pra cá e é uma coisa que tem uma batida muito acho que aquela coisa da terra mesmo, do coração. E é uma coisa contagiante, muito forte aquilo que a gente vê assim aqueles gurizinho dançando. Eu acho sensacional (APÊNDICE E).

Neste caso em específico a entrevistada não precisou ao menos ter a experiência física da dança, mas conectou-se a ela e o ritmo propiciou-a uma experiência simbólica apenas através de um vídeo no YouTube.

Tudo o que tratamos até aqui a respeito da experiência simbólica e da vivência do ritmo

através do contato com a dança está intimamente relacionado com o corpo. Como já dito anteriormente, os gestos reflexos e o imaginário de forma geral agem paralelamente tanto no corpo quanto na mente, no inconsciente. Não se tratando de um fenômeno apenas material, ou apenas mental, mas algo que, através do simbólico age diretamente nestes dois polos. É o que a entrevistada L comenta e é endossado pelos demais entrevistados em suas falas a respeito da influência direta do ritmo no corpo:

Eu acho que a coisa corporal ela é muito importante pra mim, eu sou muito corporal e essa coisa da...e eu percebo que a dança me ajudou muito a conhecer o meu corpo também sabe? Tipo ate mesmo entender o que que é isso que a música latina me causa....que me causa não só no corpo mas as emoções no meu corpo. Eu fico muito emocionada assim 15:23 (inint)..meu coração bate diferente e depois eu sinto uma energia assim diferente sabe...Sério eu me desligo das coisas que estão acontecendo, eu...a coisa da batida assim do ritmo latino me pega muito, muito, muito mas é isso não sei explicar o porque sabe mas a batida assim...o próprio 15:50 (inint) e tem umas músicas com umas batidas mais fortes, por exemplo as músicas com salsa, alguma música mais....que a bateria é mais forte ou que...é percussão esses instrumentos que a gente bate, tipo bateria?16:15 (inint) Isso pra mim...eu gosto, sério, eu paro tudo que eu to fazendo assim...eu fico...eu presto muito atenção sabe (APÊNDICE L).

Nesse sentido é que podemos observar o gesto reflexo sendo agenciado: interagindo simbolicamente entre corpo e mente de forma antropológica. Ademais, ao longo desta reflexão também foi possível perceber como o ritmo impacta e traz à tona também outra perspectiva: a do sagrado e da conexão com ele. Sobre este tópico, discorreremos no capítulo a seguir.

6 O SAGRADO ENQUANTO EXPERIÊNCIA

“Mesmo a quem não tem fé
A fé costuma acompanhar
Oh oh
Pelo sim, pelo não
Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá
Olêlê”¹⁸

“Deixar a sua luz brilhar e ser muito tranquilo
Deixar o seu amor crescer e ser muito tranquilo
Brilhar, brilhar, acontecer, brilhar faça amolada
Irmão, irmã, irmã, irmão de fé faça amolada”¹⁹

A dança, conforme dito anteriormente nesta pesquisa, faz parte da vida dos indivíduos há muito tempo, sendo ponte para conexão com o sagrado desde seus primórdios, quando, em verdade, este era o único propósito que a prática da dança tinha na vida em comunidade. Rememoramos que, com o passar do tempo, a dança foi sendo incorporada não apenas em sua forma ritual, mas também como manifestação artística, passando a estar presente nos palácios e posteriormente nos palcos, também como forma de entretenimento.

Evidenciamos que, com o passar do tempo e com as modificações que as sociedades foram passando, a dança não apenas acompanhou os sujeitos, estando presente nas mais diversas épocas da história da humanidade, como também, assim como esta, foi se adaptando e moldando às diferentes características de cada momento histórico. As mídias também estiveram fortemente presentes nesse processo, modificando-se e alterando sua ecologia com o passar do tempo. A dança, por sua vez, na atualidade, não apenas se adaptou à realidade pandêmica como também acompanhou a ecologia mídia da época em questão, estando presente nas redes sociais, nas plataformas de videoconferência, nos videogames e em diversas outras mídias e plataformas, possibilitando aos indivíduos em distanciamento social que vivenciassem a experiência do dançar.

Anteriormente, ao discorrermos sobre a dança, afirmamos que ela não necessariamente perde seu caráter ritualístico, de conexão com o sagrado e de transcendência quando passa a ser também manifestação artística e a estar presente em outras esferas da sociedade. Esta hipótese,

¹⁸ Trecho da música “Andar com fé”, composta por Gilberto Gil e interpretada pela primeira vez por Gilberto Gil, no álbum “Um Banda Um”, lançado em 1982.

¹⁹ Trecho da música “Fé cega, faça amolada”, composta por Milton Nascimento e Ronaldo Bastos e interpretada pela primeira vez por Milton Nascimento, no álbum “Minas”, lançado em 1975.

de início sustentada com base em observações e leituras teóricas pode ser comprovada com a escuta dos relatos dos entrevistados de pesquisa, que mesmo sem serem questionados sobre este tópico especificamente trouxeram em suas falas a questão da transcendência, o contato com a ancestralidade e a migração do tempo profano para o tempo sagrado durante a experiência da dança.

Além disso, outra questão que se mostra relevante para a pesquisa é entender se esta vivência da dança através de ambientes virtuais, utilizando plataformas e mídias variadas e sem o contato físico presencial, seria capaz de propiciar aos sujeitos que dançam experiências que trouxessem algo da esfera do sagrado, ou se este contato apenas seria possível através da vivência presencial e tangível, de contato com o outro. Com a observação e a análise das falas dos entrevistados, podemos perceber que o sagrado se manifesta aos indivíduos através da dança mesmo quando esta experiência se dá a partir de ambientes virtuais.

6.1 A experiência hierofânica

Analisando os depoimentos dos entrevistados de pesquisa, podemos destacar momentos em que os sujeitos falam a respeito de uma espécie de transcendência, uma mudança de espaço temporal, como uma migração para outra realidade, como quando a entrevistada E comenta a respeito da experiência do dançar: “*Eu acho isso muito legal porque quando a gente dança a gente se transporta...assim pra outro mundo...*” (APÊNDICE E) ou quando a entrevistada F traz seu relato a respeito de como se transporta de um estado mental para outro ao escutar a música e ser envolvida por ela, através da dança:

Se tiver tocando...sei lá o BTS da vida lá, uma música que eu to viciada e eu tiver lavando vasilha...eu não to mais lavando vasilha ..eu to em outro lugar, eu to em outro espaço mental. Então o que eu to fazendo mecanicamente não importa eaí to lá aqui esfregando e a bundinha pro lado, passa a bucha no cabelo sem perceber. Terrível, não recomendo. (risos) É...se e tem dia que eu boto umas música dramaticona, sei lá pensa em qualquer artista loco ai..desses contemporâneo e cismo que vou dançar eaí é só mover o corpo não necessariamente acertar ou não...é talvez um alongar e sei lá...Pra mim, sair do meu estado mental atual. Entrar em um outro espaço. É conseguir calar um monte de pensamento invasivo que ta lá tipo... "você não vai dar conta do mestrado. Você não vai conseguir fazer isso. Você não ta dormindo direito, você não ta comendo direito, você é uma merda. Pandemia, presidente..."Tudo isso cala a boca, cala...acabou...assim ...é um outro espaço mental. Então, liberdade, eu acho que tranquilidade, organização. Eu sei que as coisas estão se organizando no meu corpo, não sei nem explicar (APÊNDICE F).

Para F, neste momento, não importam as características do ambiente físico ao seu redor,

ou as interferências que este pode ter na experiência (como a bucha de cozinha, por exemplo), mas ela se transporta, por meio da dança e da escuta da música, para um tempo diferente daquele cotidiano em que estava inserida momentos atrás.

Essa mudança de um tempo profano para um outro tempo que funciona e se organiza a partir de outra lógica, o tempo sagrado, é considerada por Eliade (2018) uma experiência do próprio sagrado. Para o autor, neste momento em que o sujeito migra do tempo profano (do dia a dia, das atividades cotidianas) para o tempo sagrado, ele passa a vivenciar outra organização: ao contrário do que presenciamos na vida cotidiana, o tempo sagrado não é linear, mas sim é repetível e circular, ele não passa no mesmo compasso do relógio tradicional. Essa ruptura com o tempo profano (em que a entrevistada estava em sua cozinha, lavando a louça) e a migração para o tempo sagrado (onde ela está envolvida pela dança e pela música, em outro “espaço mental”, em suas palavras) é caracterizada, de acordo com Eliade (2008, p. 314-315) como sendo uma hierofania, ou seja, de uma aparição reveladora do sagrado:

Todo o tempo, qualquer que ele seja, se abre para um tempo sagrado ou, por outras palavras, pode revelar aquilo que chamaríamos, em expressão cômoda, o absoluto, quer dizer, o sobrenatural, o sobre-humano, o supra-histórico. [...] o tempo desvenda uma nova dimensão que podemos designar de hierofânica e à qual a duração em si adquire não só uma cadência particular mas também ‘vocações’ diversas, ‘distintas’ e contraditórias. Evidentemente, esta dimensão hierofânica do tempo pode ser revelada, causada, pelos ritmos cósmicos.

Os entrevistados relatam que ao passar por essa experiência é como se adentrassem em uma realidade diferente daquela em que estavam anteriormente, onde o tempo passa de forma diferente e é como se se desligassem da realidade. A experiência hierofânica, neste caso, se dá através do envolvimento e da imersão na dança. A entrevistada L relata como se sente ao passar por essa situação:

Eu fico muito emocionada assim [...] ...meu coração bate diferente e depois eu sinto uma energia assim diferente sabe... Sério eu me desligo das coisas que estão acontecendo [...] realmente tem a ver com experiência (APÊNDICE L).

Os trechos supracitados somados às percepções que podem ser feitas ao realizarmos a análise completa das falas nos mostram que a dança serve como uma forma de conexão com o sagrado para os indivíduos em questão, uma porta para que saiam do tempo profano e adentrem no tempo sagrado. A dança enquanto experiência propicia emoções e vivências importantes aos indivíduos; é o caso da entrevistada E quando se refere à conexão consigo mesma e com a natureza como um todo durante as danças:

Que elas nos permitem fazer uma conexão com o meu eu, elas são meditativas. A gente se conecta talvez com sua própria espiritualidade, com o espírito da terra, com alguma coisa...que a gente percebe que a gente tá, que a gente é o todo também, que a gente é a natureza. Nós não estamos aqui como parte, de repente nós nos transformamos num corpo único. E é um negócio assim...eu fico...to arrepiada só de falar nisso (APÊNDICE E).

Esta percepção referida pela entrevistada em questão apenas se possibilita e/ou concretiza durante a vivência da dança. A experimentação da “espiritualidade”, nas palavras da entrevistada, se dá no momento do envolvimento e da imersão na dança, onde há a virada de chave mental que abre as possibilidades para tais percepções:

Eu acho isso assim fascinante. E bom as danças deles são, todas elas são danças espirituais neh..também...são um contato com os deuses, com os espíritos diversos da floresta. Eu acho isso maravilhoso (APÊNDICE E).

Para a entrevistada F, mesmo a experiência de ouvir a música e imaginar-se, virtualmente, dançando, já propicia sentimento semelhante, de imersão e entrada no tempo sagrado:

Se eu for num concerto e ficar assistindo o concerto de olho aberto só pra olhar, sei lá a roupa de quem tá tocando...o meu negócio é fechar o olho e imaginar o meu corpo se movendo pra música por mais que o meu corpo não dê conta de ballet contemporâneo e clássico (APÊNDICE F).

Assim como para a entrevistada E, para a entrevistada G o contato com o sagrado vem também através do contato com seu íntimo e com os elementos da natureza:

Da primeira parte eu faço (inint) 02:48 me conectando com elementos terra, depois água, ar ou fogo depende...vai da minha intuição. Então acaba sendo um momento lúdico pra mim também que eu fico atribuindo significado aquilo sabe. Pra justamente me conectar organicamente pros meus outros papéis no mundo. O meu papel profissional, o meu papel humano também neh....então a dança acaba tendo muito disso assim de (inint) 03:18 pra mim também, de terapêutico neh...que nem eu falei antes...energético e lúdico assim de parte de criação minha sabe, eu comigo mesma ali com as colegas, no flamenco é importante a nossa interação (APÊNDICE G).

Para a entrevistada G esta é uma forma de conectar-se com os povos originários daquelas danças (em seu caso, dança flamenca) que executavam ao som da mesma música os mesmos passos que ela agora executa, entrando em comunhão:

E quando eu falo, pensando assim no sagrado quando eu penso sobre isso é muito de auto investigação. É também com buscar em talvez em imagens o que eu tenho do que que é desse aspecto ancestral da dança. O aspecto cultural mesmo de outros povos. Eu acho que é isso assim... que é uma coisa que transcende a mim sabe (APÊNDICE G).

Este entrar em contato com um outro tempo ou outra realidade (o tempo sagrado) é

revelado em grande parte das entrevistas, por exemplo, quando a entrevistada H comenta sobre sua experiência ao dançar em casa:

[...] parece assim que a gente tem uma memória muito antiga, muita antiga que eu não sei como que vem parar na gente neh e aí quando a gente dança essa memória sai então não sei se a gente até mesmo é não estando perto da natureza por exemplo mas o corpo consegue sentir neh, sentir essa água, sentir o calor neh, o fogo (APÊNDICE H).

A mesma memória ancestral que leva para outros ambientes mentais, ou especificamente, para o âmbito do tempo sagrado, também é sentida pela entrevistada L quando tem contato com os ritmos latinos:

[...] é uma emoção é um negócio que me puxa, sei lá...é um negócio muito diferente que eu não consigo nem definir direito e aí eu me apaixonei desde criança neh esse fascínio, essa coisa com a cultura latina assim (APÊNDICE L).

Com o supracitado, é possível perceber como não há uma lista de passos que deva ser cumprida para que haja a conexão com o sagrado. A experiência hierofânica depende do envolvimento do sujeito naquele momento e não exclusivamente do que está sendo realizado. Voltamos a dizer: a imagem em si não é o que importa para a experiência simbólica, e sim a relação que o indivíduo irá desenvolver com ela é que define sua pregnância. Para a entrevistada F a dança está intimamente ligada com o emocional, acredita que a energia une o corpo e as emoções:

Eu acho que dança tem muito a ver com o emocional, tem muito a ver com a forma que a gente descarrega as coisas pelas quais a gente ta passando. Não é só uma questão de corpo e tudo o mais. A dança é...enfim energia, emoção...todas essas coisas estão ali mesmo que seja dançar na frente de um vídeo game é muito interessante pensar quando eu to dançando as musiquinhas da Ariana Grande (APÊNDICE F).

Para ela a dança, mesmo que no formato virtual, em seu caso, a partir de um videogame, tem o poder de promover emoções profundas. Sobre isso, a entrevistada E também comenta sobre como, ao assistir filmes que contém cenas de dança, sente-se transportada para o local e imersa na situação, em outra realidade.

Entendemos que muito do que é trazido pelos entrevistados, sobre como a dança contagia e aproxima as pessoas, mesmo quando estamos falando do contexto dos ambientes virtuais, tem a ver com o poder contagiante e de aproximação que a dança tem. A entrevistada E comenta que em sua experiência de levar a dança para dentro da sala de aula e para outros ambientes de aprendizagem que, tradicionalmente, não suportariam a dança como ferramenta comum, de início observa os alunos e participantes intrigados e receosos com a prática, mas

que depois que se permitem participar daquele momento e entregam-se à experiência do dançar, são motivados e tocados pela dança, e então passam a até mesmo levar as experiências e oficinas de dança para dentro de seus próprios círculos sociais. Nesse sentido, ela funciona tanto como um elo entre as pessoas e o restante da natureza, o todo e o sagrado, como também de possibilidades e conexões entre os indivíduos, que se unem e congregam em torno do mesmo objetivo, que é o dançar.

Ora, a dança tem a característica de aproximar e unir, independente do contexto em que se insere e da mídia que está sendo utilizada para isso. Observamos na fala da entrevistada a seguir como a dança, mesmo que virtual (e no caso em questão, sendo assistida a partir de vídeos) tem a capacidade de aproximar:

A gente dança junto e...não fisicamente mas assim na emoção, no pensamento. Acho que isso é assim. Porque a gente fica fazendo movimentos com o corpo, batendo com o pé, com a mão...é muito contagiante sempre (APÊNDICE E).

Este dançar “não fisicamente” trazido pela entrevistada também é referido pela entrevistada F, quando relata que se transporta para outro lugar e vê-se dançando em outros ambientes, mesmo que esteja apenas sentada em seu sofá ouvindo música. Ela comenta ainda sobre o poder contagiante da dança:

Se a minha mãe me ver jogando o vídeo game e a minha mãe ama dança e não sabe dançar ela se autodenomina um machado sem cabo. Mas se eu tiver jogando e ela tiver sei lá com a roupinha dela, com a legging dela assim passando pela sala ela vai parar, ela vai fazer os passinhos. A dança tem disso de ser convidativa, de ser um abraço mesmo (APÊNDICE F).

A mãe da entrevistada, de acordo com seu relato, sente-se motivada pela dança e intuída a dançar, mesmo que não saiba, tecnicamente, executar os passos. Ela ainda comenta: “Dança é sobre isso. É uma comunidade. Seja dançando no tik tok, seja fazendo fitdance lá pra te animar e sair do sofá, da cama...” (APÊNDICE E). Neste caso não se trata de uma preocupação técnica ou estética com a dança, mas ao ato de dançar em si mesmo, que motiva e aproxima, como vimos nos relatos da entrevistada E sobre a dança em sala de aula.

6.2 Os regimes da imagem

No tópico acima foi abordado como, a partir dos relatos dos entrevistados de pesquisa a respeito de sua experiência com a dança em ambientes virtuais, podemos inferir e observar a conexão com o sagrado, a partir da experiência hierofânica, sendo estabelecida. A partir disso, se faz necessário, considerando nossa filiação teórica à Teoria Geral do Imaginário, que compreendamos melhor como estas imagens constelam e que sentidos são compostos a partir

delas, para que entendamos então de que sagrado estamos falando quando consideramos que os sujeitos de pesquisa se conectam com ele a partir da dança.

Para isso, nos valem da observação dos relatos completos das entrevistas e não apenas dos trechos grifados, a fim de que compreendamos, a partir do contexto geral, as características das imagens que se manifestam e constelam com o sagrado.

Como acontece com todos os símbolos e imagens simbólicas, não é possível que, ao identificarmos uma imagem automaticamente a encaixemos em determinado regime de imagem e, assim, compreendamos os sentidos que ali estão sendo manifestados, de forma automática e mecanizada. Isso acontece por conta da polivalência que os símbolos têm: um símbolo pode significar mais de uma coisa, e assim, remeter à mais de um regime da imagem. Para compreender a qual regime de fato ele se associa é necessário analisar o contexto em que ele se manifesta (DURAND, 2012).

Iniciamos compreendendo que não há uma única forma de conexão com o sagrado, é possível que haja experiências hierofânicas a partir dos mais diversos rituais e imagens simbólicas. Não negamos o desencantamento do mundo, processo já debatido anteriormente, que entende o afastamento do ser humano do sagrado como pauta para o desenvolvimento e o progresso da forma como o vemos hoje; no entanto, em acordo com Unger (1991), Eliade (2018), e a partir das falas dos entrevistados de pesquisa conseguimos ter a dimensão de que o sagrado não está apagado para sempre da realidade humano e que, ao contrário, em momentos de crise e desespero, como acontece muito durante a pandemia, é a ele que os indivíduos recorrem.

Lembramos ainda que quando falamos de sagrado não necessariamente nos referimos ao sagrado institucional (como pode-se ver nos relatos dos entrevistados, essa pauta é pouco ou nada trazida abertamente), mas sim à uma conexão profunda com algo maior, que possibilita outros entendimentos e uma passagem para um outro tempo, onde funcionam outras lógicas e o entendimento de si muda e aprofunda-se.

Com isso, percebemos que os entrevistados, a partir de suas falas, se afastam da ideia do sagrado que se insere no regime heróico das imagens (DURAND, 2012), pois neste regime observamos os *schèmes* que unem símbolos de elevação, imposição, purificação (ascensional); guerra às trevas, busca de clareza, entendimento (especular); separação, simplificação e transcendência armada (diarético). Este regime das imagens que muitas vezes é ligado à religiosidade, que une símbolos e mitos angelicais e tem forte ligação com as imagens do céu, apesar de estar intimamente ligado ao sagrado, não é o que vemos manifestar-se na dança, de

acordo com as falas dos entrevistados de pesquisa. A lógica trazida pelos entrevistados quando falam de espiritualidade, transcendência e conexão é outra e traz mitemas que constelam nos levando a outros regimes de imagem.

O regime heróico das imagens nega o corpo, pois entende que a sacralização e a elevação espiritual se dão a partir da descorporificação, do angelicalismo e do confronto (DURAND, 2012). O que percebemos nos relatos de entrevista é justamente uma valorização do corpo como elemento necessário à experiência hierofânica, a dança acontece, para os entrevistados, tanto no corpo quanto na mente, e é justamente a partir da união destes dois elementos que se torna possível a experiência do dançar: não se trata apenas de um movimento físico com o corpo que promove a saúde e o bem-estar, nem só de um ritual feito exclusivamente com um fim determinado, é a união destes dois polos que constitui, para os dançarinos entrevistados, o ato de dançar (seja ele online ou presencial).

Assim, compreendendo a relevância do corpo nas narrativas analisadas e constelando essa questão com os demais mitemas encontrados nas entrevistas somos levados ao regime místico das imagens, o radical oposto do que comentávamos anteriormente. O regime místico, a partir do *schème* do descenso reúne os símbolos da inversão e da intimidade, sendo ligado ao gesto reflexo da descida digestiva (DURAND, 2012). Observamos que as narrativas no que tange o sagrado constelam levando para este regime pois as noções de proteção, acolhimento, morada e proximidade são fortemente trazidas pelos entrevistados, sendo estes símbolos da intimidade. Além disso, não há como deixarmos de citar a ancestralidade, ponto também bastante relatado pelos entrevistados e citado anteriormente, se trata de uma ancestralidade que remete a povos antigos e originários e muito fortemente também às questões do feminino.

O feminino, quando falamos do regime místico das imagens é visto como algo forte e positivo; e lembramos: neste caso nos referimos, como em todas as questões ao longo deste tópico, a um feminino que é da ordem do simbólico, e não faz jus nem se refere às construções sociais e políticas que entendemos sobre feminino. A entrevistada E liga diretamente a experiência com a ancestralidade à vivência do feminino:

Então, assim as danças circulares eu posso falar bastante dessa minha experiência com isso que ela é algo, primeiro que são danças assim...que foram resgatadas, sei lá...descobertas...elas trabalham muito com a nossa ancestralidade, com o poder do feminino (APÊNDICE E).

O mesmo acontece com a entrevistada F:

[...] eu acho que conexão ancestral com o feminino imagina que daqui um pouco mulheres ancestrais nossas também dançavam, não com o sapato,

necessariamente mas dançavam descalças neh...pra celebrar a vida, pra celebrar enfim as colheitas... (APÊNDICE F).

Nesse sentido, o que se pode compreender é que, de acordo com a experiência dos entrevistados: (1) a conexão com o sagrado pode sim se dar a partir da dança em ambientes virtuais; e (2) que este sagrado alcançado a partir da vivência da dança (seja ela mediada ou não) tem características específicas e particulares, como as apontadas acima.

7 AS MÍDIAS COMO SUPORTE À DANÇA

Um tópico que surge e por este motivo dedicamos um capítulo da presente pesquisa a aprofundá-lo e debatê-lo é o de como o desencantamento do mundo afeta a dança e as pessoas que dançam. Entendendo até que ponto as tecnologias podem, e se podem, ser utilizadas como ferramenta para propiciar a experiência da dança, e se esta interligação não retiraria toda ou parte da experiência simbólica que os indivíduos têm quando dançam, pois, sabemos, as mídias sociais e a internet são palco muito influente e reforçador das perspectivas referentes ao desencantamento do mundo, como também já abordamos anteriormente.

Observamos que é bastante presente no discurso dos entrevistados a questão da conexão muito forte com a dança, esteja esta se dando presencialmente ou através de mídias. Muitos dos entrevistados que já tinham contato com a dança antes da pandemia, de forma presencial, trouxeram o fato de que não buscam comparar a dança realizada através das mídias com a dança presencial, pois consideram esta uma comparação injusta, porém, situam as mídias como importantes para que tenham mantido seu contato com a dança vivo e para que pudessem ter a experiência do dançar mesmo durante a pandemia e o isolamento social.

Outro grupo de entrevistados, em contrapartida, nunca havia tido contato com a dança antes da pandemia e teve seu primeiro contato através das mídias ou ainda já havia tido contato muitos anos atrás e reencontrou a dança através das mídias, ou mesmo encontrava-se desmotivado com sua experiência de dança presencial por motivos pessoais e acabou se reaproximando da dança através da dança online. Este grupo de indivíduos considera a internet e as mídias que possibilitam a relação virtual com a dança como uma questão importante para que tenham se aproximado da dança, tendo sido esta experiência possibilitadora de novas relações e motivações mesmo em meio à pandemia.

O que se pode perceber a partir das reflexões expostas no tópico anterior e nas considerações feitas acima, é que a internet tem sido utilizada como ferramenta que possibilita o contato com a dança durante o período de isolamento social e em outras ocasiões (de acordo com relatos de entrevistados que já utilizavam da internet para dançar e interagir com a dança mesmo antes da pandemia). Entendemos, assim, que as mídias sociais e a internet se mostram importantes para estes indivíduos por estarem servindo como ponte para que se realize um contato interpessoal que possibilita a dança.

Assim, observar como a relação com as mídias se dá e qual o papel destas quando os sujeitos se relacionam com a dança a partir dela se faz necessário não apenas para que possamos compreender o fenômeno de forma amplificada mas também por uma questão de outra ordem,

que surgiu posteriormente à realização das entrevistas: a pluralidade de relações, sentimentos e influências que as mídias ocasionaram para os diferentes sujeitos. Pudemos observar que compreender o impacto das diferentes materialidades da comunicação nos processos comunicacionais não é apenas um fator secundário, mas sim se trata de um ponto-chave desta relação, gerando mensagens e significados tanto quanto o próprio conteúdo que se apresenta através delas.

Nesse sentido, nos dedicamos a grifar em vermelho (como indicado no Apêndice D – Código de Cores), as referências que os entrevistados fizeram à sua relação com as mídias. Mesmo não sendo questionados especificamente sobre o impacto das mídias nessa relação (pois esse não era, inicialmente, um objetivo de nosso trabalho) este foi um ponto que se destacou nas falas dos sujeitos de pesquisa, sendo abordado de diferentes formas e perspectivas, a depender de como o sujeito se colocava na relação.

Inicialmente, é possível dividir os entrevistados em dois grupos principais: o daqueles que observam a importância da dança em ambientes virtuais especificamente para o contexto de pandemia e distanciamento social mas que não enxergam essa modalidade permanecendo após a flexibilização das medidas sanitárias; e o dos indivíduos que compreendem que esta se configura como uma outra forma de vivenciar a dança, para além da presencial, que tem potencial de se estender e permanecer viva mesmo após o retorno total às atividades presenciais.

A entrevistada E (Apêndice E) pontua que acredita ser possível reencontrar a ideia de coletivo mesmo através da internet: “*São danças coletivas, elas não são individuais. Mas o coletivo a gente vai criar por essa ideia aqui de comunhão com aquele que ta vendo ali na telinha.*”, entretanto, mesmo com isso, entende que a cultura brasileira tem muito forte a questão do toque e da troca presencial, e por isso compreende que a dança em ambientes virtuais se trata de uma situação passageira.

A questão cultural também é trazida pela entrevistada F, que fala sobre a chamada comunidade *incell*, presente principalmente nos países asiáticos:

No tik tok tem muita comunidade em si neh e de como talvez isso seja muito mais real pras comunidades asiáticas porque já tem vários artigos falando sobre pessoas tendo dificuldade de fazer amigos e de conversar com as pessoas pessoalmente, das pessoas se relacionarem com outras pessoas...amorosamente assim...de ter relacionamentos.

Com isso, se pode perceber a questão de como o contexto em que determinada sociedade se insere afeta não apenas as formas como ela irá se relacionar com as mídias e os usos que fará dela como também define (e é definida, em contrapartida) aquelas mídias que tomarão lugar central na sociedade e nos diferentes grupos e nichos. Sobre isso, a entrevistada F ainda ressalta

a importância de se ter atenção aos perigos da cultura virtual: ela acredita que não se trata de algo passageiro (nem a respeito da dança nem mesmo sobre outros aspectos da vida cotidiana) e transparece crer que existem diversas possibilidades de vivenciar e situar-se nesse contexto, algumas positivas, outras negativas.

No caso da entrevistada G, indo ao contrário do que foi colocado pela entrevistada E a respeito do reencontro do coletivo no virtual, compreende que a migração para o virtual impede uma imersão mais profunda no dançar devido à perda deste coletivo, mas que mesmo com isso a dança (neste caso, nos moldes do virtual) permanece como combustível para sua vida.

A entrevistada H relata que sua adaptação ao online foi ótima, podendo sentir a transmissão de afeto entre o grupo mesmo nos ambientes virtuais:

E eu tenho professoras que se adaptaram muito bem ao online sabe...eu acho que elas conseguem passar essa coisa do afeto sabe mesmo a gente estando online então...Agora na pandemia também eu to bem assim mergulhada na dança, faço umas quatro aulas diferentes e gosto muito dessa coisa de experimentar, com o corpo (APÊNDICE H).

Para H, a migração para o virtual possibilitou que ela se aproximasse da dança pelo acesso simplificado às aulas, apesar disso, sente “falta da materialidade” que era propiciada pelo contato físico, acreditando que a vivência da dança online será temporária:

[...] quando eu penso no futuro eu acho que eu gostaria de, que a gente não se acostumasse com isso assim eu gostaria de um dia poder voltar pro presencial pra gente ter esse lugar também do corpo neh, esse lugar do encontro....acho que é importante assim enfim eu fico meio dividida nesse sentido entendeu porque em algum momento é...eu imagino que a gente vai ter que reivindicar o nosso corpo, a nossa materialidade mesmo neh então eu espero não ficar muito tempo no virtual embora hoje neh eu tenho me adaptado bem (APÊNDICE H).

Essa mesma sensação de falta é colocada pela entrevistada G, que pontua que não há tanta espontaneidade na experiência da dança por videoconferências, afastando-se também, assim, de sua professora de dança:

E essa espontaneidade no zoom ela ta bem diferente assim porque eu to vendo as caixinhas e é isso criar limitação da ferramenta ali do delay da voz e a camera na cara também as vezes incomoda um pouco porque tem dias que eu não to tão legal ou tem dias que eu não to mais recolhida mais neh...mais pra dentro tem dias que eu to mais espontânea mas no vídeo a gente não consegue expor esses sentimentos de uma forma tão natural quanto era na sala de aula.

A entrevistada G comenta também que sente por não compartilhar as sensações corporais com as colegas de turma, como acontecia no ambiente presencial. Apesar disso, ressalta um ponto importante, que diz respeito à como manteve sua proximidade com a dança

durante o período de isolamento social e aulas online, e como esse ponto contrastou com a experiências de outra pessoa, que não havia tido a experiência das aulas em ambiente virtual:

E ela colocou uma foto dela "ai que saudade do flamenco" E eu vi e bah e isso não se aplica a mim porque eu continuo no flamenco, eu continuo no flamenco eu não tenho saudades assim... claro que contaria tudo, não é que eu não sinta saudade mas eu não tenho esse sentimento saudosista assim melancólico vamo dizer de falta, eu não tenho a falta neh, eu tenho ele presente ainda (APÊNDICE G).

Ainda assim a sensação de falta de certo tipo de contato é sentida por G; mas, ao contrário, não é sentida pela entrevista I, que acredita que acompanhar as aulas de dança de sua casa facilitou sua participação, entendendo que o formato combina com a sua personalidade e estilo de vida. Ao contrário das entrevistadas G e H, a entrevistada I acredita que a experiência da dança em ambientes virtuais não é momentânea, mas uma possibilidade nova e única que veio para ficar e oferecer novas oportunidades, e ao ser questionada se recomendaria a dança online para outras pessoas, responde:

Com certeza eu recomendaria porque é uma experiência única assim, uma experiência nova neh. Acho que mesmo sem pandemia eu acho que é uma possibilidade pra abrigar pessoas de diferentes lugares neh, pra facilitar essa questão de não ter uma locomoção, pra ti chegar em tal lugar..facilita a vida, com a vida que a gente leva virtualmente então acho que é uma possibilidade que a pessoa tem neh de ter um momento, de ter cuidado de si e se relacionar com os outros.

A mesma sensação de nova oportunidade é sentida pela entrevistada J, que com a chegada mais forte da dança em ambientes virtuais, ocasionada pela necessidade de distanciamento social, pode participar de cursos de dança que não participaria em outro contexto. A flexibilidade de horários também é citada por J como sendo um ponto positivo da dança em ambientes virtuais. Apesar disso, a entrevistada acredita que a adaptação devida do profissional e dos alunos é essencial para que a dança em ambientes virtuais funcione e que também o perfil do aluno irá dizer se ele se adaptará ou não à modalidade. A diversidade dentre os alunos das aulas de dança, para J, também é um ponto que é enriquecido no virtual. A entrevistada encerra comentando que, mesmo com o término da necessidade de isolamento social, permanecerá na dança online:

E acabando a pandemia, espero que acabe logo mas eu sei que não vai acabar tão cedo. Mas eu continuo no online e gosto muito porque eu consigo fazer diversas coisas no online que se fosse tudo presencial eu não conseguiria fazer nem metade.

Indo no sentido contrário dos relatos anteriores, a entrevistada K não se adaptou bem à

modalidade virtual e acabou afastando-se da dança durante o período de distanciamento social. Seu grupo realizou poucas atividades online e a entrevistada compreende que essa é uma forma de manter o contato com a dança, mas não se aproxima da experiência que tinha anteriormente, na modalidade presencial.

A experiência da entrevistada L se difere das demais, pois ela começou a vivenciar a dança em ambientes virtuais antes mesmo de a pandemia começar, no ano de 2019. Foi a forma que ela encontrou para se reaproximar da modalidade de dança de sua preferência, a zumba, que não era oferecida em sua cidade. De toda forma, apesar de estar acostumada e vivenciar a dança online todos os dias, L pondera que acredita que esta não é uma atividade para todos os perfis de sujeito, mas que se mostra como uma possibilidade.

O entrevistado M não vivenciou a dança presencial por muito tempo antes da pandemia, pois tinha ingressado há poucos meses na escola de dança quando a pandemia e o distanciamento social chegaram até nós. Comenta que, mesmo com isso, aprendeu a lidar com a dança em ambientes virtuais, mas esta não é agradável a seu perfil. Entende que o virtual limita principalmente em relação ao espaço físico, que acaba tendo de ser adaptado e muitas vezes impacta na performance do dançarino e a devida aprendizagem da técnica, no caso de danças clássicas. M retornou ao presencial quando as medidas de distanciamento foram flexibilizadas e pontua que não se vê mais retornando ao online, pois a experiência o frustrou muito, e comenta:

Tem gente que sentiu falta disso, eu senti, tem gente que não sentiu que se encontrou super no online eu entendo que as pessoas se encontram mas pra mim o online foi uma experiência muito tipo...consegui aprender muito. Tive, acho que uma experiência que já deu, já deu, já ta na hora de acabar e vamos voltar a vida ao normal neh. Só falta o mundo colaborar mas tudo bem.

Com base nas colocações supracitadas dos entrevistados a respeito de como vivenciam a dança em ambientes virtuais, elaboramos a seguinte tabela:

Quadro 2: Entrevistados em relação à dança em ambientes virtuais

	+	o	-
Entrevistada E		Passageiro	
Entrevistada F	Não passageiro		
Entrevistada G			É o que tem
Entrevistada H		Passageiro	
Entrevistada I	Não passageiro		
Entrevistada J	Não passageiro		
Entrevistada K			Distanciou

Entrevistada L	Não passageiro		
Entrevistado M			É o que tem
Entrevistada N		Passageiro	
Entrevistada O			É o que tem
Entrevistada P	Não passageiro		

Fonte: Autoria Própria

Ao observarmos a variedade de respostas e perspectivas a respeito da vivência da dança em ambientes virtuais, podemos compreender que não há como tirar conclusões únicas a respeito de como as mídias impactam na vivência da dança ou sobre como estaria agindo o distanciamento do sagrado e da materialidade nas sociedades atuais. No entanto, observamos uma saturação da amostra no que se refere às possibilidades gerais de resposta e reação dos sujeitos frente à situação. Assim, foi possível dividir os entrevistados em três grupos, conforme se vê na tabela. O primeiro grupo (identificado na tabela pelo símbolo “+”) corresponde aos indivíduos que acreditam que a dança em ambientes virtuais se popularizou com o distanciamento social e se configura como uma nova possibilidade para o presente e futuro, não estando atrelada apenas ao distanciamento social. O segundo grupo (identificado na tabela pelo símbolo “o”) diz respeito às pessoas que observam e valorizam pontos positivos significativos na dança em ambientes virtuais, mas acreditam que ela durará, de forma consistente, apenas durante o período de distanciamento social. Já o terceiro grupo (identificado na tabela pelo símbolo “-“) se refere ao grupo de entrevistados que coloca a experiência da dança em ambientes virtuais como negativa, compreendendo, após a experimentação e vivência da mesma, que esta não é viável para si.

De acordo com o relatado pelos sujeitos ao longo da entrevista, é possível compreender que a resposta à vivência da dança em ambientes virtuais (se positiva ou negativa) é diretamente ligada ao contexto em que se inserem e às particularidades da vida e da personalidade de cada indivíduo, sendo possível, como supracitado, separar as respostas em grandes grupos, mas não realizar generalizações a respeito do tema. A observação e comprovação desse ponto a partir dos dados das entrevistas nos leva a ponderar a respeito da forma como agem as influências das diferentes instituições na experiência simbólica dos sujeitos.

Ora, quando discorremos, ao longo dos capítulos teóricos deste texto, a respeito do conceito de desencantamento do mundo, compreendemos que os indivíduos foram afastados da vivência do sagrado e do simbólico pelas instituições de poder desde o início do século XX, como elucidada Weber (2004). Apesar disso, é importante que não tomemos esta como uma única

verdade e possibilidade, o que também já foi discorrido anteriormente. Em outro lado, não há também como defendermos a tese de que os ambientes virtuais propiciam um reencantamento, pois esta também não se mostra verdadeira tendo em vista os relatos dos entrevistados. O que se pode observar é que os sujeitos lidam com as mídias da forma como elas se incorporam em seu cotidiano, não sendo elas vilãs completas nem salvadoras, mas materialidades presentes e que exercem sentidos e se constituem como mensagem; a relação que os indivíduos terão com a mensagem (neste caso, com as mídias, ou ambientes virtuais) é que determinará como será sua experiência.

A questão a respeito de se é possível ter-se uma conexão com o sagrado e uma relação com o simbólico a partir das mídias é respondida abertamente quando observamos, nos relatos dos sujeitos de pesquisa, suas experiências com a dança em ambientes virtuais, relatando, experiências simbólicas com as imagens da água, do ritmo e com o próprio sagrado. Assim, compreendemos que a experiência é viável, mas não necessariamente irá acontecer, pois também outros fatores são elencados nessa equação, assim como acontece em um ambiente físico presencial.

Uma situação que aparece com frequência nos relatos dos entrevistados diz respeito a intervenções indesejadas durante a experiência com a dança em ambientes virtuais, como a queda de internet, falha de conexão, travamentos em vídeos etc. Com isso, compreendemos o que Krämer (2016, p. 31) traz a respeito do funcionamento das mídias:

Nós não ouvimos vibrações no ar, mas a chaleira assobiando; nós não vemos as ondas de luzes do espectro amarelo, mas um canário; não ouvimos um CD, mas a música; e a tela cinematográfica “desaparece” assim que o filme nos envolve. Quanto mais suave as mídias operam, mais elas se mantêm abaixo do limiar da nossa percepção.

A autora destaca que as mídias se apagam para fazer aparecer a mensagem, e que quando são percebidas por nós é quando passam por algum tipo de problema técnico (como a queda da conexão com a internet que nos traz de volta à realidade, ou o travamento de um microfone na plataforma de videoconferências, que nos tira a atenção do conteúdo). Krämer (2016, p. 35) comenta ainda que

Um signo é perceptível, mas aquilo que é perceptível no signo é secundário, enquanto o significado do signo, que é supostamente invisível, ausente e talvez imaterial, considerado primário. Quando algo é visto como uma mídia, a situação se inverte: o que é perceptível é a mensagem em si, e é a mensagem (o conteúdo) que importa mais no evento midiático. A mensagem é considerada primária, e a mídia é secundária. A mídia se autoneutraliza, torna-se invisível e desaparece no uso (se não houver ruído). Na perspectiva

semiológica, o sentido está ‘escondido’ atrás do sensível; na perspectiva midiológica, o sensível está ‘escondido’ atrás do sentido.

Nesse sentido, compreendemos a importância de dar atenção não apenas à mensagem que surge como clara para nós como também para aquilo que está sendo trazido e diz respeito às mídias que comportam a situação que analisamos. Ao voltarmos a atenção também às mídias que suportam as relações indivíduo X dança, observamos algumas outras questões, como no seguinte relato feito pela entrevistada F:

Eaí quando vai pro online, perde muito a graça. É horrível você fica olhando pra uma tela fria assim...é muito. É desanimador, eu não gosto. Eaí essa que é a diferença do vídeo game mesmo, ele é feito pra você interagir com a máquina. Essa relação é pensada, não tem nenhum calor humano é um vídeo game cara. Você tá competindo, é um joguinho (APÊNDICE F).

Neste caso, a entrevistada traz em sua fala uma reflexão a respeito da arquitetura das mídias e como, para ela, cada uma se adapta melhor, ou não, para a prática da dança. Não se está falando especificamente sobre a dança em si, mas sobre a mídia que nesse caso não age apenas como suporte para o dançar, mas carrega também significados e mostra-se para o usuário. O mesmo acontece com a entrevistada H quando fala a respeito da presença dos vídeos como suporte para a dança, fazendo uma reflexão sobre como estes já eram presentes na dança muito tempo antes da pandemia, e ponderando, neste caso, não apenas sobre a dança mas sobre as plataformas que servem de suporte para ela em diferentes épocas e contextos:

[...] eu lembrei também essa coisa da vídeo dança que também assim já é, não vou falar que é antiga mas ela já é feita a algum tempo então os profissionais da dança eles já tavam a algum tempo fazendo vídeos neh e dançando e pensando em planos que vão contemplar aquele movimento neh. Então eu acho que já tinha um caminho pra isso neh, mas eu não sei assim eu vejo que é muito importante pro artista de modo geral a experimentação neh e esse contato com o sentimento, com a sensibilidade, com as emoções neh.. (APÊNDICE H).

Dessa forma, com o que foi possível observar a partir dos relatos dos entrevistados e foi analisado nos parágrafos e capítulos predecessores, entendemos que as mídias sempre estiveram em relação com os indivíduos, e desta forma, também sempre se relacionaram com a dança. O fenômeno que observamos na atualidade, da dança sendo propiciada a partir de ambientes virtuais, diz respeito à adaptação da dança à ecologia das mídias vigente no presente momento, algo que pode ser visto acontecer nos mais diversos períodos históricos.

Ou seja, particularmente os indivíduos se relacionam de formas diferentes com a dança em ambientes virtuais, mas no que tange o parâmetro geral deste fenômeno o que observamos é o mesmo que compreendemos no Capítulo 3: a dança, como manifestação comum ao ser

humano adaptando-se à realidade e à ecologia midiática do momento histórico em que está inserida.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa iniciou-se motivada pelo interesse em compreender como a dança se relacionava com a ecologia das mídias na atualidade, especificamente pelo contexto de pandemia, que quando o trabalho foi proposto vivenciava seu início. Muitos foram os desdobramentos da pandemia de COVID-19 desde março de 2020 (data de início desta pesquisa) e o final dela, em dezembro de 2021. Aprendemos, enquanto sociedade, a lidar não apenas com a iminência da doença e da morte físicas e simbólicas, mas também vivenciamos crises sociais, econômicas, ambientais e políticas que se entrelaçaram ao contexto pandêmico. Mudanças, costumes, vivências e expectativas surgiram tão breve quanto foram embora, outras se mantiveram, muitas ainda permanecem aparecendo.

Além de aprender a conviver e procurar a não-disseminação do vírus, preocupações de outras ordens também nos interpelaram, especificamente no contexto brasileiro. As atenções foram redobradas não só à utilização de máscara, álcool em gel e ao distanciamento social quanto também à manutenção de direitos básicos, que assim como a saúde da população, foram atacados durante este período.

A vivência de uma pandemia, hoje podemos afirmar, não é linear muito menos estática. A cada dia somos arrebatados por novas notícias e passamos a ser obrigados a lidar com elas a partir das ferramentas que temos em mãos no momento. Isso não foi diferente em relação à dança, apesar de em escala menor. Observamos os sujeitos que dançavam necessitarem adaptar suas rotinas em prol da proteção de sua saúde e da saúde do próximo. Priorizamos emergencialmente, e com razão, a saúde do corpo físico, e por certo momento esquecemos da relevância da saúde mental.

Nesse sentido, algumas medidas começaram a ser tomadas, no caso específico da temática de nossa pesquisa, observamos os sujeitos que dançam adaptando suas rotinas exclusivamente às mídias para que pudessem, de alguma forma, retomar a vivência daquela atividade que lhes fazia bem. A maior parte deles, foi possível constatar, já vivenciava a dança através das mídias de alguma forma; no entanto, é inegável que esta relação foi amplamente modificada com a chegada da pandemia de COVID-19.

As entrevistas de pesquisa foram realizadas com a pandemia em vigência, e por este motivo também, foram realizadas a partir de videoconferência.

Ao pensarmos na vivência da dança em ambientes virtuais imediatamente fomos levados a pensar acerca do desencantamento do mundo. Pois, entendendo que a dança teve seu início imersa no contexto do sagrado, como poderia ela agora ser vivenciada através de algum

tipo de mídia? Representaria isso uma descaracterização total da atividade inicial? Quais os sentidos promovidos e os símbolos manifestados quando os sujeitos se relacionam com a dança desta forma? Estes foram alguns dos questionamentos que nos impulsionaram a realizar esta pesquisa. Com ela, percebemos que a vivência da dança depende mais do envolvimento do sujeito com a atividade, que hoje entendemos, pode se dar presencialmente ou não.

O que foi observado é que a dança, desde seu início, acompanhou as mídias e esteve relacionando-se com elas. E desta forma, se nos anos 2020 e 2021 (período de realização da pesquisa) a ecologia das mídias que se apresentava aos sujeitos era uma, nada mais natural, tendo em vista as evidências do que aconteceu anteriormente, que a dança também se adapte a este contexto. Ora, nada disso nega o fato de que a mediação é sim relevante ao pensar a relação com a dança durante o período de pandemia, o que entende é justamente que esta mediação, através da ecologia das mídias que se configura na atualidade, propicia que haja um relacionamento com a dança que traz à tona experiências simbólicas significativas aos indivíduos.

Ao observarmos as imagens da água, a relação com o sagrado e a presença do ritmo como fios condutores das experiências simbólicas dos indivíduos com a dança mediada percebemos não apenas que esta experiência é possível, como foi comentado acima, como também que ela reflete as vivências pessoais e, principalmente, coletivas, pelas quais os sujeitos estavam passando naquele momento. Entendemos, com isso, que a dança pode ser vista como uma constante para o ser humano, que não perde seu papel simbólico e adapta-se às diferentes mídias, mesmo com os percalços muitas vezes implicados por questões sociais e culturais.

Por fim, resta ainda como possibilidade para trabalhos futuros, adentrar mais à fundo na questão sobre como a materialidade dos meios impacta e relaciona-se com o imaginário e vice-versa, compreendendo que esta é uma questão pouco debatida, mas que surgiu fortemente ao longo das entrevistas realizadas nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Jaime. Das danças rituais ao ballet clássico. **Revista Ensaio Geral**, v. 1, n. 1, 2009.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAITELLO JR, Norval. Comunicação, Mídia e Cultura. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo. V.12/no. 4. p. 11-16. Out/Dez 1998.
- BAITELLO JR, Norval. O tempo lento e o espaço nulo: Mídia Primária, Secundária e Terciária. In: FAUSTO NETO, Antônio et al. (Org). **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.
- BAITELLO JR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.
- BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **O sentido posto em imagem**: a comunicação de estratégias contemporâneas de enfrentamento do mundo através da fotografia. Revista Galáxia, São Paulo, n. 19, p. 213-225, jul. 2010.
- BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Gilbert Durand, o montanhês que que desafiou a margem esquerda do Sena. *Esferas*, ano 3, nº 4, jan.-jun. 2014, p. 147-155.
- BARROS, Ana Taís Martins Portanova; CONTRERA, Malena. Estudos do imaginário: a iniciação como método. **Imag (em) inário: imagens e imaginário na Comunicação**. Porto Alegre: Imaginalis. P. 22-36, 2018.
- BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Comunicação e Imaginário: uma heurística. In: DE CARLI, Anelise; BARROS, Ana Taís Martins Portanova (org.). **Comunicação e imaginário no Brasil**: Contribuições do grupo Imaginalis (2008–2019). Porto Alegre: Imaginalis, 2019. P. 27 – 51.
- BARTON, Anna. **Dançando o Caminho Sagrado**: O Despertar Espiritual da Mulher através da Dança, dos Movimentos e dos Rituais. São Paulo: Triom, 2012.
- BELTING, Hans. **Imagem y culto**: Una historia de la imagen anterior a la edad del arte. Madrid: Akal, 2009.
- BOURCIER, Paul. **História da Dança no Ocidente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CONTRERA, Malena. **Mediosfera**: Meios, imaginário e desencantamento do mundo. Porto Alegre: Imaginalis, 2017.
- CONTRERA, Malena e TORRES, Leonardo. **O Zumbi No Imaginário Mediático**: Zumbi e Pulsão de Morte na Sociedade Mediática. E-compós (Revista da Associação Nacional dos

Programas de Pós-Graduação em Comunicação), v. 22, jan–dez, publicação contínua, 2019, p. 1–27.

CORDEIRO, Ana Livia. O coreógrafo programador. In: BRYAN-WILSON, Julia e ARDUI, Olivia (org.). **Histórias da dança**: Antologia. São Paulo: MASP, 2020.

DE CARVALHO FILHO, Juarez Lopes. Religião, educação e economia em Max Weber. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 14, n. 3, p. 540-555, 19 set. 2014.

DIAS, Bibiana de Moraes. A reconexão com o sagrado em um contexto de dessacralização: a importância da mídia nesse processo. In: MARTINS, Ana Taís e FREITAS, Camila (org.). **Pesquisas comunicacionais em interface com arte, tecnologia, religião, meio ambiente**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1994.

DURAND, Gilbert. **A fé do sapateiro**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

FELINTO, Erick. **Em busca do tempo perdido**: O Sequestro da História na Cibercultura e os Desafios da Teoria da Mídia. In: XIX Encontro da Compós. Rio de Janeiro: Compós, 2010. P. 1-13.

FELINTO, Erick. **Cibercultura**: ascensão e declínio de uma palavra quase mágica. E-Compós (Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação). Vol. 14. No. 1. 2011.

GONÇALVES, Márcio Souza. **Para pensar comunicação, cultura e subjetividade**: uma perspectiva de análise. *Revista Matrizes*, v. 14, n. 1, p. 59-78, jan./abr. 2020.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

INICIAÇÃO. In: Dicionário Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=inicia%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 13 de maio de 2021.

JUNG, Carl. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MIKLOS, Jorge. **Ciber-religião**: A construção de vínculos religiosos na cibercultura. Aparecida: Ideias & Letras, 2012.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1970.

NEUMANN, Erich. **A grande mãe**: Um estudo histórico sobre os arquétipos, os simbolismos e as manifestações femininas do inconsciente. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2021.

ORNELL, FELIPE et al. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. *Revista debates in psychiatry*, p. 2-7, 2020.

RECUERO, Raquel. **O que é mídia social?**. Raquelrecuero.com. Pelotas, 02, out, 2008. Disponível em: http://www.raquelrecuero.com/arquivos/o_que_e_midia_social.html. Acesso em: 27 de março de 2021.

RITMO. In: Dicionário Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ritmo/>. Acesso em 20 de novembro de 2021.

SCHULZE, Guilherme Barbosa. **Um olhar sobre videodança em dimensões**. Anais do VI Congresso da ABRACE, v. 11, n. 1, p. 1-4, 2010.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Fabrício. **Arqueologia da mídia**: preocupação com os estudos da técnica. Entrevista concedida a Thamiris Magalhães. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, Porto Alegre, n. 375, outubro de 2011.

SOUZA, André Peixoto. et. al. **Para ler Hegel**: aspectos introdutórios à Fenomenologia do Espírito e à teoria do reconhecimento. *Revista Ânima*, Curitiba, v. 4., n. 1, n.p.

STEWART, Iris J. **A dança do sagrado feminino**. São Paulo: Editora Pensamento, 2016.

TELLES, Marcio. **A(s) Arqueologia(s) das Mídias em Quatro Teses**. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba: Intercom, 2017. P. 1-15.

UNGER, Nancy Mangabeira. **O encantamento do humano**: ecologia e espiritualidade. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOLFF, Sílvia Suzana. **Corpo Tecnológico**: Sobre as relações entre dança, tecnologia e videodança. *Revista Cena: Dossiê cyber corpo, hiper corpo, corpo vulnerável: modalidades de presença na cena contemporânea*. Porto Alegre: n. 14, p. 1-12, 2013.

WOSIEN, Bernhard. **Dança**: Um caminho para a totalidade. São Paulo: Triom, 2020.

APÊNDICE A – PERGUNTAS PRESENTES NO FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA

Perguntas gerais					
Referência	Tipo da pergunta	Pergunta	Opções de Resposta	Obrigatória?	Possível inserir resposta personalizada?
A	Múltipla escolha	Qual sua faixa etária?	- Menos de 18 anos - De 18 a 24 anos - De 25 a 34 anos - De 35 a 44 anos - De 45 a 54 anos - De 55 a 64 anos - De 65 a 74 anos - Mais de 75 anos	Sim	Não
B	Múltipla escolha	Com qual gênero você se identifica?	- Feminino - Masculino - Prefiro não dizer	Sim	Sim
C	Múltipla escolha	Qual seu nível de escolaridade?	- Fundamental incompleto - Fundamental completo - Médio incompleto - Médio completo - Superior incompleto - Superior completo - Pós-graduação - Mestrado - Doutorado - Pós-doutorado	Sim	Não
D	Múltipla escolha	Em qual estado brasileiro você reside atualmente?	- Acre - Alagoas - Amapá - Amazonas - Bahia - Ceará - Distrito Federal - Espírito Santo - Goiás - Maranhão - Mato Grosso - Mato Grosso do Sul - Minas Gerais - Pará - Paraíba - Paraná	Sim	Não

			<ul style="list-style-type: none"> - Pernambuco - Piauí - Rio de Janeiro - Rio Grande do Norte - Rio Grande do Sul - Rondônia - Roraima - Santa Catarina - São Paulo - Sergipe - Tocantins - Não resido no Brasil 		
E	Dissertativa	Caso tenha marcado, na pergunta anterior, que não reside no Brasil, em que país você reside atualmente?	-	Não	Sim
F	Múltipla escolha	Você mora em:	<ul style="list-style-type: none"> - Zona rural - Zona urbana - Comunidade indígena - Comunidade quilombola 	Sim	Não
G	Múltipla escolha	Como você classificaria sua facilidade de acesso à internet?	<ul style="list-style-type: none"> - Muito fácil - Fácil - Intermediária - Difícil - Muito difícil 	Sim	Não
H	Múltipla escolha	A partir de qual dispositivo você costuma acessar a internet com mais frequência?	<ul style="list-style-type: none"> - Notebook ou computador de mesa - Smartphone - Tablet 	Sim	Não
I	Múltipla escolha	Quantas pessoas moram com você? (incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos)	<ul style="list-style-type: none"> - Moro sozinho - Uma a três - Quatro a seis - Sete a dez - Mais de dez 	Sim	Não
J	Múltipla escolha	Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?	<ul style="list-style-type: none"> - Nenhuma renda - Até 1 salário mínimo (R\$1.100) - De 1 a 3 salários mínimos (de R\$1.100 a R\$3.300) - De 3 a 6 salários mínimos (de R\$3.300 a R\$6.600) - De 6 a 9 salários mínimos (de R\$6.600 a R\$9.900) 	Sim	Não

			<ul style="list-style-type: none"> - De 9 a 12 salários mínimos (de R\$9.900 a R\$13.200) - De 12 a 15 salários mínimos (de R\$13.200 a R\$16.500) - Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$16.500) 		
Referência	Tipo da pergunta	Pergunta	Opções de resposta	Obrigatória?	Possível inserir resposta personalizada?
K	Múltipla escolha	Antes da pandemia e do início do distanciamento social você praticava algum tipo de dança? (de forma amadora ou profissional)	<ul style="list-style-type: none"> - Sim, diariamente (ao menos uma hora por dia) - Sim, regularmente (ao menos 3 horas por semana) - Sim, às vezes (ao menos uma hora por semana) - Esporadicamente (algumas vezes massem periodicidade) - Já pratiquei em algum momento, mas nos últimos anos não - Não, nunca havia me interessado anteriormente 	Sim	Não
L	Múltipla escolha	Antes da pandemia e do início do distanciamento social você se interessava/consumia conteúdos sobre dança?	<ul style="list-style-type: none"> - Sim, diariamente (ao menos uma hora por dia) - Sim, regularmente (ao menos 3 horas por semana) - Sim, às vezes (ao menos uma hora por semana) - Esporadicamente (algumas vezes massem periodicidade) - Já me interessei em algum momento, mas nos últimos anos não tive mais contato - Não, nunca havia me interessado anteriormente 		
M	Múltipla escolha	Após o início da pandemia e do distanciamento social você continuou ou passou a	<ul style="list-style-type: none"> - Já praticava e/ou me interessava anteriormente e continuei com o hábito 	Sim	Não

		praticar e se interessar pela dança?	<ul style="list-style-type: none"> - Praticava e/ou me interessava anteriormente e perdi o hábito durante a pandemia - Não praticava e/ou me interessava anteriormente e adquiri o interesse durante a pandemia - Não praticava e/ou me interessava anteriormente e continuo sem interesse 		
N	Múltipla escolha	Caso tenha mantido ou adquirido o interesse pela dança durante a pandemia, qual importância você atribui ao acesso à internet para que isso se concretizasse?	<ul style="list-style-type: none"> - Muito importante - Importante - Indiferente 	Não	Não
O	Múltipla escolha	Como você classifica sua relação com a dança:	<ul style="list-style-type: none"> - A dança é minha profissão, sou dançarino(a) profissional - A dança é minha profissão, sou professor(a) de dança - Sou dançarino(a) amador e/ou aluno de curso de dança (formal ou informal) - Não tenho nenhum tipo de relação direta com a dança 	Sim	Sim
P	Caixa de seleção	Como foram seus hábitos e vivências relacionados à dança em ambientes virtuais durante a pandemia?	<ul style="list-style-type: none"> - Participei de alguma aula de dança síncrona (ao vivo) pela internet - Participei de alguma aula de dança assíncrona (gravada anteriormente) pela internet - Ministrei aula de dança pela internet de forma síncrona (ao vivo) ou assíncrona (gravada) - Assisti alguma live (ao vivo) sobre dança - Assisti algum vídeo (gravado) sobre dança 	Não	Não

			<ul style="list-style-type: none"> - Participei de alguma live ou gravei algum vídeo sobre dança - Participei (ativamente ou apenas como leitor) de grupos de rede social, como Facebook, sobre dança - Comprei, pela internet, algum tipo de artigo para dança - Conversei, com conhecidos ou desconhecidos, na internet, sobre dança - Compartilhei, em meu perfil de rede social, a postagem de outra pessoa falando sobre dança - Publiquei, em meu perfil de rede social, alguma postagem com a temática de dança (foto, stories, texto...) 		
Q	Caixa de seleção	Caso tenha vivenciado a dança de forma online (seja através da prática ou do consumo de conteúdos sobre o tema) durante a pandemia, acredita que ela influenciou de alguma forma em sua vida? (Marque todas as opções que considerar verdadeiras para si)	<ul style="list-style-type: none"> - Me ajudou a manter a saúde mental - Me motivou a fazer exercício físico - Me proporcionou contato, mesmo que virtual, com outras pessoas - Me fez sentir pertencente a um grupo - Me ajudou a manter a rotina - Me fez sentir melhor em um momento difícil e/ou exaustivo - Durante a prática da dança me senti feliz - Durante a prática da dança me senti completo(a) - Durante a prática da dança me senti realizado comigo mesmo(a) 	Não	Sim

			- Durante a prática da dança me senti desafiado		
R	Dissertativa	Caso tenha algum comentário ou relato a fazer sobre sua experiência com a dança de forma virtual durante a pandemia sinta-se a vontade para utilizar o espaço abaixo para nos contar.	-	Não	Sim

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Sr. (a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “O arcaico também é atual: como a dança em ambientes virtuais afeta o imaginário”. Esta pesquisa é realizada pela discente mestranda Bibiana de Moraes Dias e tem como docente responsável a Profª Drª Ana Taís Martins Portanova Barros.

Nesta pesquisa pretendemos realizar entrevistas em profundidade a respeito da vivência da dança em ambientes virtuais. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: entrevista semiestruturada a ser realizada em data e horários combinados entre as partes, de forma online, através do site/aplicativo Google Meet.

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em incômodo ao participante por responder perguntas eventualmente de cunho pessoal, e pelo tempo dispensado na execução da entrevista, tempo este estimado entre uma hora e uma hora e meia. A pesquisa contribuirá para esclarecimento de como os indivíduos têm se utilizado das plataformas virtuais para a dança e como tem sido estas vivências. Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, valendo a desistência a partir da data de formalização desta.

Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou qualquer outra forma que possa indicar sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr. (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação científica ou de qualquer sorte, que possa resultar desse estudo.

Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções No 466/12; 441/11), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Ao clicar em “DECLARO QUE LI O TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E ESTOU DE ACORDO, BEM COMO QUE SOU MAIOR DE IDADE”, opção que estará presente no formulário online, junto com campo para fornecimento de e-mail para comunicação, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “O arcaico também é atual: como a dança em ambientes virtuais afeta o imaginário”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Estou ciente que posso baixar online uma via original deste termo de consentimento

livre e esclarecido, cujo endereço para download se encontra aqui disponível, e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Porto Alegre, 10 de fevereiro de 2020.

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro para Entrevista Semiestruturada

Pesquisa: O arcaico também é atual: como a dança em ambientes virtuais afeta o imaginário

CÓDIGO DO ENTREVISTADO: _____

ENTREVISTA:

Como e quando foi sua primeira experiência com a dança em espaço virtual?

Você fez algum tipo de alteração ou ajuste na sua casa (posicionamento dos móveis, colocação de acessórios...) para que o espaço ficasse mais propício para se dançar? Quais?

Como é vivenciar a dança em sua própria casa?

No contexto de pandemia, qual foi a importância da dança em ambiente virtual para você?

Você recomendaria a dança em ambientes virtuais para outras pessoas?

O que te motiva a dançar?

Ao dançar, o que você sente? Isso acontece também quando está no ambiente virtual?

APÊNDICE D – Código de Cores

Verde [exemplo] – referências ao ritmo

Rosa [exemplo] – experiências de dança

Azul [exemplo] – transcendência, contágio, sagrado

Amarelo [exemplo] – feminino

Azul-petróleo [exemplo] – água

Vermelho [exemplo] - mídias

Cinza [exemplo] – conversas e falas introdutórias/finalizações

APÊNDICE E – Transcrição da Entrevista 01

INÍCIO

[00:06]

[00:07] F1: O que a gente pensou mais pra pesquisa foi justamente tipo...fazer essas entrevistas para entender como que cada pessoa se relaciona com a dança anterior a pandemia... e aí de qualquer forma que seja, seja presencialmente ou pelo meio virtual mesmo, antes da pandemia e como que aconteceu nessa mudança pra pandemia que a gente passou tudo pro digital como que a dança se encaixa nisso, se permaneceu com as pessoas, ou seja de alguma forma a gente acabou se afastando um pouco disso...por conta do distanciamento social e aí como as mídias acabaram entrando pra de alguma forma não suprir aquilo que a gente tinha no presencial mas pra gente permanecer tendo um certo tipo de contato com a dança.

Outra coisa que eu não comentei...Eu vou enviar o termo de consentimento, aquele que vocês assinaram...eu vou enviar por e-mail também. (inter) [01:05] Ahh....assim...Então, as perguntas elas são bem, na verdade, gerais. O intuito é escutar um pouco o que cada pessoa tem a comentar e a dizer sobre a sua experiência. Então, na verdade, todas as contribuições vão ser válidas justamente pra eu conseguir mapear de que forma a gente ta lidando nesse momento de pandemia com relação a dança. Então, se foi mais... se houve um distanciamento...algumas pessoas talvez tivessem se distanciado...outras se aproximado...de acordo com as respostas preliminares que a gente já teve. Então a ideia é justamente entender isso, como tem se dado...e não fazer um comparativo do que a gente tinha antes, no momento presencial com o que a gente tem agora porque eu acho ate um pouco injusto assim porque foi uma mudança muito grande neh. (inter) [01:51] Mas justamente entender como que ta se dando esse contexto...assim...a ideia é essa, bem simples. Então eu queria que tu contasse como que é a tua experiência assim com a dança, que tipo de contato tu já teve, mesmo antes da pandemia...se já tinha tido algum tipo de contato...e como que isso se deu agora, se migrou pro online...senão. Como que foi essa relação?

[02:17] F2: Tá...então vamos ver assim...tu me ajuda. Bem eu sempre gostei muito de dança, neh...a história do ritmo, isso aí é uma coisa que faz muito bem pra mim. Não que eu fosse uma praticante neh...eu me lembro que uma vez eu fiz... aquela de uma época lá, do passado...biodança...e eu me lembro muito bem da facilitadora dizer que dançar era dançar a vida. Nunca esqueci dessa frase. Eu acho isso muito legal porque quando a gente dança a a gente se transporta...assim pra outro mundo...e isso aí...agora até usando os conhecimentos que eu tenho neh...aquela, toda aquela movimentação...isso aí produz muita serotonina, dopamina e a gente se sente feliz dançando. Eu acho que isso é uma coisa muito bacana da dança. Então...eu tinha me programado até com as minhas pupilas da pós graduação pra gente começar a fazer no início do ano passado, retomar danças circulares que era uma coisa que eu fazia...que eu fiz durante muito tempo com a Marge Opligiger...que agora ela mora na Suíça, depois com a Cíntia Miró...iihh...iih... a gente fez isso até no nosso evento que foi o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental que foi lá na FABICO e é sempre lá na FABICO, quase sempre...o último, nós tivemos um momento que convidamos a Patrícia Preiss e nós no pátio da FABICO ela fez uma facilitação de dança. Foi maravilhoso! Todo mundo que tava ali participou, inclusive o nosso convidado espanhol adorou. E pessoas de outros Estados e palestrantes...e até as vezes alguém que ia passando ali entrava na dança...Então, assim as danças circulares eu posso falar bastante dessa minha experiência com isso que ela é algo, primeiro que são danças assim...que foram resgatadas, sei lá...descobertas...elas trabalham muito com a nossa ancestralidade, com

o poder do feminino. E também isso tem danças indígenas, de antigas tradições neh...de diversos lugares do mundo...e elas me lembram certas coisas que elas trabalham muito bem...com aquele...com a nossa batida do nosso coração é o pulsar da terra...Até, assim a posição que os indígenas dançam, eles dançam sempre meio curvados com o coração...assim em direção a terra pra poder fazer toda essa...até essa relação, essa troca com terra, com a pulsação dela que é uma pulsação da vida. Eu nunca me esqueci disso. Teve aulas que eu...cursos de...a gente fez algumas capacitações de educação ambiental, lá na FABICO mesmo com comunicação e educação ambiental...e que eu levei também facilitadoras, a gente dançou. E era incrível! Teve um que tinha umas criancinhas, professoras levaram as suas alunas de onze a doze anos. Todo mundo dançou. E prestavam muito a atenção porque essas danças elas são todas danças meditativas. Então to te falando dessa minha experiência. Que elas nos permitem fazer uma conexão com o meu eu, elas são meditativas. A gente se conecta talvez com sua própria espiritualidade, com o espírito da terra, com alguma coisa...que a gente percebe que a gente tá, que a gente é o todo também, que a gente é a natureza. Nós não estamos aqui como parte, de repente nós nos transformamos num corpo único. E é um negócio assim...eu fico...to arrepiada só de falar nisso e agora eu ia recomençar amanhã, as 19 horas e fazendo tudo *online*, remoto. E aí eu tenho atividade, eu tenho duas atividades que é a terça ecológica do nosso grupo de artejornalistas. Nós vamos entrevistar dois caciques indígenas em duas retomadas. Mas isso é as 18 horas e depois das 19, seria no horário da minha aula vai ser o aniversário de cinquenta anos da Agapã. Então eu já vou avisar a professora que amanhã eu já não vou fazer que eu nunca fiz isso assim...dança remota neh...e esse ano é minha primeira experiência porque eu tenho amigas que fazem isso. E a coisa funciona neh. Porque essas danças todas a gente dança em roda neh. São danças coletivas, elas não são individuais. Mas o coletivo a gente vai criar por essa ideia aqui de comunhão com aquele que tá vendo ali na telinha. Então é isso. Com a pandemia por causa dessa loucura toda que a gente passou a viver, inclusive com o golpe da Dilma, eu acho que começaram a aparecer no *facebook*, quando a gente tá entrando, um monte de danças, não sei do que...danças africanas...E eu curto muito isso assim...de...assim...de ouvir...de assistir várias vezes neh...as mesmas coisas...as danças indígenas. Então eu acabo vivendo isso através do som e da imagem neh...que eu vejo na *internet* e me dar uma sensação muito boa. Eu fico louca de vontade de dançar. Cheguei a ver nessa pandemia escolas aqui por perto no fim eu resolvi optar por essa, é a Patricia Preiss é uma facilitadora de dança circulares. Ela também fez, ao mesmo tempo que eu fiz, o círculo da lua. Eu fiz lá nos anos 90, participava de um grupo de mulheres que era o círculo da lua que a gente tinha uns encontros com a Marge Opligger que a gente trabalhava o feminino através das deusas da mitologia e nisso tudo entravam as danças neh. Mas as danças eram de todas as tradições, de diversos locais do mundo, indígenas, etc e tal. Então...eu acho que por enquanto assim é isso. Aí, eu não sei, eu vejo filmes também. Tem de danças. Eu acabei de assistir um no domingo...como é que era...na batida do coração que daí junta...esses da *netflix* ta.

[08:53] F1: aham

[08:54] F2: esses da *netflix* tá...dança clássica com dança de rua que eu adoro dança de rua. Eu acho aquilo uma loucura, um delírio. Então...assim...Teve outro que assisti esses dias, que eu não me lembro mais o nome, eu não sei se... Ela dança, Eu danço que também tinha essa mistura do ballet clássico com dança de rua que fica lindíssimo. Então...por enquanto é isso. Tu pode me perguntar.

[09:25] F1: Tá certo. Eu acho muito interessante, como tu comentou. Tu já tem esse contato que tu teve com a dança foi justamente esse de uma dança mais, das danças circulares, da biodança...então é um, é um tipo de dança

que a gente tem também. E que de alguma forma ele tá conectado com uma sacralidade, com essa questão mais interior, de uma coisa mais...uma união mesmo assim...

[09:51] F2: Sim.

[09:52] F1: E que tu até trouxe na tua fala de como sentia isso neh. No momento do dançar é possível sentir isso, não é uma coisa que a gente fale: "ah essas são danças de união, porque...(inter)[10:07] coletividade" Mas é uma coisa que se sente no momento do dançar...aaah...talvez se tu pudesse falar, só um pouquinho, dessa tua experiência...do momento do dançar, de estar presente...nessa dança circular...enfim...dessa relação.

[10:25] F2: Sim. Tu sabe que tu até agora tava falando e já me lembrei de outras histórias neh. Nós fizemos isso nos anos 90...não...2001, 2002. Assim um projeto de educação e comunicação ambiental em São José dos Ausentes que era um projeto que fazia parte de um projeto amplo coordenado pela professora Ana Dalazem. Então eu entrei num grupo que era um agrônomo, um outro agrônomo mas que na verdade ela era professora de dança circular e a outra que era de arte educação para trabalhar com as professoras das escolas de São José dos Ausentes. Então, nós íamos lá, ficávamos um final de semana e todas as nossas atividades tinham danças que é altamente transformadoras, as pessoas participavam. E nisso, a primeira vez as pessoas ficam envergonhadas. Depois elas se entregam. E aquilo é transformador porque elas levavam isso para as escolas e conseguiam fazer com que as crianças também entrassem na nossa onda neh. E aí nós tínhamos, nós duas fazíamos um grande evento que era tudo preparado, fazíamos uma preparação pra companhia das águas. Tudo tem uma mitologia neh...tem uma espiritualidade...a água...nas diversas tradições religiosas. Então isso foi uma coisa...quando eu comecei a dar jornalismo ambiental na FABICO, na primeira aula de jornalismo ambiental na FABICO 2004, 2005, 2006...não me lembro. Mas depois eu posso ver isso, se for importante. O primeiro dia de aula nós fizemos isso, eu convidei uma amiga minha, a Cintia, essa mesma, e a gente dançou. Nós levamos várias propostas também e todo mundo entrou na dança. Aquilo deu um...bafafa na FABICO que teve gente, alunos mesmo que começaram a dizer que aquilo não era ciência. Mas não os meus alunos. Gente que não participou e que ouviu falar. "Isso não é ciência, dançar e tatata." Mas os meus alunos adoraram e teve uma atividade, alunos do jornalismo todos, uma atividade que a gente foi nos Aparatos da Serra, pra uma expedição da disciplina. E nós fizemos uma revista sobre o parque nacional dos Aparatos da Serra e se chamava a revista Oca. Oca neh...em homenagem aos indígenas com esse nome...a casa dos indígenas. E lá os alunos propuseram dançar então a gente dançou lá, perto daquele...é na beirada daquele grande cânion que tem ali que quando a gente entra...lá pela entrada do parque nacional neh...ali...(inint)[13:24]

[13:25] F1: Sim

[13:25] F2: onde tá esse...Então assim...é uma coisa assim inacreditável. Depois eles me relataram que eles participaram de encontros estudantis em outros estados que eles também levaram a dança pra outros lugares assim. Eu fiquei assim, encantada. Então é isso aí. E na FABICO a gente fez isso nessas nossas, nesses cursos rápidos de comunicação e educação ambiental. Mas tu me fizeste uma pergunta...que eu...hummm...esqueci (risos)

[13: 56] F1: Era justamente disso, desse momento do dançar assim e de como é possível sentir, como acaba sendo contagiante...uma coisa que tu comentou que as vezes as pessoas entram meio envergonhadas ou a primeira vez não participam e aquilo vai contagiando assim. É uma energia que vai...que vai aproximando as pessoas neh.

[14: 17] F2: É, exatamente.

(Atropelamento de falas)

[14:21] F1: Desculpa, pode...

[14:22] F2: Não, não. É isso aí. É simplesmente transformador e como assim a gente tá...até o encontro com os ecojornalistas, uma vez lá em Itapuã era um monte de gente que era também de um evento de águas aqui, daqui e a gente teve uma coisa dessas. A gente foi pro parque de Itapuã e lá também nós fizemos, não tava nem programado. A gente fez as danças também. Na beira do Guaíba, coisa mais linda assim. Mais...então...sim. O que que é, é que a gente trabalha com meio ambiente neh. A muitos anos eu to envolvida com a luta ambiental e isso dá na gente essa sensação que a gente ta incluída. Nós somos natureza neh. E aí essas danças só reforçam essa percepção de uma irmandade mesmo. Os indígenas por exemplo, os indígenas eles são a natureza eles são todos parentes, são irmãos. Me lembro quando teve lá aquele desastre lá de Mariana que os indígenas, eles choravam a morte do rio doce. Era a morte de um parente que eles choravam. É outra visão neh. Totalmente oposta. É uma visão que ela ofende essas pessoas tipo o ministro do Meio Ambiente, tipo o Bolsonaro que não conseguem entender, tipo Romera Jucá que lutou tanto pra mineração em terras indígenas. E que é uma luta hoje neh...a mineração das...aahh..é tanta coisa...tanta barbaridade que eles dizem. É ofensivo pra eles pensar ate nisso que eu to te dizendo que é o que a gente sente.

[16:30] F1: E de alguma forma, como tu comentaste, dos indígenas. É possível ver muito isso na cultura deles, claro. Seja em que lugar do país que esteja, isso é presente... essa relação íntima com a natureza e não só... natureza sendo um outro. Mas como parte neh, a gente como parte dessa natureza. E aí como aparece a dança, aparece naturalmente nessa relação. Como se também fosse algo natural. Não sei se tu também enxerga dessa forma mas quando tu comentou que ate levando os alunos pro parque dos Aparatos da Serra e que surgiu como ideia deles fazer a dança...De alguma forma a dança ta presente em nós por mais que a gente não...eu enxerguei dessa forma. Por mais que não esteja presente na nossa cultura, esse dançar e essa relação íntima com a natureza que não tá. Quando a gente entra em contato parece que aquilo aflora neh.

[17:32] F2: É quando a gente se deixa neh, tocar por ela. E aquele ambiente lá, esses ambientes são ambientes transformadores. Aqui eu to me lembrando...assim aquela coisa maravilhosa aquilo é tão grandioso, tão grandioso...aquele vento que tem ali. Tem aqueles, aquelas arvores que são, como é que a gente...são os gaviões...deixou eu ver, pra não dizer besteira...é gavião sim. Eles são...que coisa mais linda aqueles bichos voando ali. To me despedindo da minha irmã aqui, depois eu ligo pra ela. E então, aquilo é uma coisa que entra na gente mesmo que a gente...a gente pode ta descuidado mas aquilo entra...aquilo toca. Se a gente mantiver todas essas couraças que essa gente toda que ta aí dominando o Brasil tem neh. Então...aquilo...entra em nós.

[18:33] F1 Nós somos impactados neh

[18:36] F2: E é muito bom porque não é à toa que no passado neh...não tão distante, várias danças foram incluídas como atividades terapêuticas pelo SUS neh, nas unidades básicas de saúde. Não é?

[18:55] F1: Sim, entra como justamente, como uma não só como uma terapia e também, mas com essa proximidade e que acaba fazendo bem pra gente tanto que elas surgem quando a gente tem contato com a natureza

ou a gente ta mais próximo disso. E a dança também acaba surgindo. É um momento de contato parece que com a gente mesmo também neh...E eu achei interessante que tu comentaste também sobre...quando assistia vídeos de tribos africanas dançando ou de populações de outros lugares mesmo. Ao ver esses vídeos também era possível sentir algum tipo de emoção. Ou...queria que tu comentasse sobre isso. Não comparando é claro, de quando a gente ta presente e dançando mas como que é assistir esses vídeos...essa sensação mesmo.

[19:51] F2: A vontade é de sair, de dançar junto neh porque assim...ainda mais...assim dizem (inint) [19:59] do africano como se a África fosse uma coisa só e a gente sabe que não é neh. Tantos diferentes países, tribos e regiões e são umas danças muito marcantes, muito fortes assim neh. E tem tipo uma batucada que é uma coisa que a gente, nós temos isso também...nossa herança dos africanos que vieram pra cá e é uma coisa que tem uma batida muito acho que aquela coisa da terra mesmo, do coração. E é uma coisa contagiante, muito forte aquilo que a gente vê assim aqueles gurizinho dançando. Eu acho sensacional. E dá assim muito...é uma alegria, um prazer...dá vontade de dançar.

[20:40] F1: É uma coisa que mesmo que a gente esteja vendo a partir da tela neh...que a gente saiba que aquilo aconteceu não ta acontecendo naquele momento, que a gente não ta ali...mas que mesmo assim impacta neh

[20:55] F2: exatamente.

[20:57] F1: Que ocasiona uma reação tão parecida talvez com a que a gente teria se tivesse vendo no momento de acontecer neh...ao vivo.

[21:07] F2: É, sim...com certeza

[21:10] F1: E assim tu comentou também sobre a...essa vontade de voltar a dança agora também durante a pandemia das aulas...que ainda não começaram mas assim...como que foi que surgiu essa vontade eaí tu teve tu teve aberta a procurar uma dança que tava se dando de forma online assim...Como que tu enxerga isso?

[21:36]F2: Assim...eu acho que foi ano passado...acho que logo quando a pandemia começou, eu achava, todo mundo achava aahh um mês, dois meses a gente logo vai voltar pra FABICO. Aquele sonho inocente. Eu acho que depois, de repente nós resgatamos o nosso círculo da lua lá daquele tempo das mulheres...elas estão espalhadas por aí quero dizer uma mora na Suíça e a maior parte ta no Brasil mesmo...Então a gente tem, a gente faz alguns encontros online neh, encontros remotos. Mas através delas a gente falou muito neh...de recordar...etc e tal. Então tem algumas mulheres dessas que tão fazendo danças circulares com uma dessas moças, a Patricia Preiss. Porque no tempo que eu fiquei na vice-direção da FABICO foi um tempo assim que eu nunca acertei administrar trabalho e vida...o trabalho sempre prejudica a minha vida...não sei como é que pode. Eu fazia ginástica, academia a duras penas. Eu fiz ioga também e faltava muito...era um horror. Então assim eu resolvi então mas eu tinha amigas que já tavam então fazendo danças de forma remota então por isso que eu resolvi voltar. Bom então é possível. Se a gente faz ginástica, a minha academia manda semanalmente as aulas de ginástica...que eu acho um horror fazer assim neh. Eu devo ter feito umas três. Eu continuo pagando por espirito coletivo pra manter a academia. Mas eu acho muito difícil. Mas agora como eu vou tomar a segunda dose da vacina amanhã. Então daqui a uns dois, daqui a uns 20 dias eu vou retomar as aulas presenciais. Eu já tinha tomado neh...nós já tínhamos retomado mas depois a pandemia endureceu a gente teve que...mas é isso assim. Voltando pra dança eu vou fazer essa experiência então

porque como é uma coisa que eu gosto muito, eu vou...porque não fazer aqui neh? Vou ver como é isso, aqui nesse meu espaço dançar.

[23:50] F1: E surge também como...quase que a nossa única alternativa frente a pandemia neh. Porque também pra quem já tinha, já teve algum tipo de contato com a dança é uma coisa que a pessoa gosta, a gente já tá a mais de um ano neh...sem ter esse contato. Então acaba surgindo...

[24:11] F2: Uma loucura mesmo, a gente sente falta assim..nossa

[24:16] F1: Acaba surgindo mais como um substituto neh, daquilo que a gente tinha antes do presencial.

[24:22]F2: É..eu tava vendo, assistindo o filme do Davi Kopenawa esse que foi lançado agora, acho que foi antontem pelo Instituto Socio Ambiental que eles me convidaram neh. A gente entrava ali, conseguia o convite e assim tem todo, tem alguns momentos que mostram assim as danças deles neh. Eu acho isso assim fascinante. E bom as danças deles são, todas elas são danças espirituais neh..também...são um contato com os deuses, com os espíritos diversos da floresta. Eu acho isso maravilhoso.

[25:10] F1: E aí...ele até chama...os "xapiris" esses espíritos que acabam entrando, acabam se relacionando de alguma forma enquanto acontece essa dança esse...me lembro quando comentou que ele fala naquele livro do...esqueci o nome...a queda do céu que ele fala (interrupção)

[25:33] F2: Eu tenho que encontra esse livro...

[25:35] F1: é muito bom...eu gostei muito assim. Ele fala muito sobre os espíritos que chamaram pra dançar e usa essa dança também como uma metáfora de intimidade, de relação. Eu fico pensando como faz sentido porque a dança é justamente isso...essa coisa contagiante de aproximação que é o que ele quer dizer quando fala desses espíritos da floresta. E também...parece uma coisa que a dança enquanto, mesmo que a gente esteja apenas enquanto observador, muitas vezes...as vezes vendo um vídeo ou vendo um filme que trate sobre dança parece que a gente não é só observador. Que aquilo nos impacta de alguma forma que esse contágio consegue nos impactar mesmo que a gente não esteja dançando que a gente esteja ali...sentadinho

[26:28] F2: A gente dança junto e...não fisicamente mas assim na emoção, no pensamento. Acho que isso é assim. Porque a gente fica fazendo movimentos com o corpo, batendo com o pé, com a mão...é muito contagiante sempre.

[26:47] F1: Como isso se mostra pra gente...essa coisa...me parece até do ritmo que a gente se liga. Tu comentaste também que a gente escuta aquela música que a gente vê as pessoas seguindo aquele ritmo...aquilo nos move, mesmo que de alguma forma a gente esteja no sofá assistindo aquilo toca, aquilo consegue contagiar também.

[27:11] F2: Com certeza.

[27:14] F1: Eu não sei a respeito dessa...Como que tu enxerga assim essa relação da, que a gente migrou, falando bem da questão da comunicação que a gente acabou migrando pra parte do presencial pra esse *online*...Se tu acredita e aí é a tua visão, não é nada...é realmente a visão pessoal mesmo. Se tu acredita que essa dança do *online* vai ser semelhante ou vai oferecer as mesmas coisas que a dança presencial nos oferecia...

[27:48] F2: Eu acho que não. Não, eu acho que isso aqui são coisas de momento que a gente faz quando não consegue se aproximar. Mesma coisa que a aula neh. Tem as vezes aquele encontro escrevendo artigos juntos etc

e tal. Com algum grupo, com algum grupo menor do grupo de pesquisa. Depois a gente fica conversando a respeito...a gente fica conversando a toa porque a gente tem a necessidade de conversar. Teve um dia que, foi no ano passado, eu não me lembro...eu já me esqueci, acho que foi antes do Natal, eu recebi aqui em casa três alunas...três gurias do doutorado. Então foi assim, com todo aquele distanciamento, todo mundo de máscara que foi na área dos fundos da minha casa que é uma área aberta e a gente não ficava...agora olha que coisa mais esquisita a gente se encontra com pessoas que a gente não via a pelo menos um ano sem poder se aproximar.

[28:47]F1: Sim.

[28:48] F2: Isso a gente consegue. Deu pra gente fazer tudo isso mas a gente tem essa necessidade. E isso aí...eu não sei...nós não vamos conseguir...faz parte da gente, nossa cultura ter essa coisa de tocar neh. Então é um momento que a gente tá controlando essas emoções, tá tudo sob controle.

[29:14] F1: É..acaba vindo mais com o que a gente tem. É melhor do que nada mas não é a mesma coisa do presencial.

[29:29] F2: É..e agora a gente tá pensando assim quando...sei lá...quando a coisa começar a melhorar por aqui com a vacinação...sei lá...da gente fazer...mas tudo assim encontro de no máximo três visitantes pra vim aqui em casa. O Roberto Villar veio aqui. Tu conhece o Roberto Villar neh?

[29:51] F1: Sim.

[29:52] F2: Terminou o doutorado ano passado...ficou no jardim, tudo assim sem aproximação, aquela distancia total. O Flavio Borcena esteve aqui também assim...tudo longe...é muito esquisito! A gente não poder beijar as criatura mas é o que temos no momento.

[30:12] F1: Não faz parte da nossa cultura, a gente é muito dessa aproximação e na verdade por mais que a gente, agora estamos nos olhando mas parece que não é a mesma coisa que se tivesse a relação presencial. Mesmo que ah...a gente tá ouvindo, a gente tá vendo mas a gente não tem o tato, não tem aquela presença física.

[30:35] F2: Com certeza.

[30:40]F1: tu comentaste no início que aahh não sabia se o depoimento ajudaria mas já te dando um feedback acho que foi muito importante essa tua fala. (inter) [30: 55] Essa tua experiência prévia que tu já tinhas com a dança e com essa dança principalmente mais arraigada nessa questão do sagrado, dessa conexão da natureza e o todo e como é interessante te ouvir falando dessa mudança pro ambiente virtual neh...como que isso acontece...como a gente carrega tudo isso que a gente tinha antes dessa energia que circulava e a gente vai trazer pra um aparelho eletrônico...assim..então

[31:29] F2: Agora tu ver só...eu já assisti várias eventos virtuais com indígenas neh...se pra nós é uma esquisitice imagina pra eles

[31:42] F1: A gente que já tinha uma relação com isso neh...parte do nosso dia a dia...o tempo todo

[31:47] F2: E eles ainda com as dificuldades de conexão...a gente tem também neh...mas é muito pior. Por exemplo o Kopenawa as vezes tem que sair da aldeia dele pra ir em outro lugar lá, pra poder...quando ele participou do roda viva ele foi num outro local lá numa [inint]32:04 que eu não sei se foi em Belo Horizonte onde é que fica

aquilo na cidade pra poder ter então...e esses dias quando eu assisti o lançamento do filme, esse do Davi Kopenawa, ele caiu várias vezes. Então é isso neh. Nós também, eu cai durante uma qualificação. Ahh..que loucura neh.

[32:33]F1: Essa questão do cair que também era uma situação que a gente não tinha antes, é completamente nova. E agora como que a gente lida com isso aqui também neh...numa...se a gente ta num momento...mesmo que a gente consiga trazer aquele momento que a gente tinha da dança pro virtual, se a gente ta sentindo aquela energia mas se a conexão cai como que isso acontece...a gente não sabe lidar ainda com isso porque é uma coisa muito nova.

[33:01] F2: A minha sorte é que eu...eu [inint] 33:03 trabalhava como co-orientadora e eu perdi totalmente a fala de uma das avaliadoras e foi difícil conseguir voltar. Deixa eu ver o que que era...Era o MConf mas o que que era...por causa da minha *internet* que agora eu tenho que trocar e não consigo me conectar com a vivo porque eu ligo...é tanta coisa...hoje eu vou fazer isso porque a vivo na minha rua as pessoas estão mudando pra vivo porque a net aqui ta um horror e eu não posso me arriscar...de repente eu tenho...vou ter a banca da Débora...ta é em setembro mas eu não posso ficar esperando pra...e tem outra qualificação antes, duas alias eu vou ter antes. E eu não posso como orientadora cair fora do...da coisa...eu tenho que até deixar o celular atualizado pra entrar no MConf...tudo neh.

[34:01]F1: São várias preparações e meio que rituais novos que a gente tem que ter neh...pra coisas que a gente já fazia antes que era as bancas e estar presente nisso...mas é mais uma coisa que acaba entrando...

[34:15]F2: Mais uma coisa...eu até comprei mais uns equipamentozinhas que o Corcela me ensinou, a coisa da luz neh...o suporte pro celular...eu não tinha pra gente fazer aquelas aulas...alguma coisa de gravação que antes eu cheguei já a fazer sem ter suporte pra celular...tudo muito caseiro (risos) mas que deu certo neh...a gente pode se utilizar de umas tecnologias pra auxiliar.

[34:46]F1: É a gente pode se utilizar conseguindo uns apetrechos e vendo...e vai...parece que é uma coisa...é na verdade uma coisa que a gente ta construindo agora neh.

[34:55] F2: Aí eu fiquei assim muito consolada..porque eu tenho aqui per aí que vou coloca no notebook um livro...às vezes é um dicionário...Oxford inglês e português...e tenho outro livro em cima dele...daí eu pensei assim...aahh mas isso aqui é bem assim neh. Mas aí quando eu vi com o André Pirigueira ele mostro como é que é o dele...que é uma pilha de livros. Aí o Olívio também ta num negócio que era uma pilha (inint) [35:23]...eu acho que tinha até tijolo do Olívio...então tá então, não to tão fora (risos)

[35:30] F1: O meu também ta em cima de uma pilha de livros e o pior é quando a gente quer pegar um livro que ta apoiando o computador neh...aí é uma função também...mas enfim são coisas que a gente vai

[35:41] F2: E até que ajuda o notebook... a ventilação dele também neh...é importante que ele fique assim. Bom mas é isso então.

[35:53] F1: Eu te agradeço muito muito. Não eu fico...tua fala foi muito...acredito que tenho sido muito enriquecedora pro trabalho assim, de verdade. Fico muito feliz e te agradeço muito pela tua disponibilidade, por poder ta aqui e tal. Mesmo *online*, mesmo que a gente não possa dar um abraço de despedida eu queria te agradecer por esse momento.

[36:18] F2: então ta...fico feliz. Fico a disposição...aaah até tu vai fazer a tua qualificação ainda ou tu já ta no final.

[36:28] F1: eu vou fazer no meio do ano, talvez lá por junho...início de junho eu acho.

[36:34] F2: Até se tu te lembrar eu gostaria de assistir porque eu acho isso bem bacana assim...essa é a tua temática neh...eu acho uma coisa assim muito legal.

[36:46] F1: Pode deixar

[36:48] F2: Em outra encarnação eu devo ter sido bailarina.

[36:50] F1: Pode deixar que eu te envio sim e eu acho que essa coisa da dança ta muito presente na gente neh...quando a gente acaba tendo contato parece que a gente já conhecia aquilo antes neh..então

[37:01] F2: E tu dança? Tu tem formação em ballet?

[37:06] F1: eu tenho de ballet clássico mas eu danço também dança folclórica...essas coisas

[37:12] F2: huumm...eu acho lindo também.

[37:14] F1: Foi daí que surgiu esse interesse por entender porque era uma coisa que eu tava vivendo também e tinha esse questionamento de como as pessoas lidavam com isso neh...daí foi meio.

[37:26] F2: E é incrível. E as nossas danças gaúchas, mesmo sabendo de toda a história delas neh...mas elas...tendo uma visão crítica acerca do gauchismo...elas são contagiantes, elas são lindas neh...eu gosto muito de assistir, de ver..

[37:45] F1: Eu gosto também.

[37:47] F2: então ta. Obrigada viu.

[37:50] F1: ta certo, eu que te agradeço

[37:52] F2: Boa sorte no teu trabalho.

[37:53] F1: eu te envio o link também, uma boa semana.

[37:53] F2: Pra ti também.

FINAL

[37:55]

APÊNDICE F – Transcrição da Entrevista 02

INÍCIO

[00:04]

[00:04] F1: Eu queria que tu começasse também te apresentando, falando um pouco de ti e da tua relação com a dança...assim, se tu já dançava antes e começou a dançar na pandemia ou se...enfim. Como que é essa relação pra ti?

[00:19] F2: Então vamo lá...eu sou a xxxxxxxxxxx, sou de Belo Horizonte, tenho 29 anos, sou mestranda em comunicação também. É...minha relação com dança, então...eu sou uma criança dos anos 90, então é o *tcham* tá aí pra expor toda a minha relação com a dança que começa daí. Todas as coreografias, todos os axés dos anos 90 é comigo mesmo, xicabom (inint) [00:42]...sinto muito. Depois disso eu me interessei ainda pequena, ali por volta de uns doze, treze anos por dança do ventre. Adorava dança do ventre, aí fiz aula, pratiquei...menos de um ano eu acho...e aí dei uma boa parada assim com dança. Sempre foi uma coisa que eu via clipe, aprendia com os amiguinhos as dancinhas e etc. Mas vão indo neh...depois do é o *Tcham* veio o *Rouge*...enfim...música pop. E aí vem as divas do pop neh...Britney...com as coreografias péssimas, Beyoncé que tinha umas mais elaboradas e assim foi fazendo a minha relação com a dança. Depois disso eu fiz zumba na academia que não é exatamente dança mas é aquela coisa, pra mim motiva fazer exercício físico. Não me bota pra puxar ferro, pra correr, pra caminhar...por causa, tipo não dá, não funciona. Tem que ser dança. Daí, durante a pandemia vieram as danças do *tik tok* neh...aí eu velha posto no *tik tok*? Obviamente não. Tento copiar as dancinhas? Obviamente sim, tem um espelho ali na parede gente. Não funcionou muito bem, falei aí...vou procurar outras coisas e aí durante a pandemia procurei *youtube*, fui procurar aquelas coisas de *Fitdance* tudo mais, porque neh...dentro de casa, sedentária e com dor. E aí usei uns vídeos de *fitdance*...não deu muito certo aí, eu apelo pro *xbox* porque *just dance* é a minha vida. E aí é isso, o meu contato atual com a dança tá ali no *just dance* eu queria tanto decora as coreografias gente eu to velha pra isso. Mas o que me motiva a me exercita é dança. Eu amo ver vídeo de dança, mesmo que eu não pratique mais as danças do *tik tok*, porque assim neh gente, não tem como. Não tenho tempo pra isso e nem coluna...é..eu gosto muito de ver e o *tik tok* identifica automaticamente todas as danças que você gosta, todas as coisas que você gosta. Então todos os meus problemas pessoais tão lá um pouco discutindo com os psicólogos do *tik tok*... e tem muita dança do ventre, muita coisa de dança contemporânea e atualmente (inint) [02:43] de *kpop*. Eu não sei como é que eles descobriram que agora eu sou fã do *BTS* aos 29...mas descobriram então tem muita coreografia de *kpop* também. É isso.

[02:54] F1: Os algoritmos eles vão nos atacando, parece e quando a gente vê tá tudo lá. Eu também baixei o *tik tok* assim por...pra ver porque eu não conhecia e do nada, eu nem via muita coisa e do nada tudo que eu gostava tava lá, então...enfim...aí a gente acaba meio que viciando. Eu também tentei as dancinhas também, não poste mas tentei. Não vou dizer que deu certo...(risos) mas...

[03:20] F2: Não, não dá. Desisti. Mas você é nova. Vai com fé que dá.

[03:23] F1: Ahh...(risos) eu não sei. Tá, então assim..aahh continuando tu falou que acabou gostando mais então da dança com vídeo game. E como que foi pra ti essa questão...assim, claro a questão do vídeo game a gente acaba sempre dançando em casa mas tu teve que fazer alguma alteração em casa pra tipo...alteração física mesmo, porque

eu acabei fazendo algumas aulas de dança em casa eu fazia presencialmente e mudei pra *online*, enfim todo mundo mudou neh e tive que fazer várias modificações no quarto pra tentar achar um espacinho e no final não deu muito certo...aaah, mas ai queria ver como ti essa questão com o espaço, assim se foi difícil, se foi tranquilo...enfim...

[04:07] F2: Então, na verdade foi o vídeo game que mudou de casa porque o vídeo game é do meu namorado e a gente dançava lá só que ele mora em apartamento e é assim (fazendo gesto de pequeno com as mãos) e eu moro em casa então a sala é mais ampla, o sofá é afastando da TV, a gente mudou o vídeo game de casa pra dançar aqui. E ele falou "aaahh eu nem gosto tanto de dançar". Ele vem e dança no final de semana mas eu fico lá, segunda, quarta e sexta. Quando eu não estou triste demais pra isso. Porque é a pandemia.

[04:30] F1: sim...aaah essa questão que tu comentou agora da pandemia é...a gente fala muito neh...o quanto o isolamento social nos afetou, tanto saúde mental e saúde física também, de alguma forma meio que a gente estagnou tudo...assim, eu pelo menos, tudo que eu faço é *online*...então, sei lá até a caminhadinha que a gente tinha entre uma coisa e outra, um compromisso e outro, não tem mais. Então como que tu vê essa questão da dança assim, tanto pra saúde física quanto pra saúde mental, assim como que te ajudou nisso, durante a pandemia?

[05:06] F2: Então...é...a minha saúde física (corte na conexão da chamada) (inint) [05:13 -17 s]...e o que que acontece felizmente eu sou esse felizmente, durante a pandemia eu emagreci em vez de engorda porque todo mundo ou perde peso porque ta depressivo ou ganha peso porque ta depressivo. Eu to na parte que perde só que eu percebi que a minha flexibilidade não é mais a mesma e que uma pessoa que gosta de dançar e fazer várias coisas a flexibilidade importa porque você ta lá no meio do passinho de dancinha e começa a doer e dar uma dor nas costas...você percebe as limitações do corpo e aí eu falei: "eu tenho que voltar a dançar porque parece que meu corpo não me pertence mais". Eu não tenho mais controle nos meus movimentos, sob o alcance que o meu corpo tem. Ahh eu esqueci de dizer que eu dancei pole dance uma época mas durou muito pouco tempo porque dói muito.

[05:57] F1: Eu imagino. (Atropelo de falas)

[05:58] F2: E por isso que desisti. Simplesmente eu desisti porque eu não sou sexy o suficiente pra isso. Mas assim eu achava horroroso porque no pole eu já tava com a abertura quase completa e tinha toda aquela coisa de você ter equilíbrio pra fazer os movimentos e tal e quando eu percebi que eu tava perdendo tudo isso eu falava eu tenho que voltar a dançar porque eu não vou ficar aqui fazendo alongamento de academia, não vou sair pra correr na lage...eu preciso dançar. E aí a minha relação com o meu corpo melhorou e eu fico mais tranquila também porque depois que você sua pra caramba vem todas aquelas endorfinas, vem toda aquela coisa de aiii...então é terapêutico em vários sentidos tanto de cuidar do corpo, de ter controle sobre o corpo quanto o que é esperado mesmo quimicamente.

[06:50] F1: E assim esse contexto da pandemia, na verdade tu já falou um pouco neh dessa questão de como que te ajudou e tal na questão da saúde física e mental mas como que tu acha que a dança foi importante nesse momento...se te...sei lá, se te ajudou em alguma coisa porque a minha experiência foi assim: eu já dançava antes da pandemia, aí mudei pra, enfim todo mundo mudou pra pandemia (risos) mas eu mudei pro *online* por causa da pandemia e no início era muito bom..e o que foi acontecendo que eu fui desanimando do *online*..sabe. E aí talvez justamente como não foi uma coisa feita pra ser *online* mas era um presencial que tava sabe, dentro do *online* que eu acho que deve ser diferente da experiência de dançar tipo no video game que já é pensado pra isso sabe. Eu

tenho xbox também e o kinect mas eu não tenho nenhum jogo de dança então...o que é péssimo mas agora que tu comentou (atropelamento de falas)

[07:49] F2: O dance central é melhor que o just dance ta? Só pra você saber.

[07:52] F1: Pois é, eu ouço dizer isso...agora que to ouvindo muito falar eu fiquei com vontade de jogar um jogo de dança. Enfim...mas essa questão é assim

[08:02] F2: Compra usado.

[08:02] F1: Pois é, vai ter que ser. Ahh mas essa questão assim de que pra mim eu acabei meio que abandonando, eu fazia...faço...vou voltar quando der, ballet clássico e dança folclórica portuguesa mas já fiz várias outras coisas também...aahh eaí eu sinto isso já que tu comentou da falta de...a gente vai perdendo tudo neh tanto flexibilidade quanto força também. Tudo! Parece que o corpo sabe...(risos) Isso que não faz dois meses que eu parei mas assim...enfim. Como que tu viu a importância da dança assim pra isso? É uma continuação da última pergunta, na verdade...

[08:40] F2: Um adendo, eu fiz uma aula de ballet clássico experimental...eu não consegui subir escadas. Eu moro numa casa que tem escada e rampa e pra cozinha escada e eu não consegui subir escada por três dias.

[08:56] F1: Eu imagino.

[08:57] F2: Ballet clássico é do demônio. *Grand plié* pra puta que pariu, nunca mais na minha vida. Difícil. (risos) Eu acho que o que não funcionou pra mim exatamente lá dos fitdance e etc é que é uma coisa que no presencial quando você tá ali no calor da coisa com as outras pessoas com a música envolvente até a zumba..essa coisa quando você tá com as véia lá..eu dançava zumba com a minha mãe cara, era um negócio de nós duas ali e depois comecei a treinar passinho em casa. Eaí quando vai pro online, perde muito a graça. É horrível você fica olhando pra uma tela fria assim...é muito. É desanimador, eu não gosto. Eaí essa que é a diferença do vídeo game mesmo, ele é feito pra você interagir com a máquina. Essa relação é pensada, não tem nenhum calor humano é um vídeo game cara. Você tá competindo, é um joguinho. Porque a dança pra mim nunca foi competição. Eaí é que tá, eu gosto muito de música clássica por exemplo e concerto de música contemporânea. Se eu for num concerto e ficar assistindo o concerto de olho aberto só pra olhar, sei lá a roupa de quem tá tocando...o meu negócio é fechar o olho e imaginar o meu corpo se movendo pra música por mais que o meu corpo não dê conta de ballet contemporâneo e clássico. Não dá. Mas eu consumo muito dança dessa forma eu era apaixonada pra ir pra qualquer apresentação de ballet na vida seja contemporâneo, clássico o que for...não interessa, eu amo dança. Eaí quando você migra pra essa coisa dentro de casa você tira todo o calor daquela performance, é o calor mesmo. Sabe de você tá num...sei lá...num cômodo com as pessoas diariamente e começar...você tem o suor no chão e as pessoas suadas, quentes e tá todo mundo envolvido e parece um transe quase...e não tem isso na pandemia em casa e eu falei não, não vai rolar. Não vai rolar, o que ficou foi o vídeo game.

[10:51] F1: Sim...é...agora tu falando me lembrei assim...parece que...eu tava, nunca fui muito...o que eu estudo mais no mestrado é...eu uso as teorias do imaginário, não sei se tu conhece porque...enfim é um (gestos entre elas pra dar sentido não verbal a fala)...é...comecei a usar mais no tcc daí fui gostando muito, gostando muito acabou que to fazendo isso no mestrado também...e, mas eu sempre estudei mais...no tcc estudei revista. Agora no

mestrado eu to estudando a parte de mídias como um todo mas ai acaba caindo mais no virtual mesmo principalmente por causa da pandemia neh.Eaí assim...aaah eu acabei caindo em textos e varios da cybercultura porque era uma coisa que eu nunca tinha dado tanto conta assim...enfim. Não tava planejado para entrevistas. Eu to te contando porque tu é da comunicação também pra gente ir trocando.

[11:42] F2: Conta tudo.

[11:42] F1: Eaí essa...isso da cybercultura tava lendo uns textos mais antigos lá do inicinho assim e tinha muito essa ideia de que nossa cybercultura e internet tava surgindo pra tomar o lugar do presencial...sabe..do..que era a revolução de tudo. Como que a gente na experiência agora, com a pandemia, ta vendo que não é assim porque na pandemia a gente foi obrigado a simplesmente mudar tudo pro virtual. Como que a gente sofre com isso. E essa questão com a dança parece muito assim neh...isso que tu comentou de sentir falta do calor das pessoas, de ta ali de ta...de tudo mesmo sabe e acho que a gente não...por mais que dê pra fazer as coisas no virtual as vezes não é a mesma coisa que é diferente do vídeo game claro porque foi pensado. Talvez sendo pensado seja uma possibilidade...então, mas enfim...um insight que me veio assim. Mas agora eu queria ver se tu, alguém que nunca dançou ou que danço e não dança atualmente...enfim...se tu recomendaria pra essa pessoa o tipo de dança que tu ta fazendo agora. No teu caso a dança através do vídeo game...assim se tu recomendaria, o que tu diria...enfim

[12:55]F2: Eu recomendo dança, pra qualquer pessoa em qualquer idade, qualquer modalidade, em qualquer situação...Eu acho que dança tem muito a ver com o emocional, tem muito haver com a forma que a gente descarrega as coisas pelas quais a gente ta passando. Não é só uma questão de corpo e tudo o mais. A dança é...enfim energia, emoção...todas essas coisas estão ali mesmo que seja dançar na frente de um vídeo game é muito interessante pensar quando eu to dançando as musiquinhas da Ariana Grande. Ahh eu amo a Ariana Grande eu sou uma velha mesmo eu não (inint) [13:36], na verdade não tem como ir. Existe uma conexão entre você ta ali cantando aquela música que você gosta e fazendo movimentos e entrando em comunhão assim...eu acho que é uma catarse, é uma coisa que muda muito a nossa relação com o ambiente como o que a gente consome de música. Se a minha mãe me ver jogando o vídeo game e a minha mãe ama dança e não sabe dançar ela se autodenomina um machado sem cabo. Mas se eu tiver jogando e ela tiver sei lá com a roupinha dela, com a legging dela assim passando pela sala ela vai parar, ela vai fazer os passinhos. A dança tem disso de ser convidativa, de ser um abraço mesmo. Eu nunca vi, sei lá...no clássico, pra competir, pra entrar pras grandes companhias devem ter...Mas eu nunca fui numa aula de dança em que eu estive com pessoas de dança que olharam pro meu jeito esquisito de dançar e falaram tipo "nossa Daniela tipo para você ta me envergonhando". Nunca aconteceu. Sabe a cultura da dança e sim... ainda mais música pop, essas coisas, é uma coisa calorosa de acolher as pessoas. Então dança, nem que seja fazendo dancinha no tik tok. Porque eu acho que tik tok ainda tem uma outra coisa, cybercultura ai na vida, as pessoas criam uma comunidade a partir de um passinho de dança que é feito e refeito e refeito. Então por exemplo pega a música da Luisa Sonza lá, ta viciada em senta com a bunda, gente que música horrível, não tem nada de letra...nossa. Mas você ver a dancinha do tik tok você tem que fazer o desafio. Você dança funk? Não necessariamente. Você gosta de funk? Não necessariamente. Você gosta de funk da Luisa Sonza? Não necessariamente. Mas existe uma comunidade desafiada praqueles passos e que querem provar que fazem parte daquela comunidade. Dança é sobre isso. É uma comunidade. Seja dançando no tik tok, seja fazendo fitdance lá pra ti animar e sair do sofá, da cama...100% recomendo.

[15:37] F1: Ok...assim essa é bem subjetiva. O que que te motiva a dançar? Então, sei lá...quando tu pensa...sabe quando que vira aquela chave e tu pensa "ah vou dançar" ou "to com vontade de fazer isso"...enfim...

[15:56]F2: Música. Começou a tocar já era. É o pezinho balançando no chão. Você coloca *butter* do BTS pra tocar (gestos de dança). Não tem como! Música, enfim. E se tiver tocando a música na minha cabeça e ninguém mais tá ouvindo também.

[16:15]F1: Parece que o ritmo tem...eu tava, pensando esses tempos assim, sozinha. Vendo se não era uma loucura minha mas agora que eu vi tu falar talvez não seja. Do quanto que o ritmo parece que...não sei...entra na gente sabe. Uma coisa muito louca...olha só o que eu vou falar tu vai achar que eu sou maluca fui fazer uma ressonância magnética. Aí tava eu lá deitada, entrei na máquina e, eu não sei se tu já fez, mas ela faz um barulho...péssimo. Fica batendo horrores mas eu comecei a prestar a atenção no barulho porque eu não tinha mais nada pra fazer e tava tendo um ritmo no barulho e aí do nada pra mim era uma música que a máquina tava fazendo. Então parece que tem muito isso assim...eu pensei no início "sou loca?" mas agora te ouvindo falar parece que não que a gente tem uma coisa nossa do ser humano sabe, do ritmo assim...de...enfim. Como a gente é contagiado.

[17:18]F2: Isso é lavar a vasilha, escutando música é uma coisa, se eu lavar a vasilha no silêncio vai ser outra. Você consegue fazer os seus movimentos fluírem porque tipo na música é... (gestos com as mãos) Eu fiquei tentando presta a atenção na respiração porque eu sou seriamente claustrofóbica porque tipo eu não morro de vontade de chorar mas eu chorei dentro daquela máquina horrorosa mas eu fiquei tentando fazer o ritmo da respiração com o ritmo da máquina. Sempre tem ritmo.

[17:43]F1: Parece que...eu não sei se é...porque claro a gente já gosta da dança mas me parece que é uma coisa que tem muito do ser humano essa questão do ritmo neh. E como que nos ajuda em tudo porque a gente pensando, querendo ou não, o ritmo tá muito presente em todas as outras coisas da nossa vida. Mesmo que não seja da dança diretamente. A gente é meio que movido por isso assim...bem interessante. Assim encaminhando para o final mas lembrando se tu tiver alguma coisa que tu quer trazer é super bem-vindo. O que que tu sente no momento de tu tá dançando? Tipo "to ali dançando agora." O que que tu sente assim...o que que é esse momento?

[18:23] F2: Depende do que é que eu to pensando...depende. Ooh se eu tiver no vídeo game eu to competindo. É tipo assim.. eu quero fazer o meu melhor possível e lembrar os passos mais ao mesmo tempo simples e divertido. Numa competição divertida não do tipo "ai meus deus eu poderia ter feito um passo melhor" Não, dance. Se tiver tocando...sei lá o BTS da vida lá, uma música que eu to viciada e eu tiver lavando vasilha...eu não to mais lavando vasilha ..eu to em outro lugar, eu to em outro espaço mental. Então o que eu to fazendo mecanicamente não importa e aí to lá aqui esfregando e a bundinha pro lado, passa a bucha no cabelo sem perceber. Terrível, não recomendo. (risos) É...se e tem dia que eu boto umas música dramaticona, sei lá pensa em qualquer artista loco ai..desses contemporâneo e cismo que vou dançar e aí é só mover o corpo não necessariamente acertar ou não...é talvez um alongar e sei lá...Pra mim, sair do meu estado mental atual. Entrar em um outro espaço. É conseguir calar um monte de pensamento invasivo que tá lá tipo..."você não vai dar conta do mestrado. Você não vai conseguir fazer isso. Você não tá dormindo direito, você não tá comendo direito, você é uma merda. Pandemia, presidente..."Tudo isso cala a boca, cala...acabou...assim ...é um outro espaço mental. Então, liberdade, eu acho que tranquilidade, organização. Eu sei que as coisas estão se organizando no meu corpo, não sei nem explicar.

[20:12] F1: Essa questão da música assim que tu comentou tu vai ouvindo a música e vai pensando, parece que vai fluindo naturalmente assim...Eu tenho muito isso quando eu to viajando porque eu não dirijo e geralmente a minha mãe ta dirigindo...ai eu to no banco do carona e ta tocando uma música daí sei lá...não importa a música que seja eu começo a ouvir a música e do nada to em outro lugar me imaginando, dançando, exatamente a coreografia daquela música. E eu to dançando sabe, eu não to no carro viajando. O meu corpo ta lá, sentado no carro mas eu to lá em outro lugar não sei aonde...dançando aquela música. Então como que as vezes essa experiência da dança, claro que é muito do corpo, completamente mas parece que é mais. É o corpo e a mente juntos. Porque as vezes muitas pessoas tratam a dança tipo " ahh é um exercício físico" mas não é só isso. É um exercício físico também claro, mas tipo o quanto que a gente consegue ver justamente por viver isso, experimentando isso. De que é mais do que só um exercício, sabe...

[21:19] F2: É uma conexão. Tanto que todo mundo que faz exercício diz que é muito difícil, sei lá, ver alguém correndo que não ta com um fone de ouvido. E se você tiver correndo e tiver tocando uma música mais calma, ali no começo da corrida você vai na marcha 'nanana'...bota um (inint) [21:35] pra tocar, coloca! Coloca um solinho de guitarra assim ohh (gesto de pequeno com a mão). Gente...A respiração vai no ritmo da música então você não pensa na respiração, você não cansa tanto. E você começa a correr tipo assim *speed racer* gente. É um absurdo, absurdo. Ritmo.

[22:02] F1: Eu só ia fazer um comentário mas pode ficar à vontade.

[22:06] F2: É a gente tava pensando essa coisa dessa abertura e tudo mais e eu tava refletindo sobre justamente o papel do *tik tok* e dessas outras redes que tem os *reels* e todo mundo cria essas comunidades de dancinhas. No *tik tok* tem muita comunidade em si neh e de como talvez isso seja muito mais real pras comunidades asiáticas porque já tem várias artigos falando sobre pessoas tendo dificuldade de fazer amigos e de conversar com as pessoas pessoalmente, das pessoas se relacionarem com outras pessoas...amorosamente assim...de ter relacionamentos. E tudo isso migra pro virtual de uma forma tão bizarra que as pessoas elas não casam, elas não namoram mais. Tem uma queda mesmo nessa interação social. E eu fico me perguntando se é um caminho que a gente pode ter que seguir porque a gente não tem essa escolha de sair. Ta que o brasileiro é meio loco, dar festa com 600 pessoas no meio da pandemia e tudo o mais. Mas eu vejo muita gente em sofrimento mental em casa. Entre os meus amigos por exemplo, uma amiga minha se assumiu lésbica, antes da pandemia. No carnaval antes da pandemia. No carnaval em 2020. Ela não conseguiu ter nenhuma experiência da sexualidade dela porque ela tava ali se descobrindo etc e tal. Não queria dar a loca no carnaval. E ela entrava (inint) [23:30] Ela nunca pode tocar outra pessoa depois dessa realização, dela se aceitar e tudo mais. Ela nunca pode tocar outra pessoa que ela realmente tinha interesse por conta da pandemia e ela fala que ela tem medo de que ela não saiba fazer isso. De que ela não saiba se aproximar dessas pessoas. Porque o momento em que ela tava ali no se descobrir foi aquela da pandemia. Então penso se essas tendências do leste asiático não seriam uma possibilidade pra pós pandemia.

[14:28] F1: Pois é, eu acho que sim. Talvez com mais espaçamento de tempo neh...porque eles tão a muito mais tempo imersos nessa cultura do que a gente. Muito antes, claro a gente sempre teve presente mas não era tanto. Na pandemia a gente acabou tendo que mas parece que lá era mais comum já. Eles já tavam mais imersos nisso neh. Eu to fazendo uma cadeira agora e a professora tava comentando justamente sobre isso assim. Dessa questão do quanto a gente ta perdendo a vivencia do real tangível assim...real físico. Não só por conta da pandemia também.

Ela deu justamente esse exemplo que tu deu também, dessa...tem um nome agora e não vou me lembrar, mas dessas pessoas que estavam abrindo mão voluntariamente dessa experiência do tangível, real presencial assim. Mesmo que não houvesse pandemia, num contexto normal fariam por não ter essa vivência. E aí me lembrou, vários autores vão falar, o Weber de desencantamento do mundo. E me parece que é muito isso que a gente tá agora sabe. Ahh...porque a gente...por mais que o *tik tok* ok, cria comunidades...não sei se é a mesma coisa, se a gente consegue substituir. É interessante que se tenha, claro não tô dizendo que é péssimo o *tik tok*...péssimo...Não, é ótimo. Mas quando a gente tem as duas coisas, mas quando a gente abre mão. Não sei até que ponto sabe.

[25:59] F2: Não, é bizarro. Tudo tá sendo voltado pro virtual. Se a gente pensar na experiência de moda por exemplo enfim, pós graduação em moda, ignora. O pessoal tá criando cyber roupa. Você compra a roupa, caríssima pra aplicar numa foto em filtro de vídeo chamada. A roupa não existe cara. A roupa não existe. Modelos virtuais porque você não pode mais colocar modelo desfila a roupa e aglomera o vestiário então tem muita gente que fez fashion filme e tudo mais. Todo mundo fala das Revoluções de Cinamoto, o quanto que você passa muito mais a emoção a um custo menor, quando você passa melhor a ideia da sua coleção, o conceito por detrás dela a um custo menor porque ninguém tem dinheiro pra ficar (inint) [26:53] no Louvre bota espaçonave no meio de não sei o que. Então tem isso assim...a coisa tá evoluindo pra um jeito, a forma como a gente muda o nosso próprio corpo com filtro. Tipo assim, se eu acessar aqui em algum lugar provavelmente eu consiga botar algum filtrinho na minha cara ou em algum lugar da tela ou atrás de mim e você pode modificar toda a sua realidade e eu fico pensando que em comparação com o que a gente tem vivido no mundo físico e talvez da dança em si. Eu penso que no *online* você edita a dancinha lá no *tik tok* quantas vezes você precisar pra tá ali na frente. Sabe que se for prazeroso assim tanto quanto é você tá com alguém dividindo aquele momento de dança. Você já foi pra, sei lá se você é dessas da comunicação, festeira mas eu não fui mas assim. Ir pras balada gay faz bem na vida. Dançar com as gay é tudo. Sabe aquele momento em que tem uma roda e as pessoas da roda vão trocando passos de dança entre si e uma começa a influenciar a outra e depois naturalmente começa a fluir pra próxima e aquilo é um momento de comunhão. Isso não existe no editar o passinho do *tik tok* pra ficar perfeito. Não é a mesma coisa.

[28:21] F1: E não é nem a mesma coisa porque a gente pode dizer ahh que tinha a ideia de ficar perfeito e quando sei lá, tu ensaiava muitas vezes pro espetáculo xis. Mas ensaiar muitas vezes pro espetáculo não é a mesma coisa que editar porque tu tem várias vivências entre aquilo pra ir passando e tal, tem vários erros e vai acumulando pra na hora tu chegar e fazer realmente aquilo sabe. É muito diferente do editar. E aí claro que ainda é menos ruim, não é de todo o ruim porque a pessoa dançou ali fisicamente de fato pra fazer aquela coisa sabe. Ela não tava sei lá, só movimentando um boneco por um programa. Porque eu tava conversando isso ainda com uma amiga e comentando com ela tipo o quanto de...dessa questão da tecnologia, se vinha pro bem ou se vinha pro mal no momento da pandemia com a dança, bem inserido nisso. E ela disse "aah eu acho que é positivo justamente por isso, porque as pessoas estão usando pra dançar de fato". Ahh perdeu toda a parte do presencial que era ótimo que nem tu comentou, da comunhão ali do momento se perdeu mas ainda se está tendo experiência corporal. Foi o que ela trouxesse, poderia ser mexendo um avatar e...sei lá...sentado e mexendo num avatar no mouse sabe. Então o quanto disso tipo...parece que a gente tá fazendo um uso da tecnologia mas eu tenho medo justamente pelo que tu falou. Até que ponto isso pode evoluir, entre aspas, e chegar o momento que a gente tipo, sei lá perca esse virtual ou se aproxime tipo dessa comunidade, que eu não vou lembrar o nome mesmo, mas que enfim...abrir mão dessa vivência do corporal assim sabe...

[30:07]F2: Não e é bizarro que quando você ta, sei lá...eu não sei se tem muitas companhias que sejam voltadas (inint)[30:14] dos corpos assim. Quando você vê muito contemporâneo e aqui em BH tem alguns festivais assim, várias companhias de dança e algumas delas tem gente gorda, tem gente com algum tipo de deficiência. E quando eu to na plateia vendo as pessoas dançarem pra mim tanto faz quem ta dançando porque o que você entrega no palco é uma energia tão bizarra, é tão potente que você arrepia, você chora você se emociona e pra mim "ai você faltou um braço" mas você está se entregando, se acabando. Não quero saber o que aconteceu, não quero saber nada. Eu quero saber da sua dança, da sua arte, dessa emoção. Vai no tik tok ver os comentários de qualquer bailarina que não tenha uma perna que não tenha um braço, que já esteja acima do peso...que coloque uma roupa ali que dê pra ver uma celulite alguma coisa assim os comentários são horrorosos porque não tem esse envolvimento. Quando você dança pra um público que ta ali pra ver a sua dança, a sua arte é muito diferente de você se expor na rede pra quem ta ali pra te julgar. Porque quem ta ali pra realmente se divertir e tudo o mais ok, mas o número de pessoas que tão ali pra comentar coisas sobre o seu corpo especificamente...eu fico horrorizada.

[31:39] F1: E é a questão de que as pessoas perdem o filtro neh, na internet porque claro tem mais a questão porque no tik tok tu pode repetir várias vezes então fica olhando cada detalhe tipo como se sei lá com a intenção de julgar mesmo e como entra questões dentro disso neh. Porquê...pontos positivos e negativos mesmo que se tem e não sei a gente poderia ficar discutindo, listando eternamente...não sei se a gente chegaria numa conclusão porquê...é uma questão muito complicada justamente por a gente nunca ter vivenciado isso, inseridos na pandemia. Porque eu não sei se o tik tok faria tanto sucesso se a gente não tivesse no meio de uma pandemia sabe...talvez fizesse mas não sei...porque é...não sei. Porque eu gosto da questão do tempo sabe, porque eu acabei baixando o tik tok por tédio, de início, agora não é mais é porque eu quero ver as dancinhas, mas antes no primeiro momento a decisão de baixar foi por tédio mas não sei se isso é uma visão minha, excluída sabe...ou se isso é uma parcela significativa talvez seja uma boa pesquisa. Mas é isso, é uma questão que meio a gente não tem como saber. Tem como fazer previsões, mas é muito difícil.

[33:05] F2: Mas eu acho que existem formas de vivência que são muito diferentes assim...eu to no tik tok porque ta pedindo instagram. Eu gostava muito do instagram pra ver os meus amigos porque...enfim...sabe aquela coisa de ter um amigo em cada canto do mundo, um amigo em cada canto do Brasil e você não consegue conversa com todo mundo o tempo inteiro então você fica lá vendo stories, vendo feed pra ter uma noção de como as pessoas estão o que elas estão fazendo...puxar um assunto. Só que durante a pandemia eu descobri que eu não consegui lidar com sei lá, pessoa a aglomerando, viajando pra praia e eu fiquei tipo...eu não quero ver. Se eu continuar vendo vou perder a família vou perder amigos vou perder todo mundo. Vou pro tik tok porque eu não conheço ninguém e eu fui pra lá pra isso mas entre os meus amigos eu percebo que essa coisa do se expor na internet, estar na internet de construir uma imagem na internet é muito forte. Não me faz bem, eu não gosto de expor, por exemplo, o meu relacionamento nem sempre porque...não faz sentido pra mim. Eu acho que as pessoas que precisam saber do que eu to vivenciando, tipo quando eu for ir num restaurante porque eu sou a doida dos restaurantes. Eu amo ir em restaurante caro e não é porque o restaurante é caro é porque a comida tem que ser boa porque se a comida for cara e ruim eu vou ficar muito puta. E eu gosto da coisa do restaurante, de ir e de vivenciar mas não é pra tirar foto da comida e postar e falar "olha cento e vinte conto nesse risoto". É porque eu quero comer um negócio e falar assim "gente trufa é muito bom mas tem cheiro de gás de cozinha." Sabe? Então não dá pra você vender o glamour de "ai to comendo um risoto de trufa" e falar que é gás de cozinha cara. Então eu me afastei

disso mas a cultura do online é muito bizarra. As pessoas se expõem, vendem, se montam ali e eu acho uma loucura. Uma loucura.

[35:04] F1: É a gente meio que, não sei, não sei mesmo...porque tem essas, as questões tipo...de início eu ia ver, pegar comunidades que tratavam de dança, dentro da internet assim...e achei muitas. E aí, nesse sentido, algumas eram mais de apoio, tipo redes de apoio postando não sei o que...tinha uma que era voltada pra ballet adulto e era, tu via bem essa característica assim de apoio, de incentivo...muito interessante. Aí, isso no *facebook*, tinha outra que eu entrei que era, o grupo era só dança o nome e era o que mais tinha membros, tinha mais de um milhão não sei o que e eu pensei "uou, este é o grupo". E aí tem tipo uma postagem por dia e uma pessoa vendendo uma coisa nada a ver. (risos) Enfim, entrei em vários e o que eu vi foram os que tinha alguma movimentação era uma movimentação positiva mas aí que eram pessoas que já estavam inseridas naquele contexto de dança que a gente tinha comentado antes que é o contexto de que é natural tu acolher outra pessoa de tu não ligar sabe. Já era um contexto que tinha fora e se inseriu dentro da internet. Não foi criado dentro, sabe? Eram pessoas que já gostavam daquilo fora e só se uniram na internet pra falar daquilo. Não sei até que ponto tem essa diferença mas eu sinto que sim. Enfim foi uma coisa que me veio agora mas que parece que faz sentido, assim...

[33:35]

FIM

APÊNDICE G – Transcrição de Entrevista 03

INÍCIO (PARTE 1)

00:16

00:16 F1: Aí eu queria te ouvir também, te apresentar um pouco...E já falar tanto da parte mais pessoal assim como como é a tua relação com a dança...se tu já tinha antes ou se foi mais durante a pandemia, como que aconteceu...pode ficar bem a vontade.

00:31 F2: Ta..aahhh meu nome é Heloisa acho que dados pessoais tu já tem neh idade...

00:37 F1: Sim.

00:38 F2: Até tu já não precisaria neh... eu nasci em Porto Alegre, moro em Viamão...eu tenho experiência com dança assim na vida adulta vamos dizer. Acho que no colégio, tive algum contato com a dança mais muito pontual. E na vida adulta eu danço desde 2014...Então a 7 anos assim aí eu já passei, eu iniciei...na verdade em 2013, um ano antes, eu já tava querendo dançar, mas não fechou o horário e aí eu quis estudar algumas modalidades assim... pesquisar que eu quero dizer neh. Aí eu fiz uma aula experimental de *street dance* mas não me adaptei. Acho que na época eu devia ter uns 28 anos e os outros colegas de turma eram muito pré-adolescentes tipo dez, onze anos e não me adaptei. Aí eu *live uma pequena amostra do que era o flamenco*, mas aí por questão de horário também não pude fazer...assisti a um pedaço de uma aula. Aí lá em 2014 eu tive a oportunidade de, no interior, eu morei no interior e tive a *oportunidade de fazer dança cigana*. Aí eu dancei dois anos, um ano e meio de dança cigana e depois a turma lá não existiu mais e não tendo mais dança cigana eu segui dança do ventre e dancei pouco tempo também... seis meses assim. Aí depois voltei a morar em Porto Alegre e dancei mais três meses de dança do ventre aqui em Porto Alegre em outra escola e por um acaso tinha flamenco nessa escola. E aí então *desde o final de 2016 eu danço flamenco então é a modalidade que eu danço a mais tempo*. Vai fazer cinco anos agora no final do ano e acho que é isso Bibiana, não sei se precisa de...

02:44 F1: Não, tá ótimo. A ideia é justamente essa assim, entender como que foi teu percurso se tu já tinha relação com a dança e tal e aí como que ta sendo agora pra ti, se tu continuou fazendo aula ou se parou...enfim...

02:58 F2: Certo. Desde março do ano passado, na verdade teve uma particularidade, a minha professora de dança teve filho em maio do ano passado, vamo dizer dois meses depois de iniciar a pandemia então também teve uma pausa ali talvez se não tivesse pandemia também a gente ia ter alguma pausa ou o próprio professor neh. Mas então *a gente ta tendo aula online, pelo zoom. Não é muito regular...não é um ano letivo completo como tu ver de aula no zoom. Teve alguns breaks, alguns gaps no caminho. A gente teve alguns encontros presenciais e aí eu vi o quanto que faz diferença, até em termos de aprendizado, de tu pegar o ritmo ali, tu ta no ao vivo, junto e... Eu tenho por hábito, todo o dia, quase todo o dia fazer alguma prática então sozinha então ta sendo um momento assim muito de autodidata sabe. E tem sido essa assim a minha, o meu momento de mais aprofundamento assim...de aprendizado, de experimentação, de pegar ritmo neh. As aulas no zoom tem sido assim um, vamo dizer, *uma pincelada, vamos dizer*. Antes em sala de aula daqui a pouco a gente tinha duas horas, três horas ate de encontro presencial semanal e era na aula e era pouco em casa. Agora por ta em casa neh... ta sendo, ta sendo muito mais eu comigo mesma fazendo fora do *offline*, fora da tela neh. *A gente até de vez em quando grava**

algumas partes e manda se ta correta aquela sequência de passos neh. Mas eu (inint) 04:51 mando aquela parte quando o video ta bom assim..eu mando aquela parte quando o video ta bom. E a dança sempre foi um...teve um aspecto terapêutico pra mim e agora na pandemia muito mais em termos de correção de postura corporal, de agora que começa a ficar frio também pra aquecer o corpo, pra melhorar a circulação sanguínea também e aspectos emocionais também, a dança me fortalece bastante assim..

05:24 F1: Pois é, eu vou, eu tenho algumas perguntas pra guiar a nossa conversa assim acabei não te dizendo mas a ideia não é se manter fixo nessas perguntas mas sim ser uma conversa, a gente debatendo quando vê surge outra coisa e aí a gente for pra esse lado não tem problema e se também tiver outras coisas que tu queira trazer que eu não te pergunta que tu acha interessante fica à vontade também, a ideia é essa ser bem assim, bem livre. Enfim, eu vou antecipar umas das coisas que eu tinha anotado pra gente conversa já que tu comentou sobre essa relação da saúde mental assim nesse momento é importância da dança pra isso. Porque claro a gente fala muito disso e é um termo importante principalmente agora durante a pandemia e desse isolamento que a gente ta mas eu queria ver então contigo como que foi essa tua...como que a dança esteve presente nisso assim se, pra tua saúde mental ou mesmo saúde física assim...como que tu considera a importância da dança nessa questão assim..

06:19 F2: Sim. Na verdade... eu acho que pra mim é intrínseco isso independente de...(inint) (falha de conexão) 06:26...depois pra me fortalecer emocionalmente...é como além da prática física é uma forma assim de influenciar na forma de encarar a vida, no meu cotidiano neh. Esse corpo bailarino assim até algumas mensagens em sala de aula trabalhadas neh. "Ahh que a gente possa andar na rua como uma bailarina, sempre nesse alinhamento de chakra, enfim..." todos esses temas assim amplos surgem nas nossas práticas de sala de aula, termos energéticos assim da dança. E agora na pandemia acho que...não sei se ta mais reforçado talvez sim porque fica mais individual assim...num cotidiano mais individual mesmo, mas continua sendo o mesmo sentido assim... não sei se mudou muito pra mim, talvez mudou o lugar de eu fazer essa prática que antes era em grupo, no mesmo ambiente lado a lado e agora eu sozinha neh...Mas eu acho que não mudou muito pra mim assim. Continua sendo um alimento pra mim a prática da dança.

07:38 F1: E é interessante tu...(atropelo de falas)..desculpa, pode falar.

07:41 F2: Um estilo de vida mesmo sabe Bibiana.

07:47 F1: Sim. Eu fico pensando também como que as vezes a gente...enfim, se tem essa ideia assim num geral da dança claro e é, uma atividade física simplesmente neh. "Ahh eu faço dança pra, enfim, movimentar o corpo e tal" e claro é muito importante essa parte também manter a saúde física, corporal do corpo...enfim...a nossa saúde física mesmo. Mas como que essa relação acaba surgindo e eu tenho visto também ao longo das entrevistas e é uma experiência minha também com a dança. Como que acaba influenciando muito as outras coisas pra além do físico neh...Como tu comentaste esse alinhamento, essa ideia de, uma parte que não é tão tangível da dança que a gente não ta vendo ali, no movimento que não é a parte coreografada de fato, mas que ela se mostra presente ali que ela, que a gente sente de alguma forma e fico pensando se não é isso também que movimenta o dançar assim, a nossa vontade dessa dança e aí como que tu pensa isso, queria ver o que te motiva a dançar, se é isso...se tem outras coisas...e o que que tu sente nesse momento do dançar mesmo...bem pessoal claro não tem nada..

09:12 F2: Eu acho que de várias coisas antes de estar dançando lá em casa, vamos dizer que antes eu dançava na escola ou no nosso tablado, na nossa cueva como a gente chamava o nosso local de encontro neh. **Antes a gente não tinha hábito por dançar na frente do espelho, em aula era eu e as gurias sem espelho e agora em casa eu tenho usado o recurso do espelho.** Eu acho que sempre, vou falar mais do flamenco, a dança do ventre também, a dança cigana também mas, **porque cada uma dessas modalidades eu sinto que trabalham energias diferentes assim...**

09:44 FIM

INÍCIO (PARTE 2)

[00:02] F2: **Em alguns momentos de fluidez também... não por uma fluidez diferente mas por uma fluidez mais marcada talvez...e esse aspecto de dançar na frente do espelho está sendo interessante assim...**é...eu passei alguns dias meio desconectado, uns dez dias sem dançar...porque também tem isso, tem o **abrir a agenda pra dançar o cotidiano tipo, dezoito horas largar tudo e ir dançar, tem aquele momento meu ali.** **E aí eu até coloquei um batom vermelho, só coloquei um batom vermelho e fui fazer. E aí aquilo já me incentivou assim ahh...eu ia dizer encarar um personagem mas não é isso, é me reconectar ali com a Heloisa flamenca, com a Heloisa dançante ali. Foi bem interessante assim essa experiência de passar o batom vermelho** **então eu tenho usado muito o espelho assim pra mim olhar pra mim dizer ali pra eu me reconectar talvez com a Heloisa, com aquele corpo dançante ali.** Não é muito bem o que tu perguntou Fabiana, desculpa mas...

[01:17] F1: Era a respeito disso assim desse desse momento do dançar mesmo como que é para ti, mais essa questão de sentimento mesmo que que tu...

[01:25] F2: Assim... varia muito do dia a dia. Na verdade tem que cavar um momento na agenda pra tu fazer isso meio que abdicar do compromisso do trabalho, do compromisso também do mestrado e ir praquele momento ali porque eu sinto organicamente também o benefício disso além de emocionalmente e organicamente também. Eu tenho associado muito a caminhadas diárias também porque eu não posso estar (inint) 01:53 levantando da cadeira e do computador. Também tem todo um preparo meu de exercício físico, de alongamento durante o dia pra esquentar o joelho, pra esquentar o tornozelo e fazer um aquecimento bom também pra fazer flamenco pra não me machucar também. **Então tem todo esse ritual assim neh...de aquecimento mesmo, tem da parte física neh. E depende do dia também tem dias que o flamenco é mais pra mim relaxar e tem outros que é mais me fortalecer, tem dias que eu recorro alguns outros conhecimentos que eu tenho e daí faço quase que dedico cada parte da dança a um elemento da terra, vamo dizer...faço uma das coplas de sevilhana.** A sevilhana por exemplo tem quatro coplas, tem quatro partes. **Da primeira parte eu faço (inint) 02:48 me conectando com elementos terra, depois água, ar ou fogo depende...vai da minha intuição. Então acaba sendo um momento lúdico pra mim também que eu fico atribuindo significado aquilo sabe. Pra justamente me conectar organicamente pros meus outros papéis no mundo. O meu papel profissional, o meu papel humano também neh...então a dança acaba tendo muito disso assim de (inint) 03:18 pra mim também, de terapêutico neh...que nem eu falei antes...energético e lúdico assim de parte de criação minha sabe, eu comigo mesma ali com as colegas, no flamenco é importante a nossa interação a gente...caiu muito na pandemia esse nosso contato pelo *whatsapp*, por exemplo, de mandar foto neh...a nossa vida antes envolvia muito vida em palco neh e maquiagem, camarim e figurino e coreografia. No ano passado a gente conseguiu desenvolver uma coreografia, mas vamo dizer que potencialmente nós seríamos em dez na turma e a gente acabou ficando em duas, em três...muito frequentes nas aulas e no final do ano quantas concretizaram uma**

coreografia fomos em três só. Quando que antes da pandemia nós éramos, nós fomos já um grupo de dez pessoas neh. Se apresentando, sei lá quantas apresentações por ano em palco neh. E eu sinto assim que conhecendo o grupo ela é muito importante assim esse fortalecimento entre mulheres neh, que a gente tinha antes da pandemia. Agora ta um pouco oscilando, mas eu entendo também que tem a ver com a maternidade da professora neh então interessantes as vezes vários aspectos influenciam neh. Teve esse aspecto da maternidade. Agora a gente ta num ritmo de também ter quase que tarefas de aula assim... a professora manda um vídeo com aquele passo e a gente vai se experimentando em casa e tirando dúvidas.

05:02 F1: Pois é...só deixa eu terminar aqui, eu anotei várias coisas dessa tua fala assim porque eu acho que fez muito sentido, não é algo que eu trago naquela fala inicial a respeito da pesquisa porque claro as vezes não....acaba não se tornando necessário assim mas eu acho que é interessante a minha pesquisa no caso eu realizo ela a partir da perspectiva das teorias do imaginário. Não sei se tu conhece ou enfim teve algum contato mas justamente...(atropelo de falas)

05:33 F2: Pouquíssimo, o que tu falar pra mim me agrega.

05:36 F1: Justamente por isso que tu ser da área eu acho que é interessante neh a gente ter essa conversa mais ahh... dos dois lados tanto da parte da experiência quanto dessa parte teórica. E falo porque a tua fala fez muito sentido assim em relação...comecei a fazer vários links quando tu comentaste a respeito dessa...claro que tu traz pra dança outros conhecimentos que tu tem a respeito também dos elementos e tal, dessa conexão consigo mesmo e aí tu traz a palavra do sagrado e assim é uma coisa que ta muito presente no meu trabalho tanto em mim, enquanto pessoa quanto também na pesquisa que é justamente entender esse potencial da dança de uma relação com o sagrado e aí claro, não aquele sagrado institucional bem no sentido que tu disse mesmo, de uma conexão consigo mesmo e com o todo e trazendo essa ideia...então muito interessante porque é uma coisa que a gente ve assim, vi na tua fala se concretizando coisas que eu já tinha pensado e a respeito da dança então eu queria ouvir um pouco mais sobre isso...e se tu puder, claro tiver alguma coisa mais pra trazer a respeito dessa conexão assim como que se dá pra ti esse momento de experimentação sabe, de ta ali com a dança tu e dessa conexão com o corpo. A respeito da teoria a ideia é justamente essa, é a gente, claro que falando em linhas breves assim, é entender assim esse processo sabe de, deixar de analisar por um viés mais do que ta ali, mas sim tenta se aprofundar numa questão mais antropológica e valorizando essas ideias assim, como a questão do sagrado como tu trouxeste mas também como, de outras experiências mas justamente das experiências que a gente tem em relação ao que a gente vai chamar de imaginário mas pode ser inconsciente antropológico, enfim...mas dessa ideia mais profunda assim essa relação com a dança então se tu puder comentar a respeito disso eu acho que vai ser bem interessante.

07:40 F2: Aham...ahh eu acho que o lado lá atrás na dança cigana apesar da dança cigana ela, a que eu tive experiência era tratada como uma fusão então tinha um pouco de aspectos entre aspas de flamenco e de dança árabe junto assim...era uma fusão neh ali eu acho que foi decisivo pra eu ter contato com esse (falha de conexão) 08:11

08:22 F1: Eu acho que eu travei

08:22 F2: Tá.

08:23 F1: Eu não sei se eu travei ou tu...eu parei na parte que tu comentavas dá dança cigana e como foi decisiva pra ti

08:34 F2: Tá, eu não sei se ta gravando ainda ou se tu quer

08:37 F1: Ta gravando ainda, pode...

08:39 F2: Naquela dança cigana talvez muito em função da pessoa que dava aula neh, era uma dança que era uma fusão de dança com influência cigana e influência árabe também. E ela trazia em aula então então eu acho que também tem esse papel do professor neh. Ela trazia em aula muitos elementos sobre culturas assim...é falava um pouco sobre a cultura cigana, falava um pouco sobre...o próprio feminino. Ali eu acho que foi decisivo também o papel da professora com relação ao feminino. E esse feminino ancestral assim sabe. Um pouco o respeito também ao sistema matriarcal assim, a matrona. Eu vou falar algumas palavras que a gente fala mas essa valorização do feminino, do e até a crítica ao patriarcado, ali que começou. Essa coisa até dá irmandade entre mulheres ali eu já trago isso na minha criação mas eu acho que a dança me propiciou isso muito mais forte. Essa união entre mulheres neh. E daí desde então eu já fui tendo simpatia pelos ritmos árabes e eu trago isso porque são ritmos de outras culturas. E é isso que eu escuto hoje. É música árabe, é música flamenca...daqui um pouco música cigana russa, música cigana dos Balcãs assim, isso faz parte do meu cotidiano neh. E eu tive a feliz possibilidade de ir pra Espanha também por um festival de flamenco, pra bienal de flamenco em 2018 e também isso foi muito importante assim...de ver lá em outro território, lá no berço onde surgiu o flamenco. Isso também me deu essa experiência, essa experiência foi muito importante pra mim sabe. Porque é diferente de ficar só ouvindo aqui em Porto Alegre como que é o flamenco, como que é o cotidiano, ouvir migração flamenca e lá ir lá pro local neh... E quando eu falo, pensando assim no sagrado quando eu penso sobre isso é muito de auto investigação. É também com buscar em talvez em imagens o que eu tenho do que que é desse aspecto ancestral da dança. O aspecto cultural mesmo de outros povos. Eu acho que é isso assim... que é uma coisa que transcende a mim sabe. Porque lá em Sevilha isso na Espanha onde eu fui num festival de flamenco teve uma apresentação...muitas apresentações me emocionaram neh, mas teve uma que me emocionou muito que foi uma que foi chamada de encontro do oriente com o ocidente. Então tinha uma cantora lírica, tinha uma cantora cantando em árabe e outra cantando em estilo flamenco. E ali foi todo num ambiente também, eu não me lembro agora o nome do palácio que foi em Sevilha que foi a Alcazar eu acho que foi o nome. Foi um pátio interno assim num palácio ao ar livre com luzes, enfim.. todos os artefatos ali de espetáculo, luzes. Nós tinha o céu, tínhamos as nuvens e tinha uma lua assim então ali teve um momento muito de inspiração que foi um entendimento em termos de civilizações sabe, uma viagem assim que a gente é um grão de areia, que nesse momento. E eu tava saída de Porto Alegre, tava ali em Sevilha, naquele momento e me teve, eu tive um *insight* assim de civilizações, de histórias da humanidade sabe... E teve diversos shows de flamenco que foram emocionantes também que eu fiquei aos prantos. É... teve uma experiencia de show também na arena de el toros em Sevilha. Então daí, inclusive o silêncio falando durante o espetáculo neh. E o vento batendo na nossa cara e tu ali numa arena de touros na Espanha sabe. E também aquele silêncio e tu olhando aquele cenário que era arena, uma arena com areia que tu sabe que ali tem as touradas e tu olhando pro céu também. Aquele momento mágico assim. Então tem muito de espetáculo nisso também neh, de... de... e alguns elementos assim pega o sapato do flamenco que faz barulho no tablado, na madeira...eu acho que conexão ancestral com o feminino imagina que daqui um pouco mulheres ancestrais nossas também dançavam, não com o sapato, necessariamente mas dançavam descalças neh...pra celebrar a vida, pra celebrar enfim as colheitas...agora to

viajando um pouco mas eu acho que quando a gente se encontrava e agora se encontra entre mulheres pelo vídeo, com a saia comprida, daqui um pouco ta escabelada e não importa...que no flamenco tem isso, não tem um corpo magro, necessariamente, sim tu tem as bailarinas de flamenco, de companhias neh porque tem aquele corpo magro mas não tem idade pra tu dançar flamenco, não importa se tu é gorda, se tu é magra enfim...se tu é nova neh. E esse respeito também pela mulher mais velha também que tem neh. E eu acho que o sagrado acaba sendo isso de auto descoberta assim porque no começo do flamenco me custava muito sabe e custa ainda. O te apropriar o teu corpo se apropriar porque a gente não nasceu naquele meio ali cigano espanhol neh e custa muito, custava assim comezinho custava muito era difícil assim e com o tempo, com as experimentações neh e acaba que, eu vejo, pelo corpo sedentário que de certa forma que a gente tem de trabalho de escritório tem todo um preparo corporal que tem que ter senão tu te machuca, tu machuca ombro neh. Então essa mesmo, essa minha experimentação tem muito de aquecimento e tem muito de esforço de certa forma assim, de que nem agora to falando aqui contigo e to corrigindo a minha postura, to arrumando a minha postura neh, porque tem muito. E esse corpo também se reflete assim sabe, esse preparo é necessário assim...

15:06 F1: E esse preparo que tu comentas eu acho que é muito interessante da gente pensar também...eu danço dança folclórica portuguesa e ballet clássico então são coisas bem distintas assim mas tanto pras duas e eu vejo que na tua experiência com outras danças também acaba entrando essa questão da preparação que não é simplesmente levantar e sair dançando, claro que também pode ser muitas vezes é, na naturalidade assim mas como existe um preparo pra gente antes do dançar que acaba meio que se ritualizando sabe que a gente tem aquilo já como um...não é simplesmente uma preparação mas já uma conexão consigo pra aquilo que a gente vai fazer neh...

15:48 F2: E isso que tu fala de não ter o preparo, vamo dizer, que é ao natural que até eu acho que tá nos nossos ancestrais assim, comunidades ancestrais mas as vezes eu to na pia da cozinha e fica "tã tã tã tã" faço pra recordar do passo ou não sei o que vem do passo mas aí no banheiro, as vezes no banho faço um pouquinho ou as vezes na fila do supermercado também faço ali um pouquinho sabe...quando tava na parada de ônibus eu também fazia isso, fazia ali um pouquinho pra pegar neh...e...tem a ver com ritmo mesmo neh que ta no meu dia a dia isso neh...

16:22 F1: Sim... é como o ritmo acaba sendo muito importante pra isso porque acho que parece que a gente se conecta, nosso corpo em si tem um ritmo e no ritmo da música parece que a gente...é aí que a gente entra sabe...como isso...e aí, claro como tu comentaste, pode ser na cozinha, pode ser na parada do ônibus, pode ser onde for, a gente parece que...eu pelo menos quando eu escuto o ritmo parece que é ali que a gente se entra ali, se encaixa mesmo e aí...sobre toda essa questão tanto da preparação quanto do estar presente ali do momento da dança...Como que foi pra ti sair então dessa experiência presencial e em grupo pra ir pra experienciar a dança então dentro de casa somente...seja sozinha como tu comentaste ou também através das vídeos chamadas...enfim...como que foi essa relação assim com o espaço que aí é meio...não sei se tu, provavelmente tu também fico nessa questão do trabalho mais remoto neh...então como que foi conciliar esse espaço que antes era, as vezes mais pro lazer enfim da nossa casa, conciliar com o espaço do trabalho, espaço do lazer e aí o espaço da dança. Como que foi essa relação assim?

17:42 F2: Sim...aaahh. Só antes, estávamos falando do ritmo neh? Sempre que dá eu procuro olhar vídeos não tanto quanto eu acho que gostaria mas eu procuro olhar vídeos assim pra..como um estudo mesmo neh. E sobre

essa vinda pra casa eu acho que no começo teve um *gap* assim por conta de tudo assim de incerteza de...de lá em março de 2020 que eu vou dizer neh...teve um *gap* assim. No meu caso específico também eu vou retomar a situação de maternidade da minha professora porque a gente vinha de um ritmo muito intenso lá 2019, 2017, 2018 e 2019 a gente realmente tem um grupo assim, uma gangue que nem a gente fala neh. A gangue dos zarrara que é o nosso grupo neh...zarrara. Então a gente tinha um ritmo muito intenso assim da própria cueva que é na casa da professora, a aula é na casa dela, no espaço dela. A gente tomava vinho então a gente tinha toda uma confraternização assim...de vez em quando a gente tirava cartas. Então realmente é uma roda de mulheres neh...foi nesse formato até então...E a maternidade dela invariavelmente quebrou um pouco essa..esse nosso envolvimento pessoal ali e com isso tudo veio a pandemia também. Então eu já tava nesse processo um pouco...eu vou dizer solitário porque é a palavra que me vem assim...de caminhada solitária nesse momento...eu já vinha isso desde outubro de 2019 então não é que a pandemia... a pandemia impactou mas não foi só isso teve outros aspectos neh. E... esse vir pra casa, em termos de espaço eu adapto no quarto um espaço pra dançar, não é um espaço ideal eu gostaria de ter um espaço mais amplo pra poder dançar neh, inclusive por causa de abertura de braço, giro neh. Então, realmente foi um caminho solitário. Eu busquei ate como, acho que como autodesenvolvimento eu busquei muito na memória os passos..."ta qual que eu sei fazer?" Então a minha prática diária é essa, buscar no meu repertório o que eu tenho de passos desde 2017 assim e aí eu vou mesclando assim, vou experimentando neh...E tem dias que eu faço sem sapato, que eu faço descalço...tem dias que eu ponho o meu tabladinho e aí faço com sapato. Foi uma adaptação realmente e varia assim cada dia tem uma (inint) 20:29 diferente assim...mas geralmente dura uma hora isso, as vezes uma meia hora de aquecimento e mais meia hora de prática mesmo neh.

20:42 F1: Certo e assim, claro que a gente já meio que traçou isso ao longo da conversa assim mas queria ver o que que te motiva a dançar mesmo antes e ai agora também mais nesse processo solitário...O que te traz essa motivação?

21:01 F2: Eu acho que tem muito de não perder o que eu percorri até aqui é não perder o meu aprendizado porque eu percebi assim que meio que vai esquecendo sabe a própria cabeça esquece o corpo conforme esquece um pouco eu acho que ou esquece totalmente neh porque mesmo que a gente passe algum tempo sem fazer o corpo ainda tem memória. Eu acho que é não perder o que eu construí até aqui. Tem um aspecto também físico porque eu já percebo no meu corpo mais tonos quando eu faço flamenco. Eu percebo assim as pernas mais fortes, a postura neh. Tem esse aspecto orgânico muito forte, tem. Tem o aspecto emocional também...Eu me sinto mais corajosa pra desempenhar também os meus outros papéis no mundo. Coragem, é engraçado neh, corajosa talvez pro...um misto de corajosa e ao mesmo tempo mais serena também neh. Não que sejam antagônicos neh. Mas vamos dizer nas minhas relações profissionais eu consegui ter mais decisão, ter corpo mais reativo que reage mais...um corpo que reage mais rápido e mais assertivo talvez. E também junto com a minha família ta mais...eu acho que ta mais em paz comigo mesmo assim de conseguir também interagir melhor com a minha mãe, com meu pai, com a minha irmã como...os papéis que a gente tem de filha, de irmã neh...eu ia dizer de esposa também mas eu acho que menos um pouco assim eu não sinto que nesse papel de esposa o flamenco ele ou a dança enfim...ai eu acho que nesse campo já não assim...Eu diria talvez que mais pra esse mundo lá fora que é o mundo profissional assim. E....o que me motiva eu acho que é isso assim e....é de não perder e de continuar me aprimorando assim porque também foi um desafio interessante assim...essa coisa quase que autodidata que não é totalmente autodidata neh. É tu tem o conteúdo e ir desenvolvendo assim. Eu acho que ta sendo uma experiência interessante assim e vendo o quanto

a gente vai evoluindo porque eu olho vídeos meus de 2018 eu acho...não de 2019 e já vejo que eu já evolui assim o quanto também em casa eu pude trabalhar no meu ritmo e ir experimentando limites meus assim de...vamo dizer, literalmente assim, abertura de braço, uma mão mais consciente assim sabe...podia experimenta em casa mas no meu ritmo eu acho que também isso assim...não no ritmo das colegas porque em sala de aula eu acabava tendo muito isso assim...."aaah pegar o passo" daí eu não tinha pego direito mas também não me exigir de ter pego na hora ali. Eu sabia que nas outras aulas eu ia pegando neh e em casa parece que é um tempo mais diluído assim eu posso fazer um pouquinho de manhã, um pouquinho de tarde neh... E exige muito essa autodisciplina de abrir agenda também neh que nem eu falei em algum outro momento aqui hoje. Abri agenda, de saber que é importante senão todo o dia quase todo o dia fazer. Então tu se disciplina, nesse sentido assim.

24:30 F1: Eu acho que entra muito dessa relação também claro porque a gente sabe que uma coisa que a gente se sente bem fazendo aquilo, sabe que gosta mas tem claro toda a questão que vem de fora e social e as obrigações que a gente tem e entra essa questão de conseguir encaixar isso na agenda como tu disseste conseguir e não deixar de fazer porque muitas vezes também durante a pandemia foi o que aconteceu comigo. Eu deixava de fazer porque enfim tinha outras demandas, outras coisas que eram entre aspas mais urgentes e aí eu sentia que tava diminuindo pra mim tanto sentindo falta da dança como via que o meu rendimento caía nas outras coisas se eu ficava sem fazer, sem praticar a dança sabe...

25:17 F2: Sim, sim e isso que tu fala eu fiquei lembrando assim ate anotei aqui o próprio abdominal vamo dizer que faz parte do meu aquecimento fazer abdominal neh. E aí é uma coisa que tu vai percebendo assim a gente ta num momento muito sedentário x horas por dia no computador eu acho que já era assim mas antes pelo menos a gente caminhava de um lugar pro outro pra almoçar ou enfim pra fazer coisas neh..Então percebi nitidamente esse corpo sedentário, esse corpo mole no sentido de um corpo fraco neh e muito dentro de casa vamo dizer só lavando louça e fazendo coisa muito assim...o corpo daqui a pouco só ta teclando no computador neh e eu percebo esse benefício todo assim de diante das outras situações tu ter mais, uma coisa mais saudável mesmo...

26:09 F1: E é...eu acho que faz muito sentido assim isso que tu traz porque claro mesmo que a gente não fizesse mais, as vezes nós que mantemos a prática da dança a gente segue com exercício mas a gente perdeu todas aquelas outras movimentações que a gente tinha e as vezes não via como um exercício neh. E aí como isso traz impactos também pro nosso corpo e acaba afetando todas as outras atividades. Acho que isso foi bem importante assim essa tua pontuação. E aí quero ver contigo também, mais encaminhando pro final já mas claro se tu tiver outras coisas que tu quiser trazer fica a vontade. Mas como que foi essa tua relação então de trazer a dança pra dentro de casa que a gente já comentou mas ai eu vi que tu marcasse ali que tu tinha participado de vídeos enfim, de *live* ou assistido vídeos, participado das aulas síncronas como tu também já comentou mas essa relação assim de trazer a dança meio que pro, não necessariamente pro *online* mas pra essa relação assim que a gente tem agora com a tecnologia enfim...

27:16 F2: Os vídeos é no *youtube* que eu busco neh. Eu tenho, eu também tenho alguns filmes do Saura que eu também olho, do Carlos Saura que eu olho e reolho. Um deles é amor bruxo e o outro é bodas de sangue que mistura bastante artes cênicas com flamenco, com dança neh. E *figaró* é um dos clássicos assim é de filme espanhol sobre flamenco. E eu acho que muito da dança as vezes eu ponho já um ritmo flamenco aqui pra já ir me imbuindo assim do espírito da coisa neh. E tu falou da expressão síncrona e ela é meia síncrona neh então a professora manda

vídeos assíncronos pra gente ir trabalhando, isso é uma prática desse ano. No ano passado de 2021/ 2020 a gente não tinha isso. **A aula síncrona ela o bom dela é que a gente não deixa de ter contato assim com as pessoas, com a professora e com as colegas. Existe uma transmissão de conteúdo ali mas eu vejo muito limitada assim ela é muito limitada neh. E inclusive aah qual é o lado direito e qual o lado esquerdo que a gente tá falando neh que as vezes também tinha isso assim. E eu acho que eu não sou uma usuária tão forte assim dos meios assim digitais pra aprendizado. Tanto que lembrando eu tenho bastante material no celular, no drive de conteúdos flamenco. Eu só consulto eles quando a minha memória não lembra ali como é que é uma sequência de passos neh. Eu vou muito mais na minha memória assim da minha mente e do meu corpo assim eu não vou muito nesses recursos assim. E talvez até porque eu esteja também num, eu e muitos neh, mas muitas horas de tela no dia e daí na hora de fazer a dança eu não...na verdade assim é o recurso que a gente tem...ontem a noite mesmo eu pedi ajuda do meu marido pra me ajudar a entender ali uma sequência de sapato que eu não tava entendendo porque eu vejo que agora quase que tem um momento adequado pra eu procurar a professora. Tipo assim " ahh só vou procurar ela", acho que a segunda vez que eu falo isso, eu só vou procurar ela quando eu tiver isso aqui aprendido assim. E antes da sala de aula talvez fosse mais espontâneo "aaah vai ser assim, aahh não vai ser assim e agora vai ser assim " antes era mais assim neh e agora não, agora é um momento mais marcado quase que agendado assim vamos dizer. Por mais intimidade que eu tenha com ela neh...Mas é que também em seguida eu já vou pro almoço, em seguida eu já vou pra outro compromisso e eu acho que antes eu era de tal hora até tal hora o flamenco e aí quase que a gente mergulhava na cueva junto ali com as colegas. Tanto que a gente falava "vamos deixar o mundo lá fora e vamos nos concentrar aqui na aula de flamenco" como algo sagrado ali entre mulheres assim de incenso, colocava óleos essenciais neh...momento de estar ali entre amigas assim.** Então os vídeos, eles são muito pontuais assim...eu as vezes experimento fazer a sequência de passos só da memória e depois eu vou pro vídeo pra conferir. **E acho que vou tendo algum ganho nisso inclusive de auto percepção assim, de corpo sabe, de ritmo, de escutar ali no meu pé se eu to fazendo certo neh. Tá sendo interessante assim esse outro momento.**

31:00 F1: É parece que é uma outra vivência muito diferente daquela que a gente tinha antes neh que claro como tu comentou. As vezes justamente por tá no mesmo lugar, as vezes parecia que era mais espontâneo, mais natural e agora parece que é uma coisa mais sozinha. Não sei se solitária mas mais da gente consigo mesmo neh e de ver esse processo mais autodidata. (Atropelo de falas)

31:23 F2: Agora Bibiana eu percebi na última aula essa espontaneidade. Antes na aula ao vivo, lá em 2019 a gente fazia piada, ria...E daí tinha conversa antes da aula, tinha conversa depois...e falava de outros assuntos neh. Que nem eu te falei, a gente tomava um vinho juntas, um espumante junto no final ou até a própria. O lance de por carta na aula. A professora colocava carta pra nós...não é o baralho cigano é o baralho...ai me fugiu agora no nome...é o nome de uma Marselha, baralho de Marselha, o nome de umas cidade. **E tinha muito mais espontaneidade e agora no zoom não tem porque tem delay de fala. Eu sei também que tem um tempo ali de aula que é uma hora. Eu sei também que a professora tá com a filha pequena, também tem isso a gente não quer ficar alugando muito ela porque daqui a pouco ela tem que dar mamar neh. E essa espontaneidade tá muito mais limitada assim porque daqui um pouco...porque antes a gente tinha um tempo mais elástico no ao vivo ali, no nosso encontro.** Ele era mais elástico, as vezes a gente ficava ate...a nossa própria viagem pra Espanha a gente viu depois da aula que a gente ficou reservando hotel juntas neh. A minha viagem pra Espanha foi junto com a professora. Foi eu, a minha mãe, meu marido e a professora. Foi uma viagem fantástica assim neh. Nesse intuito de dança, foi

muito, foi uma viagem cultural assim. E essa espontaneidade no *zoom* ela tá bem diferente assim porque eu tô vendo as caixinhas e é isso criar limitação da ferramenta ali do delay da voz e a camera na cara também as vezes incomoda um pouco porque tem dias que eu não tô tão legal ou tem dias que eu não tô mais recolhida mais neh...mais pra dentro tem dias que eu tô mais espontânea mas no vídeo a gente não consegue expor esses sentimentos de uma forma tão natural quanto era na sala de aula

33:28 F1: É e são novas coisas que vão sendo criadas e claro tem os pontos positivos mas as vezes muito dessa coisa que a gente tinha no presencial não sei se são detalhes mas essas características assim vão se perdendo neh, quando a gente passa pro *online*.

33:46 F2: São sutilezas é

33:47 F1: Isso.

33:48 F2: Eu não sei se o *zoom*, a aula síncrona ela filtra...não sei se é essa a palavra mas essas sutilezas assim humanas que a gente fala neh...em sala de aula a gente tinha mais, o próprio se abraçar, de chegar e se abraçar...

34:04 F1: A gente deixa claro o técnico, a gente consegue passar ali porque a gente consegue ver os passos enfim...de certa forma a professora corrigir mas aquelas outras coisas que também são importantes pra dança as vezes vão ficando pra trás neh...

34:17 F2: Eu acho que essas sensações do corpo, até...ta frio, tá calor...neh...ta chovendo ou liga o ar condicionado porque ta calor, ta um calorão de Sevilha que a gente brincava ...as vezes tava um calor dos diabos neh...E o café que a gente tomava um cafézinho antes da aula as vezes, ou um chá ou até celebrações de aniversário assim de dividir um bolo. Eu acho que o fato de antes a gente tá no mesmo ambiente físico até essas sensações corpóreas. Acho que nos dava um sentimento mais de comunhão talvez...estar no mesmo ambiente assim neh. De saber que a gente tá ali tendo sensações parecidas pelo ambiente, pelos cheiros também que nem eu ti falei do próprio incenso que a gente acendia em sala neh. É mais compartilhado eu acho. Como em todas as esferas da nossa vida. Mas eu também percebo que é isso que temos no momento, é a aula *online* e descobrindo outras coisas neh nesse nosso dentro de casa sozinho neh.

35:22 F1: É a gente vai meio que criando uma nova forma de vivenciar a dança neh. Diferente daquela que a gente tinha antes mas com novas coisas...

35:33 F2: É que nem cabe e até eu vejo que nem cabe eu me lamentar vamos dizer "ai a aula, aula *online* é pior, eu prefiro a outra". Nem adianta sabe porque é o que temos e é isso é a nova realidade.

35:46 F1: É uma questão nem de comparar uma coisa com a outra mas de entender que são coisas diferentes neh. Que...enfim é o momento que a gente tá agora e a dança que a gente tem disponível que bom que não paramos neh. Pelo menos.

35:58 F2: Sim e por outro lado, tu sabes...agora me lembrei tem uma colega da turma que mora lá em Passo Fundo e ela...foi possível ela entrar na turma por causa do *online* e é interessante assim...claro que a gente acaba não tendo a mesma intimidade que tinha com as outras também porque a gente só teve um encontro ao vivo assim, presencial então tá propiciando isso neh. Da gente ter uma colega longe..

36:26 F1: É tu sabe que eu passei mais ou menos acho que parecido com o que tua colega vivenciou porque eu sou de Pelotas e enfim mudei pra Porto Alegre pra fazer o mestrado e ai eu fazia ballet aqui e a dança folclórica aqui também só que no caso..

36:43 F2: Em Pelotas?

36:44 F1: Em Pelotas...aaahh isso estou em Pelotas. E eu fazia...enfim fazia anos que eu fazia nos mesmos lugares e aí quando eu mudei pra Porto Alegre eu viria nos finais de semana então a dança folclórica não teve problema porque era sempre nos finais de semana mas o ballet eu tive que passar pra lá e aí claro eu fiquei horas escolhendo a escola enfim quando decidi uma que eu tinha de fato me sentido bem, me encaixado eu fiquei duas semanas e a gente já mudou pro *online*. Então eu sinto falta que se talvez eu tivesse vivenciado com elas mais tempo no presencial eu taria mais próxima agora da turma mais mesmo no *online* porque agora é mais difícil da gente criar esses laços assim no *online*, claro que manter é mais fácil quando a gente já conhece mas criar novos parece que as vezes é mais demorado. Mais diferente assim...

37:33 F2: É eu vejo as colegas assim com muito espírito saudosista. "Ahh que saudade de um camarim, que saudade do ajuntamento assim, das confraternizações " Eu não me sinto assim esse saudosista assim nesse sentido assim eu vejo assim que valeu a pena tudo aquilo que a gente viveu no ao vivo, no palco ali, nos eventos que a gente ia. Valeu a pena tudo. A gente fez o que tinha que fazer na hora que tinha que fazer e agora é outros momentos assim eu vejo dessa forma assim neh.

38:06 F1: É uma visão interessante porque eu acho que é justamente dessa forma que a gente vai conseguir levar melhor esse momento de agora neh. Mas enfim...

38:14 F2: Isso que tu falou agora do "aí que bom que a gente não parou". Esses dias uma conhecida minha, eu nunca dancei flamenco com ela, ela é ex-colega minha de trabalho e ela dança flamenco neh no interior. **E ela colocou uma foto dela "aí que saudade do flamenco" E eu vi e bah e isso não se aplica a mim porque eu continuo no flamenco, eu continuo no flamenco eu não tenho saudades assim... claro que contaria tudo, não é que eu não sinta saudade mas eu não tenho esse sentimento saudosista assim melancólico vamo dizer de falta, eu não tenho a falta neh, eu tenho ele presente ainda.**

38:52 F1: Eu acho que isso é importante mesmo que a gente consiga manter presente mesmo de uma forma diferente, talvez perdendo algumas coisas nós conseguimos manter presente...Heloísa eu te agradeço muito, eu não quero tomar muito do teu tempo também, é horário de almoço. Mas assim não sei se tu tem mais alguma coisa que tu queira comentar também ou trazer...

39:14 F2: Eu acho que não, eu acho que ficou interessante. É..muitos aspectos neh que a gente tem pra conversar, vamo dizer que a gente passasse uma tarde conversando tomando um café neh. Seria diferente, talvez ou melhor eu lembraria de outras coisas neh mas eu acho que tem tudo a ver assim esse teu tema. Eu não sei tanto neh da tua abordagem mas eu acho que tem muito a ver com imaginário mesmo assim da gente quase como personagem ou tribos neh que a gente participa neh como estilo de vida mesmo neh..e eu não sei quais autores tu usa se tu puder me comentar, ate pra eu saber neh, se tu quiser parar a gravação, não sei mas eu comecei o mestrado agora, nesse semestre então eu to engatinhando ainda neh e o meu tema é a comunicação relacionada ao enoturismo, o turismo do vinho. No meu projeto eu coloquei alguma coisa de imaginário neh.

40:19 F1: A gente tem mais ou menos duas linhas principais dentro do imaginário. E elas não se discernem muito assim, não é uma coisa tão dura mas que são bem separadas assim. Tu tá fazendo na UFRGS?

[40:19] FIM

APÊNDICE H – Transcrição de Entrevista 04

INÍCIO

00:05 F1: Acho que pra gente se conhecer melhor também eu contei um pouco de mim, dessa parte mais acadêmica, eu faço mestrado mas eu também danço, eu danço dança folclórica portuguesa e ballet clássico. Mas eu dancei outras coisas também nessa trajetória mas isso é o que eu faço atualmente. Ai queria ver contigo se tu podia te apresentar um pouco, tanto a questão da dança quanto outras coisas e como essa tua trajetória com a dança, se tu começou durante a pandemia, se tu já fazia antes...

00:35 F2: Beleza. É...então assim eu sou jornalista também neh, sou pesquisadora também da área da comunicação e no meu trabalho com outras coisas assim neh...assim eu trabalho na universidade, na UFRJ como servidora técnico administrativa então é...a quinze anos eu to na universidade como jornalista produzindo conteúdo, trabalho com rádio, com mídias sociais e assim eu comecei a dançar é assim de uma forma consciente...eu comecei velha já assim eu tinha 28 anos...é 28 e eu tava na época, isso foi em 2010....2010 que foi. **Eu tava fazendo mestrado e tava assim numa fase muito difícil assim...muito confusa, tendo que conciliar trabalho e dissertação...pra mim assim o meu início acadêmico foi muito conflituoso assim neh é...ai eu resolvi dançar assim, do nada eu falei aaaah quer saber eu vou dançar (risos)...vou fazer uma aula de dança eaí, na verdade eu já tava, tinha uma conhecida que fazia é essa uma aula de dança.... eaí eu fui com ela pra aula e a minha primeira aula eu lembro que eu fiquei super perdida e eu achei assim gente eu, eu...que que eu to fazendo aqui assim....E aí na hora me veio, me vieram assim duas lembranças da minha infância. Uma delas é que eu fiz ballet eu tinha sei lá uns 4, 5 anos e eu não gostei, não fiquei no ballet minha mãe me **botou no ballet e eu tenho uma memória muito vaga assim do ballet só que eu gostava de dançar em casa, na frente do espelho, de brincar de dançar neh...aí enfim...em 2010** nessa aula de dança contemporânea, no início eu fiquei um perdida e eu faltava muita aula, faltava muita aula e a professora ficava assim "gente quem que é essa loca que paga mensalidade e não fica na aula?" Em 2011 eu já, alguns meses depois...foi no segundo semestre de 2010 que eu comecei neh...**então seis meses depois eu já tava tentando, me entendendo melhor ali e aí eu vi que foi muito bom pra mim assim...foi bom pra desenrolar a minha escrita, foi bom assim pra mim desanuviar assim..enfim...E aí eu continuei dançando, terminei o mestrado e eu lembro que, quando eu apresentei a minha dissertação a minha orientadora falou "aah vamo comemorar, vamo pro bar" e aí eu falei pra ela "não eu vou pra aula de dança" E eu quis ir comemorar dançando e enfim e aí **gostei muito da dança contemporânea e aí fui ter mais paciência também pra pesquisar outras formas de dança contemporânea. O meu contato com o ballet foi só pela dança contemporânea mesmo e aí eu fiquei, sei lá, ao longo desses dez anos eu fiquei indo e voltando, indo e voltando então eu nunca firmei muito assim neh. Eu fiz também danças populares neh é de matriz africana, dança afro, dança dos orixás é fiz enfim...as danças mais de matriz africana mesmo, copo, o jongo é.cavalo marinho que eu acho super difícil mais enfim...assim eu fui passeando por essas formas de dançar que me permitiam estar sendo uma pessoa velha na dança. Velha que eu falo assim pros padrões do ballet neh (risos). E aí eu fui desconstruindo isso também é...enfim e eu conheci uma, fiz uma oficina com uma bailarina de Minas, a Dududi, Dudi Erman. E me apaixonei muito assim pelo jeito dela, pelo que ela trazia neh. Na época ela tava publicando um livro sobre errâncias urbanas neh e **ela trazia essa coisa da caminhada pra dança e aí no meu doutorado eu pirei muito assim, viajei pra caramba e acabei trazendo a errância pro meu método então assim não tinha a dança mas tinha um pouco do que eu aprendi na dança. Enfim aí hoje com a pandemia eu tava********

meio que assim numa fase faltando muito a aula, antes da pandemia e aí com a pandemia foi muito bom pra mim porque eu precisava fazer alguma coisa e eu não tinha como faltar a aula mais porque não tinha mais a desculpa do deslocamento, não tinha mais nenhuma desculpa tipo sei lá é só eu entrar no link e a professora tá lá neh. E eu tenho professoras que se adaptaram muito bem ao *online* sabe...eu acho que elas conseguem passar essa coisa do afeto sabe mesmo a gente estando *online* então...Agora na pandemia também eu tô bem assim mergulhada na dança, faço umas quatro aulas diferentes e gosto muito dessa coisa de experimentar, com o corpo e aí assim eu gostei de responder o seu questionário, eu me interessei pela sua pesquisa na verdade Bibiana.

06:51 F1: Ai que bom.

06:52 F2: Porque eu vinha pensando nisso sabe tipo nossa será que um dia alguém vai pesquisar como a gente tá dançando...enfim (risos) Não sei se eu não tô viajando muito mas aí você me corta neh. **Achei muito legal assim...eu tô achando muito interessante perceber isso na pandemia que eles são os melhores momentos pra mim do meu dia são esses momentos da dança e a gente acaba interagindo neh. Não tem um toque neh mas tem ali a conversa neh enfim e o próprio corpo mesmo movimentando neh, então achei legal.**

07:30 F1: Então eu agradeço por tu ter te interessado assim pela pesquisa. Acho que é legal também quando a pessoa vem e já tem um interesse não só pela temática mas quer saber mais assim também neh isso é bem legal. Aí tu comentaste que tá fazendo aula *online* também e queria ver contigo como que é essa questão do espaço assim que a gente agora meio que tá só em casa. Eu não sei se tu tá trabalhando remoto também mas as vezes a gente tem que dividir o espaço do trabalho com o espaço do lazer, o espaço da dança e acaba sendo tudo a mesma coisa...Como que foi pra ti isso assim...se foi difícil, se foi tranquilo, como que se deu...

08:16 F2: Assim eu acho que não é tão tranquilo neh...A gente dá uma pirada de vez em quando. Eu tô tendo um condições neh de seguir esse isolamento, de trabalhar remotamente neh e **por um lado isso é bom porque a gente se protege, eu não sou obrigada a sair, eu faço o meu trabalho todo pelo computador mas assim eu tenho até hoje neh, um ano e pouco que a gente tá desde um ano e alguns...dois meses neh eu ainda tenho dificuldade de lidar eu até acho que com duas coisas: com a divisão do espaço porque é o mesmo espaço e com o excesso de tela então assim já aconteceu de algumas vezes eu não entrar na aula porque eu simplesmente tava cansada de tela. Faço aula a noite. Quarta-feira é o único dia que eu não faço e aí eu...sei lá por exemplo segunda-feira que é um dia muito cheio pra mim, trabalho aí eu já entro na aula super cansada e aí já aconteceu isso de eu falar "olha hoje eu não vou porque eu tô com dor de cabeça, eu tô cansada de tela" mas por outro lado eu acho que eu consegui, por exemplo, assim, identificar quais os espaços da casa que eu me sinto mais a vontade dançando neh então assim esse espaço aqui que eu tô, que tem as plantas eu fico muito aqui assim neh. Eu comecei a identificar "aaah não aqui no quarto não é tão bom assim, aahh aqui é bom, tem mais espaço ou eu bato muito nos móveis". Acho que assim a gente vai procurando equilíbrio neh.**

10:09 F1: Sim..e acho interessante também que tu trouxesse isso de meio que já ter acostumado ter aumentado até a questão da dança agora no *online* neh que as vezes o que a gente ouve muito também é um outro discurso de que "aah no *online* eu não tenho tanta vontade" mas também tem as pessoas que conseguiram trazer a dança mais pra sua rotina seja pela questão de tempo ou por facilidade de entrar mesmo, acabou tendo mais presente então a partir desses casos neh de que a dança acabou ficando mais presente na tua rotina agora durante a pandemia então queria

ver assim claro a idéia não é comparar a dança que a gente tinha presencialmente, as aulas de dança que a gente tinha presencialmente com a virtual mas eu queria que tu comentasse assim se tu ver que a gente perde alguma coisa, se essa perde se essa perda é muito grande ou se não tem, não existe essa perda quando vê e assim...se tu sente que esse momento da dança *online* é só pra suprir aquilo que a gente estaria tendo no presencial ou se não ou se é, pode se configurar como uma nova forma de se fazer dança, de se ter aulas de dança, claro também é uma questão bem assim o que tu pensa mesmo sabe....

11:30 F2: É nossa assim...eu prefiro pensar várias coisas sobre isso sabe...E as vezes eu fico assim com medo (risos) porque eu acho que a gente se adapta muito rápido ao virtual neh. Eu acho que como um todo, sei lá, o que eu percebo por exemplo, tem uma das aulas que eu faço que antes da pandemia eu queria muito fazer que é de, a professora neh deu o nome de afrofunk que é o baile de funk com algumas misturas de dança afro então quando eu já fazia dança afro eu sempre quis fazer essa aula mas eu morria de vergonha de ir no presencial. Eu pensava assim "genteee" aí eu via as fotos assim que a professora imprimi, as professoras..é muito famosa porque no Rio neh, onde eu moro e ela sempre divulgo muito o trabalho dela então eu via as meninas dançando de shortinho e eu falava "nossa aí que vergonha, queria ir nessa aula mas tenho vergonha" E aí com a pandemia ela aumentou assim o volume de aulas dela, aumento as turmas dela então no presencial ela dava aula de trinta meninas neh, mulheres e agora com o virtual ela aumentou, ela tem turma sei lá, quase todo o dia e aí eu fui uma dessas que foi timidamente então assim tem um ano já que eu faço aula com ela e até hoje não é todo o dia que eu to afim de ligar a câmera sabe. Então assim eu vejo que por um lado foi bom pra mim porque eu me acomodei neh com essa coisa de não estar, quer dizer eu to visível mas eu não to totalmente visível, eu to visível quando eu quero. Só que nas outras aulas que eu faço que são mais dança contemporânea mesmo não dá pra fazer isso, as professoras falam "olha liguem a câmera, não eu quero te ver, eu quero falar com você" então...não dá pra fugir (risos). Então assim teve esse lado pra mim do virtual acaba sendo uma cortina digamos assim pra mim e eu acho que outra facilidade que eu achei essa coisa de que eu posso montar a minha grade, fazer várias aulas ao mesmo tempo porque eu não vou ter o deslocamento mas por outro lado eu fico com medo porque eu tenho medo da gente ta fornecendo uma inteligência nossa, uma sensibilidade nossa pra inteligência artificial, pros *softwares*, pras grandes companhias e eu não sei o que eles vão fazer com isso então esse é o meu lado assim é mais pensando no futuro, no futuro muito distante ou mais ou menos distante, não sei mas quando eu penso no futuro eu acho que eu gostaria de, que a gente não se acostumasse com isso assim eu gostaria de um dia poder voltar pro presencial pra gente ter esse lugar também do corpo neh, esse lugar do encontro....acho que é importante assim enfim eu fico meio dividida nesse sentido entendeu porque em algum momento é...eu imagino que a gente vai ter que reivindicar o nosso corpo, a nossa materialidade mesmo neh então eu espero não ficar muito tempo no virtual embora hoje neh eu tenho me adaptado bem.

15:10 F1: E que interessante isso, eu nem tinha pensado, eu tinha sentido mas não tinha pensado isso que tu comentou da câmera nas aulas porque eu também sinto isso porque parece que a gente não ta tão exposta e as vezes até se permite sabe talvez coisas que tu, eu por exemplo, passos que eu não tentaria no presencial porque medo de errar e todo mundo ta me vendo mas aqui a gente ta mais protegido parece neh pra essa questão da tela. Não tinha pensado por esse lado.

15:40 F2: É isso..é engraçado porque a gente tem assim um medo do julgamento neh, mesmo que eu pensava que não vai rolar esse julgamento mas a gente tem então por um lado eu acho que a gente se sente protegido mesmo neh.

16:00 F1: Sim é eu concordo super, eu achei bem interessante essa tua colocação assim e fiquei pensando uma coisa que me vem muito e as vezes quando eu tento aãh pensar sobre surgem várias coisas assim...queria ver contigo como que tu entende que foi essa importância da dança pra ti nesse momento de pandemia assim se te melhorou em alguma coisa, questão de saúde física, saúde mental que são coisas que a gente comenta muito nesse momento de pandemia e principalmente do isolamento social que a gente tá muito recluso neh. Então, como que isso aconteceu assim pra ti, como que tu vê essa importância da dança...pra ti mesmo..

16:44 F2: É...eu acho que pra mim foi fundamental assim que sempre foi muito bom neh...dançar então antes do trabalho eu saía, quer dizer antes da pandemia neh, eu saía do trabalho de ônibus, cansada, cruzava a cidade e ia pra dança e aí eu ia meio que com preguiça porque tava cansada mas chegava lá era bom que dava uma desestressada. Mas eu acho que como a gente tá nessa situação de isolamento e uma angústia assim com as notícias que são todas horríveis. A gente não sabe quando a gente vai voltar é...no presencial neh...enfim a gente tem várias...a gente não sabe nem se gente vai continuar vivo neh e a gente tem várias incertezas então eu acho que nesse momento parece que não é só pra mim, a dança não é só desestressar eu acho que vai um pouco mais além porque também ela...eu acho que acalma...e me faz ter um tempo pra mim assim pra mim investigar, pra mim ouvir o meu corpo, pra saber onde que tá doendo então muitas vezes eu entro na dança e aí eu começo a sentir, a perceber mesmo assim "nossa hoje eu tô ansiosa" ou então "aah hoje é...sei lá tô com uma dor aqui ou neh tô com uma dor na lombar, tô com uma dor no peito, enfim.." neh então eu acho que pra mim foi bom por isso pra eu ter o meu momento, o meu espaço de escuta, de mim e do meu corpo e as vezes tem aula que eu até brinco assim neh, com as professoras nossa hoje foi melhor do que fazer terapia porque foi realmente um momento de investigação de mim neh. O que que eu tô sentindo e porque eu tô sentindo e eu acho isso muito mágico assim, muito...é uma coisa que até, eu acho que eu comentei isso no formulário que eu comecei a pensar em fazer uma graduação, uma nova graduação em dança porque pra mim ainda é uma mágica, eu não entendo como é que isso funciona mas como é que a gente se movimenta e através do movimento a gente se conhece, a gente se descobre. Isso pra mim é maravilhoso assim e talvez pelo momento de estar fechada, estar com a vida condensada e é, tudo no mesmo espaço neh..eu acho que talvez isso amplifique neh. Como que se fosse um escape mesmo neh, não sei.

19:25 F1: E essa questão que tu falou de olhar pra si, parece que é muito isso mesmo da gente conseguir se conectar com a gente mesmo porque a gente fica tanto em reunião, tanto em...sai de uma reunião vai pra outra, de uma tela pra outra e as vezes nem para pra pensar em si sabe sentir o corpo mesmo e as vezes parece claro essa minha percepção que quando a gente tá nessa aula mesmo que no virtual e principalmente no virtual agora nesse momento de pandemia assim que dá um tempo pra sentir não só a parte física mas parece que se realinhar, reconectar neh consigo mesmo assim então eu acho é uma coisa legal que a gente tá conseguindo trazer como tu disse as vezes parece que é uma terapia mesmo porque faz bem pra gente como um todo, tanto no físico quanto mental parece que sai assim aliviado ou renovado.

20:27 F2: Sim, nossa e aí a gente percebe que isso também é dança neh, uma vez eu, numa das aulas eu comecei a chorar e aí eu chorei, chorei, chorei, chorei só que eu fiquei com vergonha sabe e comecei a limpar assim meio que a disfarçar neh e aí depois a professora falou não mas isso também é dança aí ela contou lá um caso enfim de um mito que tem, de uma deusa que chora e aí o choro vira, vira um rio enfim tem um movimento ali neh. Ela contou esse caso e eu falei nossa é verdade a gente pode até com isso com o que sai da gente a gente pode dançar neh.

21:11 F1: É e parece que agora tu comentou esse mito, eu ouvi falar do mito, conheço mas não lembro agora exatamente mas também achei legal que tu trouxe porque faz um pouco, um pouco não bastante de sentido com a linha teórica que eu utilizo que aí é, eu trabalho com teorias do imaginário, não sei se tu conhece...mas enfim mas é uma linha francesa de pesquisa mas a gente usa muito a questão dos mitos pra entender assim então que legal que tu trouxe isso porque realmente eu fiquei pensando quando tu falava como a dança as vezes essa questão do movimento todo não precisa ser uma coreografia mas tá muito ligado com água parece essa fluidez, essa coisa de limpar que a gente diz que sente como é muito próximo da água neh? Parece que a gente tá numa, em conexão com a natureza assim de uma forma diferente neh que acaba sendo interessante.

22:06 F2: Nossa muito legal você falar isso Bibiana porque parece assim que a gente tem uma memória muito antiga, muita antiga que eu não sei como que vem parar na gente neh e aí quando a gente dança essa memória sai então não sei se a gente até mesmo é não estando perto da natureza por exemplo mas o corpo consegue sentir neh, sentir essa água, sentir o calor neh, o fogo. As vezes quando a gente deita no chão aqui de casa aí dá pra sentir a terra neh enfim não sei é muito bom a gente também talvez é...talvez a gente consiga um dia abandonar o virtual por causa disso, porque a gente vai ter uma conexão com o nosso corpo neh.

23:03 F1: E eu acho muito interessante refletir sobre isso porque foi uma coisa que veio agora e como faz sentido neh a gente conversando assim parece que as coisas vão se encaixando isso que tu comentou de ser uma memória de que vem parece que a sensação é justamente essa quando a gente tá dançando neh e meio que se entrega praquilo. Como é legal. E assim...aí é uma pergunta também bem ampla e pra tu dizer mesmo o que tu sente mesmo no momento de dançar e o que que te motiva a dançar quando tu tá ali sabe. O que te faz tu ir pra aula e como que tu te sente naquele momento da dança?

23:39 F2: Nossa é, tem muita coisa neh? Eu acho que cada dia é de um jeito, cada dia eu sinto uma coisa. Eu acho que quem mais me motiva é uma ideia assim de que eu preciso me cuidar neh físico e mentalmente então é o que me motiva de imediato. Mas eu acho que também é...esse contato da imaginação neh, esse contato com o lúdico, a fantasia sabe, eu acho que a gente consegue fantasiar bastante quando a gente dança, a gente se sente, eu me sinto as vezes dependendo do dia, mas eu me sinto as vezes mais bonita e assim, tá em casa toda descabelada, mas aí eu olho no espelho e o sangue tá correndo neh aí eu falo "ráááá" (risos) mas enfim mas eu acho que é esse sentimento assim de estar vivo também, de estar pulsando, da gente poder fazer alguma coisa é...pela gente neh, por nós mesmos e ter que lidar um pouco com o sonho neh a gente sonha é...quer dizer a gente não sonha só quando tá dormindo neh, acho que a dança também ajuda a trazer o sonho pra vida mesmo inclusive alguns momentos eu sonho dormindo e aí eu anoto e aí tem uma das professoras que me dão aula ali na Perla, ela é psicóloga junguiana e ela é trabalha muito com essas coisas dos arquétipos neh então eu comecei a chegar na aula e conta o meu sonho

pra ela e aí ela foi me falando isso "olha vai anotando, vai anotando e aí é muito interessante perceber que tem uma continuidade e a gente acaba vivendo de novo no movimento materializando no movimento é esse sonho neh. Acho que é isso assim, uma viagem pra mim a dança ta sendo muito forte agora, uma grande viagem assim.

25:54 F1: Mas é uma viagem que faz total sentido neh se a gente para pra pensar e achei legal que tu comentou também da tua professora que é psicóloga junguiana, eu não comentei no início porque enfim não dizia a respeito diretamente da pesquisa mas eu justamente nesse sentido de pesquisar a dança e de viver a dança enfim das aulas e pelo meu viés de pesquisa, nas teorias do imaginário eu comecei a cursar psicologia junto justamente por essa questão, já com o intuito de ir mais com o viés junguiano também mas parece que as coisas vão se encaixando neh a gente pega uma coisa dali, uma coisa daqui e vai fazendo sentido assim...

26:36 F2: Sim, muito legal nossa faz muito sentido mesmo.

26:41 F1: E aí assim mas pra encerrar claro mas se tu tiver coisas que tu queira trazer quando ve que a gente não falou aqui ou eu não te perguntei...fica a vontade mas se tu conversasse com alguém que não pratica dança, ou nunca fez ou agora não ta fazendo se tu recomendaria a dança *online* pra essa pessoa assim...essa dança nas plataformas virtuais.

27:05 F2: Olha já recomendei bastante assim pra minha sogra (risos) pra minha sogra, já falei pra ela fazer, já recomendei pra uma amiga minha também é que tava é enfim com algumas questões e aí eu falei "aah vamo dançar e tal". Já recomendei assim sabe ao longo desse tempo ai é...mas eu acho assim que eu não quero ficar recomendando pro resto da vida entendeu assim eu to recomendando agora porque a gente ta realmente numa situação que a gente é...tem que se cuidar mesmo então to recomendando agora pra todo mundo, recomendo todas as aulas que eu faço eu recomendo, compartilho...enfim...gosto muito assim das minhas professoras elas são minhas companheiras mesmo, minhas amigas, minhas terapeutas. Então assim é claro que eu recomendo, recomendo muito. Mas eu gostaria de daqui a um tempo não sei quando mas quando a pandemia acabar recomendar o presencial também pra gente até poder ter outras sensações, pra gente se abraçar neh mas enfim por enquanto eu recomendo.

28:24 F2: Porque é muito essa questão da...é corpo neh essa materialidade que tu comentou também e mesmo que a gente consiga e consegue trazer pro virtual parece que não é tão a mesma coisa do quanto seria...a gente não aproveita, não aproveita mas assim a gente não vive tudo que poderia viver quanto seria no presencial neh ou presencialmente, as vezes parece...claro se dá de uma forma diferente mas é eu concordo muito contigo nisso de recomendar, de achar que é bom mas é claro talvez não tome o lugar do presencial neh.

29:04 F2: Isso é...nossa acho que você usou a palavra certa, a expressão certa sim...é isso. Uma coisa talvez não venha a concorrer com a outra acho que ate dependendo assim das profissionais mesmo neh é eu acho que elas também nem querem ficar... as ou os neh eu to falando as mas enfim quem é profissional da dança é...acho que não quer ficar a vida inteira também no virtual. Qualquer artista neh assim que gosta da sensibilidade, do contato neh e ate assim essa coisa eu lembrei tambem essa coisa da video dança que tambem assim já é, não vou falar que é antiga mas ela já é feita a algum tempo então os profissionais da dança eles já tavam a algum tempo fazendo videos neh e dançando e pensando em planos que vão contemplar aquele movimento neh. Então eu acho que já

tinha um caminho pra isso neh, mas eu não sei assim eu vejo que é muito importante pro artista de modo geral a experimentação neh e esse contato com o sentimento, com a sensibilidade, com as emoções neh..eu não sei eu vejo que é tudo muito temporário mesmo, pelo menos eu espero e acho que nem os artistas e as artistas, as bailarinas, as professoras, os professores não vão querer ficar só no *online* neh porque pode ser que um dia a gente entenda que também a gente já doou muito da nossa experiência pro sistema neh e que a gente acaba tendo, se a gente ficar se repetindo muito a gente pode acabar tendo experiências mais empobrecidas ate desse ponto de vista do imaginário mesmo neh. (risos) É isso assim neh...enfim é um momento provisório mesmo, tomara neh

31:07 F1: E parece também, agora me surgiu nem era uma pergunta que eu tinha anotado mas faz...fiquei pensando como também pessoas que não tinham contato com a dança justamente por conta dessa oferta do *online* talvez tenham chegado na dança neh porque as vezes é mais difícil ir ate uma escola, fazer uma matrícula...é um passo maior do que as vezes "aaahh eu vou assistir uma aula virtualmente neh, talvez a gente tenha, a gente enquanto população que dança, esteja chamando mais pessoas pra fazer isso neh, ofertando essa questão do *online* assim então acho que surge também como uma possibilidade, abrindo mais portas assim pra que novas pessoas cheguem e experimentem essa questão da dança.

31:55 F2: É acho que pode ter assim neh, eu também fiquei muito me perguntando nisso assim ao longo desse ano é será que pra mim foi, a minha experiência ta sendo boa porque eu já gostava e já tinha proximidade, já tava afim, já tava interessada ou não neh..enfim é uma pergunta que eu ainda tenho, você que vai responder (risos).

32:23 F1: Pois é...eu vou, aproveito pra te dizer que quando tiver pronto, claro que vai demorar um pouquinho ainda talvez pro final do ano mas enfim quando a dissertação estiver pronta eu pretendo encaminhar cópias pra vocês ai bonitinho, impressa mas enfim a gente conversa melhor posteriormente pra ver como que eu faço esse envio e tudo o mais mas assim eu já te adianto que pelo que eu to vendo e assim claro bem breve ainda, na real nem um tipo de conclusão, não fiz a análise ainda mas eu posso ver que tem pessoas que tem essa experiência de "eu já gostava e continuo gostando como tu comentou que é o teu caso, é o meu também mas eu vi pessoas que gostavam antes e se desmotivaram com a questão da pandemia assim como tem também aqueles nunca tiveram tido contato e vieram agora então eu acho que ta bem diversificado assim mas claro é uma percepção bem inicial assim que eu to tendo nesse processo de começo das entrevistas então mas parece que ta bem diversificado mesmo.

33:27 F2: Nossa, muito legal. Muito bom Bibiana, parabéns viu.

33:31 F1: Obrigada.

33:33 F2: Muito bom,

33:33 F1: Eu que te agradeço por ter te disponibilizado a compartilhar comigo e com a pesquisa como um todo as tuas experiências com certeza foi muito enriquecedor e vai ajudar muito na pesquisa, como eu te disse vou te mandar posteriormente o trabalho quando tiver prontinho e aí a gente conversa e eu te envio e tambem vou te encaminhar ainda essa semana o termo de consentimento aquele que vocês assinaram que acabei não enviando mas ai te envio ainda essa semana. Só pra questão mais burocrática de documentação mesmo mas enfim eu te agradeço muito, muito obrigada mesmo.

34:10 F2: Eu que agradeço viu, bom trabalho, boa pesquisa, vai dar tudo certo.

34:16 F1: Muito obrigada, boa noite.

34:20 F2: Boa noite. Tchau.

34:20 F1: Tchauzinho.

34:21 FIM.

APÊNDICE I – Transcrição de Entrevista 05

PARTE 1

INÍCIO

00:00

00:00 F1: Certinho, eu comecei a gravação e vou te explicar mais ou menos então.... A ideia que a gente propõe por essas entrevistas é que seja bem uma conversa mesmo, claro que eu tenho algumas perguntas pra ir norteando mas assim tudo bem a gente fugir e comentar sobre outra coisa, se tu lembrar de alguma coisa que tu ache importante falar, comentar e que eu não te perguntei também fica bem à vontade. É realmente pra ser uma conversa e pra ir entendendo como diferentes pessoas estão se relacionando com a dança agora durante a pandemia porque querendo ou não ninguém nunca viveu isso então a ideia é justamente mapear pra entender como que ta se dando a relação com a dança nesses ambientes virtuais assim. Fica bem à vontade. Eu vou te pedir pra apresentar também, comentar um pouco se já tinha algum tipo de relação com a dança, se tu já dançava ou não, se tu gostava, como que ta sendo agora durante a pandemia enfim...fica bem à vontade.

00:57 F2: Prazer, Bibiana então eu sou xxxxxxxxxxxxxx tenho 45 anos, eu vou fazer 46 em agosto e eu sempre faço algum tipo de atividade enfim física e procuro sempre fazer pelo menos duas, três vezes da semana neh conforme a agenda que a gente tem aí mas sempre priorizando ou o início da manhã ou final do dia pra não interferir aí nas atividades do trabalho neh que agora, que agora já nesse período estão mais intensos essas atividades. Eu moro em Palmeira das Missões no Rio Grande do Sul. Em 2017 por aí eu sempre desde a faculdade eu fazia aeróbica, fazia...sempre tive a dança assim presente neh como atividade física mesmo. Em 2017 eu fiz um ano de dança assim com professora de educação física, levava minha filha junto também e depois eu fiz sempre ou musculação ou personal e aí em 2019 eu fiz um ano inteiro de personal até fevereiro do ano passado. Aí fiquei, eu comecei de ir na academia e aí eu tenho uma amiga em Porto Alegre que a irmã dela começou a fazer atividades pelo zoom. Eu tava procurando isso, pra ficar na minha casa, não sair e aí eu fiz o contato com ela e desde então eu to participando três vezes na semana, segunda, quarta e sexta e terça e quinta eu faço pilates mas aí eu faço num estúdio neh, que aí eu fico sozinha então neh...pra mim não tem tanto risco assim, grande. Eu sou professora neh na universidade aqui, na UFSM e tenho uma filha de nove anos e aí eu faço dança na quinta-feira à noite das oito até aproximadamente nove horas da noite. Eu, a professora as vezes tem mais uma colega...as vezes tem, tem períodos que tem mais pessoas, mas assim no máximo quatro ou cinco pessoas neh, que a gente faz então todo um alongamento, mexe o corpo, dança músicas que a professora então seleciona assim é...cada semana é um tipo, a gente vai sugerindo, é uma coisa leve sabe e não é uma coisa assim "aí os passos, delimitado"...Ano passado eu até tive um período que era assim, era passos de samba mas aí o pessoal (inint) 04:03 não gosto muito e aí a professora então adaptou então a gente faz, cada um dança da forma que se sentir bem, leve...é pra mexer o corpo mesmo neh, pra manter a saúde mental nesse período ta difícil. E na segunda, quarta e sexta então das oito e meia até agora as nove eu tava conectada com esse, igual ao outro grupo mas é a mesma professora que ela faz atividade de auto cuidado então a gente faz *mindfulness* não sei dizer direito. Então é assim práticas e auto cuidado que a gente sente pela respiração é...alongamento, movimentos leves neh pra o corpo no início da manhã e no final põe

uma música e a gente dança junto. Na sexta feira tem uma parte do auto cuidado que tem um professor de riso então a gente dar risada junto...

05:08 FIM

INÍCIO PARTE 2

00:00

00:02 F2: A gente tem pra relaxar, pra enxergar e ouvir o nosso corpo perceber neh como que a gente ta, as vezes mais tenso no dia. **E no dia que tem a dança neh a gente chega suar porque move neh, move, tu sente o sangue circulando dentro do teu corpo é diferente do momento que tu ta parada neh ou faz só alongamento. Então dá uma sensação de bem estar neh.**

00:30 F1: É verdade e eu acho interessante assim da gente...claro que...a gente tem durante a pandemia tido essas diferentes relações assim tanto com o nosso corpo, com a forma que a gente ta lidando com as situações neh..até porque muitas vezes...claro como tu comentou, agora e desde janeiro tu tem tido algumas atividades já fora mas ai como que tu enxerga essa relação, claro que tu comentou que se...que tu tem essas aulas *online* neh através do *zoom* mas como que é pra ti relacionar o espaço, porque ai a gente meio que durante a pandemia fico com um espaço que antes era a nossa casa talvez espaço de lazer, as vezes a gente trabalhasse mas ai o mesmo espaço passou a ser o espaço do lazer, o espaço do trabalho, da dança e aí como é pra ti assim, como foi talvez organizar esse espaço tanto fisicamente quanto também mentalmente neh porque as vezes é difícil a gente vira a chave estando no mesmo lugar. Eu queria ouvir de ti como que foi pra ti esse processo....

01:45 F2: É neh..tive fazendo da adaptação neh. Eu me mudei faz dois anos (inint) 01:55 . Agora a gente construiu (inint) 02:03 Esse espaço aqui é pra gente trabalhar neh, o escritório e tem uma estante ali no fundo, tem material, as vezes tem roupa perto da janela pra pegar sol pra secar neh. Tem os meus materiais aqui na minha estante, tem colchão de casal aqui, tem um estrado de cama aqui quando minha mãe e meu pai vêm me visitar. Então o espaço aqui é adaptado neh pro trabalho e pra dança. Antes eu trabalhava numa (inint) 02:44 da estante. Ai acabou tomando o quarto da minha filha, sob medida e ai trouxe a mesa que (inint) 02:54 tive que compra uma cadeira mais confortável pra aguenta fica o dia inteiro. E aí quando é o momento da aula só empurro a cadeira pro lado e danço aqui mesmo, nesse espaço. Antes tava mais direcionado pra janela porque ficava ruim, dava muito reflexo e...mas ai o espaço é mais comprido neh mas agora a gente adapta e dança não importa. **Pode ser um espaço pequeno mas a gente dança igual neh, acho que isso que é importante. Importante é não deixar de fazer.**

03:34 F1: Sim a gente foi mesmo adaptando, eu passei mais ou menos pelo mesmo processo que tu também aqui no meu espaço então pra conseguir conciliar todas essas coisas que antes. Claro que tinha uma mesa também pra estudo, no quarto mas ai tinha necessidade de aumentar o tamanho da mesa e aumentando o tamanho da mesa diminui o tamanho, o espaço que eu tinha pra fazer as aulas de dança. Então claro a gente vai meio que jogando assim com esses espaços e também agora que a gente ta mais tempo neh nesse contexto assim parece que já é mais fácil neh. A gente já meio que se acostumou mas eu sinto que no início era um pouco difícil de fazer essas

acomodações assim. E aí...esqueci de te perguntar antes se tu já tinha tido algum tipo de contato com a dança antes dessa que tu comentou que começou a fazer pelo *zoom* depois também as atividades de autocuidado. Se tu já tinha alguma, tinha alguma relação com a dança, dançava mesmo que pequeno...ou não, se foi a tua primeira experiência.

04:38 F2: Eu, assim primeiro (inint) 04:42 Eu morava em Porto Alegre (inint) 04:45 e aí eu comecei a fazer ginástica a quatro anos. E eu morei fora um tempo, do Rio Grande do Sul e aí depois na época aí de entrar na faculdade que eu passei na segunda turma e fiquei o semestre inteiro fazendo aeróbica e agora depois que eu (inint) 05:17 Eu fiz um tempo dança, dança de salão pra aprender mesmo alguns passos neh, sozinha mesmo. (inint) 05:25 Eu sou enfermeira neh, trabalhava na pediatria, de tarde e saía pra ir no curso de extensão que tinha na Universidade e aí fazia dança, das sete e meia até as nove e meia da noite. Eu lembro que teve uma época aí, 2001 acho, 2002 que eu fiz esse curso mas mais pra aprender passos mesmo neh, porque eu tinha muita vontade de dançar, de aprender a dançar e participa de grupo de dança gaúcha mas eu (inint) 06:02 idade, eu morei muito tempo fora do Rio Grande do Sul então eu já tinha 14 anos aí (inint) 06:10 tinha assim muita tarde, não conseguia me organizar (inint) 06:18 E aí acabou agora que eu vim morar aqui, que eu fiz dança aí com uma professora de (inint) 06:25 por aí.

06:30 F1: Ahh legal.

06:33 F2: Essa não foi a primeira vez.

06:35 F1: Eu vou te pedir só uma licencinha aqui pra abrir a porta pra ver se o sinal melhora um pouco porque tava travando um pouquinho. Acho que agora vai melhorar. Isso são coisas também que a gente acaba tendo que, passando nesse *online* assim mas é interessante te ouvir porque parece que, de alguma forma a dança ficou mais, aí te pergunto se sim, se a dança ficou mais consistente assim nesse, pra ti, momento de pandemia, claro que tu já comentaste que já tinha tido outras experiências neh antes mas queria ver contigo se tu sente que, não que foi mais importante mas que de certa forma tu sentiu mais forte essa ligação por ter mantido de alguma forma ou senão, se realmente foi questão de, do momento mesmo, de se relacionar mais com a dança nesse momento agora.

07:43 F2: Pra mim o que facilitou foi poder fazer em casa, nesse momento neh. Queria fazer algum tipo de atividade ou personal mas eu que atrai mais a dança, acho mais leve, mais...a gente se sente mais à vontade do que aquela coisa de fazer um exercício ali trinta vezes sabe. Eu acho que pra mim, pra minha personalidade a fala que eu cuido, do meu corpo, pra mim facilitou mais neh pessoalmente por ser virtual. Esse grupo assim apoiando...acho que ficou mais fácil.

08:26 F1: Pois é porque muitas vezes a gente vê isso, claro tem pessoas que nunca tinha tido contato com a dança, passaram a ter agora durante a pandemia. Tem outras que já tinham contato e bastante mas se desestimularam nesse momento assim então na verdade como a gente enxerga que o virtual ele pode ser...possibilita novas coisas neh, mesmo que a gente esteja dançando que é uma coisa que a gente já fazia antes do presencial como agora é diferente possibilita como tu comentou, tendo mais flexibilidade, ter mais liberdade pra participar das aulas. Então é interessante também a gente refletir sobre isso que as vezes surge mais como uma ponte pra ficar mais fácil neh. Talvez antes pessoas que não tinham a possibilidade de fazer agora conseguem justamente por essa facilidade que a gente tem que realmente é só clicar num botão, entrar e participar da aula. Não precisa do deslocamento...enfim.

E aí eu queria que tu falasse, é bem pessoal mesmo, é mais pra...tu comentar sobre a tua relação tipo no momento de dançar. Então o que que te motiva a fazer isso, primeiramente, claro que tu já comentou de cuidar da saúde, de ter uma relação maior com o corpo, com o autocuidado mas enfim o que te motiva a realmente a fazer aula de dança e ou a dançar de fato e o que que tu sente naquele momento de dança. Claro que não tem resposta certa, não tem resposta errada também. É justamente pra ouvir como que é essa relação pra ti assim, esse momento do dançar, o que que tu...o que que é importante pra ti, o que que tu sente?

10:06 F2: Bem é um momento de troca também com as pessoas neh. Tem pessoas de, do Rio Grande do Sul, tem uma colega de Brasília que faz com a gente neh de outros Estados e cada um na sua casa neh, no seu espaço. Acho que o momento de também só entrar como tu diz, apertar o botão neh. Não precisar esse deslocamento que muitas vezes, aqui é uma cidade menor neh tem só 34 mil habitantes então pra mim também foi uma oportunidade diferente porque talvez numa cidade maior tem mais opções neh e aí isso me possibilitou por ser virtual neh, porque quantas coisas as vezes a gente deixa de fazer porque é nos grandes centros então isso me proporcionou também...e dá neh essa sensação de bem estar, de estar num grupo, de fazer parte de um grupo...de manter a saúde mental mesmo, pra mim não é nem por perda de peso por manter um cuidado, é uma consequência mais o que eu mais sinto assim também é um apoio neh..essa troca entre as pessoas é, saúde mental mesmo que a gente não consegue viver isolado.

11:41 F1: Sim e aí justamente isso, mesmo que virtual a gente consegue ter contato com outras pessoas neh e ter essa...as vezes uma relação que a gente não teria se não fizesse a aula, se não tivesse ali presente ali na dança porque, claro no trabalho enfim...muitas vezes a gente tem contato com outras pessoas também mas sendo um grupo ali pra fazer a mesma coisa, a mesma atividade e por vontade mas parece que a gente consegue se aproximar mais das a pessoas e acho que isso é importante nesse momento neh aí, pra gente finalizar mas é claro se tu tiver outras coisas que eu acabei não te perguntando e que tu quiser falar, como te disse, fica a vontade mas eu queria ouvir de ti se tu, se alguém que nunca fez dança ou que já fez mas não ta fazendo no momento se tu recomendaria pra essa pessoa a dança *online* enfim, ambientes virtuais...que que tu falaria...

12:38 F2: Com certeza eu recomendaria porque é uma experiência única assim, uma experiência nova neh. Acho que mesmo sem pandemia eu acho que é uma possibilidade pra abrigar pessoas de diferentes lugares neh, pra facilitar essa questão de não ter uma locomoção, pra ti chegar em tal lugar..facilita a vida, com a vida que a gente leva virtualmente então acho que é uma possibilidade que a pessoa tem neh de ter um momento, de ter cuidado de si e se relacionar com os outros. Eu acho que um grupo muito grande, por exemplo, entrar no *meet* com cem pessoas acho que não é legal mas um grupo pequeno eu acho que um vai apoiando o outro, se fortalece, mas grupos menores, pelo menos é a experiência que eu tenho...

13:34

FIM

APÊNDICE J – Transcrição de Entrevista 06

00:25 INÍCIO

00:25 F1: Então, acho interessante tu começar, te apresentar ou dizer como que é essa tua relação com a dança se tu já tinha antes ou se ela surgiu na pandemia...como que funciona...

00:35 F2: Bom...Boa noite, meu nome é xxxxxxxxx, eu sou de Minas Gerais e moro atualmente em Brasília já faz um tempo que eu moro em Brasília porque eu vim pra Brasília pra fazer faculdade. Então, o que que acontece. O que eu faço *online* é ballet e eu fazia quando eu era criança. Então era a coisa que eu mais gostava quando eu era criança e era feito na escola. Quando eu fui pra...isso durante a pré escola que na época se chamava maternal e pré-escola, hoje tem a creche mas enfim...a partir do maternal e durante a pré escola eu fiz ballet e aí quando eu fui pro ensino fundamental eu fui pra escola pública e aí eu parei de fazer. Então das coisas que eu senti muito, porque eu gostava e não podia fazer porque não tinha na escola pública e os meus pais também não podiam pagar particular então eu parei de fazer e fiquei durante a minha vida, um tempão realmente sem fazer. E aí como é uma coisa que eu sempre gostei eu tentei fazer, então quando eu tava fazendo a minha faculdade eu tentei voltar na área, eu posso, eu tenho a minha bolsa, eu tenho o meu trabalho aqui na universidade, eu posso pagar e voltar a fazer e a minha ideia, eu nem pensava em *online* na época era fazer presencial mas como eu já era adulta eu não consegui turma. Pra falar a verdade eu só consegui numa escola que era pra meninas até quinze anos, eles me aceitavam nessa turma, era de três a quinze anos, na realidade...mas o horário pra mim era ruim porque eu trabalhava e estudava e não dava pra fazer então...não fiz. E assim como a minha vida é bastante complicada porque eu trabalho num emprego de 40 horas...e aí nunca mais fiz dança e nenhuma atividade física. E aí como eu trabalho, trabalho 40 horas semanais, eu sou servidora pública e trabalho no CNPQ e tenho também outro trabalho, sou professora em uma universidade privada, sou professora no curso de direito. Então eu acumulava dois trabalhos e voltei a fazer uma outra graduação que é em jornalismo então fazendo, trabalhando e fazendo jornalismo, eu vi que eu precisava fazer uma atividade física e tudo o mais e aí eu consegui fazer uma coisa assim. Eu precisava de alguma coisa e não sabia o que. Ballet eu não conseguia em nenhuma escola em Brasília e aí eu comecei a fazer presencialmente natação e tênis. Tênis porque eu descobri que é uma coisa maravilhosa, eu amo tênis e natação porque eu odeio mas eu precisava então eu fazia os dois. Então é o que eu fiz durante um tempo da minha vida, tênis e natação. Mas aí o que aconteceu, pelo fato de eu trabalhar no IES privada, a noite é...perto de Brasília que na verdade é no Estado de Goiás não é em Brasília, eu moro em Brasília, trabalho no CNPQ em Brasília mas a instituição que eu trabalho como professora é perto de Brasília no Estado de Goiás e é a noite e era a noite que eu fazia natação e tênis e como eu sou formada em sociologia, graduada e mestre em sociologia eu dou aula em diversos cursos, direito, pedagogia e todo o semestre tinha um rearranjo porque sempre no primeiro semestre aumenta a quantidade de diplomas e o diretor da escola que eu fazia que era vinculada a Caixa Econômica Federal eu conseguia fazer natação e tênis mas ele deixava flexível pra mim era duas vezes por semana então ah eu ia segunda e quarta mas da outra vez pode ir tipo quinta e sexta. Então eu conseguia fazer regularmente porque eu tinha uma flexibilidade, todo o semestre quando mudava o meu horário e também é...não eu to muito atarefada agora, não vou hoje mas vou amanhã então eu conseguia fazer isso. Mudou o diretor e aí teve que ser ou era segunda e quarta ou terça e quinta e aí não dava pra mim. Eu parei de fazer atividade física, fiquei só no meu trabalho estudando. E aí veio a pandemia e isso foi horrível porque eu engordei muito e uma outra coisa que pegou

muito...problema no governo com as instituições públicas, bem ruim...o CNPQ mesmo a gente teve uma grande quantidade de pessoas que se aposentaram e você não abriu concurso pra ocupar o local dessas pessoas neh..então assim a gente já tem um grande acúmulo de trabalho e na pandemia piorou. Piorou porque foi assim a gente tá trabalhando em *home office* em tempo integral. Então a minha quantidade de trabalho aumentou já bem no início da pandemia que a gente já teve uma chamada sobre COVID então a gente chegou e os professores de diversos locais do país chegou a trabalhar sábado, domingo, feriado, de madrugada...Então assim teve um dia que eu fui tomar banho a noite eu não conseguia nem me mexer então tipo assim eu acordei, comecei a trabalhar sete e meia da manhã, deu onze horas eu parei. **Aí fui tomar banho e não conseguia lavar meu pé, não conseguia levantar a perna e o meu pé e eu toda dura e eu não conseguia me mexer eu fiquei assim "que droga é essa? Não pode!"** **Aí dor nas costas, dor no ombro aí eu falei assim: "não, não dá, eu vou ter que fazer uma atividade física".** **E foi onde eu voltei pro ballet.** **Um pouquinho antes da pandemia eu até me inscrevi num curso *online* mas eu tava contando que eu ia fazer depois. Eu falei "não, não vou me inscrever agora mas não posso fazer esse semestre. Porque eu tô com tais matérias não sei que lá mas eu quero muito."** **Aí eu fiz a minha inscrição mas não deu pra fazer naquele momento e não deu pra fazer logo no início aí eu falei pronto perdi, não vou conseguir fazer e aí nesse até todo desse problema. Deu com uma outra professora abriu vaga eu falei "bom *online* eu vou fazer"** e assim o CNPQ tem momentos que são super complicados que eu tenho muita dificuldade de fazer qualquer outra coisa e tem momentos que são mais tranquilos então alterna. **Então eu sei que tem dia que eu não vou conseguir fazer nada mas no outro dia eu posso fazer então *online* facilita muito a minha vida e aí pra mim foi ótimo, ótimo porque eu consegui ter uma turma que é de ballet adulto, é *online* com uma professora de São Paulo e eu é um curso a distância que eu entro numa plataforma, eu tenho umas aulas mas eu também tenho aula ao vivo seja assim que ela faz pros alunos e aberto pra quem não é aluno e seja aquelas que são somente pra turma então eu acabo fazendo no mínimo três vezes por semana. Às vezes eu consigo fazer até mais, depende como é a minha semana. Mas assim então por conta de ter *online* eu consegui resolver esse meu problema** então de noite eu disse "eu consegui levantar a minha perna, eu leva embaixo do meu pé." Não fico mais com dores nas costas, consigo fazer uma coisa que eu gosto e também no meu ritmo então eu faço é... **Na realidade eu faço duas turmas, eu faço esse que é um curso pago com a minha professora e a UNIFESP tem um projeto de extensão de ballet adulto então eu fiz um seminário, acompanhei o seminário e tudo o mais e eles abrem turmas pra adultos que é uma vez só por semana e eu faço com eles também. Então eu faço os dois.**

08:37 F1: Então a pandemia na verdade te aproximou mais da dança neh porque foi onde tu encontrou essa possibilidade de reencontrar uma coisa que tu não fazia a muito tempo que era o ballet e assim...eu sei que as vezes é difícil na verdade eu sinto isso da gente linka o tanto que uma coisa ajuda em relação a nossa saúde mental enfim e muito se fala isso na pandemia mas eu queria ver se tu...pra ti parece que te ajudou de alguma forma tá fazendo uma atividade, tá fazendo dança que é algo que tu gosta, tu acredita que isso..trabalhou isso em ti na questão da saúde mental e...Como que foi?

09:17 F2: Isso aí eu tenho certeza porque os primeiros meses do ano passado foram terríveis porque depois de um longo tempo trabalhando sábado, domingo, feriado, de madrugada e a gente as vezes virando noite por conta da chamada de COVID. A gente teve mais de três mil projetos de pesquisa sabe...E os professores também e aquela coisa, vem *fake news* aí eles têm que colocar...aí hackeiam a página da Sociedade Brasileira de Imunologia. Ai o professor tá trabalhando ali mais aí ele tem que sair pra resolver aquilo então assim a gente ficava ligado o tempo

todo ta e chega num momento que você se estressa e você ta cansado fisicamente, você ta cansado mentalmente e você fica nervosa, por quê? Antes, tipo assim, o professor liga que eles têm meu celular ai eu “to aqui na UNB espera eu chegar no CNPQ, quando eu chegar no CNPQ eu te ligo entendeu?”. Mas agora não é assim, o CNPQ ta na minha casa, a faculdade ta na minha casa eu to dando aula *online*. Os alunos passam mensagem pra mim, os professores passam e aí não interessa o horário, se é sábado ou domingo nem o horário do dia então assim o meu trabalho ta todo em casa, eu to em casa e assim é como se tivesse tudo ao mesmo tempo sem eu conseguir separar então é muito estressante isso e fazer a questão do ballet me ajuda muito em termos físicos de eu não sentir mais dor nenhuma nas costas e nem nos braços neh de melhorou a minha flexibilidade mas mentalmente também e aí a minha irmã até zoa porque eu creio que pras outras pessoas também e as vezes muito mais pra outras pessoas, que estão sofrendo ou mentalmente que tem a relação ou não com a pandemia elas utilizam muito isso que a minha irmã fala assim "esse seu curso ai é pra fazer terapia neh porque a professora ela começa a aula, ela começa a conversando e ela falou mas olha o papinho? Sua aula é ballet vocês tão conversando" e aí seu colega fala uma coisa, mas ao invés de fazer a aula ele quer fazer terapia porque ele ta chorando por conta disso porque ele diz que ta passando mal então assim muitos alunos aproveitam esses momentos também pra poder conversar pra falar que ta bem, pra relatar uma conquista mas também pra dizer "olha eu to mal, eu não aguento fazer nada é mas eu vim aqui pra me esforça ou eu não aguento fazer nada e vim aqui pra conversar". Então ela falou isso e eu não tinha nem parado pra pensar neh pra mim é normal, eu fico lá espero falar chega o horário da aula eu faço a aula até o final mas eu vi que o professor separa esse iniciozinho, conversa com a gente chama todo mundo pelo nome "aaah fulano chegou agora, não sei o que lá" depois a gente faz a aula e depois conversa um pouquinho e termina. E assim é bom fazer pra minha atividade física em si, melhora mentalmente? Melhora. Mas eu vejo que pra muitos dos meus colegas também o fato de eles estarem ali conversando ou ta num grupo no *telegram*. Então nem é dia de aula mas eles tão pedindo ajuda...tão...e isso eu sei que ajuda muito os meus colegas também...pra mim não faz diferença. Ta lá no *telegram* então até que eu olho assim "deixa eu ver aqui se é uma coisa importante ou se alguém querendo mostra a foto do gato ou dizer tá mal." Eu não sei mas assim mentalmente ajuda porque (inint) 12:50 eu consigo em determinados momentos parar (inint) 12:53 eu consigo fazer minha aula, vou fazer a minha aula no horário aahh hoje eu não consigo fazer no horário, faço depois, faço no outro dia, faço antes mas assim melhora muito fisicamente, melhora mentalmente sim, com certeza.

13:05 F1: Acaba virando meio que uma válvula de escape neh pra todo mundo. Tanto pra quem ta ali no grupo mandando alguma coisa e conversando ou conversando na aula quanto pra quem as vezes nem interage tanto eu também sou dessas que as vezes deixa o grupo lá e esqueço, nem apareço mas como isso também acaba parece que vai, entra como uma válvula de escape também pra quem não se envolve tanto nessas coisas mas ta ali na aula e a parte do exercício já serve como isso. E aí queria escuta de ti como que foi, porque pra mim foi bem difícil, tive que empurrar vários móveis pra conseguir fazer as aulas também. Como que é essa questão de lidar com o espaço porque antes a gente tinha o espaço do trabalho que nem tu comentou, o espaço da casa, do lazer e agora é o trabalho é a casa, o lazer a atividade física...todos no mesmo lugar. Como que foi pra ti conciliar isso?

13:58 F2: Tipo assim no início foi difícil porque eu moro com a minha irmã e a minha irmã também é professora. Deu uma travada, tu ta conseguindo ouvir?

14:05 F1: To.

14:06 F2: Ahh ta é então a minha irmã também é professora no curso de direito então tinha dias que a gente dava aula no mesmo horário. A gente pensou assim aí eu deixo pro horário. Aí a minha irmã é mais estressada então ela começa planejando o dia desde cedo. E aí ela foi separando o local dela, limpou, arrumou pra dar aula e eu olhei assim "eu não fiz nada disso" E aí no primeiro dia foi horrível porque ela ficou na sala e eu fui dar aula no quarto e eu "caramba velho, que coisa horrível" Aí eu gravei um podcast pros alunos e aí não deu pra usar porque captava o som da aula dela. E eu fiz no quarto, então quando eu fui ouvir e toda a gravação ia editar eu falei "não dá porque não ta ali o que ta ali, eu falando, ela falando" e aí a gente até pensou..como eu também trabalho algumas vezes, no curso de pedagogia a distância a UNB tem cursos de graduação a distância eu já sabia de diversas técnicas eu conversei com ela "pra eu não te atrapalhar e você não me atrapalhar eu vou usar as técnicas que eu tenho" então nos dias que eu dava aula e ela também coincidiu da gente foi sim fazer um ajuste no horário ta, então, por exemplo a aula começava ela dava aula até determinado horário enquanto isso meus alunos estavam fazendo as atividades que eu tinha passado, era vídeo que eu gravei, podcast que eles tinham que ouvir e depois entrava ao vivo e quando entrava ao vivo ela já não tava mais então a gente resolveu assim. **Agora a parte física assim, por exemplo, da atividade ela até me zoou porque eu comprei uma barra e ela falou "mas você vai fazer a aula com a cadeira?" e eu tava trabalhando aqui no computador, aí tipo assim aah vai começar a aula aí eu falei "eu peguei a cadeira" e a barra e eu falei "cara pra eu pegar a barra eu vou ter que prepara o espaço, colocar a câmera lá" eu terminei de trabalhar aqui então vai na cadeira mesmo então assim...mas eu faço, inclusive hoje as as vezes também ela ta dando aula e eu to fazendo aula na sala sem problema nenhum** Ela também ta fazendo outra graduação agora e ela consegue assistir aula e eu trabalhar. As vezes na sala, a gente ta na sala, ela ta tendo aula e eu to trabalhando ela ta dando aula e eu to dando aula, ela ta dando aula e eu to fazendo aula e a gente consegue gerenciar isso, a gente colocou também o microfone com..esse pequenininho aqui que facilita também a gente gerenciar isso daí, mas assim ta sem problemas agora (inint) 16:48 mais eu uso o espaço (inint)16:54 As vezes eu consigo levar o computador colocar a câmera de outro jeito mas as vezes não e vai do mesmo jeito não deixo de fazer por conta disso não.

17:02 F1: Pois é..eu também sinto isso parece que no início da pandemia e do isolamento social lá no ano passado a gente tinha mais essa dificuldade porque nunca tinha lidado com isso agora parece que é tão natural neh. Eu também, eu fiz exatamente a mesma coisa. Comprei a barra, ignorei a barra e segui fazendo na cadeira então...porque é isso neh a gente acaba meio que se adaptando no início, achava que tinha que ter vários apetrechos. Eu comprei a barra, comprei o linóleo pra botar no chão e acabou que a gente vai meio que se adaptando naturalmente parece neh com as coisas e agora parece que é parte da rotina já mesmo que ainda meio estranho, claro, tudo em casa mas parece que é parte da rotina e eu queria ver se assim, se tu fosse falar pra outra pessoa, recomendar...tu recomendaria pra alguém que tem interesse em fazer dança tu recomendaria que fizesse *online*? Como que tu...

17:59 F2: Com certeza. Eu recomendaria porquê. **Hoje, até um pouquinho antes da pandemia eu conseguiria um horário presencial porque tem uma escola perto aqui que eu fui duas vezes pra tentar me matricular antes da pandemia e não consegui, não consegui. Eu disse assim "como uma escola famosa dessa eu peço pra fazer uma matrícula e não consigo" mas isso eu tive contato mas um pouquinho antes da pandemia eu pensei "vou voltar a fazer, então aqui tem oh..tem uma turma mas é no sábado, mas só sabado...mas vai" Mas não consegui nem isso e eu recomendaria...por...inclusive por diversas outras coisas , diversos outros assuntos porque você gerencia o seu**

horário, porque você não sofre se não é esse horário fixo e hoje eu tenho que trabalhar até mais tarde ou eu tenho trabalho da faculdade pra fazer ou eu tenho que estudar e você fica "mas eu to estudando mas não fui pra aula". Então assim, "eu vou estudar e depois eu faço a aula". Então o *online* ele facilita demais a vida das pessoas. Serve praquele que consegue controlar "ta eu vou fazer tais tais isso tal horário" pega e se programa praquilo e ele faz e praqueles que tem dificuldade como eu de fazer outras coisas por conta dos meus horários (inint) 19:20 Toda a escola se adequa ali eu fiz até curso de idioma que eles montaram uma turma diferente pra mim porque eu não conseguia fazer conforme as propostas deles. Eles diziam que não dava e assim, então assim **recomendo sim mas eu acho que as pessoas tem que procurar é o profissional, fazer algumas aulas pra ver se ele se adequa aquilo dali porque eu vi que nós temos diferentes tipos de profissionais que ensinam *online*.** Eu já vi aula de música que era até avançada, nem dava conta de fazer tudo porque eu ainda to no iniciante. Eu sei o que ele ta fazendo mas eu não consigo fazer mas assim, ele não explica então quem que vai conseguir acompanhar alguém que já ta bem avançado e que saiba tudo...então se a pessoa, se ela for iniciante então ela vai ter que se preocupar com o profissional que vai atender. Ai isso...ele tem que fazer umas aulas antes pra ver se ele tem, se ele consegue acompanhar, que tipo de atendimento que ele fez com esse profissional da área. **Já vi que a maior parte faz até uma aula por mês só pra conversar e falar de problema, de diversos profissionais que colocaram "hoje é a aula do problema, você vai falar qualquer problema que você tem". Tem uma que chamou SOS neh. A minha mesmo ela *couch* ela " hoje vou aplicar uma ferramenta de *couch* e aí a gente vai sentar e vai conversa e tudo o mais"** Então assim pessoa é uma excelente opção ta, mesmo que ela faça presencial ela pode complementar ali porque no presencial dificilmente a pessoa vai conseguir fazer todos os dias por exemplo. Então ela pode fazer presencial e complementar ou fazer *online*. Recomendo sim mas ela tem que olhar o profissional e ve o que ela precisa e ve se atende também as necessidades do contexto dela.

21:21 F1: E isso parece também uma questão que melhorou neh. Assim surgiu como uma possibilidade de poder escolher entre mais profissionais porque as vezes a gente ficava muito limitado as escolas que tem na nossa cidade ou até escolas, cidades menores as vezes tem uma escola só e na questão do *online* a gente pode fazer, por exemplo eu to aqui no Rio Grande do Sul posso fazer uma aula em São Paulo então é essa abertura neh. Tem muito mais escolha, muito mais professores dando aula no *online* e a gente tem essa...como se adequar encontrar um professor que ensine de um jeito que mais se adequa pra gente então acho que também é um ponto que surgiu como positivo assim disso tudo neh. E aí essa última pergunta é bem geral assim, não tem uma..eu queria mais era ouvir de ti o que que te motiva a dançar? Claro que tu já comentou um pouco questão de principalmente precisar fazer um exercício físico enfim mas e como que tu te sente ao dançar e ai claro é uma coisa bem abstrata neh mas essa questão de "aaah eu me sinto bem ou eu me sinto enfim". Como que tu te sente, se sente cansada enfim...porque eu sinto que parece que quando eu danço é e quando eu to fazendo aula mesmo que *online* e isso era uma dúvida que eu tinha antes e se quando eu...porque eu fazia presencial e mudei pro *online* e aí eu tinha essa dúvida "aaah se eu for fazer *online* será que vai ser a mesma coisa que eu sentia assim no momento e parece que sim. Eu pelo menos me sinto que parece esquece do mundo sabe, das coisas que tem lá fora e entro assim, mas claro essa é a minha experiência...queria ouvir de ti como que tu sente isso?

23:07 F2: É um pouco parecido porque eu sou uma pessoa muito agitada, sou uma pessoa muito nervosa e a..o momento que eu fiquei tranquila neh na vida era quando eu fazia ballet na pré escola e no momento que eu fazia natação e tênis então assim desde a questão de ficar com o corpo doendo de falta de flexibilidade depois de horas

trabalhando teve mas tem aquela questão também de ser mais tranquilo porque pra mim eu sempre fui tranquila mas um dia a secretária quando eu falei que eu sou tranquila a secretária do meu trabalho me falou antes da pandemia "o que que absurdo" porque não é e aí eu vi que eu sou ligada no 360 porque eu to trabalhando aqui mas eu vou e respondo ali e as vezes a pessoa é lenta demais e eu começo ah então vamos porque eu trabalhava direto com uma pessoa que era muito lenta e eu ficava "ta eu terminei" e ela "eu ainda não" e eu "mas ainda não?" E aí eu vi então pera um pouquinho e aí se eu chego a ficar estressada, cansada essa minha agitação ela é ruim pra mim e ela é ruim pra outra pessoa também porque eu já cheguei a gritar com a minha colega, eu falei "como eu grito com ela, eu não posso gritar com ela" tudo bem que eu esteja certa em algum aspecto mas gritar com ela não é o certo então assim "não, pera um pouquinho" eu tinha o melhor controle quando eu fazia uma atividade física então eu sinto isso porque eu paro, penso porque eu respiro e essa questão da dança pra mim é bem legal porque assim melhora a questão física mas a aquele tipo assim esqueci da onde eu to e consigo sentir a música no corpo, eu consigo ouvir e consigo sentir a música e isso me relaxa muito, muito. Então isso pra mim é muito bom mesmo sabendo que eu sou uma pessoa muito ruim nisso, bem ruim com questão física. Eu fiquei até impressionada de eu conseguir fazer tênis mas eu sei também que é porque é...tenho uma condição não tão boa quanto os colegas mas porque eu faço sempre eu acabo mesmo com o horário. Consegui fazer sempre do que outras pessoas que têm mais tempo e eu consigo melhorar mais rápido mas eu também sou uma pessoa que eu preciso entender primeiro pra depois fazer e ao voltar pro ballet eu não posso ficar lá lendo os livros, eu tenho que fazer a aula também e foi uma das coisas também que me fez buscar um outro curso *online* que é de anatomia da dança.

25:45 F1: Ahhh legal

25:46 F2: Eu faço também com uma fisioterapeuta porque bom eu to *online*. As vezes dependendo do tipo de aula se é na plataforma ou se a professora tá dando aula no *youtube* ela não tá me vendo. Quando ela dá aula pelo *meet* ela vê, ela corrige mas se eu errar alguma coisa? E aí eu fiquei bastante preocupada com isso e eu assistia a professora, ela é fisioterapeuta, ela deu um curso gratuito alguns sábados e eu fiz e aí eu ainda consegui entender tudo que ela falava e eu (divagando) 26:21 "pergunta pra ela" Eu posso fazer seu curso pago? Tem alguma instituição? E aí eu me inscrevi e isso me ajuda muito a ter a minha percepção por que toda a vez que eu for fazer qualquer coisa diferente que envolve conta já falo pra pessoa "se você pensar que eu to te sacaneando nananá não, olha eu sei ler e escrever, só! Fora saber ler e escrever o resto eu não sei, eu tenho dificuldade." Você olha e é pra mim e estudar anatomia e essa questão da dança como forma de também de você prevenir lesão e de você evitar que você já tenha...piore isso pra mim é ótimo eu tenho aprendido muito, muito com isso e isso tem me ajudado. Pra aula então e percepção corporal mesmo de ajudar e ver na hora eu achava que tava fazendo isso certo. Mas não tá assim, então o que que eu tenho que fazer pra melhorar.

27:22 F1: Eu sinto muito isso também...

27:22 F2: Mas assim pra mim é ótimo.

27:26 F1: Pois é, eu sinto exatamente a mesma coisa essa questão de precisar entender o que que o corpo tá fazendo parece que quando a gente entende fica mais fácil de fazer neh. Eu tive também na minha escola *online* também teve algumas aulas que foram sobre isso era uma menina que era nossa colega mas era formada em fisioterapia e ela também deu algumas aulas só sobre isso parece que as coisas mesmo que a gente já

saiba vão fazendo mais sentido neh. E parecia...essa questão da consciência corporal, quanto mais a gente se concentra no que que se tu sabe "aahh eu to mexendo tal musculo, essa articulação" a gente se concentra ali no corpo, no agora, no físico e parece que isso ajuda mais ainda nessa questão de conseguir se concentra e e esquece das outras coisas. Mas assim, foi muito bom conversa contigo eu acho que é legal porque a gente vai colhendo diferentes perspectivas assim e essa questão de ter começado a fazer ou voltado, que tu tinha feito quando era criança neh, durante a pandemia as vezes é uma coisa que pelo menos eu não tinha, no meu círculo antes de começar a pesquisa a maioria das pessoas eram contrárias. Eu tinha começado na...eu já fazia antes e ai na pandemia eu dei uma afastada então é legal a gente ver que também tem o lado contrário neh de quem não tava fazendo antes e começa a fazer agora então assim foi muito enriquecedor. Tenho certeza que vai ajudar bastante na pesquisa. Eu não sei se tem mais alguma coisa que tu queira acrescentar, que tu acha que deva falar, que não falou quando vê esqueceu...

29:07 F2: Não, eu acho assim você falou das pessoas eu vejo nas minhas colegas uma diversidade também tá. Gente que fazia presencial e por conta da pandemia foi pro *online* então tem colegas nessa situação. Tem colegas que fizeram ballet durante muito tempo, pararam neh por uma série de coisas e decidiram voltar agora e muito daquelas pessoas, também tem gente que nunca tinha feito e achava que não era capaz de fazer, que ballet não era uma coisa pra elas e elas descobriram que elas podem fazer. Então não sei se você vai entrevistar alguém desse tipo mas na minha turma a gente tem essa diversidade.

29:54 F1: Pois é, eu acho...tenho também entrevistado os que vão ser nesse sentido que não tinham feito e aí achavam que nem tinham contato, nem gostavam muitas vezes e acaba encontrando na dança um lugar assim confortável neh, que se sintam bem então é legal ouvir de vários ângulos assim. Mas eu te agradeço muito, pode falar, desculpa

30:19 F2: Essa é a primeira coisa, tem uma segunda coisa que nesse seminário da UNIFESP, eu não sei se você conhece aquela que tem um blog eu, bailarina...ela começou, a Tiana neh, ela começou ballet adulta já e ela fez uma especialização em dança e nesse seminário ela comentou uma coisa que chamou a atenção dela, olha na pandemia muitas abriram os cursos *online* mas muitos também não pensam numa evolução dessa bailarina adulta. Daí eu já vi alguns profissionais até quem não é, a gente já conversou isso com a minha professora neh. Uma evolução de você, a pessoa...tem gente que não quer subir nas pontas mas tem gente que quer. Então tem gente que quer avançar mas aí tem aqueles que não querem, quando a Tiana falou isso, isso fez muito sentido pra mim e a gente conversou e eu vi que as minhas colegas pensam isso também e aí a minha professora já começou a montar isso daí pra gente evoluir e eu vi que outros profissionais já pensaram assim também neh. Como é que eu atendo? A gente se preparou todo mundo pra um ballet adulto iniciante mas e aqueles que vão continuar? Como que eles evoluem nisso? O que que eles podem querer mais? Como eu atendo esse pessoal? Então eu já vi outros profissionais também pensando e já modificando o curso pra ir atendendo essas questões.

31:44 F1: Isso é importante neh porque as vezes a gente vê muitos cursos e turmas que...de ballet adulto que não pensam nessa evolução da bailarina, as vezes parece que fica sempre no mesmo e aí entrando e ensaiando, começa do início e aí quem já tava começa do início também que começou também e meio que eu acho que isso as vezes, claro tem pessoas que, como tu disse que não se importam, que não tem muito interesse de fazer alguma coisa ou

mesmo subir nas pontas ou enfim mas as vezes a pessoa ta ali porque quer...não sei é isso assim neh. É uma parte legal da dança e do ballet acho que as vezes quando a gente começa ballet umas das coisas mais assim sonhadas, muitas vezes é as pontas então eu acho interessante que tenha, esteja começando e...começando não mas que exista esse esforço de dar continuidade a essas turmas, não ficar só no iniciante neh porque acho que essa ideia também que a gente tinha "aah ballet é coisa de criança, aahh só começando criança que vai dar certo senão não tem" E acho que isso meio que já foi neh, claro que se a pessoa quiser ser uma bailarina profissional de uma companhia ta ok. Mas acho que do contrário não, acho que a dança é pra todos neh e acho que...é muito legal essa amplitude que a gente ta criando assim.

33:00 F2: Eu acho que isso daí ta crescendo muito e estão tomando consciência disso mas ainda é preciso quebrar muitas barreiras que é o que eu senti também no tênis quando eu falo vamo jogar pessoal "não isso é pra rico". Não, a minha raquete custou 150 reais. Eu não comprei uma raquete de 4 mil. Aquela de 4 mil é pra um profissional. Eu não sou uma tenista profissional, quero jogar e curtir então essa raquete aqui me atende. Mas eu ainda acho que melhorou muito porque muitas das minhas colegas que fazem viram que isso é besteira mas eu ainda acho que a gente precisa ainda ampliar isso, ampliar acesso e ampliar informação e isso vale pro tenis, isso vale pro ballet e vale pra outras coisas.

33:47 F1: Acaba criando um estigma neh, o ballet tem muito. Dentre todas as danças acho que as vezes o ballet é a que mais tem, não sei se por ser clássico ou porque tem essa ideia de "aah ballet também é uma coisa de rico, porque o ballet é caro, enfim" E é uma coisa que está se desconstruindo mas é ainda passinhos de formiga neh porque eu sou de Pelotas aqui no Rio Grande do Sul que é cidade do interior mas grandezinha e eu pra fazer o mestrado me mudei pra Porto Alegre e ai fui procurar uma escola em Porto Alegre e foi assim muito engraçado porque eu chegava e dizia tipo eu uso pontos mas sou iniciante nas pontas sabe e aí chegava e dizia, cheguei numa escola que, bem conhecida assim pra falar que eu queria fazer e tal e aí até a forma de me receber sabe eu senti que era diferente porque tipo como assim tu já tem tal idade, 22 anos, 21 na época e não é super avançada sabe e acho que isso ainda tem muito porque como assim tu ta começando agora e essa ideia de, que muitas escolas ainda permanecem, acho que principalmente as escolas que se dizem mais, não sei se mais antigas mas mais reconhecidas assim de alguma forma que querem criar essa ideia de que "aah não", enfim de parece que de dificultar o acesso de alguma forma neh ou elitizar não sei mas enfim por outro lado encontrei uma escola que me acolheu e por ter me acolhido eu consegui evoluir bastante mesmo *online* então a gente ve essas lições porque talvez se eu tivesse conseguido entrar numa escola como essa mesmo essa primeira que eu falei mesmo que tivessem me aceitado numa turma talvez não tivesse conseguido fazer uma escola como essa mesmo essa primeira que eu falei, mesmo que tivessem me aceitado numa turma talvez não tivesse conseguir evoluir tanto quanto evoluir na que eu entrei e agora tipo, eu vejo uma diferença muito grande de quando eu comecei lá nessa escola ano passado pra agora sabe então o quanto faz diferença esses esforços assim e como o *online* ta ai tipo, e a gente consegue ver os frutos...não é só aaahh to fazendo porque não tem outra coisa mas a gente consegue enxergar essa evolução assim então com é legal mas enfim fiquei tagarelando aqui, desculpa.

36:09 F2: Mas isso só que eu queria colocar mesmo porque nessas reuniões os colegas falam e a gente acaba sabendo por que cada um procurou seja fazia antes ou não porque que buscou entendeu, porque que melhorou, porque que o ballet trouxe pra vida de cada um então. A idade eu só vejo pontos positivos. E acabando a pandemia,

espero que acabe logo mas eu sei que não vai acabar tão cedo. Mas eu continuo no *online* e gosto muito porque eu consigo fazer diversas coisas no *online* que se fosse tudo presencial eu não conseguiria fazer nem metade.

36:54 F1: Eu acho que essa é uma questão importante assim da gente...encontro as vezes algumas pessoas por causa da pandemia no teu caso nem foi mas e ta seguindo e ta satisfeito com isso. Eu também penso que as aulas *online*, claro que pretendo voltar pro presencial mas acredito que não vou deixar as aulas *online* de lado. Mas é isso, te agradeço muito pela tua contribuição, foi mesmo muito importante assim e quando tiver, vai demorar um pouquinho, final do ano, início do outro ano quando tiver as coisas mais prontinhas eu vou encaminhar pra voces e eu pretendo enviar também uma, uma cópia impressa bonitinha mas ai a gente conversa mais pra frente. Mas eu já te agradeço muito pela tua participação.

37:40

FIM

APÊNDICE K – Transcrição de Entrevista 07

INÍCIO

[00:00]

F1: Eu começo te perguntando assim, pedindo pra que tu apresente então é apresentar tu como pessoa, como que é a tua relação com a dança, se tu já dançava antes da pandemia, começou a dançar na pandemia, se parou, se continuou e como que é isso assim...

F2: Na verdade eu danço desde os cinco anos de idade. E eu to com trinta hoje então faz bastante tempo. Teve só o intervalo no meio que eu fiquei sem dançar em grupo no caso durante a faculdade porque eu saí de casa e fiquei sem participar em função de aula e conhecer outra cidade e acabava que eu não conhecia. Mas eu comecei dançando no grupo de folclore alemão, a minha cidade é também de origem alemã. Eu comecei com quinze anos, acabei participando do CTG também lá na minha cidade e... não sei se pra ti é 01:11 (inint) perto de Santa Rosa eu sou de lá então nasci e dancei no grupo folclórico que tem o nome da cidade e no grupo de CTG também. Aí eu fui pra Bento Gonçalves fazer, fazer gastronomia 01:23 (inint) [trecho longo] 01:37 (inint) duas coisas que eu gosto comunicação e dança então 01:42 (inint) Depois que terminei fui pra Santa Maria fazer mestrado e lá eu acabei participando do CTG da UFSM 01:52 (inint) e aí então tipo dança eu to desde então neh. Agora eu não to mais em Santa Maria eu moro na cidade de Feliz aí pertinho de Porto Alegre e aí eu participo do grupo de folclore alemão.

F1: Ahh legal. Eu esqueci de comentar no início eu tenho algumas perguntas pra gente guiar a conversa mas assim bem uma conversa mesmo então se tiver alguma coisa que eu não te perguntar e tu achar interessante de trazer fica a vontade, se a gente for pra outro lado não tem problema. Essas perguntas são mais pra ir guiando assim mesmo. E agora que tu falou achei bem interessante. Eu faço parte de um grupo de de dança folclórica portuguesa então....

F2: Nossa, que legal.

F1: E danço ballet também aí são duas coisas diferentes...

F2: 02:39 (inint) na verdade era mais ginástica artística mesmo 02:43 (inint) aquele tipo de dança do colégio que aí é mais dança de rua e tal neh 02:50 (inint) de grupo de dança que participei mais, me envolvi mais é com o folclore alemão e com o tradicionalista.

F1: E assim, durante a pandemia agora como que foi pra ti essa relação com a dança, tu seguiu dançando ou teve que parar e aí se foi tipo se tu seguiu presencial ou seguiu remoto assim de alguma forma, como que foi?

F2: Na verdade a gente ta desde março do ano passado sem ensaio neh, no grupo assim daí quando teve que mandar fechar aí foi teve um ensaio ainda que ficou naquela e ai já mandou fechar tudo 03:24 (inint) agora final de semana que o pessoal voltou e eu acabei não indo ainda. Tem que aguardar um pouco pra ver como é que seria e tudo neh 03:34 (inint) confortável de participar do ensaio mas até que foram poucas pessoas que foram acho que o grupo são dez casais então eu acho que metade de gente acabou não indo ensaiar.

F1: É, acaba diminuindo neh....

F2: Sim. Teve várias meninas que falaram que não iriam, uma que estava um pouco gripada então pra não...risco e tal. Mas todo mundo de máscara 04:05 (inint)

F1: Sim, claro.

F2: 04:09 (inint) longo trecho com ruído no áudio. 04:34 (inint) E teve alguns grupos de Nova Petrópolis que organizaram algumas *lives* também daí tinha alguns vídeos das apresentações que a gente tinha feito antes neh, aí acabou inserindo também como todo mundo 04:44 (inint) mas assim dançar só em casa neh 04:50 (inint) Nada muito elaborado assim

F1: Aham. É a gente acabou tendo que mudar muito neh. Acho que num geral..aah, claro tudo mudou mas parece que a dança também mesmo que a gente ainda tenha mantido um contato que nem tu disse aah que permaneceram se comunicando, teve a questão das eleições também, teve as *lives* mas é uma coisa muito diferente neh do que a gente tinha antes ate o contato, a vivencia da dança como um todo assim e aí tu comentou que...tu ia falar, desculpa..

F2: Não 05:28 (inint)

F1: Tu comentou que a...viu algumas *lives*, alguns vídeos de dança pra tentar...enfim em casa mesmo neh, fazer...eu também fiz isso um pouco e lembro que no início eu tive que virar todos os móveis do quarto pra tentar achar um espacinho assim então como é que foi pra ti essa questão assim de....do espaço físico mesmo sabe, quando tu teve essa experiência dos vídeos e de tentar dançar em casa, se foi tranquilo ou se foi mais difícil ou se foi que nem eu que fiquei me batendo em tudo então como é que foi assim pra ti e essa questão também como é porque outra coisa que surgiu muito pra mim e aí quero ver se pra ti também foi assim eu também não faço nada fora de casa agora e meio que a casa virou o centro de tudo neh. É o trabalho, é estudo, é o lazer, é a própria dança tudo que a gente tinha fora acaba sendo dentro de casa e as vezes é difícil conciliar esses lugares. Então como que foi pra ti essa questão do espaço físico mesmo durante a pandemia pra dançar e tal...

F2: É eu moro sozinha neh então acabou que é nesse sentido mais fácil neh. Teve uma época que passei na casa da mãe também porque morar pra fora nessa pandemia já estava me deixando meio maluca. Eu não saía e não ia pra lugar nenhum neh aí eu acabei sem sair daqui então ta bom 06:59 (inint) um certo espaço na minha sala assim tipo na frente da TV mesmo até vira do lado a TV ou conectado o computador com a TV e aí acompanhava por ali 07:21 (inint) bem coladinha na mesa 07:24 (inint) dois metros por três assim, mais ou menos. É grandinho assim tipo, daí que foi indo...os passos 07:36 (inint) Daí é complicado porque eu tava acostumada a ter todos os dias o ensaio tu acaba não convivendo com as pessoas 08:05 (inint) Eu acredito que eu meio que me distanciei mesmo estando ali 08:14 (inint) Tem uma e outra pessoa que as vezes tu não conversa tanto fora do ensaio e tal outras que tu já tem uma vivência um pouco mais 08:26 (inint) o grupo em si já é mais pessoal mas mesmo assim essa questão é bastante 08:34 (inint) E são pessoas que gostam daquilo então não tem muita briga 08:41 (inint)

F1: Eu acho que assim um pouco da vivência de grupo também é muito, uma coisa que a gente sente muita falta neh. Eu...o meu grupo de dança folclórica a gente parou completamente na pandemia, teve alguns vídeos que a gente produziu mas assim coisas muito pontuais. De resto ficou completamente parado e a questão 09:11 (inint) tendo aulas *online*. O que era presencial meio que mudou pro *online* e assim de início eu me adaptei, fui indo mas foi uma coisa que eu não consegui manter pra esse ano assim sabe, eu comecei mas aí não tinha motivação, mais a questão do espaço, enfim...E o que eu mais

F2: 09:36 (inint) comecei a fazer academia 09:43 (inint)

F1: Parece que essa questão da constância no *online* é mais difícil neh da gente se manter ali e eu acho que muito disso é a falta dessa vivência do grupo porque querendo ou não quando eu ia pro ballet era um momento de encontrar, não só de dançar é claro que era de dançar, mas de encontrar as pessoas e se reunir, de sabe? Era uma confraternização querendo ou não, tinha todo o tempo esses de ir, se preparar e tal parece que tudo isso a gente perde e ai acabou que, eu acabei sentindo falta disso assim mas de toda a forma agora que eu parei completamente, não to dançando nem ballet nem dança folclórica eu sinto muita a falta da dança e vejo como mesmo durante a pandemia, mesmo em situações tipo a não era o adequado estar fazendo dentro do quarto, não era mas como mesmo assim eu sinto falta ate de fazer dentro do quarto sabe como tava sendo importante pra mim assim essa parte da dança. Ai queria ver contigo como que tu situa assim a importância da dança pra ti durante a pandemia desde essa questão de assistir vídeos ou mesmo de conversar com o grupo, de estar ali presente assim de alguma forma, o contexto todo da dança, como que tu vê essa importância porque a gente fala muito de importância da saúde mental e de cuidar disso agora na pandemia e eu sinto que pra mim ter deixado a dança foi uma questão um pouco delicada assim então como que é pra ti, como que tu situa isso assim...

F2: É até difícil falar mesmo assim, não sei como eu tive várias fases que eu estava bem envolvida outras nem tanto, mesmo o tempo que eu não estava dançando em dupla acaba acompanhando 11:34 (inint) Minha mãe era, participava do grupo na minha cidade 11:39 (inint) Daí agora não poder fazer praticamente nada a não ser virtual 11:50 (inint) fica olhando foto ou alguma coisa assim, fazer o 11:54 (inint) o *instagram* 11:58 (inint) ai acaba sendo complicado mas eu acho que era 12:04 (inint) sai daquilo pra procurar um trabalho, casa quando eu saio pra ir no mercado 12:15 (inint) ai acaba que tu não tem muito ânimo pra fazer as coisas não sei eu sou 12:26 (inint)

F1: Sim é eu acho que isso é, parece que fazem sentir um pouquinho mais próximo mesmo que não totalmente mas um pouquinho mais entrosado neh. E assim digamos que uma pessoa que não tem experiência com a dança, não dança no momento já dançou mas agora não assim...se tu recomendaria a vivência da dança virtual assim, assistir videos ou enfim ou que fossem aulas mesmo *online* de dança se tu recomendaria isso e porque assim.

F2: A com certeza neh porque além de fazer bem pra cabeça também vai fazer bem pro corpo querendo ou não. Tem uns amigos 13:25 (inint) os meus amigos que participam de grupo de dança folclórica 13:30 (inint) ai a professora 13:48 (inint) umas *lives* nos *instagram* e ai então 13:52 (inint) tentar conhecer os tipos de dança portuguesa é que eu não tenho muito contato mas agora eu fiquei curiosa e fui procurar alguma coisa pra saber pelo menos o que que é porque além do 14:21 (inint) a gente não sabe muita coisa 14:28 (inint) eu não conhecia antes e achei muito bacana conhecer 14:53 (inint)

F1: E essa parte que tu comentou "aah vou ate pesquisar" e como que tu falando me lembrou assim, me fez pensar como que a internet ajuda nisso neh porque as vezes é tão fácil, a gente digita e já encontra o tipo de dança que for e enfim, parece que é uma aproximação legal que a gente teve claro que não precisava da pandemia pra isso a gente já tinha isso disponível antes mas uma coisa que também eu percebi muito porque quando eu iniciei a fazer a pesquisa, essa especificamente o que eu imaginava e ai era o que eu imaginava mesmo não tinha nenhum embasamento mas que eu achava era que ia ter mais pessoas que tinham se desestimulado do que ao contrário, durante a pandemia, em relação a dança porque enfim a gente acabou passando por um momento difícil era o que

era presencial enfim e o que eu observei, claro que tinha as pessoas que deixaram de fazer porque se desestimularam, teve as que continuaram e mas uma parcela que eu achei interessante foram as pessoas que começaram a dançar durante a pandemia e que nunca tinham dançado antes mas aí durante a pandemia e através do *online* começaram a dançar então essa questão assim que acaba, de alguma forma esse virtual pode aproximar também tanto na questão de acessar os vídeos como a gente tava comentando e ser muito fácil de fazer isso, da gente ter acesso a isso. Outra questão também de outras pessoas que não tinham, não poderiam por n motivos antes dançar presencialmente agora tem essa oportunidade no *online* assim.

F2: 16:52 (inint) **continuaram fazendo as aulas *online* mesmo 17:09 (inint) e eu vi várias chamadas que tinha assim o pessoal "ahh que não participou ainda 17:14 (inint) e acaba sendo muito legal e instigante de alguma forma neh**

F1: É, parece que, claro que pra gente que já dançava antes e tu também já começou com a dança, inserida na dança muito cedo, eu também parece que não muda tanto mas a gente vê a dança abrindo pra mais pessoas, mais pessoas podendo estar se inserindo nisso porque antes a gente ainda tem um pouco dessa ideia de dança como um pouco fechada principalmente quando se fala de dança clássica por exemplo parece que é uma coisa muito fechada e não sei eu vejo, aí não é por causa da pandemia enfim mas parece que vem se abrindo um pouco mais pra englobar novas pessoas. Acho que isso é uma coisa bem legal. Mas enfim só um comentário aleatório. Agora essa pergunta assim é bem subjetiva então é o que tu achar mesmo, o que tu sentir, é o que que te motiva a dançar...e aí tanto no presencial quanto no *online* através dos vídeos...mas o que que te motiva a tipo "aah eu dançar" sabe....É uma questão difícil neh?

F2: 18:42 (inint) **As vezes porque tem...uma forma de conviver com as, as pessoas, conhecer 18:53 (inint)...aaah é um lazer, descontração, de conhecimento, 19:02 (inint) nunca tinha pensado em fazer naquela dança e vai 19:08 (inint) aprender aquilo ali neh, quando consegue realizar acaba sendo gratificante pelas pessoas e tal. Mas eu acho que é mais pra...não sei, gosto mesmo ali que eu tenho 19:27 (inint) pela arte, na verdade eu nunca cheguei a dançar 19:33 (inint) só que no final eu acabei 19:37 (inint) Querendo ou não é uma proximidade**

[o restante das falas da entrevistada encontram-se com excesso de ruído não sendo possível o término da transcrição]

APÊNDICE L – Transcrição de Entrevista 08

INÍCIO

[00:00]

F1: Tá então eu vou pedir que tu comece assim te apresentando também bem....bem simples mais a tua parte pessoal e também a relação com a dança se tu já dançava antes da pandemia, se continua dançando como que se deu essa história com a dança também....

F2: Eu sou xxxxxx, eu tenho 35 anos é...eu sou do interior de Goiás mas eu morei nove anos em Porto Alegre então eu fiz também mestrado e doutorado na UFRGS, na psico e tem dois anos...é tem dois anos que eu voltei pra Goiás pra poder trabalhar enfim foi uma questão de realmente assim precisar...necessidade de em relação ao mercado neh que Porto Alegre tava muito difícil assim e quando eu morei em Porto Alegre eu conheci, eu frequentava uma academia, eu malhava, enfim e eu conheci, eu me inscrevi nas aulas de dança, de zumba e me diziam que era diferentes ritmos que na época tinha muita influência de de ritmos, aula de ritmos não sei o que e eu não gostava muito assim porque eu não tinha uma ideia de que ritmos era ficar dançando axé, ficar dançando algumas coisas que eu não me interessava. E aí...enfim eu conheci a zumba e eu fui fazer as aulas experimentais, isso em...eu não sei se em 2013, 2014...alguma coisa assim e aí eu me encantei porque a zumba, pelo menos essas aulas que eu fazia com esses professores eram com ritmos latinos que é uma coisa que eu amo assim, de paixão assim...Eu digo que eu tenho uma alma meio...muito latino-americana assim porque no Brasil a gente não se considera latino-americano neh, a gente se considera brasileiro, como se tivesse numa ilha e eu me sinto muito latino-americana nesse sentido assim é...esses ritmos latinos eles me provocam uma coisa assim é...não sei como explicar...é sensorial assim, eu sinto o meu batimento cardíaco diferente, eu sinto que o meu corpo responde de um jeito diferente a isso mas eu...mas não sei...é mais, é mais do que só isso assim...é uma emoção é um negócio que me puxa, sei lá...é um negócio muito diferente que eu não consigo nem definir direito e aí eu me apaixonei desde criança neh esse fascínio, essa coisa com a cultura latina assim. Foi tipo aprende espanhol antes de aprender inglês, fui fazer coisas assim justamente pra me aproximar dessa cultura mais américa latina assim. E aí ta dancei bastante e tal daí eu fiquei um ano sem dançar porque eu fui fazer o doutorado sanduiche fora e acabei não me organizando pra e também naquela época não tinha neh...sei lá eu não ficava no youtube olhando e aprendendo coreografia, não sei o que...era presencial neh, a nossa vida era presencial. E aí que eu voltei, eu voltei pra essa mesma academia, com o mesmo professor 03:46 (inint) e continuei dançando. Aí depois que eu voltei, depois que eu vim pro lado de Porto Alegre eu fiquei, eu me lembro que esta questão, essa perca da dança foi uma das perdas mais difíceis pra mim (03:59) (inint) E eu fui, dar uma pesquisada, fiz alguma das aulas e a zumba era o que 04:25 (inint) ...isso pra mim nem é zumba, fica dançando um sertanejo universitário não é zumba pra mim, isso é outra coisa que inventaram entendeu? E eu lembro que eu ficava indignada e eu dizia "gente pelo amor de deus isso não é zumba, não façam isso, vocês estão assassinando a zumba, não é isso" E aí também não quis fazer porque eu não gosto de sertanejo, me irritava assim. Ter que dançar um negócio que não tinha nada a ver assim. E aí eu via também que muitos professores davam dizendo que era zumba e no fim era *fitdance* que era um negócio que também não sei da onde surgiu mas também não gostava, não combinava comigo assim daí eu lembro a minha angustia e falei cara vou começar a dançar no meu quarto assim 05:18 (inint) e vou dançar no quarto 05:20 (inint)

F1: Acho que deu uma travadinha só....

F2: Então 05:28 (inint) e achei alguns canais de 05:31 (inint) que eu gostei e que eram coreografias. Não idênticas as que eu já dancei em Porto Alegre e daí rolou assim aí eu fiquei um tempo dançando, isso antes da pandemia, isso foi em 2019 quando eu voltei. Daí veio a pandemia que eu já tava habituada a dançar neh, eu já estava dançando neh dentro de casa então, sei lá, pra mim foi...E eu me lembro que o meu professor ele começou a dar aulas 06:05 (inint) por causa disso quando eu dava aulas 06:17 (inint) então eu me escrevi e fazia essas aulas remotas com ele então eu deixei um pouquinho o canal de lado e fui dançar com ele ao vivo. Só que depois mudaram os meus horários eu senti que ele não tava também muito...não sei, não era a mesma coisa e aí eu parei de fazer com ele e voltei pro canal. É um canal específico que eu posso 06:47 (inint) Que mais? Só que aí, no meio dessa história toda eu me lembro bem porque eu estava só dançando neh e 06:59 (inint) Desde de março de 2020, depois que deu *lockdown* inicial que fechou tudo eu fiquei em casa muito comportada assim eu acho que eu fiz bem certinho.....acho que uns seis ou sete meses bem bonitinho de ficar trancada em casa assim, sei lá, sair uma vez por mês de casa, literalmente. E aí quando estava malhando e aí me machuquei daí eu ganhei uma bursite no quadril bilateral e não foi legal, eu não fiquei bem e tive que ir pra fisio, foi a coisa mais chata do mundo assim sabe. Aí parei um pouquinho de dançar e tal e daí enfim....É que na verdade foi assim eu tava dançando e eu ganhei a bursite em dezembro de 2019 então ainda não tava na pandemia e quando eu fui me recuperar que eu terminei a fisio daí eu fui pra academia que eu malhei um mês e parei um. E aí eu percebi que quando eu dançava meio forte eu chutava então eu dei uma maneirada assim mais ou menos mas assim dançar pra mim sempre foi sério o meu refúgio assim 08:38 (inint) uma sensação de endorfina no final da aula assim que era muito bom. É mas dançar era o meu refúgio, de verdade assim, era muito bom.

F1: Sim...eu acho que pra muitas pessoas a dança, e aí falando um pouquinho de mim também, eu vejo como isso, como um refúgio mesmo, como um lugar onde a gente vá, uma coisa que a gente faz e que parece que se sente melhor neh, não é só um exercício físico mas que de alguma forma nos afeta também a parte...enfim de saúde mental mesmo que é uma coisa que a gente acaba comentando muito e com razão durante a pandemia neh porque, muitas coisas mudaram e aí a gente...são coisas que a gente tem que tomar cuidado e aí, acredito que, não sei se tu acredita, não sei se tu penso também em relação a isso como que tu enxerga o papel da dança, claro que tu já dançava *online* antes neh, já usava o canal pra isso mas como tu vê o papel da dança durante a pandemia agora pra te manter saúde mental e essas questões mais assim, qual foi a importância da dança pra ti nesse processo da pandemia assim, como que tu coloca isso...

F2: Eu acho que a dança pra mim é maior ainda do que a própria pandemia. Por quê? Porque no meu caso a dança (olha só, é uma coisa muito intensa pra mim) porque a dança, a zumba especificamente ela me manteve conectada com as coisas de Porto Alegre que pra mim foi muito difícil sair de Porto Alegre assim e a dança, aquela zumba é o meu fio de ligação assim...claro tinha os meus amigos, eu tinha várias coisas em Porto Alegre que me neh...enfim...nove anos neh eu tive muitas relações em Porto Alegre, conheci muita gente...enfim...mas eu tava num momento já que aqui os meus melhores amigos também já tinham terminado o mestrado e o doutorado e tinham ido embora de Porto Alegre então tava mais solitária assim e a coisa do grupo de dança me mantinha assim conectada sabe então essa coisa de ser 11:00 (inint) a zumba foi muito assim um fiozinho assim que me seguro assim desse estresse de adaptação de um lugar que eu não queria ta, que era difícil, que me estressava e essa coisa de trancar a porta do quarto e nossa transformava o ambiente pra mim assim era outros quinhentos sabe então quer

dizer vem antes neh e na pandemia eu me olhava e fiquei extremamente confortável que ate que eu pensei assim "nossa to tão habituada olha assim 11:39 (inint) tanto que eu já tava acostumada assim então pra mim foi ótimo, foi uma... que eu tenho muito essa coisa do exercício físico neh pra mim é muito vital então a dança me 11:55 (inint)

F1: Isso é outra coisa que eu ia te pergunta assim que tu acabou trazendo assim nessa resposta. Como que foi pra ti, claro tu já dançava antes não foi uma mudança que aconteceu com a pandemia neh mas como que foi pra ti passar a dança que antes tu fazia enfim na academia, num lugar que os professores e passar pra dentro de casa, pra dentro do quarto assim e depois com a chegada da pandemia não sei se tu trabalha remoto mas ai passar também a parte do trabalho pra dentro de casa, como que foi essa relação assim....

F2: Olha...eu lembro que eu chorei muito quando eu tive que fazer isso, fiquei muito frustrada, muito assim, muito porque isso eu fui em outras academias procurar pra ver se eu fazia presencial neh porque quando eu voltei, eu voltei abril de 2019 pra Goiás então não tinha pandemia e eu me lembro que sério eu deixei uma aula assim, aquela zumba tava tão ruim, me irritou tanto assim que não tinha nada a ver com a sensação boa que eu tinha, sério eu deixei a aula chorando, fiquei muito irritada, me deu um...uma frustração, uma irritação assim de "aii isso não é zumba, alguém faz alguma coisa" e ninguém fazia nada. E depois também teve uma outra situação que eu questionei o professor assim ta mais zumba é com ritmos latinos e ele brigava comigo meio que não neh e tal e eu me revoltei também e nem fui mais na aula. Eu me sinto meio culpada assim de fazer esse tipo de coisa mais foi muito frustrante sabe, eu tava realmente precisando assim da zumba, zumba que eu não tinha neh então eu fiquei muito frustrada e aí depois com 13:38 (inint) eu poder usar o canal que as coreografias eram parecidas então eu acho que o grupo, o grupo 13:49 (inint) eu acho que o pessoal meio que 13:53 (inint) de Camboriú se eu não me engano. É....também acho que me aproximava com essa coisa do sul neh.

F1: Pois é eu acho que, eu fico pensando também nessa relação porque acaba que como tu mesma disse a dança acabou sendo o teu elo de ligação com Porto Alegre, com uma parte da tua vida assim então não sei, queria que, tu já falou um pouco é claro mas se tu pudesse aprofundar mais assim e falar mais sobre mesmo nem é questão de aprofundar mais comentar mais sobre o que te motiva a dançar assim no geral. E essa tua relação assim mesmo com a parte dos ritmos latinos que tu comentou que tu sente que te toca de alguma forma mais essa parte assim...

F2: O que me motiva a dançar? Eu acho que a coisa corporal ela é muito importante pra mim, eu sou muito corporal e essa coisa da...e eu percebo que a dança me ajudou muito a conhecer o meu corpo também sabe? Tipo ate mesmo entender o que que é isso que a música latina me causa....que me causa não só no corpo mas as emoções no meu corpo. Eu fico muito emocionada assim 15:23 (inint)..meu coração bate diferente e depois eu sinto uma energia assim diferente sabe...Sério eu me desligo das coisas que estão acontecendo, eu...a coisa da batida assim do ritmo latino me pega muito, muito, muito mas é isso não sei explicar o porque sabe mas a batida assim...o próprio 15:50 (inint) e tem umas músicas com umas batidas mais fortes, por exemplo as músicas com salsa, alguma música mais....que a bateria é mais forte ou que...é percussão esses instrumentos que a gente bate, tipo bateria?16:15 (inint) Isso pra mim...eu gosto, sério, eu paro tudo que eu to fazendo assim...eu fico...eu presto muito atenção sabe. A e eu também tenho essa coisa assim...que eu não sei porque eu fiz alguns anos de música 16:36 (inint) eu fiz piano...eu não sei se foi por isso mas eu tenho um ouvido pra música assim então eu consigo ver, eu consigo saber mais ou menos os instrumentos que estão tocando nas músicas assim, eu consigo

separar o som do violino, eu consigo captar umas coisas assim sabe então eu, eu....quando eu to ouvindo essas músicas eu consigo ir destrinchando elas assim e eu fico analisando elas assim, eu sou muito analítica na minha vida **mas com a música eu tenho muito isso também sabe, vou dar um exemplo se toca uma salsa mais marcante assim mais com a percussão mais marcada eu....parece que eu fico ouvindo só a batida da percussão assim sabe, eu consigo separar assim das outras coisas e tem 17:38 (inint) eu não sei o nome porque eu não sei porque eu to com bongo na cabeça que é um que se bate assim e ele faz um som....**

F1: Eu sei qual é mas também não me lembro o nome...mas....

F2: Tem vários tamborzinhos assim 17:58 (inint) **Gente eu sou alucinada que eu vi o barulho desse instrumento assim...é muito forte pra mim. E a música 18:07 (inint) Até porque as coreografias elas seguem um pouquinho da percussão neh**

F1: De alguma forma parece que o ritmo, a gente escuta e ele não sei mas afeta mais...Concordo contigo nessa questão da batida mais marcada assim eu danço ballet clássico que aí não tem a questão muito da batida marcada mas danço dança folclórica portuguesa também e aí 18:56 (inint) Tem muita batida também, vários instrumentos de percussão e...é como se fosse uma castanhola mas não é é um outro instrumento que bate assim então tem essa questão muito do ritmo e aquilo parece que conecta não sei com o ritmo do coração, com alguma coisa do corpo como um todo sabe e acho isso muito interessante porque é uma coisa que a gente não consegue as vezes medir assim mas acaba, é uma coisa que motiva muito neh, que afeta muito quando a gente ta dançando, mesmo quando ta só ouvindo a música parece que vai sentindo assim essa batida. E eu queria ver pra ti se fosse conversar com alguém que nunca fez dança ou nunca dançou ou que já dançou e não dança atualmente, se tu recomendaria a dança assim através do computador, dança *online* que que tu falaria assim....

F2: **Eu recomendaria. Eu acho que 19:58 (inint) Eu vejo muito isso como psicóloga e realmente 20:08 (inint) mas eu indicaria mas eu acho que tem gente que 20:17 (inint) mas eu recomendaria sim eu só acho que talvez não seja pra todo mundo 20:26 (inint)**

F1: No teu caso foi ao contrário neh, tu acabou te adaptando mais com a do virtual como pelo que tu comentou do que com a...no caso, na tua cidade agora com a que tinha presencialmente neh parece que essa chegada do *online*, do virtual, dessas plataformas mais como os vídeos do *youtube* mesmo que não só com a pandemia claro existiam antes possibilitou mais uma abertura pra dança porque talvez não tivesse prosseguido com a dança, tivesse sido mais difícil sem essa parte um pouco do *online*.

F2: Exatamente, exatamente eu tinha ficado seis anos 21:10 (inint) Eu não ia ficar dançando pra sempre aquelas 21:18 (inint) foi muito bom, foi muito legal 21:39 (inint) [trecho praticamente todo perdido pelo excesso de ruído no áudio]

F1: Eu te perguntei mais também essa questão, comentei essa questão do ritmo também, essa relação com...que é uma coisa que eu sinto e acho que tu comentou também que parece, o ritmo é uma coisa que motiva assim, porque...enfim...eu não trouxe isso no início da entrevista porque nem faz, não é exatamente o centro assim mas como a gente acabou conversando sobre tu comentaste que tu é psicóloga neh e fez doutorado também. Eu...justamente pela minha área de pesquisa assim que acabei tomando já na graduação e um pouco pelo que eu fui no mestrado também porque eu trabalho com as teorias do imaginário no mestrado. Então o que aproxima um

pouco com o inconsciente coletivo do Jung enfim vai por essa parte mais junguiana mas ai eu acabei agora no início dessa, da pandemia também...da pandemia não, no início, final do ano passado, início desse acabei começando a cursar psicologia também pra fazer essa, não sei parece que foi uma coisa que se relacionava sabe, justamente porque como o meu objeto da dança parecia que as vezes as nossas teorias que a gente tem mais tradicionais da comunicação não davam conta do objeto sabe porque ate a teoria do imaginário não é uma teoria tão clássica da comunicação, na verdade a gente tem mais, ta tomando um espaço ainda, principalmente aqui no Brasil mas as teorias que a gente tem clássica da comunicação vão muito mais pra um lado da materialidade só e não era isso que eu queria entender sabe, era isso e um pouco mais. Então é muito legal te ouvi falar desse sentimento que da dança acaba de alguma forma trazendo e afetando porque as vezes a gente pode ir muito pela questão da...aaahh a dança é boa pra nossa saúde física, com certeza mas como tem muito além disso neh.

F2: Muito mais, muito mais. Essa coisa do corpo assim eu sinto que é 23:58 (inint) [trecho todo perdido pelo excesso de ruído no áudio] 24:46 (inint)

F1: Eu queria te perguntar, não sei se tem alguma coisa que eu não te perguntei, que a gente não falou que tu acha interessante trazer, alguma...não sei quando vê passou alguma coisa a respeito disso, se tu acha que faça sentido também...

F2: Não, eu acho que eu tenho uma 25:07 (inint) que faz muito sentido neh 25:11 (inint) realmente tem a ver com experiência 25:16 (inint) [trecho todo perdido pelo excesso de ruído no áudio] 27:17 (inint)

F1: Acaba sendo muito um ponto importante, parece que nos constitui enquanto pessoa, enquanto sujeito essa relação com a dança . E aí eu fico pensando também quanto, claro pra ti já a mais algum tempo, já desde antes da pandemia pra...eu nunca tinha tido a experiência de...a não ser assim, "ahhh gravei um vídeo, vou olhar como eu tava dançando, vou repetir mas nunca tinha tido essas vivências da dança *online* ou usado alguma ferramenta *online* pra dançar mas é...acho que é interessante a gente pensar justamente nisso neh porque como tu disse muitas pessoas ainda de luto pelo que a gente perdeu presencial porque claro com certeza era diferente talvez não seja nem justo comparar o presencial com o *online* ate porque é bem diferente neh mas como a gente ganhou muito tendo essa possibilidade do *online* e surgiram novas possibilidades neh também como tu disse, tu teve a oportunidade fazer aulas com teu professor daqui que talvez fora do *online*, fora desse contexto não tivesse acontecido...

F2: É 28:29 (inint) vários países 28:31 (inint) com o *youtube*

F1: Parece que talvez que surja como uma forma de, claro, não ignorando os pontos negativos porque são muitos mas uma forma de agora com a dança *online* de talvez aproximar mais as pessoas da dança, possibilitar novas formas de contato que antes a gente não tinha.

F2: Exatamente mas isso sempre foi uma coisa importante pra mim 29:02 (inint) o espelho que eu tenho do guarda roupa do meio se eu abrir aqui essa porta tem um espelho que vai cortar metade do meu espaço pra dançar. Fora que neh o quarto da pessoa é pequeno e a minha com certeza 29:23 (inint) eu fico olhando pra tela pra dançar, enfim pra aprender as coreografias mas eu não me vejo 29:35 (inint) o vidro da janela espelha enfim...ai eu vejo mas eu não fico preocupada com isso. A minha preocupação realmente é aproveitar assim, a música 29:55 (inint)

F1: A gente consegue criar mesmo que com algumas dificuldades eu tive algumas, tive que mudar os móveis de lugar, várias vezes mas a gente vai aos poucos ainda mais agora que já passou um tempo do início da pandemia, nós tínhamos um pouquinho mais também que começou que já tá meio que mais acostumado a isso, a esse ambiente assim e vai naturalizando mais porque acho que aquele "baqui" existe. Quando a gente sai do presencial e vem pro *online* mas depois a gente vai, não sei se naturalizando é a palavra mas se acostumando neh com isso e tipo de alguma forma vai fazendo mais sentido mas eu te agradeço muito Lívia pela tua participação.

[FIM]

APÊNDICE M – Transcrição de Entrevista 09

INÍCIO

[00:00]

F1: Eu vou começar me apresentando eu acho pra gente se conhecer mais, mesmo que online assim...Então, eu sou Bibiana como eu disse no e-mail, eu faço mestrado em comunicação na UFRGS e a ideia da minha pesquisa é entender como que a gente, enquanto sociedade, principalmente enquanto sujeito cada um individual estamos no relacionando com a dança agora num momento de pandemia. Eai pra isso usando o computador, usando o celular ou qualquer meio assim através da internet e através das mídias enfim e a ideia é justamente fazer um mapeamento assim então não tem um certo e um errado, não é achar uma resposta final sobre aquilo mas sim entender tipo as diversas formas que isso está acontecendo então eu tracei algumas perguntas pra gente conversar assim, algumas linhas mas não é nada muito enrijecido então se tiver alguma coisa que eu não te perguntei e tu achar interessante de trazer, fica à vontade. Se a gente for pra outro lado, falar de outra coisa também tudo bem. Essas perguntas são só pra gente ir delineando a conversa mas é algo bem tranquilo. Aí eu queria ver se tu pode começar contando um pouco também da tua experiência com a dança e um pouco de ti também, da parte pessoal mas assim se tu já dançava antes da pandemia ou se isso começou com a pandemia enfim, como que é essa relação com o virtual agora, essas coisas...

F2: Bom, eu sou xxxxxxxx, eu tenho 19 anos e eu moro em São Caetano do Sul que é uma cidadezinha em São Paulo neh aqui na região metropolitana e eu sempre fui 01:37 (inint), sempre vivenciei muito os esportes neh. Tênis, handball, volêi, natação...sempre fiz muito de tudo. E a partir do ensino médio eu parei um pouco porque era uma coisa que eu fazia como hobby e eu não queria seguir profissionalmente eu queria seguir como hobby mas não era isso que dava certo no 01:57 (inint). Aí eu parei e eu falei "meu eu preciso fazer uma atividade física, o que eu faço? O que eu começo?" Então eu sempre gostei da dança 02:09 (inint) e eu sempre vi as minhas amigas no palco, sempre vi os outros no palco dançando e sempre admirei isso. Falei "cara se as pessoas estão lá sendo felizes e gostando e é uma coisa que você pode ser feliz e não precisa ser profissionalmente, é uma coisa que eu posso ir." E aí, inclusive 02:29 (inint), comecei a pesquisar, primeiramente eu acompanhava muito o *fitdance* no youtube e aí eu falei "meu eu quero fazer uma aula de *fitdance*" e aí eu pesquisei muito na minha cidade, uma escola de dança que chama Paris Artdança que oferecia uma aula de *fitdance*. Chamei a minha amiga xxxxxx porque eu tinha muita vergonha de fazer, tinha muita vergonha, eu não sabia e aí eu chamei ela e a gente fez uma aula experimental e aí eu gostei, amei muito e aí eu realmente comecei a fazer, eu comecei a fazer em maio de 2018 02:59 (inint) Eu falo que eu fazia porque hoje a escola não oferece mais o *fitdance*, não tem mais curso mas eu continuo na escola. Em 2018 a escola onde eu fiz o *fitdance*, no final do ano a escola tem espetáculos da Disney neh que eles pegam todas as modalidades, pegam o filme e o espetáculo da Disney e aí eu fui assistir com a minha amiga e aí tipo a gente sapateou por tudo, por todas as áreas, todos os motivos e aí em 2019 eu e a minha amiga também, a xxxxxx que fazia o *fitdance* a gente resolveu fazer dança contemporânea 03:32 (inint) E eu continuei a fazer o *fitdance* e a dança contemporânea, 03:35 (inint) com a professora Tânia. Uma hora por semana, uma hora e meia na verdade e eu falo que foi tipo a minha válvula de escape neh porque no ano de 2019 que foi um ano muito bom pra mim foi um ano tipo que era pura correria então foi um ano que eu ia....dançava, me expressava, me libertava então era muito importante. E aí veio 2020 e aí em 2020 eu falei "meu vou focar na

dança mesmo". E aí o *fitdance* acabou saindo da grade da escola continuei na dança contemporânea, comecei a fazer *jazz*, de segunda e quarta e sábado e comecei a fazer ballet de segunda e quarta e de sábado também. Então eu fazia *ballet*, *jazz* e contemporânea. Esses três. Ai isso em janeiro, fevereiro e março ai entrou a pandemia continuei normalmente *online* 04:25 (inint) fazendo *online*, aqui em casa mesmo e aí depois em 04:32 (inint) Mas ai voltou o ano e eu voltei pra escola e continuou também.

F1: Ta certo. Então eu acho que é legal essa tua vivência assim porque na verdade tu começou a algum tempo já, fazia alguns anos e foi tendo experiência com diversas modalidades. Então é legal porque uma vivência mais ampla também, mesmo que dentro da mesma escola tu consegue vivenciar diferentes tipos de dança. Ai tu falou também que durante a pandemia tu acabou fazendo, principalmente no ano passado...aaah virtualmente neh. Como que foi pra ti essa relação do espaço físico mesmo porque a gente acabou trazendo tudo pra dentro de casa então que em casa a gente usava como um lugar de descanso acabou virando um lugar pra descanso, pra estudo, pra trabalho, pra dança como foi pra ti lidar com esse espaço organizar tanto fisicamente quanto mentalmente também neh.

F2: Na escola de dança lá a gente tem três salas, duas menores e uma gigantesca então, principalmente no contemporâneo que a gente deitava, rolava, fazia rolamento, de tudo você tem um espaço gigantesco reduzido na sala da sua casa é muito diferente. Não posso reclamar que a sala da minha casa até que é um pouco grande, eu tinha até um espaço então eu apoiava o celular ou o computador no sofá '06:10 (inint) E aí apoiava e fazia ali, claro você conseguia esticar a perna toda, conseguia, você conseguia levantar os braços, andar quatro ou cinco passos? Não, não conseguia porque não tinha espaço então assim 06:38 (inint) Eu tive a oportunidade porque 06:49 (inint) diferente de algumas pessoas que eu conheço da dança que falaram "meu, eu não tenho espaço nenhum, eu não consigo." 06:55 (inint) Então o meu espaço eu posso dizer assim ele me permitiu dançar. dançar 100% igual na escola? Obvio que não. Mas ele me permitiu sim o deslocamento e até os professores trabalharam muito com a questão de movimentos pequenos neh, é faciais, de mão, perna e movimento até, é um desafio principalmente contemporânea ai cria uma sequência que você não precise sair do lugar, que você não precise se deslocar então esses ajustes dos professores também colaborou bastante porque não é todo mundo que tem espaço. Tinha gente com mais espaço que eu mas tinha gente também que não tinha espaço nenhum neh. Eu acho que, falando em questão de pandemia e estar em casa e não poder sair e quando chegava na hora da dança pra mim era muito eufórico porque assim podia 07:52 (inint) Ia propor um desafio, uma sequência, uma atividade 08:03 (inint) e continuar essa sequência que eu acho que a dança é muito uma sequência neh. Tanto uma sequência como uma não sequência e acho bem importante sabe eu falo "meu eu não posso parar, preciso muito como uma válvula de escape durante a tudo isso que a gente ta vivendo no momento pandêmico" é bem saudável mesmo.

F1: Eu tive que mudar todos os móveis do quarto pra conseguir fazer as aulas e aí, mas a gente, parece que agora a gente já ta mais, ao menos, ao que eu vejo assim mais adaptado com isso. Já faz um certo tempo entao meio que já naturalizamos assim. Eu não cheguei a ir na escola desde que começou a pandemia porque na verdade eu fazia em Porto Alegre que é a onde eu faço...(acho que eu travei, travei). Então foi isso eu fazia a dança, no início fazia na minha cidade que é Pelotas que é uma cidade vizinha a Porto Alegre, vizinha assim...umas três horas e aí eu fazia aqui e aí quando eu mudei pra Porto Alegre pro mestrado comecei a fazer lá e aí fiz sei lá algumas semanas e já veio a pandemia ai eu voltei pra Pelotas. Então eu não cheguei a voltar na escola desde que começou, então meio que esse processo assim parece que já faz muito tempo que a gente ta nisso então já naturalizou assim neh, não tem muito o que fazer.

F2: A gente aprendeu neh? A gente aprendeu a lidar com "aah eu tenho esse espaço, eu tenho que dançar aqui, eu tenho essa estrutura, vou utilizar ela" então eu acho que a gente, infelizmente nessas circunstâncias a gente aprendeu muito a tipo vê a parede que tem e vai ser isso.

F1: E aí tu comentou também que a dança meio que surgiu como uma válvula de escape assim neh pra essa monotonia que as vezes surgiu com a pandemia. Como que foi pra ti, como que tu considera o peso da dança em relação a isso de questão tanto de saúde física mas principalmente saúde mental que é uma coisa que a gente comenta muito na pandemia que é uma coisa que a gente precisa cuidar neh, principalmente nesse momento agora, então como que tu considera o papel da dança nisso assim pra parte da saúde mental?

F2: Eu acho assim...falando um pouquinho só da parte física a dança é essencial porque a gente precisa, cada um da sua maneira, se exercitar então é importante isso. Agora a saúde mental é...eu digo por que por exemplo eu sou uma pessoa que pensa muito então assim penso, crio teorias assim penso comigo mesmo e assim vai indo então eu tenho essa constante noção. A gente não tem essa visão de futuro neh, a gente não sabe o que vai acontecer, não sabe quantas pessoas vão morrer amanhã, não sabe quem tá infectada, não sabe o que vai 10:54 (inint) não sabe se vai piorar, não sabe se vai melhorar então essa incôstância de não saber como vai ser o nosso futuro, se vai ser pior ou se vai ser melhor. A gente pegar o jornal e falar "meu 500 mortes, 700 mortos" 11:09 (inint) Então assim você ligar o jornal e ver que as coisas estão feias neh e aí acho que a gente entra muito na neura neh porque assim eu sempre fui uma pessoa de fora de casa, sempre estudei fora de casa, sempre fiz atividade fora de casa, sempre saí, sempre vi minhas tias, meus tios, meus primos, meus colegas então eu sempre fui uma pessoa que ficava o dia inteiro fora de casa e principalmente em 2019 eu saía de casa tipo sei lá seis e meia pra ir pra escola e voltava oito horas, nove horas então era o dia inteiro fora de casa aí muda pra 2020 você fica o dia inteiro em casa, o dia inteiro que você para, pega o notebook vê a aula da faculdade, aí você vai almoçar, aí você "aah vou fazer uma lição" mas assim você vê o dia passando neh porque você abre a janela aí você não vê as pessoas na rua, você não pega um ônibus lotado, um trem, eu falo que assim minha maior saudade é andar de metrô lotado, sete horas da manhã. Pode parecer insano mas hoje bate a saudade de poder acordar e sair de casa 12:14 (inint) Eu acho que é importante porque você tinha a possibilidade de se imaginar ou criar noções novas. Eu imagino que essa sequência lá na frente eu posso juntar com essa aí a gente pode juntar 12:40 (inint) Pelo menos desenvolver essa criatividade minha, dentro de casa por mais que tenha limitações me ajudou bastante porque essa maneira de pensar, eu pude pensar na dança neh 12:58 (inint) Mas é um obstáculo que você tem que pensar 13:06 (Inint) Eu digo pra mim que ajudou muito como válvula de escape, ajudou na questão de ter atividade, de desenvolver uma criatividade neh porque antigamente na dança você tinha a sala enorme então você pensa coisas e até meio repetitivo agora não. Meu é 13:26 (inint) você pensa nisso. Saia fora da sua caixinha que você está acostumado e veja como se desenvolver então eu acho que isso foi bem importante na questão de atividade, de pensamento e também claro de ser..."meu eu preciso fazer alguma coisa porque se eu ficar aqui parado vendo notícia, jornal todo o dia vou surtar" então eu posso cuidar a saúde mental.

F1: E parece que agora eu te ouvindo falar eu fiquei pensando como que a gente, claro não é querer ver um lado bom disso tudo porque com certeza tem muitos e praticamente só lados ruins mas dá pra gente pensar como que vivendo a dança agora dentro de casa e através da tela do computador ou do celular surgem novas possibilidades neh que até a gente não pensava pra dança e isso de talvez de deixar, fica um pouco mais lento mas a gente consegue pensar mais no processo neh talvez dar mais atenção a outros detalhes, outras coisas então parece que

surge novas possibilidades também aí numa questão mais geral assim como que a gente vê por exemplo talvez pessoas que não tenham contato com a dança, nunca tinham tido tenham a oportunidade de fazer porque sei lá é de casa porque as vezes não teriam tempo e acaba surgindo virtual neh então claro não tem nem como a gente comparar e eu acho que até é injusto a gente comparar o que era presencial com o virtual mas parece que vão surgindo novas coisas nesse virtual que não é mais só uma réplica do presencial mas que ganha características próprias neh. Essa dança que a gente vai tendo virtualmente e aí assim queria ver se tu conversasse com alguém que nunca fez dança ou que fez e deixou de fazer por algum motivo....Se tu recomendaria a dança assim virtual, através de uma plataforma...enfim...

F2: Então só um comentário sobre o que você falou eu achei muito legal porque por exemplo no contemporâneo que eu faço nós fazemos movimentos que depende neh aahh de rolamento, de tudo. Então a gente usa muito o corpo 15:36 (inint) Eu pouco me importava com as minhas mãos neh, eu pouco utilizava as mãos, as mãos pra mim era um apoio, era uma coisa que você flexionava no chão pra fazer os movimentos e aí teve um dia na dança contemporânea que a professora passou um exercício com as mãos '15:52 (inint) Tinha que fazer uma sequência, uma coisinha simbólica não lembro qual que era a nossa referência mas ela falou "meu é eu quero que vocês montem uma sequência com a mão de vocês, com as duas mãos aahh e uma vai engolir a outra, uma vai interagir com a outra não sei, montem uma sequência" e a Karen e o Mateus, que eu não sou o melhor dançarino do mundo, eu fiz uma sequência tão legal e tão bacana com as minhas mãos, pensei no movimento e em toda uma questão que coisa que se fosse pessoalmente, fisicamente eu estaria nem aí pra ela sabe então é um detalhe que mas que as mãos fazem parte do seu corpo, fazem parte da sua coreografia e elas te ajudam muito a dançar então detalhes que muitas vezes passam despercebidos pelo presencial que eu pude perceber quando a uma atenção maior pelo online e também tem a questão da dança em casa neh. A minha escola tem quarenta anos então é perto de São Paulo então na escola tem gente de São Caetano, São Bernardo, Santo André, São Paulo 16:49 (inint) Só que com a internet, com o online tinha gente do Rio, gente de Brasília, gente de Recife e tinha até gente do Canadá, da Austrália então isso que eu achei legal sabe é querendo ou não o presencial, perdão o online permitiu que pessoas de outros lugares, outras regiões viessem pra cá porque as vezes não tinha uma escola perto da pessoa, não tinha um professor especializado perto da pessoa então ajudou muito neh e respondendo a sua última pergunta eu recomendaria...é muito complicado. Eu recomendaria se você não tem a possibilidade do presencial. 17:34 (inint) Essa questão do online eu consegui aprender muito 17:39 (inint) Eu sou uma pessoa que gosto muito do presencial e o presencial é muito importante tanto pelas limitações que a gente já falou aqui, em casa a gente tem diversas limitações. Então a gente teve um ponto positivo de saber lidar e é, saltar esses obstáculos que eram as limitações. Mas assim, nada pra mim vai ser melhor do que ter aquela sala gigantesca onde dá pra fazer todos os movimentos, pra rolar, fazer uma ponte, fazer uma sereia, deslocamento sabe? 18:10 (inint) Eu recomendaria só se dissesse assim "meu quero fazer" 18:15 (inint) Mas eu Mateus como pessoa é não consigo viver, continuar no online sabe. Acho a 18:28 (inint) válida e ela continua sendo válida pela 18:31 (inint) Vai pela circunstância de não ter um lugar, não tem um profissional eu acho válido mas acho também que eu prefiro mil vezes o presencial e não trocaria também porque acho que não há, infelizmente muitas técnicas passam despercebido neh 18:58 (inint) O professor não conseguia ver o pé de todo mundo fazendo o movimento, não conseguia ver se a perna tava subindo, se, sei lá, a coluna tava bem posicionada então assim é o que as pessoas falavam a gente, a gente vai fazer os movimentos, vai fazer umas coisas mais assim a técnica mesmo ela fica um pouco de lado porque o professor não consegue, o professor tem que fazer pra todo mundo vê e o professor tem que acompanhar e com o celular ou com o computador

o espaço é pequeno então eu acho que eu recomendo em pontos distintos. Se você tem a possibilidade de ir pro presencial e pro *online* eu preferiria e recomendo eu acho que a escola também, a socialização, o ambiente traz várias outras coisas Se você não tem 19:39 (inint) É a melhor opção também porque já que não tem opção não vamos ficar parados, vamos fazer.

F1: Isso que tu trouxe da técnica neh e como que não tem como o professor ta tão ali presente eu não tinha pensado mas na verdade faz muito sentido eu também faço ballet mas eu faço dança folclórica portuguesa também mas acho que na questão, atualmente neh, fiz outras coisas mas agora faço isso e na pandemia fiz um pouco de *jazz* e ai não bateu com os meus horários e eu acabei saindo. Mas a questão do ballet eu vejo que, acho que pra ti deve ser assim também já tinha pego a essência da técnica antes, no presencial então era mais fácil dar continuidade no *online*. Mas eu fico imaginando que pra quem nunca teve contato e vai começar uma aula por exemplo de ballet que tem muita técnica, tem que pensar em muitas coisas e virá a chaves que antes da gente fazer a gente não pensa sobre aquilo talvez seja mais difícil porque ai claro é as vezes sei lá trava ou o professor não ta ali pra te olhar cada detalhe do corpo sabe então faz muito sentido talvez pra quem já fazia continuar acaba sendo mais fácil do que as vezes começar *online* claro que se tratando de uma dança que tenha mais uma técnica assim, mais rígida se for uma dança experimental acredito que não tenha tanta, não entre tanto isso neh. Mas essa questão acho que é interessante de se pensar assim.

F2: Sim eu acho que, por exemplo se você pegar um *fitdance* ou uma *zumba* neh são danças muitas vezes coreografadas, movimentadas. Eu acho muito mais fácil que o presencial se supra 100% mas ai você pega um ballet que é pura técnica e assim é posição de braços, posição de pernas, postura ai eu pego assim e subia tal grau mas tem que pular assim, você tem que ir pra frente, tem que ir pra trás e a gente sabe que a nossa conexão de internet no Brasil, o Brasil não é um país que todo mundo tem acesso a internet no mundo. Não é todo mundo que tem os melhores dispositivos então eu acho que modalidades como o *ballet*, *jazz* também que puxa muito neh e tantas outras perderam muito neh. 21:54 (inint) Eu Matheus eu entendo o começo do ballet, o comecinho 22:00 (inint) O primeiro ano, o preparatório do ballet é totalmente o básico e ai eu comecei, ai no meu terceiro mês já entrou pra pandemia 22:12 (inint) Sabe eu nunca me esqueço também da professora ensinou no *online* um movimento que chama 22:24 (inint) Não ia entendeu. Quando eu voltei do pro presencial a professora ensinou e eu aprendi sabe. Então danças que envolvem técnicas de eu acho que...claro 22:44 (inint) mas que envolve técnica muito complexa a questão do *online* porque não dá pra fazer eu acho que assim se for por um período e claro um período que a gente quer que seja mais curto possível durante o tempo que for agora que voltou mas acho que perde muito a qualidade sabe. Por exemplo eu fiz o preparatório, o primeiro ano, ano passado do ballet 23:11 (inint) porque sabe a gente fazia mas entre aspas a gente não aprendia as coisas pra você continuar no segundo, no terceiro, no quarto sem ter uma base correta primeiro eu to meio que 23:28 (inint) a minha turma ta meio que terminando barra refazendo tudo sabe porque não aprendeu pra progredir.

F1: É, é mais uma questão de manter do que pra não perder aquilo que já se tinha do que pra acrescentar coisas novas neh, acho que claro vale pra manter porque senão a gente fica parado e até o próprio corpo acaba enferrujando assim digamos mas pra aprender coisas novas acho que é mais difícil mesmo até dentro da própria dança se já se tinha começado a aprender novos passos e tudo o mais acaba dificultando. E assim essa é uma pergunta bem é mais pra encerrar mas também pra é bem pessoal assim queria ouvi de ti o que que te motiva a dançar, a gente já conversou um pouco mas ai pra aprofundar mais sobre isso assim e o que que tu sente ao estar

dançando ali no momento da dança sabe e aí pode ser tipo qualquer coisa não tem pra conversar um pouco sobre isso assim.

F2: Sim é, eu sempre falo neh dança pra mim é liberdade, liberdade de expressão, liberdade de conhecimento, liberdade. Eu falo que a dança ela liberta eu falo que assim se eu pudesse recomendar eu falaria pra todo mundo, faz a dança. Ahh eu não gosto de ballet não gosto de jazz, não importa faz um tango, faz um flamenco, faz uma...uma...qualquer coisa, samba, funk, forró, faz o que você quiser e gostar mas faça porque é assim é muito libertador, é muito interessante. Antes de eu começar na dança mesmo eu fazia academia, no sesc aqui em São Paulo e de vez em quando eu tinha umas atividades de dança e eu me lembro uma vez que teve dança *bollywoodiana*, uma dança da Índia. E meu é tipo uma hora por semana, é uma atividade, um *workshop* ali e eu amei, foi uma dança muito legal e aí eu vejo que a dança ela é múltipla neh. A dança da Índia foi uma dança totalmente diferente da Argentina. 25:29 (inint) Uma dança totalmente diferente da Mexicana neh e a gente sabe que a dança tem muito haver com a cultura, dos países, dos povos então eu acho que a dança ela ensina muito. A dança é história neh, você aprender como aquele movimento foi feito. A pessoa simplesmente, sei lá, cruzou os dois pés juntos e falou "essa posição x". Não. Tipo tem uma história, tem uma cultura, então a dança ensina e a dança é muito cultura mas pra mim dança é muito liberdade sabe de 25:58 (inint) Numa sequencia, fazer uma sequencia junta com mais outras pessoas que juntos formamos uma apresentação, essa apresentação que vai ser mostrada que vai ser vista por pessoas, que vai ser aplaudida, que vai ser admirada então é liberdade. Então no contemporâneo que eu puxo muito o saco mas eu acho muito incrível, a professora Tania ela sempre monta sequencias, e ela fala pra gente monta sequencias e é pra gente montar como quiser, montar uma sequência que demonstre sei lá a minha insatisfação no trabalho, uma sequência que mostre a minha alegria na escola, uma sequência que demonstre sei lá, uma vida profissional que não ta indo bem então é...eu gosto muito disso porque a gente consegue colocar tudo o que a gente ta sentindo, o que a gente quer expor e o que a gente quer demonstrar e que muitas vezes a gente não consegue ou a gente não quer por palavras neh, não quer falar, não quer dizer, não quer refletir, não quer escrever então a gente consegue fazer esse movimento porque as vezes as pessoas nem vão entender, as vezes elas vão pensar "meu que que é isso que a pessoa ta dançando mas pra você tem um significado. Então sabe 27:01 (inint) porque aquilo está sendo feito, porque daquilo existir e você ter essa liberdade e precisa, desabafa mesmo com você, na sua dança, na sua sequência é muito importante. Eu sempre vi minhas amigas no palco dançando, eu sempre estive na plateia e eu sempre admirei e achei lindo. Em 2019 quando subi a primeira vez no palco pra dançar cara eu falei "meu é surreal a energia" é surreal neh. O dia de palco é tão aguardado, lá na sala a gente tem dois, o do meio do ano e o do final do ano, os espetáculos então o dia de palco é muito aguardado por todos porque é um momento que você vai se libertar ali você vai se expressar. As pessoas vão te ver, vão dar atenção pra você, você vai ser aplaudida 27:51 (inint) Então eu acho que a dança é muito de, é um processo de 28:00 (inint) Mas também é um processo muito sociável na nossa individualização então por isso que eu gosto da dança com esse, eu falo que a dança é uma loucura, a gente faz tudo nela, dança de tudo, conhece novas pessoas também que eu acho importante esse conhecimento, essa partilha de notícias, acontecimentos nossa 28:22 (inint) por causa da dança sabe então esse conhecimento de novas pessoas, de novas realidades e você vê que a dança consegue unir a todos, ela consegue ajudar a todos é cara, é tipo primordial pra mim, primordial.

F1: É e isso que tu traz assim desse anseio pelo palco e só de...eu acho que a sensação do palco é alguma coisa que talvez a gente não consiga replicar pro *online* porque por mais que se fizesse...sei lá eu ate acontecendo espetáculos

por *live* ou ao vivo mesmo uma transmissão, ao vivo assim mas eu não participei de nenhum então eu posso dizer da experiência como é mas eu acredito que não dê pra comparar com o momento do palco presencial sabe então...

F2: Eu acho que quando eu falo tanto neh que eu sempre vejo as pessoas no palco, eu sempre me quis ver no palco neh e aí em 2019 foi o meu primeiro espetáculo do meio do ano porque lá na minha escola no meio do ano é livre, cada modalidade, cada professor faz o que bem entender, fica a vontade no final do ano a gente segue um filme que é muito filme da *Disney* neh a gente segue essa linha e aí eu lembro que no...em junho, julho, acho que foi em junho que a gente monto o espetáculo que a gente foi dançar meu a gente tava super nervoso, super nervoso aí eu falo "não a gente tem que sair assim, a gente tem que fazer assim, o movimento é esse, depois desse é o movimento tal, o movimento tal" aí tanto que uma amiga viro pra mim e falo assim "meu calma, fica tranquilo seu corpo sabe. Vai lá e arrasa, tá tudo certo." E aí a gente foi pro palco e deu super certo, eu lembro que a primeira apresentação justamente que entrou foi da, uma música da Glória Groove que era bumbum de ouro com buzina da Pablo Vittar que era do *fitdance* neh. Eu fiquei "mano do céu eu vou tá em 30:18 (inint) pra um monte de pessoas tipo as pessoas vão achar que a gente é loco neh, tá aqui dançando." Mas aí foi tão legal, tão incrível assim sabe você vê as pessoas gostando, te parabenizando aí no final do ano que a gente dançou eu esperava que 30:31 (inint) e aí sabe essa questão de poder chamar a minha família, pode chamar os meus amigos pra ir e depois você sai e você fala todo mundo "meu amei, foi incrível, você dançou super" aquela turma foi legal, a música, o tema, aí você recebe tantos elogios, tantos carinhos também neh e acho que nada supera o dia do palco, claro a gente trabalha o ano inteiro, a gente dança o ano inteiro não só pro dia do palco mas sim pra aprender, pra conviver e tudo mais mas eu acho que no dia do palco a gente já sabe o que acontece neh e 31:00 (inint) e aí tipo o ano passado que não teve, cara pra todo mundo na escola tipo a maior tristeza do mundo porque a gente espera ansiosamente o dia, a gente já sabe um ano antes quando vai ser o dia e o que a gente vai dançar e aí a gente, quando começou a gente tava numa vibe que não vai ter aí cancelou do meio do ano, aí cancelou do final do ano. Aí esse ano vai ter ou não vai ter porque a gente tá maio, não tá nada bom também então acho que 31:32 (inint) Pelo menos a minha escola é assim. Não é uma escola profissional, é uma escola que claro é muito mais as pessoas 31:45 (inint) aí eu acho que lá as pessoas tentam, os professores de dança tentam muito passar "meu dance, seja feliz, seja você, erra erro, acerta acertou e aí segue, bola pra frente então isso aqui 31:59 (inint)

F1: Sim...é eu passei por uma coisa bem parecida assim na minha escola a gente também tem do meio do ano e do final e aí quando começou a pandemia a ideia e a do meio do ano geralmente é uma gala então é meio que uma aula coreografada assim e claro tem...e alguns solos então a gente começou ensaiando, a professora mandava vídeos e a gente ensaiava pra gala jurando que sei lá em dois meses ia tá tudo bem e ia voltar e aí foi a mesma coisa tá não vai ter a do meio do ano, mas vamos seguir ensaiando pro final do ano aí enfim, ensaiando *online* neh que era bem difícil "aahh fulano tá pro lado errado, giro pro lado errado, que a tela tava espelhada enfim...

F2: Sim.

F1: Mas aí acabou que a gente saiu um pouco daí viu que não ia dar e parou também então acho que esses "baquis" que a gente teve de que tava ansioso pra voltar e achava que ia e não ia acaba meio que gerando uma certa frustração assim também neh

F2: Sim eu acho que, na minha escola a gente não chegou a ensaiar junto. A questão do palco ficou sempre muito em aberto e a gente via que tava se aproximando e ia lá e simplesmente 33:20 (inint) **Mas realmente é muito**

frustrante sabe você não ter tudo neh. Porque querendo ou não você espera o ano inteiro praquilo e eu não sei como foi aqui mas tipo em São Paulo ficou fechada as escolas ate setembro e aí voltou. Meu, voltou em setembro e "eu falei, maravilhoso, vou continuar". Ai eu voltei pra dança, aí eu arranjei trabalho no shopping ai fiquei ate novembro e dezembro ai não fiz a dança mas eu consegui apresentar o ballet. Aí eu comecei em janeiro normal neh, janeiro e fevereiro aí em março fechou de novo, meu ai parece que foi muito pior as coisas porque assim: tudo fechado de novo, espaço fechado de novo, o medo lá fora também mas assim ter que lidar com todos aqueles problemas de novo sabe, por uma segunda vez ai eu falei assim "não, pra mim não dá" falei "gente, não fico *online*, quando voltar presencial e estiver seguro eu volto. Quando a professora falou pra mim "ai 34:16 (inint) Não quero surtar de novo neh, não dá mais neh. Tanto que não foi só eu, outras pessoas falaram não pro *online* pra mim não dá, *online* não dá. Tanto porque não tem espaço, tanto porque meu, sem condições sabe, não dá. A dança não é desenvolvida. E ai agora voltou neh e aí tipo eu to morrendo de ansiedade pra voltar pra dança, pra ir todo o dia porque é igual o que você falou, muito liberto mas vamo espera que os número melhorar mais as frustrações é eu acho que querendo ou não ajudou não sei se seria a coisa certa mas fez a gente aprender um pouco a lidar com as frustrações que a dança não é só ser infelizmente a gente sabe disso então eu acho que é um pouco a lidar com as frustrações.

F1: Pois é e tu não voltou então agora tu parou tipo de fazer *online* também?

F2: Sim. Eu tava até março no presencial porque tava normal e aí fechou as escolas aí eu falei "meu não vou fazer o *online*, ano passado fiz o ano inteiro *online*. O ano inteiro, todo o dia, de boas. Ai esse ano eu falei pra minha profe "pro, não dá, *online* pra mim é uma coisa...já deu, já deu o que aprendi, aprendi com ele, o que surtei, surtei com ele agora não mais e ai daqui a pouco espero que vá pro presencial mas as aulas *online* tiveram esse ano, voltaram mas não consegui voltar 35:40 (inint) parece que traz uma lembrança criativa, uma nostalgia 35:44 (inint) Ai tem que trabalhar com esse espaço novamente, com essa estrutura, neh porque é o que eu falei muito pra minha professora parece que a gente tinha uma liberdade lá me 2019, 2020 ela foi captura da gente e aí ela foi devolvida pra gente lá no final do ano ai a gente pode ter essa liberdade de voltar, liberdade entre aspas claro com máscara, álcool em gel com tudo. Ai você tem essa, esse direito reconquistado ai tipo 36:16 (inint) É um *looping* eterno desse vai e volta então 36:21 (inint)

F1: Sim...foi exatamente o que aconteceu comigo eu fiz ano passado, o tempo todo, *online* daí fazia um cinco dias na maior parte das vezes e eu não cheguei a voltar pro presencial agora enfim como eu te disse eu segui no *online* e aí eu fiz *online* ate bem assim ate março. Ai abril pra mim já foi bem sabe, desgastante assim porque parece assim que vai cansando e assim acho que é uma experiência muito minha, vejo que tua também mas eu entrevistei pessoas que disseram nossa eu me encontrei muito mais no *online* sabe, então como que 37:02 (inint) eu senti justamente isso como um cansaço e antes pra mim ir pra dança ou ir ate a escola, todo o processo de me arrumar pra ir, eu ia de *uber* pega o *uber* sai lá com o coque lá e chega lá e fica um tempo antes, tudo isso era um momento prazeroso e aí começou a ser durante parece, durante a pandemia assim e agora mais por ultimo mais frustrante porque chegava perto e eu pensava puts *online* de novo sabe. Então acho que é uma experiência nossa mas como tem diversas experiências assim porque tem pessoas também que começaram no *online* e se apaixonaram então como que vai variando assim neh e acho que vai muito de pessoa pra pessoa neh.

F2: Sim acho que é bem isso que você falou parte de pessoa pra pessoa. Lá na escola a maioria das pessoas não gostava muito do *online*, faziam mas assim bem tipo faço porque é a única opção que temos. Muita gente falou e fez *online* mas muita gente continuou 38:01 (inint) Mas eu falei "meu pra mim o *online* não dá não" e eu concordo cem por cento com o que você falou neh, por exemplo a minha escola de dança é pertinho de casa mas eu vou a pé sabe então se pará pra pensar meu, cara daqui a cinco minutos tenho que me trocar, tomo o meu cafezinho, faço as minhas coisinhas, meu zarpar porque daqui a pouco vai dá o horário e eu tenho que chegar lá a tempo. Então esse ritual pra mim, pro processo de ir, de chegar ate lá porque eu vou andando neh que eu gosto de andar meu esse ritual era o essencial. Pode parecer uma coisa besta, uma coisa simples mas era muito importante pra mim esse processo de pegar, sair de ir ate o local e sabe fazer e depois voltar também era super importante pra mim. Ai no *online* ai você fica, cinco minutos pra aula começar, ai você fica quatro. Ai você vê o horário e você fala "aah daqui a cinco minutos eu entro" ai quando você vê você nem entra sabe então porque você ta sei lá no seu quarto ai você tem que ir pra sala fazer...vai dar cinco passos. Então o processo de ir ate o lugar sabe, você vê o caminho, sair de casa que é o que me reina muito e essa vida que eu tinha de muito fora de casa acho que esse processo foi bem saudosista sabe. Me faz muita, muita falta do processo de sair de casa e poder ir...sabe ai...tem gente que vai de carro, tem gente que nem liga pra isso mas é o que você falou vai de pessoa pra pessoa. Tem gente que sentiu falta disso, eu senti, tem gente que não sentiu que se encontrou super no *online* eu entendo que as pessoas se encontram mas pra mim o *online* foi uma experiência muito tipo...consegui aprender muito. Tive, acho que uma experiência que já deu, já deu, já ta na hora de acabar e vamos voltar a vida ao normal neh. Só falta o mundo colaborar mais tudo bem.

[FIM]

APÊNDICE N – Transcrição de Entrevista 10

F1: Está gravando. A ideia da pesquisa é entender como que as pessoas estão se relacionando com a dança, durante o período de pandemia. Então entra tanto a parte de dança que a gente faz aulas, ou assiste vídeos através da internet e outras mídias, quanto a vivência da dança mesmo num geral durante a pandemia. É a ideia é que não tem um certo e um errado, é só mapear como as diferentes pessoas estão lidando com isso e como tá sendo esse momento para cada um. Então, assim, eu preparei algumas perguntas, mas não é nada muito engessado, é para ser uma conversa mesmo. Se a gente fugir e for para outro lado, não tem problema. Se tiver alguma coisa que eu não te perguntar e tu achar que é interessante falar, pode ficar à vontade. É bem tranquilo. Essas perguntas são mais para guiar, para a gente ter um rumo, mas bem tranquilo. Bom, eu já me apresentei, a pesquisa é essa, eu tenho 22 anos, faço mestrado em comunicação na UFRGS. Vou te pedir para te apresentar, a tua história com a dança, como que tu começou, quanto tempo que faz e aí passar para esse momento, como que tá sendo na pandemia, como que estas tendo essa relação com a dança durante a pandemia. Mais uma apresentação mesmo.

F2: Tá. Meu nome é xxxxx, eu tenho 23 anos, eu ballet desde os 11 anos, foi quando eu comecei a dançar. Eu comecei fazendo ballet clássico, quando eu tava, mais ou menos, com 15 anos, comecei a fazer jazz e depois mais velha, lá pelos 17 anos, 18, eu comecei a fazer hip hop. E também no meio disso tudo, teve dança contemporânea junto. Eu fui indo para várias áreas da dança, hoje eu danço meio que tudo isso aí, eu vou fazendo um pouco de cada coisa. Hoje, também, eu sou professora. Então eu dou aula para crianças, para adultos, tanto de ballet, hoje eu dou aula de jazz também e também dou aula de hip hop. Então todas as áreas que eu fui me especializando ao longo da vida assim, eu acabei de tornando prof também, já estou há mais tempo nessa loucura toda. E sobre a pandemia, o que eu me lembro, por exemplo, do ano passado, quando começou essa loucurada toda, foi muita dificuldade assim. De ter vontade de estar nas aulas, de ter ânimo, de ter energia, porque parece que o ambiente da casa vazia dá muito sono, o tempo inteiro, muito cansada. Eu queria ficar deitada o dia inteiro no sofá, não queria fazer nada, sabe? E depois que a coisa começou a andar, foi o contrário, foi um sentimento contrário, totalmente diferente. Do tipo: - nossa, graças a deus que tá tendo aula online. E aí eu ficava ansiosa esperando o horário da aula, pra eu poder fazer a minha aula de dança, pra eu poder fazer um pouco e ter um pouquinho de contato com o formato que era antes, né. A gente meio que tentar não quebrar essa relação que tu tem, que nem dança a semana inteira, é uma relação que tu tem muito forte com aquilo dali, já faz parte da tua vida, faz parte da tua rotina. Então quando teve aquele tempo, a gente ficou meio assim de fazer, fazer aula foi muito difícil assim, porque eu ficava, eu, por exemplo, eu trabalho com dança, né. Dança não é uma coisa que eu faça como hobby. E aí, bom, ah, minha faculdade, meu trabalho, minhas outras coisas, então foi horrível porque eu fiquei um tempo tá, e agora? Eu não faço mais nada, sabe, eu não tenho o que fazer. Então eu acho que foi muito importante, mas foi um processo muito complicado que depois de 1 ano ainda que a gente tá nessa função, têm momentos ainda que eu fico tipo: - ah, meu deus, online. Sabe? E outros não, outros eu estou super animada e tal.

F1: Tá. E aí tu falou dessa questão do ambiente. Oi, eu te interrompi?

F2: Não.

F1: Tu falou desse momento da casa, de como impacta a gente de alguma forma e eu tive que mudar vários móveis, fica arrastando as coisas pra tentar achar um espaço. Como que foi pra ti essa relação com o ambiente da casa? Porque antes a gente saía e o ambiente da casa era meio que pra descanso e a gente tinha outros momentos, outros

lugares para lazer, pra trabalho. Como que foi pra ti esse momento de juntar tudo e a casa ser o lugar de todas essas coisas?

F2: Eu agora não estou mais no meu apartamento que eu morava. Eu tava morando num apartamento que fica lá na zona norte de Porto Alegre (05:03). Então era bem longe, agora tô morando aqui na zona sul. E o meu apartamento era um apartamento pequeno, sabe. Morava eu e o meu marido, então só nós dois, um apartamentinho. E foi horrível no início porque eu não tinha muito espaço pra fazer aula, porque era um apartamento para duas pessoas, então a gente tinha um escritório, um quartinho menorzinho que era o escritório atolado de coisa, e aí eu botava pra dentro do escritório o varal com as roupas molhada porque eu tinha que tirar da sala senão não conseguia fazer nada. E aí eu tive que tirar a mesa, eu tive que empurrar o sofá, eu tive que usar cadeira como barra pra fazer as aulas, eu chutei 700x o meu sofá, batia com os braços na parede, eu quase quebrei o tampão da minha mesa de vidro uma vez. Então assim, no início foi um caos. O meu marido ele trabalha como educador físico, ele tinha os horários com os alunos dele para fazer um treino de casa. Então a gente tinha que ficar trocando sala/quarto/quarto/sala o dia inteiro. Não tinha espaço. Então foi muito estressante no início. E aí, ano passado, acho que foi em outubro se eu não me engano, eu tomei a decisão de sair de lá com o meu marido, por vários motivos. A gente queria botar pra alugar o apartamento, a gente queria mudar muitas coisas na nossa vida e hoje eu estou na casa dos meus pais que é aqui na zona sul de Porto Alegre. Só que aqui na casa dos meus pais, eu tenho uma sala de ballet, a casa é enorme, então quando eu era pequena, o meu pai ele montou pra mim, ele botou barra, botou espelho. Aqui é outra história, né. Eu tenho uma micro sala de dança em casa, sabe. Que eu sei que é muito privilégio, que não é a realidade de quase ninguém essa situação. E foi a melhor decisão que eu tomei, eu tinha espaço, eu tinha um piso adequado pra poder fazer as coisas, eu tinha barra, eu tinha toda a estrutura necessária pra conseguir fazer uma aula melhor. Acho que é isso. Bi, tu estás travando um pouquinho, tá. Só pra te avisar.

F1: Tá. A minha internet ela tá meio esquisita, mas eu acho que vai dar certo.

F2: Eu estou te ouvindo bem, então acho que tá tudo certo.

F1: Se eu travar de tu não me ouvir, aí tu me avisa.

F2: Tá, pode deixar.

F1: Bom, tu falou dessa questão da casa e tal, né. Dessa mudança que teve e acho que todo mundo acabou sentindo um pouco. Mas como que foi pra ti, aí não é uma questão tanto física do espaço mesmo, mas mudar a dança, não querendo comparar o que a gente tinha no presencial com o online, né. Mas como que foi pra ti vivenciar a dança dentro de casa, nesse espaço? Tu já comentou um pouco sobre essa questão do desânimo que às vezes aparece, mas como que foi vivenciar isso mesmo, passar por uma coisa que talvez a gente fizesse em casa, mas era mais difícil, né. Claro, agora algumas aulas estão tendo presencialmente, mas teve um momento que era só online. Como que foi essa mudança?

F2: uma coisa que sempre eu gostei muito de fazer, principalmente na aula de ballet, é realmente usar o espaço pra dançar. Porque eu sempre escutei a vida inteira 08:49. Então tu tem que te conhecer dançando, tu tem que te esticar, tem que expandir porque senão tu some. Eu sempre fui pequetinha assim, sabe. Então uma das coisas que eu sempre pensei muito em aula, nossa, tinha diagonal 09:05. **E aí tu te vê presa num quadradinho assim, sabe. Então isso pra mim foi a troca pior, sabe. De sentir que tu tava sem liberdade para usar a dança. 09:27 eu sentia**

que estava contida, que foi reflexo de tudo, né. A gente teve que se conter em tudo, em relação a todos os aspectos da vida por causa da pandemia. 09:40 essa foi a maior diferença que eu senti 09:49... uma sala grande que tu vai poder girar, fazer tudo que tu quiser. Eu acho que é isso.

F1: Aham. A gente fala muito nessa questão de saúde mental, que é importante a gente prestar atenção nisso e cuidar disso na pandemia. Eu queria ver como tu relaciona a importância da dança pra isso, durante a pandemia? Como que a dança representou isso pra ti?

F2: Eu já tive muitas questões onde a dança me ajudou e me atrapalhou. Eu já tive distúrbio alimentar, eu tive...ahh...esqueci o nome em português agora, mas é ??? 10:57. É convulsão, lembrei agora. E eu sei que foi causado porque eu tava num momento, tipo, há muitos anos atrás eu comecei com isso, então tinha momentos que eu me alimentava loucamente, de comer muito até ficar mal e aí depois eu dava um jeito de botar pra fora, sabe? Então foi um momento bem complicado. Com a função da pandemia eu acho que o nível de estresse tava muito grande, tava uma demanda de muita aula. Eu tava tentando dar força para as minhas alunas que também estavam se sentindo mal em casa e muitas coisas voltaram. Eu tenho também crises de pânico e ano passado eu tive muitas. Foi um processo muito complexo porque tinha momentos que a dança piorava, sabe. Porque eu pensava: eu preciso estar presente, eu preciso tá bem para as minhas alunas e eu ficava me exigindo o tempo inteiro de tá bem, sendo que eu não tava dando conta da situação toda, sabe. Então dava esses ataques de pânico, essa ansiedade. E aí tinha outros momentos que era uma alívio, quando eu via as gurias ali, a gente parava um pouco pra conversar, dar risada. Porque eu acho que foi reflexo de coisas que a gente tava sentindo dentro do contexto geral, sabe? A dança que era uma coisa que era a minha rotina, ela teve momentos de empurrar pra frente ou de me puxar pra trás, sabe.

F1: Aham. Tu comentou também dessa presença muito forte, porque a dança acaba não sendo só um hobby, mas é o teu trabalho, né. E acho que isso influencia ainda mais essa presença de, não é uma responsabilidade, mas é uma, claro que é uma responsabilidade, acho que não por causa da responsabilidade, mas por causa dessa presença mais forte assim, sabe? Porque quando tu leva como um hobby, é mais tranquilo, tu não tem aquela obrigação.

F2: Sim, aí tu vai fazer por ti, né. Ah, hoje vou lá fazer uma aula de ballet, ah, hoje não tô muito a fim. Tu te sente mais à vontade se precisar faltar. E eu sempre fui muito exigente comigo. Então ficava bem complicado, quando eu sentia que eu tava sem vontade eu ficava: aí, meu Deus. Como é que eu tô sem vontade de fazer isso, sabe? Foi bem complicado. Esse ano já tá bem mais tranquilo.

F1: Tu tanto quanto aluno, tanto como prof, se tu recomendaria para uma pessoa que nunca dançou ou que parou de dançar algum tempo, se tu recomendaria as aulas online?

F2: Sim, sim, muito. Esse ano eu comecei a dar aula particular e eu tive dois alunos adultos que procuraram. Um trabalha com serviço social, ele não é do Brasil, é da Alemanha, ele me encontrou num site que eu anunciei, né, que eu ia dar aula particular e tal. E ele tem mais de 30 anos e trabalha com serviço social, nada a ver, só que ele sempre gostou de dançar. Ele tava dançando fazia um ano e veio a pandemia e parou. Lá ele não conseguiu se adaptar. No final ele tá fazendo aula comigo agora, tem uma outra menina de uma região daqui de perto de Porto Alegre que ela tá se recuperando de um quadro depressivo e ela tá fazendo uma reeducação alimentar, virando toda a vida dela e ela queria, o sonho da vida dela é fazer ballet 14:55. E ela não queria fazer porque ela se achava gordinha. Então assim, eu tenho esses dois exemplos muito próximos de pessoas que procuraram no meio da

pandemia e estão se sentindo muito bem em fazer, sempre tiveram a vontade, sabe? Então eu recomendo super. E uma hora vai acabar, né. A gente sabe que aqui no Brasil tá complicada a situação por vários motivos, mas uma hora isso vai acabar. Tá se encaminhando para as coisas melhorarem, vai chegar a nossa vez. E aí essa pessoa que começou online, em vez de perder tempo fazendo uma coisa que gosta, já começa. E aí quando estiver presencial, vai ser melhor ainda porque tu vai poder te jogar numa escola e lá conhecer a tua professora presencialmente. É muito bom.

F1: Quando eu comecei a pensar na pesquisa, eu fiquei pensando que talvez aparecesse e, claro, que existem essas pessoas, pessoas que já dançavam antes no presencial e pararam quando mudou para o online ou quando começou a pandemia. Existem essas pessoas, mas parece que não são a maioria, sabe? Eu tive muitas pessoas que responderam, né. Que continuaram de alguma forma, tavam no presencial e aí migraram para o online e muitas que começaram, como tu disse, no online, sabe. Principalmente pessoas mais velhas. Eu entrevistei duas mulheres que tinham seus quarenta e poucos anos, uma nunca tinha dançado e a outra tinha dançado quando pequena, quando criança. E as duas retornaram por causa do online, porque antes não tinham como ter contato, por causa do horário, locomoção. Claro, não é querer ver um lado bom da pandemia, porque não é isso, mas como de alguma forma ajudou as pessoas, a presença do online ajudou essas pessoas a encontrarem a dança, disseminar. Parece que antes era mais...

F2: Sim. Eu tive muita situação dos alunos pararem porque é online e de adolescente. Eu acho que é uma fase assim, 17:17... depois parece que vira uma chavezinha na tua cabeça, mas essa fase adolescência, pré adolescência parece que precisa de muito estímulo pra fazer qualquer coisa, sabe. 17:38 ah, eu não quero mais fazer, ah não sei o que. Mas gente, parem com isso, pelo amor de Deus, continuem, tá tudo bem, eu sei que não é o ideal, que não é a coisa mais maravilhosa do planeta, mas tu tá aqui pra fazer amiga, dar risada, mexer o teu corpo, sabe. Nessa fase a gente perde um pouco essa visão, parece que só existe uma coisa, sabe. Mas isso que tu falou da parte dos adultos, eu observei bastante também, teve muito adulto pensando nisso e por causa disso que tu falou, ah, porque eu trabalho de tal horário a tal horário, aí na escola tem aula às 20h da noite. Eu vou chegar na minha casa, se eu tiver trabalhando fora, eu vou pegar um computador, eu paro, me ajeito e vou fazer minha aula, sabe, no horário que eu quiser.

F1: Isso que tu trouxe das adolescentes é muito interessante, porque eu não tinha pensado. No formulário e nas entrevistas eu não peguei pessoas com menos de 18 anos pela questão que tem que ter aquele termo de consentimento dos pais, enfim. Aí eu não entrevistei, nem coloquei ninguém no formulário com menos de 18 anos. E acho que por isso que eu não tive tanta resposta dessas pessoas que desistiram, sabe. Eu não tinha mesmo pensado nisso e isso foi muito bom, eu ia colocar não teve, mas teve, eu só não entrevistei.

F2: 19:00 eles me deixaram louca, aí eu tendo que ligar pra mãe, eu tendo que ligar pra aluna 19:14 não para, por favor, vai ser pior. Tinha uma aluna minha que fazia aula por 1 mês, aí parava umas duas semanas e a gente deixando, né, porque tá doida a coitadinha. Ela tava muito atacada, muito estressada e a gente teve que respeitar porque numa situação normal de escola tu não pode fazer isso, não tem cabimento. Tu sair e voltar a hora que tu bem entender, só que com esse cenário, a gente teve que se adaptar, a menina tava muito estressada e que não era por mal. Ela nunca tinha feito esse tipo de coisa, mas foi o momento que trouxe isso, esse sentimento que ela tava com essa coisa, para, não para. Então foi bem difícil, mas a gente foi se adaptando.

F1: Eu acho que essa questão da adaptação é muito importante e apareceu muito em tudo, porque a gente nunca tinha vivido isso, ninguém sabia como lidar. Foi uma situação muito nova. Parece que o online não veio só substituir ou a gente não só migrou do presencial para o online, como surgiram novas coisas no online, né. Então é, não sei, muito diferente essa relação assim. Eu te interrompi de novo?

F2: Não, não. Às vezes tu congela, mas eu estou te ouvindo super bem.

F1: Para mim também tá travando a imagem, aí eu não sabia se tu tava falando ou não. Essa é mais ampla e bem subjetiva mesmo. O que te motiva a dançar? Tanto fora do online quanto no online. O que te move?

F2: Vamos lá. Essa pergunta eu acho super difícil, mas a minha relação com a dança ela começou muito cedo. Eu pedia pra minha mãe pra fazer ballet desde os 4 anos de idade, sabe. E a minha mãe já dançou, a minha mãe já fez teatro, a minha mãe é artista plástica hoje, ela é dessa área assim. E eu não sei se foi por influência dela porque ela mal falava comigo sobre isso. E eu era surtada quando era criança, surtada, surtada. Minha família passou por problemas financeiros quando eu era pequena, então eu comecei tarde, né. Com 11 anos já é considerada muito velha, sabe. E eu acho que uma das coisas que sempre me motivou é que eu sempre quis ser bailarina profissional, sempre foi o meu sonho. Eu comecei a dançar numa escola que não tinha essa qualificação suficiente para me transformar numa bailarina. 22:31 – 22:47 ... pandemia foi manter meu sonho vivo, sabe. 22:50 ano passado, guria, o meu joelho 23:15, eu tive que fazer um processo de infiltração. 23:24 olhando pro teto, não podia fazer aula, não podia fazer nada. Ano passado foi muita coisa acontecendo 23:37... vou continuar dançando porque senão eu vou enlouquecer. 24:00...

F1: Sim. Eu acho que acabaram surgindo muitas coisas nesse momento. Nem tanto por causa do online, mas pouca da pandemia como um todo. Porque acabou afetando não só a nossa saúde mental, mas a saúde física também, e uma tá ligada a outra. Eu também tenho um problema no joelho, não sei o que aconteceu também, eu tive que tomar remédio e eu não fiz nada, eu já tinha torcido o joelho outras vezes. E enfim, passava, claro que doía, eu passava aquele coisinha no joelho, mas passava. E do nada, na pandemia, não sei se justamente por essa coisa de tá parada assim, sabe ou mais parada do que a gente tava antes, eu não sei o que aconteceu, aí virou os dois joelhos. Foi nos dois, não era uma dor insuportável, mas era uma dor chata, sabe. Não sei mesmo o que aconteceu, mas várias coisas acabaram interpelando assim nessa pandemia. Muitas coisas chegaram e a gente não sabia como lidar antes, essa questão do movimento acho que foi muito.

F2: Eu acho que até por não termos as coisas adequadas em casa e fazer as aulas, isso eu acho que foi o maior problema. Porque, por exemplo, tinha que saltar na aula, e dizia que só vai saltar quem tinha piso de madeira, porque a madeira ela tem uma certa maleabilidade, quando tu faz pressão, ela curva, mesmo que a gente não enxergue, que é o que se pensa de um piso flutuante, flutuante é uma coisa surreal porque eles fazem camadas de materiais embaixo da madeira para tu ter aquele impulso de volta quando tu salta. O palco de apresentação tem isso, eles pensam nessas coisas. Em casa tem gente que tem piso frio, pedra. Como é que tu vai saltar em casa, sabe? Então para essas meninas tinha que ter uma adaptação, né. E eu lembro que eu falava: - quem tem piso assim, assado, não salta, pelo amor de Deus. Porque tu não tem as coisas adequadas para tu praticar, vai acabar te dando até uma lesão.

F1: O meu piso é de madeira, acho que não foi nem tanto a questão do impacto, mas do estar parada mesmo. Eu não fiz tantas aulas durante a pandemia como eu faria no presencial, e também o único momento que a gente tinha de movimento, pelo menos pra mim, era o momento da aula, de resto eu tava o tempo todo parada. Não tinha nem aquela caminhadinha pra ir não sei aonde. E acho que esse tá muito parada influenciava na hora da aula, de virar aquela chave. Ah, eu tô completamente parada, agora eu vou fazer aula, depois vou voltar a ficar completamente parada.

F2: Eu não sei como era a tua rotina da vida, mas guria, eu ficava o dia inteiro fora de casa. Eu saía de manhã, aí eu tinha que ir pra psicóloga, aí eu ia fazer aula, eu ia dar aula, aí eu voltava, tipo, entra no carro, para o carro, caminha, sai, tenho que ir no supermercado, caminha até o supermercado pra aproveitar. Tipo, era uma função. Era movimento o tempo inteiro, era o tempo inteiro me mexendo, indo de um lado pro outro. E foi bem isso que eu senti, tipo, eu só preciso ligar a aula, eu tô sentada no sofá e eu aperto um botão. **Como que eu vou me preparar decentemente pra fazer uma aula de ballet que a gente sabe que é difícil pra caramba e eu só tô aqui sentada no sofá, sabe. É horrível, e essa foi uma das coisas que me pegou também, por causa disso, de entrar na aula e ter a consciência de não estar preparada para fazer a aula. 28:37 agora eu tô muito chata comigo, 10 minutos antes de ligar o botão da aula, eu tô lá aquecendo,** fazendo coisa, porque ano passado foi isso que aconteceu. Eu fui dar uma aula de flexibilidade e aí eu entrei, primeiro movimento que a gente fez, meu joelho torceu, saiu do lugar e aí acabou, pronto.

F1: Eu também tinha uma rotina de sair de um lugar e ir para o outro e o engraçado é que parece, claro que a gente chegava em casa cansada, mas não era um cansaço que nem o que a gente tem agora, sabe? Agora parece que a gente uma coisa pra fazer, eu vou no supermercado e venho pra casa parece que eu corri uma maratona.

F2: É bem isso. 29:38 tu chegava em casa e ainda fazia outras coisas, vou tomar banho, jantar, arrumar as coisas pra amanhã. E agora eu faço uma aula e meu Deus, socorro.

F1: Eu lembro que eu fiquei duas semanas em Porto Alegre, porque eu fui e começaram as aulas, tanto da Balarina??? 30:02 quanto do mestrado, eu fiquei essas duas semanas e pandemia. Enfim, é aquele meme do expectativa e realidade foi o meu. Eu lembro que eu fazia as aulas de manhã na balarina e eu voltava correndo pra casa, ainda fazia alguma coisa que tinha que fazer, almoçava, voltava de tarde, às vezes eu tinha aula de noite de novo e assim, tava tudo ok. E acho que essa questão do se preparar impacta não só no físico, com certeza impacta no físico, né, essa coisa do alongamento ou da gente se aquecer mesmo antes de fazer uma aula, mas como impacta, pelo menos pra mim, na questão do mental, porque eu tenho muita dificuldade, eu tô fazendo uma coisa, daí vou começar a fazer outra, daí virar essa chave, sabe? Eu ia de uber pra aula, eu fazia aula aqui em Pelotas, porque eu estou em Pelotas de novo, eu fazia aula, antes eu ia a pé, era um trajeto que eu fazia a pé, ia caminhando, enfim, meio que um ritual para ir pra aula. Aí eu ia de uber, de qualquer forma eu fazia o coque, pegava um uber, chamava, tinha toda uma preparação e agora, não. Claro que a gente se arruma e tal, mas aí tu tá sentada, liga um botão e chegou.

F2: 31:32 – 34:17

F1: Sim. Nossa, essa questão do coque, eu acho que, esse cuidado assim, a gente acabou meio que abandonando na pandemia, claro que agora meio que melhorou, a gente acostumou mais, mas, nossa, foi uma coisa muito difícil

porque essas pequenas coisas, são coisas boas e prazerosas, mas parecia que eram, nossa, meu deus, eu vou ter que fazer, sabe?

F2: Isso. Bem isso.

F1: Lê, encaminhando para o final, essa é uma pergunta bem subjetiva também. Respondi como tu achar melhor. O que tu sente ao estar dançando? Tanto no presencial, quanto no online e se é diferente de um para o outro? É uma questão super subjetiva, o que tu sente no momento de estar ali dançando, tanto em aula, como em apresentação.

F2: Eu acho que tem muita diferença, 35:22. Quando eu tava dançando normalmente, 35:32 porque é um momento que tu tá voltada para uma coisa só... 35:42...que é maravilhoso para trabalhar inúmeras coisas, então tu dar atenção pra isso e conseguir curtir aquilo dali, dá uma sensação de liberdade absurda porque parece que a tua cabeça relaxa, sabe. Mesmo que tu esteja com dor, estressada, tentando pensar na tua musculatura, tentando pensar em tudo, é incrível como é uma coisa que demanda tanto, mas ao mesmo tempo ela te solta, sabe. Então o que eu sentia presencialmente era isso. E quando eu vou lá pra escola, nos momentos que eu consigo ir presencial fazer aula, é bem isso que eu sinto, sabe. É uma liberdade, bah, tô aqui, que delícia tá aqui, que delícia está curtindo isso daqui. E o online para mim foi um alívio, sabe. Foi uma sensação assim, do tipo, graças a deus. Porque eu acho que se eu não tivesse uma rotina meio que próxima do que eu fazia antes, eu ia ficar doida, porque era uma rotina muito intensa que eu tinha, voltada toda pra dança, era pensando na aula que eu ia dar, era pensando na aula que eu ia fazer, a coreografia que eu ia ensaiar, a coreografia que eu ia passar para as minhas alunas, sabe? Então se eu ficasse sem isso, eu ia ficar completamente perdida, sabe. Então dá uma segurança de saber que a minha rotina tá aqui, tá tudo bem ainda. Eu sigo dançando, eu sigo trabalhando o meu corpo. Então eu acho que é isso.

F1: eu acho que o online veio pra isso, pra gente não romper completamente com aquela rotina que a gente tinha, porque, meu deus, eu não sei como que ia ser, sabe. Se a gente do nada tivesse que mudar. Já foi difícil mesmo a gente mantendo as coisas que a gente fazia de uma outra forma, se a gente tivesse simplesmente parado de um todo, ia ser mais difícil, né.

F2: Sim, com certeza. Bah!

F1: Essas eram as perguntas que eu tinha, não sei se tu tens mais alguma coisa que eu não te perguntei e que tu acha interessante de dizer. Fica à vontade.

F2: A gente falou tanto, né.

F1: Sim. Eu te agradeço muito, tenho certeza que foi muito importante a tua contribuição pra pesquisa, ajudou demais mesmo, muito obrigada.

F2: A gente falou muito.

F1: Eu acho que não te falei no início, aquele termo de consentimento que vocês assinaram no formulário, aquele que eu mandei, eu acabei não enviando de volta pra vocês a cópia, mas eu vou enviar no final de semana, mais é uma questão burocrática mesmo. Daí eu te envio.

F2: Sem problemas.

F1: Daí no final do ano, provavelmente, se tudo der certo, a pesquisa já vai estar praticamente concluída assim, e aí eu chamo vocês pra quando eu for apresentar no final para verem os resultados e tudo. E mando também uma cópia, isso é uma coisa que eu quero fazer, já tá no planejamento. Enviar uma cópia mais bonitinha para vocês guardarem os resultados.

F2: Que amor.

F1: Eu acho que é isso, muito obrigada mesmo, Lê, foi bem importante a nossa conversa.

F2: Imagina, toda sorte do mundo pra ti. Toda essa função de pesquisar e falar com as pessoas, bah, assim, oh. Agora tá tudo certo. Eu achei muito legal o assunto que tu escolheu pra tratar porque é uma coisa que tu vivenciou, então é uma coisa que tu tá no meio e pra investigar eu acho muito mais gostoso, eu acho.

F1: Sim, tá sendo bem legal mesmo.

F2: Beijos

F1: Boa tarde.

APÊNDICE O – Transcrição de Entrevista 11

F1: Comecei a gravar e vou te explicar como é que vai funcionar. Eu tenho algumas perguntas e elas são só para guiar a nossa conversa, mas não precisa seguir à risca, então se tiver alguma coisa que tu lembrar e quiser comentar ou que eu não tiver te perguntado, mas tu acha interessante para trazer, fica à vontade. E é mais uma conversa mesmo, se for para outro lado não tem problema, é mais para conversar. A ideia da pesquisa é justamente entender como que está se dando essa relação das pessoas com a dança no momento da pandemia. Então não tem certo, não tem errado. A ideia é só mapear mesmo como que cada pessoa está lidando com isso. Eu vou me apresentar, mais por formalidade mesmo. Eu tenho 22 anos, faço mestrado em comunicação na UFRGS, como te disse a ideia da pesquisa é entender como que as pessoas estão se relacionando com a dança durante a pandemia, através da internet. Claro que tu pode comentar se tu teve outras experiências durante a pandemia, fora da internet, como que foi essa tua relação. A ideia nesse primeiro momento é que tu te apresente e conte como que é a tua relação com a dança antes da pandemia e como que é agora, durante a pandemia, as experiências que tu teve e tal. Já pode falar se tu achou bom, se tu achou ruim, se melhorou, se piorou, tudo isso. Pode ficar à vontade, é mais uma apresentação mesmo.

F2: Tá, meu nome é , tenho 22 anos, estudo Direito, tô no quinto ano da faculdade de seis. Quer que eu fale mais alguma coisa?

F1: Tá ótimo.

F2: Bom, de experiência com a dança, ao longo da vida, eu fiz instrumental, eu fiz bons anos de Jazz, então eu comecei aí, né, a ter esse contato com a dança. Eu gostei muito porque parecia uma terapia, assim. Sempre foi um exercício, mas um exercício (02:19), aí eu vou ficar dolorido, aí eu tenho que ir, não. (02:30) principalmente no ensino médio porque eu só fazia essa atividade no fundamental porque a escola fornecia, tu pagava um valor a mais e aí tu fazia, fazia apresentações em palco e tudo, eu já fiz várias apresentações artísticas em grupo, essas coisas assim. Aí no ensino médio, como meu colégio não tinha isso, aí eu inventei isso, inventei de fazer um grupo de dança e todo ano a gente se apresentava num evento grande do colégio que era o baile da boina, né. Aí eu montei um grupo com umas 10, 12 pessoas, variava um pouco a cada ano, alguns saíam, outros entravam. Mas eu fiz isso, a gente dançou street (03:03) no primeiro ano, no segundo ano a gente dançou salsa, na verdade foi uma dança de salão meio antiga. E no terceiro ano a gente dançou, salsa, lambada, uma coisa meio assim. Eu até tenho os vídeos das apresentações, se eu catar, eu até acho. Mas enfim, no ensino médio eu acabei não, embora não tinha nada assim que oferecesse, eu fui lá e catei (03:31). E muita gente (03:34) num grupo de homens e mulheres porque acabou sendo par, né. A dança de salão ela precisa do par, né. Então acabou tendo isso, eu trouxe até pessoas de fora da escola, mas as autoridades permitiram igual que eu fizesse isso. Na escola a gente contratava professor de dança e tal e aí ensaiava nessa academia (03:57). E aí foi isso assim, mas (04:03) do meio do ano até o final eu não tinha contato com eles. Aí tinha as meninas, né, tinha vários colegas meus que eu trouxe pra participar, quando a Helena foi a rainha, praticamente todos os caras (04:30) sabe? É uma coisa que a pessoa tem que se dedicar, né, é uma coisa que tu fiz 2, 3 meses envolvido naquilo ali ensaiando e tal. Então, isso foi no ensino médio. Daí eu parei porque a gente começa a ficar mais velho e aí, enfim, o grupo começou a crescer e aí não tinha mais essa função das ?? (05:03), né. Mas a dança, eu sempre tenho essa vontade de voltar, voltar a fazer uma coisa semanal mesmo, algo que me tirasse da rotina, né. Eu cheguei a participar de umas aulas (05:19), foi na XV de novembro, acho que

era Cia da dança o nome, que é um salão. E aí todos eles já são bem experientes assim, eu lembro que foi eu, uma amiga minha que também gosta muito de dançar e a gente chegou a participar, mas faz tempo (05:39). E aí monta a coreografia na hora e o pessoal vai e vai acompanhando e isso aí. Aí quando veio a pandemia (05:50) eu acompanhei de forma remota porque eu parei com a academia também, então com a dança já não vinha há um tempo, né, e aí veio a pandemia e eu parei de fazer a academia também, a musculação. A única aula de dança que tinha na academia era aquelas aulas de bikes, sabe? Tipo um bike zumba, mas eu fiz poucas aulas disso. Eu parei de fazer atividade física na pandemia por causa do Covid mesmo, eu sinto uma baita falta de exercício. **fiz um tempo em casa, né, botava no Youtube algumas coisas e começava a dançar e tal, mas chegou uma hora que enjoou de praticar exercício, de fazer, agora vou fazer uns abdominais, mas em casa tu tens pouca estrutura e vai enjoando.** No início da pandemia eu estava super empolgada (06:50). Tô um tempo sem praticar exercício, tô toda dura, inflexível (07:01), se eu fosse fazer uma aula de dança amanhã, ia sair completamente dolorida, e a dança é impressionante, né, porque tu trabalha músculos que tu não trabalha em nenhum lugar. **É isso, eu não sou muito do Tik Tok, eu sei que o Tik Tok (07:20) as danças e tal, eu baixei uma vez o Tik Tok e falei assim: - cara, eu vou desinstalar porque ou eu vou me enjoar, ou vou viciar e qualquer uma das duas coisas não vai ser legal.** Então eu desinstalei, no momento eu tô sem Instagram também, faz uns 3 meses que eu desativei, eu me enjoou das coisas e aí dei um detox de rede social, só estou com o facebook agora, daqui a pouco desinstalo o face também. (07:49) **eu acompanho umas coreanas e outras americanas, né. Seguido eu vejo que lá eles estão, as capitais ainda têm essas baita academia de dança,** (08:10) eles fazem uma baita produção, eu acho muito da hora, fico super empolgada, mas aí eu começo a ver esses vídeos e fico muito empolgada e depois eu fico triste porque eu não tô lá. **Eu acompanho bastante por Youtube, por rede social não tanto. Pelo Facebook também porque o face vai te trazendo o que tu gosta de ver, o que tu gosta de ver acaba vindo, né e no Instagram também eu vejo quando eu tô com ele ativo, agora não estou.**

F1: Tu comentou também dessa questão do ambiente quando tu tentou fazer os exercícios em casa, que a gente tem problema de como vivenciar a dança ou qualquer outro exercício, dentro de casa eu mudei vários móveis do quarto, não deu muito certo mesmo assim. Eu queria que tu comentasse como que tu acha essa relação do ambiente de alguma forma afetou para parar. Porque antes a gente vivenciava a dança querendo ou não em outros ambientes fora de casa, né. Fosse numa academia, fosse em qualquer outro lugar, daí como que foi isso pra ti?

F2: Aqui em casa como a minha mãe tem salão, **a gente tem tipo uma sala com espelho, então acaba que isso ajuda assim, se tu for parar pra dançar, né. Porque dançar para uma parede não é legal, mas tu vendo os teus movimentos aí é mais legal, porque tu tem uma ideia se tá ficando legal, se tá ficando ruim, sabe?** Então o salão acaba meio que sendo a minha pista de dança. **A gente bota um som alto e tal, mas é a sala que tem a TV com smart, né, no Youtube se vai ver um vídeo de dança, um Fit dance, alguma coisa assim é na sala.** E aqui em casa tem espaço, só não um espaço tipo assim, uma sala com estúdio, longe disso, né. Arrasta os móveis e tal. Mas na verdade, eu acho que o parar ou se distanciar um pouco da dança também tem a ver por que é legal fazer em grupo, sabe? É legal dançar em grupo, e legal tu estar numa festa e estar com uma galera lá, se divertindo e rindo, aí o pessoal fica mais solto e tal. (10:30) porque tu tá numa aula de dança, o pessoal que tá ali ele quer dançar, então o pessoal se solta, sabe. (10:38) é um trabalho em equipe, né. Eu sempre dancei em equipe, nunca dancei sozinha (10:53) um grupo de pessoas fazendo aquele movimento. Aí no banho sim, no banho a gente faz mil coreografias no banho. (11:03). Mas eu tenho um pé bem forte na dança, eu acho que eu acho que eu deveria até investir mais nisso, porque isso

me faz muito feliz, eu acho que esses hobbies que têm esse efeito terapêutico na gente, a gente tem que investir (11:22) sabe?

F1: E essa questão que tu comentou como se fosse uma terapia, queria que tu falasse um pouco mais sobre isso, na verdade. Como que tu relaciona a importância da dança com a saúde mental e aí pensando também nesse momento da pandemia, que a gente fala muito da importância de manter a saúde mental agora e tal. E claro, mesmo que tu não esteja fazendo uma dança dentro da rotina, ela segue presente, como tu disse, no teu dia a dia em outras coisas, né, o tempo todo. Então como que tu relaciona isso da dança com o manter a saúde mental?

F2: O ser humano ele precisa de arte, né. Então ou a pessoa ela puxa para o instrumento, ou a pessoa puxa a leitura, ou ela puxa pra dança, mas tu pode ver assim, que o que faz com a pessoa tenha um momento assim, de poxa, aqui eu respiro, aqui eu me sinto bem, aqui eu não quero sair, geralmente tem a ver com arte, né. (12:49). E dança, eu acho que pelo fato dela trabalhar o corpo, é um cansaço muito revigorante, sabe? Eu até comento isso às vezes com, minha família gosta bastante de dançar também, meus amigos são super Tik Toker, eu não tenho essa paciência. E eu digo assim, que tinha que ser um troço mais incentivado desde a escola, né, para as pessoas ter consciência corporal, né. Porque às vezes tu vê que a pessoa não tem a mínima consciência corporal e isso eu acho que é super bem-vindo para qualquer exercício que tu vá fazer depois. Tu ter consciência de ritmo, bom, de ritmo é um negócio super bem-vindo, né, porque quando a pessoa já tem contato com a dança desde pequeno, tu vê que ela tem facilidade muito maior de aprender qualquer coisa que vá depender da tua consciência corporal depois. Até para a academia, algum esporte que tu vá fazer, tu vai jogar um vôlei, tu vai jogar qualquer coisa tu precisa ter noção do teu corpo, da dimensão do teu corpo, do que tu consegue, da tua elasticidade e a dança traz isso, né. E isso é pouquíssimo incentivado na escola, a gente acaba tendo o básico ali da educação física e os homens, principalmente para eles, isso é importante porque ou o cara vai atrás de querer aprender a dançar ou ele precisa que alguém incentive ele (14:23). Porque geralmente não é assim, na balada principalmente, é as gurias dançando e o cara no bar, sabe. Então eu acho que tem que tirar essa ideia, na balada também pode ser um ambiente que (14:45). Qualquer coisa tu me traz de volta porque eu vou indo.

F1: Tranquilo.

F2: Mas eu acho que tá totalmente ligado. Eu pelo menos, eu gosto muito de ler, gosto bastante de ler e dançar. Até tu não precisa parar e fazer os movimentos, mas tu assistir à dança, assistir uma apresentação, sabe, é muito legal. (15:20)... às vezes é um movimento super simples, mas quando tem 30 pessoas repetindo o mesmo movimento (15:36) então é legal assim, eu acho que a cabeça trabalha (15:44) no ensino médio eu fiz isso, eu vou pegar e coreografar o grupo lá e aí eu trabalhei eu horrores, eu dormia pensando, acordava pensando na coreografia, sabe. Aí eu anotava porque eu ia esquecer (15:58)... foi bem legal, a gente ganhou primeiro lugar de coreografia, todo o colégio era dividido em três cores e aí cada um deles tinha que apresentar uma dança na festa junina. Aí eu montei com o meu grupo, acho que a gente era o time branco ou azul, não sei. Só sei que era umas 20 pessoas, era bem grande. Aí eu montei, era um pouco de junino, um pouco de rock e aí eu não botei o funk, acho que botei um forró bem arrastado, um negócio assim. E montei. (16:39). Eu sei que todo mundo adorou e depois que eu saí do colégio ainda comentaram: - aí, duda, que legal. Porque eu me dediquei mesmo pra fazer (16:52) e juntar um monte de jovem, em vez de tá em casa eu tenho que estar na escola ensaiando, poxa, é chato, mas deu certo e o pessoal apoiou bastante.

F1: Tu falou também em como a dança sempre esteve presente, que foi muito importante pra ti e tal. Essa é uma pergunta para falar o que tu quiser. O que te motiva a dançar e o que te motiva a agora, durante a pandemia, assistir os vídeos e acompanhar os grupos? Qual é a tua motivação para isso?

F2: A minha motivação?

F1: É, ou o que te faz gostar num geral, sabe?

F2: Pois é, é que motivação, assim, é uma coisa super natural, ah, eu vou procurar porque eu preciso disso para alguma coisa na minha vida (18:02). Então é uma coisa natural, eu vou procurando porque eu quero ver, porque acaba sendo agradável de assistir. É uma coisa bem natural, não é uma coisa forçada assim, tipo poxa, eu tenho que aprender a fazer isso, sabe? Não é. Então eu acho que é bem natural e como eu comecei a gostar ou o que me motivou a gostar eu acho que é eu ter tido contato desde pequena também, sabe. E eu pude ter contato com estilos diferentes, eu tive contato com o Jazz, eu tive contato o street, que é uma dança de rua, são estilos totalmente diferentes. O jazz é uma coisa tipo, com movimentos delicados, exige muita elasticidade, não são coisas bruscas, são coisas que envolvem muito esticar as pernas, é muito a flexibilidade, né. E o street não, o street é rápido, tem que ter sincronia no grupo e os movimentos são mais masculinizados. E ali eu me encantei, sabe. É o estilo que eu mais gosto, mas aí no ensino médio, com essa função dessas apresentações, eu fui pra dança de salão, porque muitas vezes a gente dançava em casal. Então eu tive contato com a salsa, eu tive contato principalmente com a salsa. (19:24). Então foi isso, desde pequena eu tinha essa curiosidade de aprender, eu gostava de ver e queria aprender a fazer e era um grupo grande de garotas que dançava, então tinha aquela coisa de competir, quem ia ficar na frente, quem ia ficar no meio. Se na hora da dança tinha um momento de destaque, quem é que ia fazer isso. Então tinha esse incentivo de melhorar, sabe?

F1: Uhum!

F2: Eu sempre gostei de disso, eu tinha muita facilidade para aprender, eu acho que isso da consciência corporal foi uma coisa que ajudou muito. Então eu acho que é por causa do meu contato desde pequena (20:14). Eu acho que depois de grande, despertar esse interesse é mais incomum, né. É uma coisa que tu já tem interesse de uma longa data, não que não possa despertar o interesse. É isso, não sei se te respondi.

F1: Respondeu. Isso que tu comentou de despertar que, geralmente, vem de antes, né, de pequeno. Eu entrevistei algumas pessoas, claro que não foram a maioria e nem metade assim, mas existem pessoas que agora, durante a pandemia, eu achei que. A minha hipótese era de que as pessoas iam diminuir a prática da dança durante a pandemia, por questão de não estar se encontrando e claro que isso acontece também. Mas existiram pessoas e pessoas mais velhas, dos seus 40 anos que começaram a dança durante a pandemia.

F2: Que legal, né.

F1: Aham.

F2: E o que levou essas pessoas? Foi a rede social ou foi jornal, alguma coisa assim? Reportagem que a pessoa viu?

F1: Eu entrevistei duas mulheres assim, com 40 e poucos anos e elas relataram que era porque sentiam a vontade de fazer alguma coisa, pela função da academia queriam fazer alguma coisa para mexer o corpo e eu acho que é muito isso. A dança vem justamente para isso, sabe.

F2: Agora que tu comentou, eu tenho umas mães de amigas minhas, umas mães que tem sobrepeso, alguma coisa assim, que tem pavor de musculação porque é uma coisa (21:52), musculação tu tem que te dedicar um pouquinho e depois tu começa a gostar, só que esse se dedicar às vezes é complicado porque é dolorido, aí tu não vê resultado, mas espera um pouco que vai vim. (22:07) aí as pessoas migram pra zumba, pra dança e ali se encontram, né. Tem uma amiga minha que praticamente a família toda dela, eles fazem, eles contrataram um instrutor do Fit Dance 22:25 com ele, né. Aí vai a prima, a irmã, aí uma já tem filho, tudo isso, então varia bastante de idade. Eu digo que parece que é muito ligado a prática feminina, né. Tinha que incentivar mais os caras a entrar, quebrar esse tabu de quem dança é aquilo ou aquilo outro. Tirar essa ideia da dança.

F1: Essa também é bem subjetiva. O que tu sente no momento de dançar? Quando tu tá ali, presente naquele momento dançando, o que tu sente?

F2: O que eu sinto? Acho que é felicidade no geral, felicidade. Às vezes êxtase quando uma coisa muito difícil dá certo também. Mas esse êxtase, geralmente, ele vem, por exemplo, quando o grupo tem uma coreografia muito complicada, alguma coisa que exige que a pessoa tenha muita força para fazer aquilo contigo, alguma coisa nesse sentido e daí dá certo. Uhuu! Deu certo. 23:45 mas eu acho que é felicidade e paz também, depois que tu finaliza a aula, eu acho que ninguém sai estressado de uma aula de dança, não tem como. Muito pelo contrário, por isso que eu acho que é uma terapia, é uma terapia mesmo. Eu sempre penso que a dança, a coreografia em si, a sincronia dos passos que tu tá fazendo é como se tivesse tocando a música com o corpo, sabe? Isso também pressupõe que tu goste muito da música que tu tá dançando, sabe? Eu tenho muito essa ideia, principalmente quando vem umas coreografias na minha cabeça, tem muito a ver o gostar muito daquela música ou a letra daquela música desperta alguma coisa 24:34 que a música está falando, sabe? Então é muito isso, sabe, tu tá cantando com o corpo. Então não tem como tu sair estressada depois disso, pois tu estás fazendo algo que tu goste, sabe. Ah, eu tenho pavor do tango e vou ter que dançar tango, aí eu acho que pode ser mais estressante, mas em geral é bem terapêutico assim. Por exemplo, quando eu comecei a dançar 25:01, mas daqui a pouquinho tu vai começar a gostar um monte daquele ritmo, sabe. E daqui a pouco a tua cabeça já começa a trabalhar naquele tom, naquele time, e é impressionante.

F1: Eu acho que tem a ver com esse poder que a dança tem, do ritmo, da batida da música, parece que a gente vai escutando e o corpo... não sei se é com todas as pessoas, mas a gente vai sentindo e o corpo, é natural aquele movimento. Claro que a gente pensa e a gente trabalha muito pra chegar num passo, enfim. Mas às vezes parece que naturaliza, ainda mais sentir o ritmo da música, né.

F2: É, total. Totalmente assim. No banho principalmente, tô tomando banho e aí começa a vim vários passos que é totalmente natural, tu não pensa e aí depois tu pensa numa maneira de ficar melhor ou tu imagina, hipoteticamente, aquilo com uma outra pessoa e enfim, é muito legal, é um processo criativo muito importante para o cérebro em geral, sabe. Uma pessoa que tá criando uma música, compondo uma música, criando uma nota, tu criar uma coreografia é parecido, né. Tu criar uma pintura, o processo artístico ele exige que tu pense, tu pode te inspirar, te basear em alguém, mas não deixa de ser algo original muitas vezes. Então eu acho que do ponto de

vista psicológico, eu acho que é bem importante esse desenvolvimento no geral. 26:42 tu criar algo do zero é um negócio muito importante.

F1: E isso que tu falou da mente, que a gente fica pensando e precisa pensar muito para transmitir para o corpo e fazer essa ligação do corpo com a mente pra gente consegui executar. Porque às vezes, pelo menos eu vejo muito se falar e dentro da área de pesquisa e tal, bom, eu estudo comunicação, dança dentro da comunicação, às vezes as pessoas ficam meio assim, sabe. Mas eu vejo muito as pessoas entenderem que dança é só exercício físico, é como sei lá, se mexer, é isso. E parece que é muito mais do que isso, né, a gente precisa de um esforço muito maior e dessa ligação. Tá ali presente no momento e conseguir fazer essa ligação do corpo e o corpo executar o que que teu cérebro, o que que tu tá pensando naquele momento.

F2: Aham. Eu acho que as pessoas que reduzem esse pensamento que tu tá só te mexendo, eu acho que é não entender direito a profundidade do negócio, né. Porque a pessoa que gosta de dançar, ela é necessariamente uma pessoa musical, né, porque tu não dança sem música. Então a pessoa que fala que é só se mexer, é uma pessoa que olha alguém tocando um violino e fala que tá só tocando. Mas não, é um processo louco, sabe. Então eu acho que é muito maior do que isso. Eu acho que só quem tá no meio pra entender a profundidade do negócio, a complexidade. Porque quando tá pronto, quando tu olha uma coreografia pronta e tal, não passa pela cabeça da pessoa toda a trabalhadeira, todo o processo criativo artístico que tá ali na volta, né. Sem falar a logística do negócio todo, né. Que é fazer um grupo, ensaiar, toda essa função. Eu acho que só estando no meio mesmo. Numa peça talvez pode ser só se mexer, mas eu acho que se a pessoa exercita isso no dia a dia é um hobbie na tua vida, né. É um hobbie que tu leva a sério assim. Porque é um retorno bom, né, não deixa de ser um exercício físico e mental também. 29:49 eu acho sensacional assim de ser algo, a dança não tem idade, né. É legal de ver como é eclético e têm vários estilos, vários gostos, tu pode ir pro lado que ela gostar. É que nem ler, né. Tem que gente que não gosta de ler, é que tu não descobriu ainda uma categoria que tu goste e a dança é a mesma coisa, né. Quando tu vê tu te encontra lá num negócio que ninguém imagina, tu te encontra lá no passo doble. Eu adoro dança dos famosos, né, acho sensacional. Eu odeio domingo, acho domingo muito chato, mas eu gosto da dança dos famosos. Quando eu esqueço de acompanhar, eu cato no Youtube pra ver.

F1: Como tu disse, é natural gostar da dança e estar presente e é uma coisa que a gente não pensa quando tá, só vai, sabe. Tanto na parte de dançar, como na parte de consumir conteúdos, qualquer conteúdo que seja sobre dança. E claro, isso tem a ver com o algoritmo das redes porque a gente procura uma coisa e aquela coisa começa a aparecer várias vezes, né.

F2: com a vinda do Tik Tok, eu acho que expandiu num grau absurdo, sabe. As amigas que me contam das coisas que estão acontecendo no Tik Tok e às vezes me mostram também, são passinhos simples assim e tu vê gente que não tem o costume de fazer e começa a fazer esses passinhos também. Então eu acho que é um lado positivo da rede social nesse sentido. As pessoas acabam dando a cara a tapa para fazer um passinho simples ali, mas daqui a pouco desperta o interesse e tu começa a fazer sempre, né. Geralmente é algum funk, né, porque são passinhos mais simples, mas não deixa de ser 31:53 igual, sabe.

F1: Eu acho que de certa forma, essas redes sociais assim e tal, principalmente o Tik Tok, mas mesmo outras, influenciaram muito para aumentar a adesão da dança. Às vezes a pessoa nem dança, mas consome aquele conteúdo e assiste, gosta, sabe. Só se tivesse um contato muito, sabe, mas agora não, parece mais fácil.

F2: É. 32:30 sai uma música nova e sai uma coreografia dele, às vezes a coreografia não tem nada a ver com a música, mas é um sucesso estourado, estão no carnaval, estão em tudo que é evento 32:53. Não aprendeu a coreografia, mas é impressionante. 33:09 eu tava num local que eu não conhecia praticamente ninguém e eu sabia o passinho do refrão daquela música, aí a guria do meu lado começou a fazer a mesma coisa, e aí 33:30 por causa do passinho, sabe. Conheciam aquele passinho de algum lugar, eu sei que conhecia o passinho e quando vi tava todo mundo interagindo por causa daquilo. Mas ninguém se conhecia. Esses dois canais são os que eu conheço aqui do brasil, né. 33:59

F1: É, estouraram muito, porque faz tempo, faz uns anos que eles têm o canal e faz um tempo, não sei se eles ficaram famosos no início, mas eu vejo há muito tempo eles presentes. Não é uma coisa que passou logo, sabe, parece que permaneceu assim.

F2: Verdade.

F1: Duda, te agradeço muito, tenho certeza que tua colaboração foi muito importante pra minha pesquisa. Achei bem legal nossa conversa, eu acho que agregou. Fazia muito tempo que a gente não se via, então foi muito legal.

F2: Há bastante tempo.

F1: Ainda mais agora com a pandemia, né. Eu não sei se tem alguma coisa que tu queira falar que a gente acabou passando, alguma coisa assim.

F2: Não, eu acho que tudo que eu tinha que acrescentar, eu acrescentei na verdade.

F1: Então tá certo. Era isso, eu acho que foi muito proveitoso e vai ajudar bastante. Eu esqueci de falar no início, aquele termo de consentimento que vocês assinaram no formulário, eu acabei não enviando por e-mail, mas aí no final da semana eu enviei para todos e te enviei. É mais questão burocrática mesmo, só pra te avisar.

F2: Capaz, não te preocupa.

F1: Obrigada, boa noite.

F2: Boa noite.

[FIM]

APÊNDICE P – Transcrição de Entrevista 12

F1: Estamos gravando. Outra coisa que acabei não comentando, o termo de consentimento que vocês assinaram no início, eu acabei não enviando, mas eu envio para vocês por e-mail, provavelmente agora no final da semana. É mais uma questão burocrática mesmo, mas enfim. Eu vou te pedir para te apresentar e falar um pouco da tua relação com a dança com as movimentações do corpo antes da pandemia e durante a pandemia, se mudou, se não mudou.

F2: Certo. Eu sou a xxxxxx, estudo (45 seg), também, né. E a minha relação com a dança nunca foi profissional, assim, né. Tinha algumas experiências pontuais antes da pandemia, situações bem pontuais mesmo, assim. Encontros em oficinas, depois eu participei de uma oficina de fotografia e dança, então era mais esporádico e depois da pandemia, acho que continuou nesse espaço da oficina, em princípio houve uma parada assim, eu acho. Inclusive quando a gente respondeu os questionários, eu acho que respondi que não estava fazendo nada praticamente, né, foi algo assim. E mudou um pouco assim, esse ano parece que surgiram mais oportunidades, mais diferentes oportunidades. Aí começaram a surgir de novo oficinas, cursos, né. Eu tenho feito cursos com esquizodrama (02:01) onde o corpo se movimenta, a gente movimenta bastante o corpo. E, também, tenho me aproximado de um pessoal que é o ... (02:11) que é um pessoal que trabalha com teatro aqui em Porto Alegre e eles fazem oficina de performance, ainda fazem, né, faziam antes da modalidade presencial, aí agora começaram esse ano com a modalidade virtual. E, também, começaram a oferecer um laboratório de dança, um laboratório de dança instrumental. As experiências começaram há 1 ou 2 meses, a gente começou de 15 em 15 dias e esse mês, inclusive amanhã tem a prática, né. Esse mês abriu a oportunidade para ser toda a semana, né. Aí a contribuição ela é espontânea, funciona por contribuição espontânea, é um valor bem acessível. E a gente não tem um padrão, assim, não tem um modelo a ser seguido, uma coreografia, né. É a Janaína na verdade, a Janaína que é dançarina, né. No instagram dela ela também compartilha essas danças instrumentais e isso é muito bom, isso tem me feito muito bem. No início da pandemia agora, esse ano, teve, assim, um reforço. Eu tava bem mal, assim, e meu assim... uma... eu senti isso muito no corpo, isso me deu uma tristeza muito grande, uma parada muito grande de tudo e aí esses laboratórios tem me ajudado a fazer circular afetos, né, circular encontros, movimentar o corpo. Então eu acho que esse é um pouco do contexto. Se você quiser perguntar alguma questão, fique à vontade.

F1: Está certo, obrigada! Na verdade eu queria mais era ouvir de ti essa, como que foi essa relação mesmo com a dança e queria ver se tu pode comentar mais sobre essas aulas, enfim, como que tá sendo, se tá sendo online, se tá dando pra fazer presencial, como que está sendo?

F2: É tudo online, todas as experiências são online, né. Nenhuma é presencial, o que eu fiz presencial foi antes da pandemia, uma oficina de performance que também tinha uma movimentação do corpo, mas não era dança, especificamente, era performance artística. E agora com as experiências de dança, as aulas têm sido tudo online e é uma experiência bem interessante, eu acho que tanto essas, quanto a dos cursos que eu tenho feito, eu fiz um curso de esquizodrama, né, eu acho que comentei nas perguntas. E os esquizodrama também trabalha com a movimentação do corpo assim, não tanto especificamente, mas tem espaço da expressão do movimento do corpo. É uma dança experimental. E, para mim, foi também uma descoberta interessante essa possibilidade de usar essas plataformas para isso também, né. Porque em princípio parece um pouco estranho, inclusive para todas as experiências que eu participei experimentais, todo mundo tinha um certo receio de não saber o que ia acontecer,

como ia acontecer, se ia acontecer, se ia ter gente no grupo, se as pessoas teriam de fato algum aproveitamento da experiência. E é muito interessante, né, que é nesses diferentes espaços, tanto no curso, quanto no laboratório com o pessoal do grupelho? (06:10), tem sido muito interessante, porque acontece, algo acontece assim. Para mim pelo menos tem sido extremamente proveitoso, principalmente por essa necessidade de movimento do corpo com outras pessoas, mesmo que seja virtual, né. E funcionou, na minha perspectiva funcionou, funcionou porque enfim consegui sentir coisas, consegui movimentar o corpo. Então tem sido muito intenso assim esses encontros e talvez até mais do que não se sabe, né, não dá pra falar isso porque eu não fiz essa experiência presencial. Mas eu acho que no contexto da pandemia, tem sido mais intenso, muito intenso, justamente por conta da gente ficar muito parado, né.

F1: Sim.

F2: Muito parado o tempo todo. Então assim, eu fico esperando, ansiosamente, chegar a sexta-feira para poder, enfim, né, poder sair um pouco da consciência, sair um pouco de uma única posição. Então, para mim, tem sido muito produtivo essas experiências, esses encontros. E também tô produzindo agora, né, alguns experimentos para a pesquisa que também não são voltados para a dança, mas incluem experiências com expressão do corpo. E acho que também tem sido interessante. Tá bem no início essas experimentações, fiz duas vezes esse dispositivo e a segunda vez eu percebi que as pessoas se envolveram, que aquilo moveu alguma coisa nelas, né. Tive retornos bem interessantes também.

F1: Sim.

F2: Então é possível, né. É possível.

F1: Na verdade a gente fica pensando contigo falando, e é uma coisa que já vinha me martelando, às vezes, quando se fala de dança e isso é uma coisa que eu vejo quando eu vou pesquisar outros trabalhos que tratam sobre dança, sobre corpo. Como que a gente tem muitas vezes a ideia, até dentro da academia e enfim, no geral também, da dança enquanto, sei lá, muito fechada em caixinhas, dança clássica, dança contemporânea, gêneros de dança e parece que se limita isso. Quando na verdade não, né, a gente têm muitas outras experiências com o corpo e vivências assim que também se aproximam da dança, acabam se tornando dançadas e que não necessariamente vem através de uma experiência necessariamente inserida num contexto de dança ou de uma aula de dança, qualquer coisa desse tipo. Pode vir através de outras maneiras, né, como a dança está presente em nós para além disso assim. Outra coisa que tu trouxe também na tua fala, eu ia te perguntar e já vou antecipar. Como que tu enxerga a importância não só da dança, mas de todas as experiências com o corpo, dessas vivências de movimentação do corpo, como que tu enxerga a experiência, a importância disso para o contexto da pandemia? Entrando em questões de saúde mental que a gente fala muito e que é muito importante, né, nesse momento. E também de saúde física, de tudo assim, como que tu vê essa situação, assim, essa importância dessa movimentação agora.

F2: Acho que comentei contigo, né, que a minha experiência tem sido muito potente justamente porque eu acho que tanto assim em isolamento, produziu...eu não sei, assim, porque foi diferente essa ... (10:05) em fevereiro, em março, o ... pra mim foi muito forte, talvez mais que o primeiro, porque o primeiro eu ainda imagina que duraria três meses, seis meses ou um ano. Imaginava que não seria tão longo, né. E aí quando chega esse ano e tem de

novo o fechamento e é tudo ainda pior, então isso me trouxe uma tristeza muito, muito grande. Eu fiquei desmotivado mesmo, eu fiquei com uma vontade de nada, sabe? E aí começaram a surgir essas oportunidades, né, eu já tinha feito cursos de esquizodrama e tal, mas eram experiências pontuais assim, 4 dias eram bons, mas acho que essa experiência do laboratório foi a que veio no momento certo, assim, numa frequência de 1 em 1 mês, de 1 em 1 semana e que produziram essa movimentação, sabe? Subjetiva mesmo, assim. Como se essa vontade de nada fosse preenchida, como se fosse criado outras possibilidades criativamente assim, sabe. Isso me trouxe de novo criatividade, me trouxe vibração, né. Me trouxe vida talvez, acho que foi muito importante nesse sentido assim. Tava muito desmotivada, muito baixa, minha energia bem entristecida e acho que essas experiências de movimentação do corpo em grupo, porque eu acho que sozinha é diferente também, né, e em grupo mesmo que virtual produziu essa alegria, um espaço de invenção. Então é muito importante.

F1: Sim. Pra ti começou essas experiências durante a pandemia, então não teve a experiência de sair do presencial e ir pro virtual, já começou nesse virtual. Para algumas pessoas começou no presencial e passaram para o virtual e teve outras que não chegaram nem, quando terminou o presencial não partiram para o virtual. A gente têm várias experiências assim. Queria ver pra ti mesmo, como que foi vivenciar a dança e a movimentação do corpo dentro de casa. Porque na verdade a casa que antes era só para momentos de descanso, acabou sendo o trabalho, o lazer, o próprio descanso e aí entra a dança. Como que é pensar nesse espaço, como que tu te relacionou com esse espaço, se foi fácil, foi difícil?

F2: Acho que têm vários pontos. Na verdade eu tinha experiência de movimentação do corpo antes da pandemia, mas não era, enfim, eu to sempre experimentando coisas, eu faço meditação, meditações ativas e meditações antes do momento da dança (13:53). Então tinha assim algum espaço, eu sempre procuro movimentar o corpo, não gosto de academia, não me interessa muito, eu gosto de ...(14:09). Com a meditação não rolou pra mim, eu não quis continuar fazendo ela virtual, tive um bloqueio com a meditação, não rolou, não sei o porquê. Agora com essas experiências que surgiram durante a pandemia, eu também tive variações assim. Aqui, em casa, é mais tranquilo, né. Eu me sinto mais à vontade aqui em Porto Alegre. É interessante perceber essa, a gente amplia a percepção sobre o espaço, né. (15:09 – 16:02 inaudível). Imaginando a consistência do lar, então esse espaço ele ganha outras dimensões através do mia, né??? (16:11). Então em outras experiências eu pude perceber esse espaço com outros ângulos, estar nele de outros modos, né. Modos que antes nunca tinha imaginado estar nesse espaço. Então, assim, é um espaço corriqueiro, né, do cotidiano. Esse momento, por mais bizarro que seja, ele permite essa percepção ampliada, né. A gente passa a perceber que esses espaços que antes, simplesmente, passavam batidos. Dá para perceber os objetos, tive uma experiência com objetos. De observar esses objetos, como que eles estão dispostos no espaço, como que o meu corpo se relaciona com eles. São várias experiências distintas que eu tô falando, né. Mas, é isso, tem momentos que eu faço (17:23), não dá pra fazer qualquer coisa. Mas, também é um espaço que permite criar ou criar, né. Ele tem limites, mas ele também permite criar, permite que expresse (17:42) é bem interessante esse paradoxo.

F1: Sim. Eu também fiquei pensando quando tu falava, claro, não é querer ressaltar que o lado bom, é claro que tem muitos lados e talvez tenha só o lado ruim da pandemia. Mas como essa vivência possibilita novas coisas, né. Que é o que tu trouxeste. Eu fico pensando assim, que talvez seja um momento que através da própria internet, do acesso que a gente tá mais facilitado agora. Claro que a gente já tinha possibilidade de fazer um encontro pelo Meet, por exemplo. Mas era muito menos, né, não era tão corriqueiro quanto é agora. Que claro, por conta da

circunstância, a gente acabou se adaptando. Talvez isso abra novas portas. A situação acaba abrindo novas portas. Como tu disse, a experiência do espaço, que a gente acaba enxergando novos olhos, eu, por exemplo, tive que virar o meu quarto todo para conseguir achar um espaço que desse para dançar e acaba se relacionando diferente com os objetos, com as coisas que estão ao nosso redor e também como abre possibilidades, porque às vezes dá pra fazer uma aula, por exemplo, ou ter uma experiência que a gente não teria porque estava do outro lado do mundo, ou enfim, a gente não ia conseguir chegar até lá. E claro que a internet já possibilitava isso antes da pandemia, mas parece que foi com o isolamento social que a gente criou isso mais, enraizou essa ideia da utilização mais global. Tem uma menina que ela mora em Goiás e estava fazendo aulas com o professor de Porto Alegre, então como que isso possibilita novas coisas, novas vivências, né, do corpo que a gente não imaginava. Continua sendo o nosso mesmo corpo, material aqui, mas a gente se conecta meio que virtualmente, assim, como entra essa nova camada, assim, né. Enfim, foi só uma reflexão que fiquei, que quis compartilhar.

F2: Isso que você traz, eu sinto isso também. Inclusive coisas que a gente não sabe, né. Mas eu tenho a impressão de que eu não sei se eu investiria nessa ideia, nessas ideias, nessas propostas, com a possibilidade de encontros presenciais. **Mas é muito curioso porque eu tenho a impressão que mesmo de que a gente tenha uma abertura, esses espaços podem continuar sendo espaços importantes. Isso que você fala da distância, para mim também foi algo que foi interessante. Esse curso que eu comentei com você, lá de Minas Gerais e eu não teria condições de ir pra lá e fazer esse curso. E foi um curso extremamente importante pra mim, na minha formação, no meu modo de pensar. E esse contato, eu estou tendo contato com um pessoal lá de São Paulo, que tem um laboratório de teorismo poético que trabalha com o corpo. Acho que não teria como estar junto com essas pessoas se não fosse isso, né. Então, eu acho que sim, isso que você fala talvez até se mantenha depois da pandemia. Pelo menos eu tenho vontade de continuar junto com essas pessoas, estar em grupos que me trazem alegria.**

F1: Parece que a gente criou novos vínculos que talvez a gente nem imaginasse que pudesse criar. Concordo que mesmo que abra tudo, depois da pandemia abriu tudo, não vejo que esse ambiente vá simplesmente sumir, porque eu acho que não é só o que a gente tenha passado do presencial para o virtual, mas a gente criou uma coisa nova no virtual, né. Novas vivências mesmo, novas possibilidades, não foi só uma substituição de uma coisa pela outra, né. Eu quero ouvir de ti e essa parte é bem pessoal. O que que te motiva pra dança e o que tu sente nesse momento de dança? Como eu disse vale dança ou qualquer outra experimentação do corpo. O que te motiva a fazer isso e o que tu sente no momento que tu tá fazendo? O que o teu corpo te mostra, a tua mente, enfim.

F2: Primeiro eu acho que essa necessidade de encontro, né. Eu sinto que a pandemia produziu isso. Talvez eu esteja me relacionando com pessoas diferentes agora do que antes da pandemia. Então a pandemia produziu isso de encontros e de bons encontros. **Mas além disso, o que eu busco nesse espaço da expressão do corpo mesmo antes da pandemia, é quebrar com um fluxo de consciência. Você também tá estudando, né, fazendo pós graduação e você sabe bem como a gente é fixado nesse território da consciência, né, da razão. Eu acho que isso enrijece o corpo, enrijece a criatividade.** Durante a escrita da minha dissertação, foi o momento em que eu mais procurei a movimentação através das meditações porque me ajuda a criar, movimentar o corpo e ter esse espaço me ajuda a manter viva a criatividade. E agora eu acho que isso se intensificou ainda mais porque as propostas que surgem da dança experimental, do (24:11) poético é justamente voltado pra criação, pra criatividade, pra quebrar com a consciência, o foco é esse. De quebrar com o hábito, né, o hábito de pensar, ficar pensando, pensando e ao mesmo tempo permitir dar passagem para afetos, né, para ações que podem ser traduzidos pelo movimento. Então nem

tudo pode ser posto em palavras, né, nem tudo pode ser dito, mas as vezes um gesto pode traduzir isso ou alguns gestos. E ao mesmo tempo quebrar também com a memória de corpo parado, né. Meu corpo ele tem sido bem complexo esse, ficar parado muito tempo na mesma posição escrevendo. Então eu acho que dança, essas experiências, isso quebra completamente, né. **O corpo ganha outras amplitudes, ainda mais que é experimental, então não tem uma regra, a gente descobre posições, a gente descobre velocidades, é uma relação com o corpo, né. O corpo possui uma possibilidade de fluir assim.**

F1: E como é importante essa quebra desse fluxo que tu traz, porque as vezes, a gente vê isso na pandemia e mais no contexto da internet, essa cobrança pela produtividade 100%, principalmente durante a pandemia. E o quanto isso é prejudicial a gente sabe, e aí como entra a dança e o envolvimento pra quebrar com isso, porque mesmo que a gente não acredite, sabe que não faz sentido, as vezes a gente nos deixa levar por isso, né. Quando vê a gente tá imerso, justamente como se fosse uma memória corporal. Agora que tu comentaste, parece que me deu um estalo, como que a gente tendo outras memórias de corpo e tendo outras vivências consegue lidar melhor, porque eu faço ballet clássico e é uma coisa bem enrijecida, claro, a gente têm processos criativos, mas eles são embasados muitas vezes naquilo que já tá pronto e faço outras experimentações de dança e também experimentei experimentais e tal. Eu vejo que tanto um quanto o outro, a gente consegue sair daquele fluxo mais enrijecido assim, parece que mais produtivo em excesso, assim. Para ir para um outro regime de pensamento, sabe? Meio que virar a chave assim para nos colocar de outra forma, enxergar as coisas de outra forma e é engraçado como isso, muitas vezes, acaba dando efeito lá na parte produtiva, entre aspas, como tu comentaste da dissertação e eu sinto muito isso, parece que se eu fico uma semana sem, me descuido e fico uma semana sem mexer o corpo, aquela semana não rende pra dissertação também. Uma coisa afeta a outra, né, porque na verdade a gente tem um corpo integral mesmo, não tem como só fazer uma coisa e a importância da dança nisso, achei muito interessante essa reflexão que tu trouxe.

F2: **É como uma água parada, né, se a gente vai deixando essa água vai ficando parada. Uma amiga minha falou que cria mosquito nessa água e aí começa a ficar uma poça suja, né, que a gente fica ali juntando. E é isso, o movimento do corpo produz energia, né, movimentar, jogar essa água pra lá.**

F1: E como é legal essa relação da água que por incrível que pareça, e aí não sei, eu trabalho com a teoria do imaginário, e agora tu comentou da água. Muitas pessoas não trouxe a palavra água em nenhum momento das perguntas, parece que tem alguma coisa da água no nosso inconsciente, ou enfim, nos apertando ali pra gente entender esse momento com mais, não sei. Claro que isso não é uma análise, é uma coisa que eu tô balbuciando agora pra ti. Mas como parece que talvez a gente tenha sentido essa falta, essa fluidez dessa aproximação que a água traz. Eu não sei, parece que de alguma forma tá surgindo nas nossas falas, nos nossos discursos de maneira geral essa necessidade da movimentação. Desculpa, acho que te interrompi. Se tiver outras coisas que eu não te perguntei, fica super à vontade. Eu queria ver se alguém que nunca fez ou está tendo alguma experiência com o corpo, com a dança, se tu recomendaria a experiência da dança em ambientes virtuais? O que tu falaria para essa pessoa? É uma coisa que de fato tu recomendaria?

F2: Eu já comentei inclusive para uma amiga, essa amiga que (30:26). A pandemia produz isso na gente, né. A gente fica bem mal, faz parte da ida, mas eu acho que a pandemia acaba prendendo a gente nas nossas ciladas. E eu sugeri pra ela, ela ficou animada, mas acabou não indo. Eu já conheço ela, ela já trabalhou com teatro, então achei que poderia ser uma boa ideia e sim, eu super recomendo, né. Ainda mais esse laboratório que eu achei

genial o modo como ele tá funcionando, se você quiser colar lá algum dia, é um laboratório aberto e os valores são muito acessíveis, né. Eu acho que é entre R\$20, R\$30 reais por encontro. E eu recomendo muito, eu não tinha visto essa possibilidade. Porque às vezes é muito caro, às vezes os valores não são acessíveis e nesse caso, a pessoa que tá organizando ela tá fazendo muita questão de deixar flexível, de um modo que seja bom pra ela, pra que ela também possa produzir, uma maneira de viver a vida também, né, nesse momento. Mas que também seja possível para as pessoas e para várias pessoas, pessoas com diferentes possibilidades financeiras. Então eu recomendaria muito e essa experiência especificamente, porque eu achei que foi bem legal a proposta dela.

F1: Pois é. Agora saindo um pouco do contexto da entrevista em si, mas comentando sobre isso que tu disse. Achei muito interessante essa ideia, se tu puder me mandar depois, pode ser no e-mail mesmo, e eu vou te mandar também e acho que tu vai gostar, eu não cheguei a fazer o curso todo porque depois bateram os meus horários, mas foi bem interessante, e é mais ou menos a mesma vibe do que tu comentou agora, que é uma professora de São Paulo e aí é, agora eu não vou saber o nome, mas é dança e a relação com o corpo, algo assim. E as aulas eram uma da água, uma do fogo, uma da terra e a ideia era a dança experimental e aí era entender esses elementos e a relação disso com o corpo. Depois tinha da pele, dos músculos, dos ossos, bem interessante, uma ideia experimental também.

F2: Como é o nome dela?

F1: Agora não me lembro, mas vou te mandar no e-mail porque eu não tenho o contato aqui.

F2: É um exercício da musculatura?

F1: Eu acho que não é esse o nome, eu vou ver aqui e te mando. Acho bem interessante e ela tem um canal no Youtube também onde fala algumas coisas bem interessantes. Enfim, te agradeço muito pela tua disponibilidade. Não sei se tens mais alguma coisa para acrescentar? Eu tenho certeza que foi algo muito importante, relevante para a pesquisa porque a gente vai conseguindo perceber diferentes vivências e como todas elas se relacionam com essa movimentação do corpo, a gente tem proximidades dentro dessas experimentações do corpo e durante a pandemia também. Então te agradeço demais, foi muito legal esse momento e para a tua pesquisa a gente pode trocar algumas figurinhas.

F2: Sim.

[FIM]